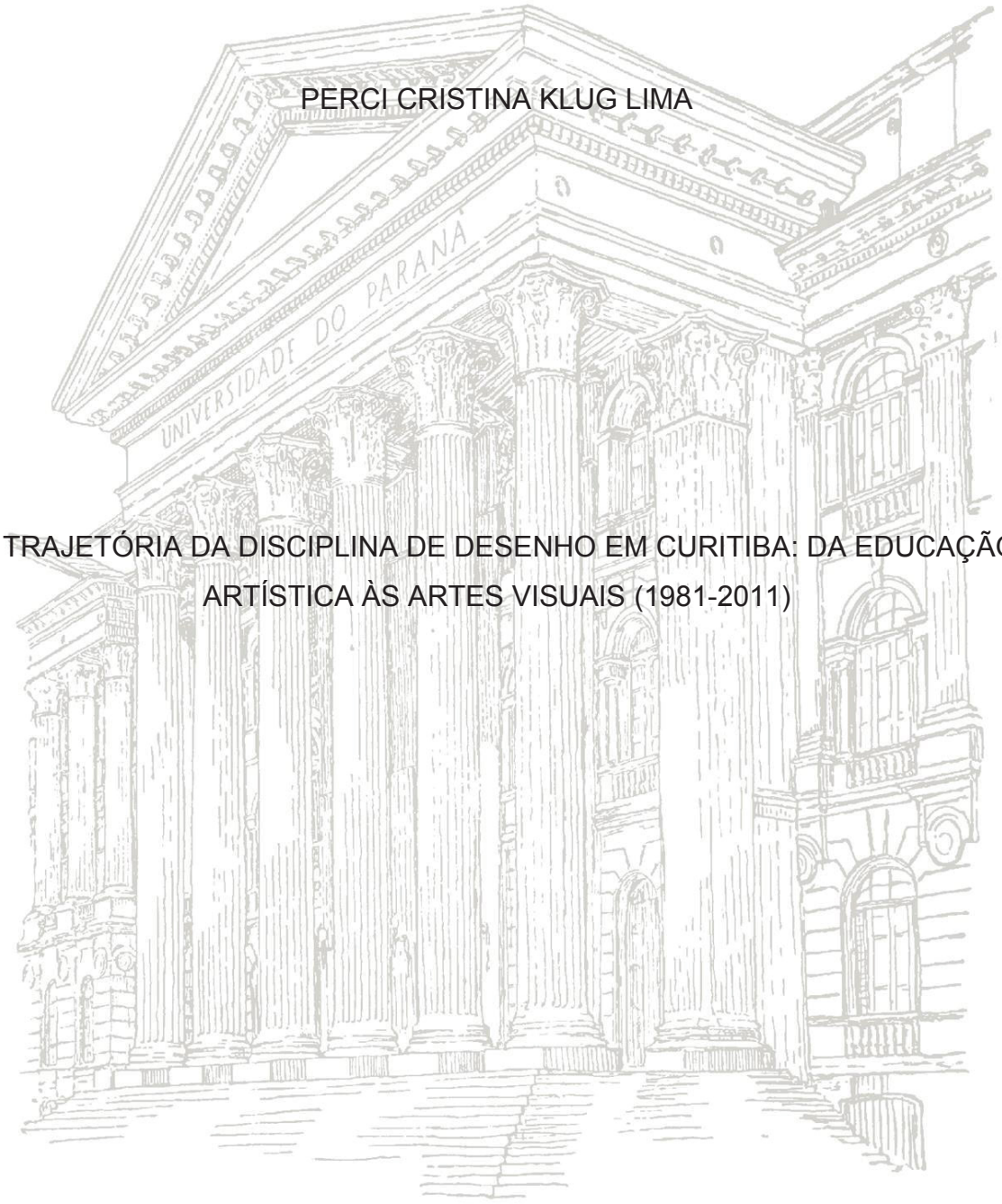
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PERCI CRISTINA KLUG LIMA

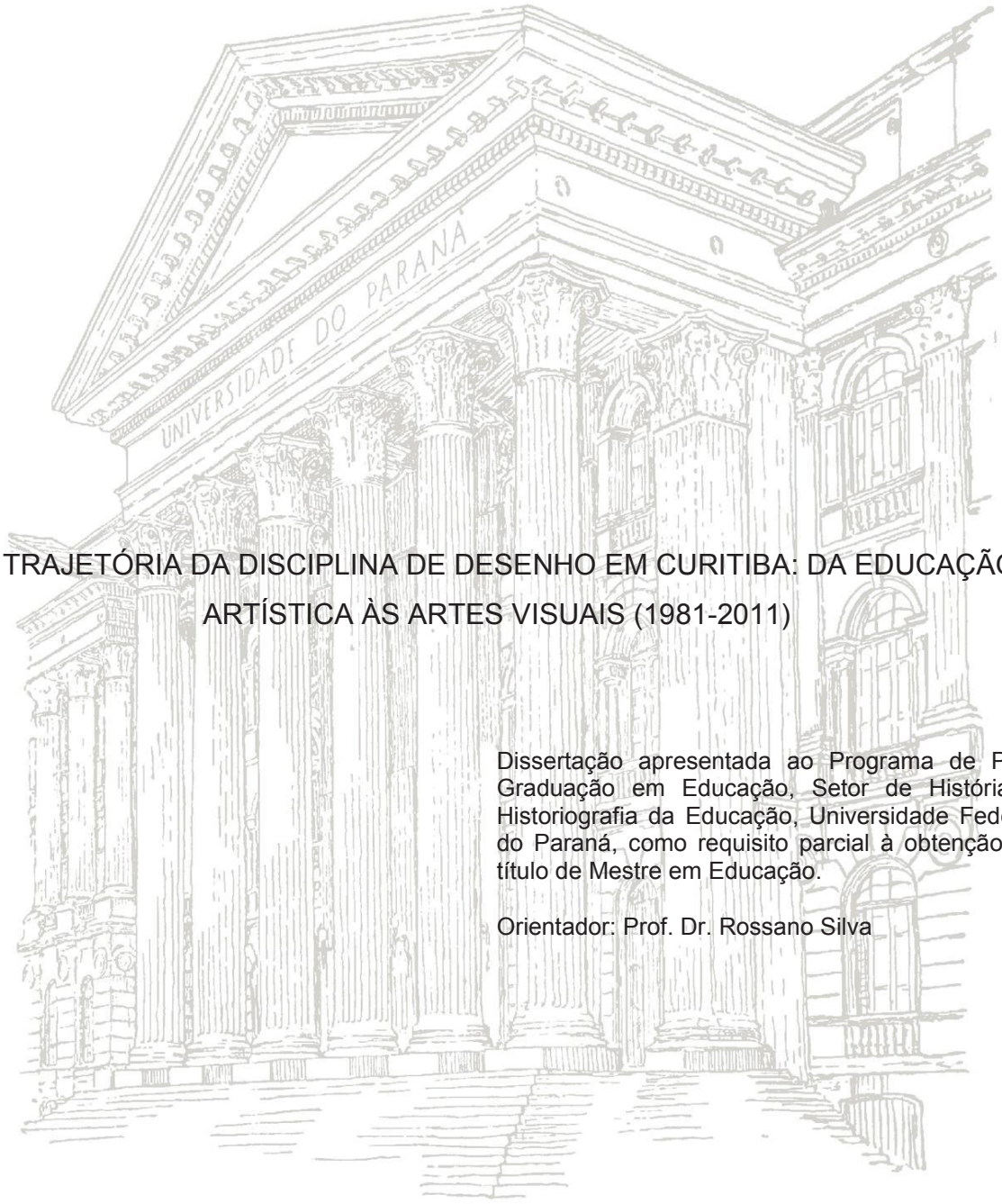


A TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA DE DESENHO EM CURITIBA: DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA ÀS ARTES VISUAIS (1981-2011)

CURITIBA

2021

PERCI CRISTINA KLUG LIMA



A TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA DE DESENHO EM CURITIBA: DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA ÀS ARTES VISUAIS (1981-2011)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de História e Historiografia da Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rossano Silva

CURITIBA

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Lima, Perci Cristina Klug.
A trajetória da disciplina de desenho em Curitiba : da educação artística às artes visuais (1981-2011) / Perci Cristina Klug Lima. – Curitiba, 2021.
209 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Rossano Silva

1. Desenho – Estudo e ensino. 2. Arte – Desenho. 3. Educação artística (Ensino superior). 4. Educação – História – 1981-2011. 5. Desenho – Professores – Formação. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **PERCI CRISTINA KLUG LIMA** intitulada: **A TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA DE DESENHO EM CURITIBA: DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA ÀS ARTES VISUAIS (1981-2011)**, sob orientação do Prof. Dr. ROSSANO SILVA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 14 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica
18/06/2021 15:48:50.0
ROSSANO SILVA
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
18/06/2021 13:08:52.0
ANDERSON ROGES TEIXEIRA GOES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
18/06/2021 18:13:16.0
DULCE REGINA BAGGIO OSINSKI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Aos meus queridos filhos, Monique e Kaue.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Rossano Silva, por aceitar o desafio de orientar esta pesquisa e por acreditar que era possível desenvolver, com êxito, o tema proposto.

Às professoras Dr.ª Nadia G. Gonçalves e Dr.ª Liane Maria Bertucci, por acreditarem em mim, quando a seleção do mestrado não passava de um sonho a ser implementado.

Em geral, a todos os professores da Linha História e Historiografia da Educação (PPGE-UFPR), por todo o ensinamento, pelas discussões, pelos incentivos e contribuições nos seminários realizados. Da mesma forma, agradeço aos professores da banca de qualificação e defesa, Dr. Renato Torres, Dr. Anderson Roges Teixeira Góes e Dr.ª Dulce Osinski, por terem aceitado avaliar este trabalho e por suas críticas, sempre pertinentes, que muito contribuíram para o meu amadurecimento como pesquisadora, trazendo novos olhares e novas perspectivas.

Aos ilustres colegas da turma de Mestrado de 2019, aos quais agradeço pelos momentos leves acompanhados de risadas e muita alegria e pelos momentos de aprendizado.

Em especial aos amigos Cassio Farias, Dayana Ribeiro, Lia Faria, Joana Garcia e Karen Bortoloti pelo apoio, incentivo e ombro amigo nos momentos delicados de isolamento social.

Aos queridos amigos do GPHIE, que tive a oportunidade de conhecer e pelos encontros acompanhados de excelentes discussões que muito me agregaram.

Ao professor Paulo Reis que, cordialmente, me recebeu no arquivo do Departamento de Artes da UFPR - DEARTES e permitiu a consulta a documentos que deram respaldo a esta pesquisa.

À professora Drª Adriana Vaz por compartilhar fontes que foram cruciais para o desenvolvimento desta investigação.

À professora Drª Denise Bandeira por ceder um material composto de anotações sobre os projetos dos alunos que foram parte da escrita do artigo, na disciplina de desenho avançado.

Ao meu amigo, professor Dr. Ricardo Ayres, por ter me incentivado a entrar para o mestrado e continuar incentivando durante todo o processo.

Ao programa da CAPES que concedeu bolsa para que esta pesquisa fosse realizada.

À minha mãe, por dar suporte nos momentos difíceis.

Ao meu amado e querido esposo Marcelo, por acreditar, incentivar e me motivar em todos os momentos.

Aos meus filhos, por existirem e serem a razão de todo o meu esforço sempre.

A Deus por me sustentar num período delicado, em meio a um período pandêmico, repleto de adversidades.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção desta dissertação.

Por fim, dedico esse trabalho a todos os pesquisadores que possuem interesse pelo tema e o vislumbram como ampla área de conhecimento e aprendizado contínuo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a disciplina de Desenho, como parte integrante do currículo de cursos superiores de Educação Artística, Licenciatura em Desenho e Licenciatura em Artes Visuais situados em Curitiba. A delimitação temporal é justificada por meio das prescrições das Instituições de Ensino Superior selecionadas, que forneceram dados para esta análise. Sendo elas: EMBAP, UFPR e FAP e compreende o período que inicia em 1981, ano da ementa referente à disciplina de Desenho Artístico na UFPR, até o ano de 2011, quando ocorre a modificação para Licenciatura em Artes Visuais, com a ementa da disciplina de Desenho da EMBAP. A dissertação objetiva discutir as permanências e alterações nas concepções do Desenho, enquanto disciplina, numa perspectiva histórica. O aporte teórico se ampara em Ivor Goodson que contribui para a compreensão da construção do currículo e suas alternâncias; André Chervel com a História das Disciplinas; e Roger Chartier para dar suporte às discussões acerca do tempo presente. As fontes utilizadas são essencialmente institucionais e oficiais, as quais incluem currículos do curso, ementários das disciplinas, leis federais e estaduais que foram fundamentais para compreender a constituição da licenciatura, a composição da grade de disciplinas e o conteúdo programático da disciplina de Desenho. Como parte da análise foram considerados os conteúdos das disciplinas, levando em conta outros aspectos estruturais. Foi observado o lugar do desenho em cada instituição e em seus currículos, e feita a análise das referências bibliográficas indicadas para a disciplina, das relações dos conteúdos com as tendências e produções artísticas vivenciadas naquele período. Os resultados apontam para a coexistência de diversos tipos de desenho nos currículos analisados. São diferentes finalidades e métodos para o ensino de desenho, que envolvem desde o desenho geométrico, decorativo, de repetição e alternância, como também com o surgimento de procedimentos técnicos ligados ao estudo da luz e sombra, método livre e autoexpressivo, de proposição de tema, além do desenho de observação, incluindo o desenho da figura humana e de objetos. Esses resultados possibilitaram compreender em que condições a disciplina de Desenho se consolidou e como se estabeleceu como prática escolar no ensino superior nos cursos de Educação Artística, Licenciatura em Desenho e, posteriormente, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Palavras-chave: História da educação. História das disciplinas. Ensino do Desenho.

ABSTRACT

This research has as study object the discipline of Drawing, as part of the curriculum of higher courses in Artistic Education, Drawing Degree and Visual Arts Degree located in Curitiba. The temporal delimitation is justified by the prescriptions of the selected Higher Education Institutions, which provided data for this analysis: EMBAP, UFPR and FAP and comprises the period that begins in 1981, the year of the menu referring to the discipline of Artistic Drawing at UFPR, until the year 2011, when the change to Visual Arts Degree occurs, with the menu of the discipline of Drawing at EMBAP. The dissertation aims to discuss the permanencies and changes in the conceptions of Drawing, as a discipline, in a historical perspective. The theoretical contribution is in Ivor Goodson, who contributes to the understanding of the construction of the curriculum and its alternations; André Chervel, with the History of School Subjects and Roger Chartier to support discussions about the present time. The sources used are essentially institutional and official, which include course curriculum, subjects' commentary, federal and state laws that were fundamental to understanding the constitution of the degree, the composition of the discipline grid and the syllabus of the Drawing discipline. As part of the analysis, the contents of the subjects were considered, considering other structural aspects. The place of drawing was observed in each institution and in their curriculum, and an analysis was made of the bibliographic references indicated for the discipline, of the relations of the contents with the trends and artistic productions experienced in that period. The results point to the coexistence of several types of drawing in the analyzed curriculum. There are different purposes and methods for teaching drawing, ranging from geometric, decorative, repetition and alternation design, as well as with the emergence of technical procedures related to the study of light and shadow, free and self-expressive method, of proposing a theme, in addition to the observation drawing, including the drawing of the human figure and objects. These results made it possible to understand under which conditions the discipline of Drawing was consolidated and how it was established as a school practice in higher education in the Artistic Education and Drawing Degree Courses and, subsequently, in the Visual Arts Degree Course.

Keywords: History of education. History of subjects. Teaching of Drawing.

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 - SEDE EMBAP 54
FIGURA 2 - BUSTO DE GESSO - EMBAP 61
FIGURA 3 - AULA DE DESENHO COM FIGURA MEIO CORPO DE GESSO: LUZ E SOMBRA - EMBAP 62
FIGURA 4 – ESCULTURA ARMANDO SCHANNOR – EMBAP 63
FIGURA 5 - EXERCÍCIO COM MODELO VIVO – EMBAP 64
FIGURA 6 - SEDE UFPR 72
FIGURA 7 – SEDE CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE CANTO ORFEÔNICO 96
FIGURA 8 - FEMP 97
FIGURA 9 – CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DESENHO I - EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 113
FIGURA 10 - ESCOLA DE ATENAS DE RAFAEL SANZIO 118
FIGURA 11 - ESTUDO ESQUEMÁTICO DA OBRA - ESCOLA DE ATENAS 119
FIGURA 12 – NATUREZA-MORTA PARA UTILIZAÇÃO DOS ALUNOS NA AULA DE DESENHO – EMBAP 136
FIGURA 13 - IMAGEM DE UMA ONDA ELETROMECÂNICA A 251,69HZ DE FREQÜÊNCIA (NOTA DÓ 3) REPRODUZIDA EM FORMATO GIF POR *SOFTWARES* DE EDIÇÃO DE ÁUDIO E IMAGENS – FAP 157
FIGURA 14 - IMAGEM DE BOLINHAS DE PAPEL RESULTANTES DA PERFURAÇÃO DAS FICHAS – FAP 158
FIGURA 15 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO I – ARTES VISUAIS170

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - LISTAGEM DE PROFESSORES X DISCIPLINAS – EMBAP 1970-1980 57
QUADRO 2 - GRADE CURRICULAR DE LICENCIATURA EM DESENHO - 1993 - EMBAP 57
QUADRO 3 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO I – EMBAP 66
QUADRO 4 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO II – EMBAP 67
QUADRO 5 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO III – EMBAP 68
QUADRO 6 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO IV – EMBAP 70
QUADRO 7 - CURRÍCULO MÍNIMO – UFPR 74
QUADRO 8 - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS – LICENCIATURA CURTA – UFPR 74
QUADRO 9 – DEMONSTRATIVO DE DISCIPLINAS CURSADAS CURRÍCULO LICENCIATURA CURTA – UFPR – 1982/83 76
QUADRO 10 - PROFESSORES COM HABILITAÇÕES EM ARTES PLÁSTICAS E DESENHO - UFPR 1982 78
QUADRO 11 - LICENCIATURA PLENA (2º GRAU) UFPR 79
QUADRO 12 - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS 81
QUADRO 13 - NÚCLEO COMUM CURRÍCULO LICENCIATURA PLENA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR – 1982 82
QUADRO 14 - CURRÍCULO LICENCIATURA PLENA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR – 1982 83
QUADRO 15 - EMENTA DA DISCIPLINA DE DESENHO - OBSERVAÇÃO 86
QUADRO 16 - EMENTA DA DISCIPLINA DE DESENHO – REPRESENTAÇÃO 86
QUADRO 17 - DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO I - CURSO EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, UFPR 87
QUADRO 18 - DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II - CURSO EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR 87
QUADRO 19 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO I - UFPR - 1981 90
QUADRO 20 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II - UFPR - 1981 92

QUADRO 21 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO III - UFPR - 1981 93
QUADRO 22 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO IV - UFPR - 1981 94
QUADRO 23 - CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS, LICENCIATURA CURTA. PERÍODO DE VIGÊNCIA 1973-1978 FAP 99
QUADRO 24 - CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, LICENCIATURA PLENA, PERÍODO DE VALIDADE 1976 EM DIANTE, FACULDADE DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO PARANÁ 100
QUADRO 25 - EMENTÁRIO DISCIPLINAS DESENHO ARTÍSTICO I – FAP – 1996 102
QUADRO 26 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II – FAP – 1996 102
QUADRO 27 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO III – FAP – 1996 103
QUADRO 28 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO I – FAP – 1998 105
QUADRO 29 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II – FAP – 1998 106
QUADRO 30 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO III – FAP – 1998 107
QUADRO 31 - MÍNIMOS DE CONTEÚDOS PARA A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 110
QUADRO 32 - MATRIZ CURRICULAR DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS 2011 – EMBAP 132
QUADRO 33 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO I – EMBAP 134
QUADRO 34 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO II – EMBAP 137
QUADRO 35 - PLANO DE ENSINO – DISCIPLINA DESENHO III – EMBAP 138
QUADRO 36 - PLANO DE ENSINO - DISCIPLINA DESENHO IV – EMBAP 140
QUADRO 37 - CURRÍCULO LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – UFPR 144
QUADRO 38 - DISCIPLINA DE DESENHO I - ARTES VISUAIS - UFPR 146
QUADRO 39 - DISCIPLINA DE DESENHO II - ARTES VISUAIS - UFPR 147
QUADRO 40 - ORDENAMENTO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – FAP – A PARTIR DE 2009 152

QUADRO 41 - ALTERAÇÕES NA GRADE CURRICULAR - DISCIPLINA POÉTICAS VISUAIS 153
QUADRO 42 - EMENTA DISCIPLINA DESENHO I – FAP 155
QUADRO 43 - EMENTA DISCIPLINA DE DESENHO II - FAP 155
QUADRO 44 - ORDENAMENTO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – FAP – A PARTIR DE 2010 160
QUADRO 45 - PLANO DE ENSINO - DISCIPLINA DESENHO I – FAP 162
QUADRO 46 - PLANO DE ENSINO - DISCIPLINA DESENHO II - FAP 165
QUADRO 47 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO I - UFPR, FAP, EMBAP 174
QUADRO 48 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO II - UFPR, FAP, EMBAP 175
QUADRO 49 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO III - UFPR, FAP, EMBAP 177
QUADRO 50 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO IV - UFPR, FAP, EMBAP 178

LISTA DE SIGLAS

AIBA – Academia Imperial de Belas Artes

ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAA – Casa Alfredo Andersen

CIAE – Curso Intensivo de Arte na Educação

CEE – Conselhos Estaduais de Educação

CFE – Conselho Federal de Educação

CJAP – Centro Juvenil de Artes Plásticas

CAPE – Curso de Artes Plásticas na Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

CONFAEB – Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil

DEARTES – Departamento de Artes da UFPR

DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais

DDES – Departamento de Desenho

EAB – Escolinha de Arte do Brasil

ENBA – Escola Nacional de Belas Artes

FAP – Faculdade de Artes do Paraná

FAEB – Federação de Arte Educadores do Brasil

FEMP – Faculdade de Educação Musical do Paraná

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério de Educação e Cultura

SEC – Secretaria de Educação e Cultura

UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1 O DESENHO NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E LICENCIATURA EM DESENHO NA EMBAP, UFPR E FEMP 30

1.1 CAPE, antecessor do curso de Educação Artística 34

1.2 A criação da Disciplina de Educação Artística e a sua relação com a Lei 5692/71 42

1.3 O Desenho na Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP e o início do curso de licenciatura em Desenho 52

1.4 O Desenho na Universidade Federal do Paraná – UFPR e o início do curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas e Desenho 71

1.5 O Desenho na Faculdade de Artes do Paraná – FAP e o início do curso de Educação Artística com Habilitação em Plástica 96

1.6 Análise dos pontos de convergência e divergência na disciplina de Desenho entre as instituições 112

2 O DESENHO E A MODIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA PARA O ENSINO DA ARTE 127

2.1 A Disciplina de Desenho no currículo do Curso de Artes Visuais da EMBAP 131

2.2 A Disciplina de Desenho no currículo do Curso de Artes Visuais da UFPR 144

2.3 A Disciplina de Desenho no currículo do Curso de Artes Visuais da FAP 150

2.4 Analisando o desenho: EMBAP, UFPR, FAP 169

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS 188

REFERÊNCIAS 192

INTRODUÇÃO

> Aprender o sentido do desenho é chegar à observação sutil, é auto-crítica sincera, de como foram obtidos os relevos, através do traço e da luz e sombra. É o desenvolvimento da sensibilidade, realizando o que vem a ser a coordenação, entre o que se observa e o que se executa. É conhecer maneiras diferentes de execução. É enfim, o conhecimento do desenho através da própria existência (ALBUQUERQUE, 1942, p. 13).

Esse estudo se debruça sobre a trajetória da Disciplina de Desenho no contexto da cidade de Curitiba, como parte integrante do currículo dos cursos de Licenciatura em Desenho, Educação Artística e Artes Visuais. O recorte da pesquisa se inscreve no período de 1980 a 2011. Foi analisada a trajetória da disciplina em três instituições públicas de ensino superior curitibanas que foram as primeiras a formar professores de arte no contexto local: Universidade Federal do Paraná – UFPR, Faculdade de Artes do Paraná – FAP e Escola de Música e Artes do Paraná – EMBAP[1].

Assim sendo, o interesse pela temática ocorre inicialmente pela minha formação no Curso Superior de Gravura pela Escola de Música e Belas Artes (EMBAP-UNESPAR), onde tive a oportunidade de ter contato, como aluna, com uma instituição superior de arte e com o ensino de desenho. Além disso, ao participar em 2018 do Curso de Extensão[2] sobre História da Educação ofertado pela UFPR[3], eu entrei em contato com as possibilidades de temas, objetos e fontes, sendo possível perceber que o ensino do Desenho é um campo de investigação pertinente dentro da História da Educação.

---

[1] A FAP e a EMBAP, atualmente, fazem parte da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná, uma instituição de ensino superior denominada *multicampi* e multirregional, criada pela Lei Estadual nº 13.213, de 25/10/2001; alterada pelas Leis Estaduais nº 15.300, de 28/09/2006 e nº 17.590, de 12/06/2013 e credenciada pelo Decreto nº 9538, de 05/12/2013 (fonte: www.unespar.edu.br).

[2] Curso de Extensão organizado pelo Professora Dr.ª Nádia G. Gonçalves com o objetivo de apresentar os campos de pesquisa de História da Educação. Essa professora é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, Linha de História e Historiografia da Educação, orientadora de Mestrado e Doutorado, e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHis). Coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação - CDPHE.

[3] Organizado pelos departamentos DTPEN – Departamento de Teoria e Prática de Ensino - UFPR, PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR e PROFHIS – Programa de Mestrado Profissional em História – UFPR.

Na ocasião, a Prof.ª Dr.ª Dulce Osinski[4] teve participação nesse curso e fez uma explanação em que detalhava as diversas possibilidades de investigação histórica a partir dos temas “Educação e Arte” e me permitiu entrar em contato com esses conteúdos e, assim, fazer a escolha pelo objeto desta pesquisa.

A análise está amparada na importância de discutir a trajetória da disciplina de Desenho no Ensino Superior, especificamente nos cursos de formação de professores de Arte. A necessidade de criação de um Curso de Licenciatura de Educação Artística[5] ocorreu com a aprovação da reforma educacional, que estabeleceu as novas diretrizes educacionais implementadas com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº. 5692/71, em 11 de agosto de 1971, durante período da ditadura civil-militar[6].

Nessa perspectiva, o tema dessa dissertação se enquadra como estudo da História das Disciplinas, que assume um papel importante na história da educação, pois constitui um campo de investigação amplo. A partir dessa concepção, Circe Maria Fernandes Bittencourt (2003) justifica que:

> Esta linha de pesquisa tem contribuído para o desenvolvimento de análises educacionais, visando situar o conjunto de agentes constituintes do saber escolar, especialmente professores, alunos e comunidade escolar e, nesse processo, as disciplinas escolares passaram a ser incluídas como um dos objetos importantes das investigações sobre as práticas escolares (BITTECOURT, 2003, p, 13).

Segundo a autora, o processo de alterações no currículo estabelece conexões com o crescimento das pesquisas relacionadas à história das disciplinas desde os

---

[4] Artista plástica e ilustradora com exposições realizadas no Brasil e no exterior e obras em acervos de instituições como o Museu Oscar Niemayer, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Museu de Arte do Distrito Federal, Museu de Arte de Santa Catarina, *Australian National Gallery* (Austrália), *State Museum de Majdanek* (Polônia) e *Portland Art Museum* (Estados Unidos), entre outros. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, Linha de História e Historiografia da Educação, orientadora de Mestrado e Doutorado.

[5] O termo Curso de Educação Artística era comumente utilizado nas fontes consultadas, sendo a maioria, não obstante sendo utilizado algumas vezes como Licenciatura em Educação Artística.

[6] No Brasil, a Ditadura civil-militar decorreu nos anos de 1964 a 1984, e o uso desse termo se justifica pelo fato de que colocar a responsabilidade somente nos militares de todos os problemas de ordem política, social e econômica que ocorreram naquele momento “desconsiderando a participação efetiva dos civis, e mesmo a adesão – omissão ou passividade – de grande parte da população brasileira a ideais, ideário e realizações dos governos militares do período” (GONÇALVES, 2012, p. 46). Afinal, para manter a ditadura por mais de duas décadas, os militares não teriam êxito se não tivessem apoio dos civis. Isso não significa ignorar ou tirar a responsabilidade dos militares de todos os excessos cometidos.

anos de 1970 até a década de 1980, constituindo um período de ressignificação da real função da escola, não mais como o local de reprodução de conhecimentos mandatórios, mas de produção e construção do saber pelos professores, alunos e a comunidade escolar.

A presença de um quadro amplo de disciplinas escolares no currículo, sua obrigatoriedade e seu conteúdo, e ainda seu reconhecimento legitimado pela escola e pela academia, não se resumem a problemas epistemológicos ou didáticos, contudo, articulam-se ao papel político que cada um desses saberes e suas áreas de conhecimento desempenham ou inclinam-se a desempenhar, dependendo do cenário educacional (BITTENCOURT, 2003).

Nesse sentido, nesta pesquisa, pode-se verificar que as leis e decretos tiveram papéis importantes na articulação dos currículos e disciplinas, bem como em seus conteúdos, tomando como exemplo a Lei 5692, que modificou a estrutura do ensino no país. A partir dessa perspectiva, o Paraná, enquanto Estado, promoveu políticas públicas e se organizou, em consonância com a referida Lei, pois ocorreu uma modificação no cenário educacional do país.

A disciplina do Desenho no Ensino Superior, também se insere nos estudos da História das Disciplinas e está relacionada à esfera universitária, neste campo específico ocorrem investigações que estão “voltadas para a apreensão da lógica interna do funcionamento do conhecimento científico, seus avanços e seus conflitos, considerando o espaço da instituição universitária, com suas especificidades de conteúdo” (BITTENCOURT, 2003, p. 36).

O objetivo geral que direcionou esta pesquisa foi analisar as mudanças e permanências ocorridas na disciplina de Desenho desde a criação de um curso superior para formação de professores de arte (Educação Artística e Licenciatura em Desenho), incluindo a modificação em sua denominação para licenciatura em Artes Visuais, dentro do contexto da cidade de Curitiba.

As metodologias e as concepções empregadas na disciplina de Desenho foram verificadas por meio da análise de documentos institucionais e sugerem algumas questões sobre como eram conduzidas as aulas de Desenho nos dois períodos, inicialmente, quando o curso se chamava Educação Artística e, posteriormente, quando o nome foi alterado para Licenciatura em Artes Visuais. Tal análise suscitou algumas questões, entre as quais: Essa modificação ocorreu

somente na nomenclatura do curso ou ocorreram mudanças no currículo, na grade de disciplinas e nos seus conteúdos? E ainda, as concepções das disciplinas são as mesmas nas três instituições analisadas? Estes são questionamentos pertinentes ao encadeamento da pesquisa.

Os objetivos específicos compreendem determinar as mudanças e permanências na disciplina de Desenho, analisar o currículo nos dois momentos do curso em que a disciplina era lecionada – antes e depois de sua transformação em Licenciatura em Artes Visuais – e, por fim, constatar a permanência da disciplina de Desenho nos currículos das instituições de Ensino Superior analisadas.

A delimitação temporal situa-se entre os anos de 1981 a 2011 e é justificada pelas prescrições das fontes encontradas das instituições de ensino superior selecionadas para esta análise e compreende o período que inicia em 1981, ano da ementa referente à disciplina de Desenho Artístico na UFPR, até o ano de 2011, quando ocorre a modificação para Licenciatura em Artes Visuais, com a ementa da disciplina de Desenho da EMBAP. A alteração das denominações para licenciatura em Artes Visuais ocorreu em momentos distintos nas instituições analisadas nesta pesquisa. Na UFPR, o curso nomeado como Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas e Desenho, passou a se chamar Artes Visuais, no ano de 2008. Na FAP, isso ocorreu em 2003 e na EMBAP, em 2010, passando a ser oferecido em 2011 sob a nova nomenclatura. A proposta da pesquisa é analisar o primeiro currículo apresentado nesta primeira fase da licenciatura em Artes Visuais de cada instituição e verificar as mudanças e permanências de concepção dos conteúdos na disciplina de Desenho presentes nesse currículo, demarcando o fim do recorte temporal como o ano de 2011.

Nesse aspecto, a delimitação temporal (1981-2011) reporta esta pesquisa à história do tempo presente que trouxe proximidade temporal, dando abertura para discussões, possibilitando aproximação da obra de Roger Chartier (1996) que problematiza esta temática, ao debater sobre limites, possibilidades e peculiaridades que devem ser considerados para uma investigação com um recorte mais aproximado do presente. O autor demonstra a importância das pesquisas voltadas para a história do tempo presente quando afirma:

> [...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias

> essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é, pois, o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e de homens e de mulheres que ele descreve. Ao contrário do historiador dos tempos consumados, para historiador de tempo presente parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e dos atores sociais históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (CHARTIER, 1996, p. 216).

Há de se considerar um certo grau de fragilidade do historiador ao analisar um fato ainda inacabado. No entanto, ao qualificar um recorte temporal mais próximo, sem perder de vista a perspectiva histórica colocada em evidência, essas reflexões contribuem para avaliar e explicitar os limites e possibilidades que incidem sobre essa escolha.

Ao considerar o início do curso de Educação Artística e a Licenciatura em Desenho, e as modificações pelas quais passaram esses cursos, ao analisar o seus currículos e a disciplina de Desenho neles inserida, foi possível para esta pesquisadora refletir a respeito de um tempo próximo, contemporâneo à sua própria existência, o que facilita a compreensão e a reconstrução das ideias e dos fatos pesquisados.

Com o objeto da pesquisa delineado temporalmente e com o intuito de localizar a disciplina de Desenho nos currículos do curso de Educação Artística e Licenciatura em Artes Visuais, foi necessário o levantamento destes currículos, como fonte nesta pesquisa, a partir das três instituições públicas de Ensino Superior na cidade de Curitiba, capital do Paraná.

A respeito da localização e seleção das fontes, Ragazzini (2001) esclarece que elas:

> [...] permitem encontrar e reconhecer: encontrar materialmente e reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao processo de produção. Para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: não basta olhar, é necessário ver. Para reconhecer é necessário atribuir significado, isto é: ler e indicar signos e os vestígios como sinais (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

A partir dessa concepção e reconhecendo a limitação da localização das fontes das produções escolares, pode-se fazer um paralelo com as instituições de ensino superior e seus acervos de arquivos, em que é recomendado ao historiador “fazer flecha com qualquer graveto”, propondo examinar diferentes materiais, sejam

registros de alunos e professores, sejam os contidos em atas; fontes que poderão ser cotejadas com reformas educacionais, leis e programas prescritos para o ensino, com o objetivo de produzir a história de uma disciplina. (PINTO, 2014, p. 131).

Nesse aspecto, a respeito das fontes documentais é necessário considerar que

> [...] o trabalho historiográfico não é atinente à verdade, mas à certeza. Essa distinção não está situada na dicotomia entre o verdadeiro e o falso, mas entre o acertado e o não acertado, ou melhor, entre os diversos graus de acertos possíveis. Sem a referência às fontes, de uma pesquisa sobre a possibilidade de acertar se passa a uma pesquisa sobre o verdadeiro, isto é, de uma perspectiva histórica se passa a uma perspectiva filosófica, que é uma coisa totalmente diversa (RAGAZZINI, 2001, p. 16).

Partindo dessa consideração, apenas a documentação escolar não explica a pedagogia aplicada e nem a legislação vigente naquele momento, exigindo outras fontes complementares. Isso se aplica também às Instituições de Ensino Superior e, desta forma, é necessário retornar às fontes e em determinados casos, buscá-las novamente, para assim produzir uma tipologia e níveis de generalizações relativos e contextuais que admitam as exceções. Ao mesmo tempo, deve-se correlacioná-las a outras graduações do contexto político, pedagógico, legislativo entre outros (RAGAZZINI, 2001).

Portanto, para esta investigação foi considerado um vasto acervo de fontes institucionais advindas das Instituições de Ensino Superior, como currículos dos cursos, ementas da disciplina de Desenho, ofícios informativos, memorandos e atas de reuniões. Entretanto, além destas, outras fontes promoveram uma articulação entre os campos educacional, político e pedagógico, que foram Leis, Pareceres, Decretos, reportagens em jornais, sobre os quais foi necessário debruçar-se para análise.

Luciano Mendes Faria Filho (1998) afirma que o trabalho com a legislação pode vir a ser interessante, tanto do ponto de vista da história da educação, quanto dos sujeitos singulares que a realizam, os historiadores e historiadoras da educação. Entretanto, a análise da legislação isoladamente não é o suficiente. O autor sugere uma abordagem que proponha um intenso cruzamento de fontes.

Assim, para esta pesquisa foram consideradas tipologias variadas de fontes como documentos institucionais, artigos em jornais, leis e decretos com o objetivo de preencher lacunas existentes na história do ensino do desenho e o seu

estabelecimento como disciplina no Ensino Superior. Essas fontes são provenientes em grande parte das instituições pesquisadas.

As fontes encontradas e selecionadas nessa investigação, permitiram analisar as concepções sobre o desenho de forma prescritiva, não senso possível determinar as práticas que ocorreram nas instituições pesquisadas, mas, nesse sentido, a prescrição permitiu determinar quais os conteúdos foram selecionados nas ementas das disciplinas de desenho, bem como compreender as diferentes concepções sobre o desenho nelas presentes.

Dessa forma, para esta averiguação, a análise foi fundamentada nas prescrições das Instituições de Ensino Superior que orientam essa pesquisa, salientando que o que está prescrito não é necessariamente o que é aprendido, e o planejamento não é necessariamente o que ocorre. No entanto, não se devem desprezar os estudos sobre prescrições, como formulação social e adotar somente o prático. Pelo contrário, deve-se procurar estudar e compreender “a construção do social do currículo tanto em nível de prescrição como em nível de interação” (GOODSON, 2003, p. 78).

Por meio das prescrições, há de se considerar que o currículo é um documento escrito que atesta um conjunto de ações pedagógicas. Como Goodson (2003, p. 21) explica, “todo conceito progressivo de currículo (e de criação de currículo) teria que trabalhar com o currículo realizado na prática como um componente central”. O currículo escrito testemunha o que é registrado no papel, ou seja, propaga e evidencia algumas das intenções primárias que se referem à escolarização enquanto documento. Partindo desse princípio, trata-se de um roteiro a ser seguido, enquanto a prática em sala de aula pode ser compreendida como o “currículo como prática” que ocorre através da interação entre professor e aluno no dia a dia. É importante ainda salientar, como afirma Goodson (1990, p. 234), que “o contexto escolar é, sob muitos aspectos, muito diferente do contexto universitário – problemas mais amplos de motivação do aluno, da capacidade e de controle necessitam ser considerados”.

Cabe ressaltar que o trabalho de identificação das fontes foi moroso, no que diz respeito à localização das ementas da disciplina de Desenho, bem como os currículos e documentos que atestassem suas alterações, que são os objetos de

análise nesta pesquisa. Para encontrar esses tipos de fontes, José Gonçalves Gondra e Carlos Eduardo Vieira afirmam que o:

> [...] gesto típico e necessário de o historiador ir aos arquivos é acompanhado de dois tipos de dificuldades: as de ordem mais geral, que afetam a existência das instituições-memória da sociedade e as de ordem específica, que têm a ver com a lógica das instituições que os guardam (GONDRA; VIEIRA, 2005, p. 33).

Um fator que complicou o levantamento dos registros, ocorreu em 2020, quando todos os arquivos de instituições de ensino e acervos públicos fecharam por tempo indeterminado, conforme Decretos Estaduais nº. 4230/2020[7] e 4258/2020[8], em virtude da pandemia do Coronavírus – Covid 19[9], vivenciada neste momento. Esse fato impediu a pesquisa de forma presencial nos arquivos, constituindo um fator limitador no quesito de localização das fontes. Diante do período de isolamento social, por conta da Covid-19, o processo de pesquisa necessitou se adaptar e seguir outros caminhos, possibilitando a aproximação de forma remota dos acervos e o recebimento de alguns materiais para pesquisa em formato digital.

Outro fator determinante foi o estado de conservação dos arquivos e sua organização. A presença de mofo e o excesso de poeira no local onde estavam armazenados esses tipos de documentos, assim como a organização e a ausência de diversos documentos foram fatores que comprometeram a localização e a leitura de alguns destes registros.

A respeito de outras tipologias, Le Goff esclarece que:

> A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos[10], fundada essencialmente nos textos, no documento escrito por uma história baseada numa multiplicidade de documento: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma

[7] O Decreto 4230 “dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19”.
[8] O Decreto 4258 altera dispositivos do Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19.
[9] A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou no dia 11/03/2020, pandemia para o Covid-19, infecção causada pelo Coronavírus, que é uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente do Coronavírus (nCoV-2019) foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Informação disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/coronavirus-saiba-o-que-e-uma-pandemia
[10]Charles Victor Langlois e Charles Seignobos atribuíam ao documento valor essencial na pesquisa histórica e remete à Escola Metódica.

> curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF, 1990, p. 28).

A diversidade de documentos localizados possibilitou cruzar as informações e estabelecer constantes, entre mudanças e permanências pois as fontes constituem parte essencial do trabalho historiográfico que “no seu último estágio, se materializa em um texto que tem os seus editores, os seus leitores e os seus críticos, ou seja, surge uma nova mensagem com denotação e conotação” (RAGAZZINI, 2001, p. 17).

Considerando investigações recentes no campo da história das disciplinas escolares, recorre-se com frequência, como bem aponta Bittencourt (2003, p. 35), “a fontes de diferente natureza para que se possa situar a participação do conjunto de agentes criadores desse conhecimento, e possibilitam a apreensão do conjunto de agentes criadores do processo histórico articulado a contextos mais amplos”. Essas fontes podem ser, por exemplo, legislação escolar, programas curriculares e demais textos normativos que representam determinados agentes do poder educacional. (BITTENCOURT, 2003).

Em relação à história dos conteúdos, esta trata-se de componente central da história das disciplinas escolares, a base ao redor da qual ela se constitui. Mas a sua atribuição é muito mais ampla. Ela estabelece colocar esses ensinos em relação com as finalidades às quais eles são designados e com os resultados concretos que eles produzem. Sua função é fazer aparecer a estrutura interna da disciplina, a configuração original à qual as finalidades deram origem, cada disciplina dispondo, sobre esse plano, de uma autonomia completa (CHERVEL, 1990).

Nesse sentido, o propósito é investigar a organização dos conteúdos ensinados na Disciplina de Desenho, e por meio dessa análise, buscar compreender a finalidade da disciplina de Desenho no curso de formação de professores e relatar os resultados. Anteriormente foram apresentados os currículos do Curso de Educação Artística e Licenciatura em Desenho, nas três instituições, em que o Desenho estava inserido.

Sabendo-se que é importante pensar o currículo escrito como fonte documental, um roteiro oficial para a estrutura institucionalizada da escolarização, sem deixar de observar os processos informais e intencionais, pelos quais aquilo que é legislado é interpretado de diferentes formas, sendo com frequência subvertido e

transformado (GOODSON, 1995), esta análise, portanto, se estendeu aos documentos institucionais, leis, decretos e às ementas a fim de conhecer os conteúdos da disciplina, partindo da hipótese de que há conflitos envolvidos, no que diz respeito ao conteúdo que é proposto como norma escrita, como um saber a ser ensinado pelo professor. Então, parte-se do princípio de que os documentos disponíveis são parte do processo que resulta nas práticas ensinadas na disciplina de Desenho, todavia sabendo-se que pode não ser inteiramente legítima essa hipótese.

Nessa perspectiva, os ementários e planos de ensino da disciplina de Desenho e o aprofundamento sobre o conhecimento produzido pelas disciplinas escolares têm conduzido a uma compreensão dos diversos componentes que as integram, sendo os objetivos, os conteúdos explícitos e os conteúdos pedagógicos que correspondem aos exercícios e atividades necessários à aprendizagem dentro do contexto e no processo de aquisição escolar (BITTENCOURT, 2003).

A observação do ensino de uma disciplina deve, evidentemente, levar em conta todos os elementos que a constituem sem esquecer nenhum deles. No centro da análise estão a evolução das modalidades de ensino e as razões que podem ser responsáveis pelas mudanças e alterações. Sem dúvida, é necessário estudar os conteúdos ensinados e nesta análise serão apropriados os documentos institucionais, tais como ementários, planos de ensino e alterações da disciplina, os quais fundamentaram este estudo.

No trato com os documentos institucionais é necessário

> [...] a cada vez, recontextualizar as fontes das quais podemos dispor, estar conscientes de que a grande inércia que percebemos em um nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema; convém ainda não nos deixarmos enganar inteiramente pelas fontes, mais frequentemente normativas, que lemos (JULIA, 2001, p. 15).

Nesse sentido, percebe-se que a estrutura do currículo, bem como o conteúdo das disciplinas, necessitam ser ajustados e precisam de renovações contínuas, que envolvem novas formas de gestão, novas pedagogias a serem adotadas, sejam impostas pela instituição ou por fatores políticos, econômicos ou sociais, necessitando de uma adaptação constante.

Foram consultados diversos acervos para a localização das fontes, iniciando pela Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional – BN/HDB[11], onde a pesquisa foi direcionada pela busca por palavras-chave como: “ensino do desenho" e “ensino superior em arte”, pelo período a partir dos anos de 1950, em todos os jornais no território nacional. Essa busca trouxe diversos artigos em jornais e periódicos que circularam no Brasil em períodos diversos e se relacionam ao objeto desta pesquisa.

Nessa perspectiva, a imprensa contribuiu para o processo de investigação ao responder questionamentos que surgiram no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, pois, por meio dos jornais diários é possível ter uma ampla experiência acerca dos personagens, dos célebres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do dia a dia a um acontecimento específico, da segurança pública às esferas cultural e educacional (VIEIRA, 2007).

Na Biblioteca da Casa da Memória – CMC/FCC, pertencente à Fundação Cultural de Curitiba, a pesquisa buscou os temas de “educação artística” e “arte no Paraná”. Foram localizadas diversas fontes, em especial, matérias nos seguintes jornais*: A Divulgação*, *Gazeta do Povo*, *Indústria e Comércio*, *Folha de Londrina*, ofícios e outros documentos do período entre as décadas de 1940 e anos 2000. Esses documentos contribuíram para contextualizar o ensino de arte em Curitiba.

O Museu de Arte Contemporânea – MAC, instituição de cujo acervo se pretendia fazer uso, foi contactado via *e-mail* em virtude do seu fechamento em decorrência da Pandemia do Coronavírus. Em retorno, recebeu-se a informação que o atendimento presencial para pesquisas no acervo estava suspenso sem data para a reabertura, impossibilitando o acesso aos documentos desta instituição.

A Secretaria Acadêmica e a Coordenação de Artes Visuais da FAP disponibilizaram currículos do Curso de Educação Artística e Licenciatura em Artes Visuais e ementários programáticos da disciplina de Desenho em formato digital, não permitindo a pesquisa presencial ao acervo documental. O Controle Acadêmico da EMBAP forneceu os currículos e planos da disciplina de Desenho que se referem ao

[11] A Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional foi oficialmente lançada em 2006. A BNDigital integra coleções que desde 2001 vinham sendo digitalizadas no contexto de exposições e de projetos temáticos, em parceria com instituições nacionais e internacionais. A BNDigital está internamente constituída por três segmentos: Captura e armazenagem de acervos digitais, Tratamento técnico e publicação de acervos digitais e Programas e Projetos de digitalização e divulgação. Conta com uma equipe interdisciplinar composta por bibliotecários, historiadores, arquivistas e digitalizadores. Fonte: https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/historico/.

curso de Licenciatura em Desenho e Artes Visuais, por meio digital, contudo documentos comprobatórios do início da licenciatura em Desenho e suas alterações não foram localizados no arquivo. O Departamento de Artes da UFPR (DEARTES) permitiu a entrada para a pesquisa em seu arquivo, em 2019, e possibilitou fotografar e fazer cópias de documentos como ofícios, resoluções, ementas das disciplinas, lista de alunos e professores e, currículos da Licenciatura que forneceram dados para enriquecer essa pesquisa.

Como contribuição teórica, a tese *O Desenho como objeto de ensino: História de uma disciplina a partir de Livros Didáticos Luso-Brasileiros oitocentistas,* de 2008, de autoria de Glaucia Trinchão, trouxe uma reflexão da Disciplina de Desenho sob uma postura histórica, analisando os livros didáticos como objeto cultural e suporte da memória escolar no contexto luso-brasileiro.

As contribuições de Ana Mae Barbosa são incluídas neste corpo teórico, pois desde a década de 1970, a autora se dedica a discutir o ensino de arte no país com ênfase nos conceitos a respeito da política educacional para esse ensino. Em 1978, Barbosa proporcionou reflexões sobre o ensino da arte nas obras *Teoria e prática da Educação Artística* e *Arte-Educação no Brasil,* que possibilitaram um diálogo com a pesquisa aqui apresentada, em razão das discussões iniciais sobre o ingresso da Educação Artística no contexto escolar de 1º e 2º graus e sobre a formação superior do professor de arte.

Foi necessário, portanto, conforme Ferreira (2002, p. 257), o Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, sendo definidos pelo caráter bibliográfico, com o propósito “de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento” e, desta forma, compreender o ambiente macro e sua dimensão. Nesse aspecto, Rozana Godoi (2018), em sua dissertação *O estado do conhecimento e as pesquisas sobre a história dos cursos de licenciatura em Educação Artística no Brasil,* reuniu pesquisas de mestrado, teses, publicações de artigos e demais produções publicadas em periódicos[12] que versam sobre o tema do curso de licenciatura e a formação do professor de arte.

[12] Godoi (2018) para o levantamento das produções, foi consultado o Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), direcionando essa busca para dissertações e teses realizadas no Brasil.

Para abordar o tema da História das disciplinas pode-se contar com o aporte teórico de André Chervel (1990, p.186) que as define como “esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos. Foi a existência das disciplinas que historicamente traçou o limite entre o secundário e o superior”. Na abordagem da disciplina de Desenho supõe-se ir além de seus conteúdos, proposição que se encaixa com a explanação do autor:

> A descrição de uma disciplina não deveria então se limitar à apresentação dos conteúdos de ensino, os quais são apenas meios utilizados para alcançar um fim. Permanece o fato de que o estudo dos ensinos efetivamente dispensados é a tarefa essencial do historiador das disciplinas. Cabe-lhe dar uma descrição detalhada do ensino em cada uma das etapas, descrever a evolução didática, pesquisar as razões da mudança, revelar a coerência interna dos diferentes procedimentos aos quais se apela, e estabelecer ligação entre o ensino dispensado e as finalidades que presidem a seu exercício (CHERVEL, 1990, p. 192).

Bittencourt (2003) auxilia a compreender as disciplinas escolares no contexto brasileiro com o capítulo *Disciplinas escolares: história e pesquisa*, que integra o livro *História das disciplinas escolares no Brasil: Contribuições para o debate,* organizado por Marcus Aurelio Taborda de Oliveira e Serlei Maria Fischer Ranzi, que trouxe questionamentos e reflexões relacionados às investigações no campo da História das disciplinas e das disciplinas acadêmicas, e que se mostraram pertinentes a essa pesquisa.

Ivor Goodson (1997) contribui na compreensão das permanências e alternâncias que ocorrem no currículo e no entendimento de que o currículo escolar é um artefato social, criado com o intuito de realizar determinados objetivos humanos específicos, e como tal, está em constante modificação.

Alguns trabalhos acadêmicos possuem aproximação direta com o objeto de pesquisa desta dissertação e foram utilizados com o propósito de dar suporte à escrita, pois contribuem com investigações ligadas à disciplina de Desenho e dispõem de detalhamentos sobre o início desse saber, seu percurso e, em alguns casos, o fim da disciplina em contextos variados.

Inicia-se com a dissertação de Mestrado de Denise Bandeira (2001), intitulada *Mudanças do saber em arte: descobrindo compatibilidades do saber a ser ensinado na disciplina de desenho artístico*, *curso de Educação Artística da Faculdade de Artes do Paraná,* que examina o saber a ser ensinado em arte, na disciplina de Desenho,

no curso de Educação Artística a partir da análise de documentos oficiais, diretrizes e propostas curriculares da FAP.

A dissertação de Mestrado de Rosilene Beatriz Machado, intitulada *Entre vida e morte: Cenas de um ensino de Desenho* de 2012, trata da história da disciplina de Desenho, investigando seu ensino em uma instituição escolar e analisa os motivos de sua retirada do currículo.

A presente pesquisa se beneficia com a revitalização do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR construída ao longo de dez anos (1999-2008) e as atividades da linha de História e Historiografia da Educação, pois pôde contar com uma considerável contribuição de pesquisas de docentes e discentes dos Programas de Mestrado e Doutorado nas áreas de história da educação e história da educação em arte.

Sabrina Rosa Cadori (2015), em pesquisa intitulada: *Entre lápis e pincéis: o ensino do desenho e da pintura na Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná (1886-1917),* analisou o ensino de desenho e pintura no contexto curitibano a partir da criação da Aula de Desenho e Pintura, em 1886, por Antônio Mariano de Lima. Precedendo-a na abordagem do tema, Luciana Apolloni Santana (2004) analisou a trajetória do projeto de ensino pioneiro no campo das artes e ofícios no Paraná por meio da iniciativa de Mariano de Lima, a criação da Escola de Desenho e Pintura, em 1886, e, mais tarde, a implantação da primeira escola de artes e ofícios do Estado, que se chamaria Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Esses estudos foram importantes para compreender o contexto na arte neste período anterior ao recorte selecionado nesta pesquisa.

Em relação à lei 5692/71, a dissertação sob o título *A coleção Educação Artística no contexto da lei nº 5.692/71: entre as prescrições legais e as práticas editoriais* de Amanda Siqueira Torres Cunha (2015) deu ampla contribuição a esse estudo e privilegiou a introdução da Educação Artística com auxílio do livro didático e a análise das imagens nele contidas. Cunha (2015) faz uma análise em relação à Lei 5692/71 e à obrigatoriedade de inclusão curricular da Educação Artística face a um período de grandes mudanças do ensino de 1º e 2º graus.

A tese intitulada *O conservadorismo moderno na estruturação do projeto da Escola de Música e Belas Artes (1910-1950),* de 2017 e de autoria de Renato Torres, analisa o projeto de criação da Escola Superior de Arte no Paraná – EMBAP e busca

compreender a construção da tradição e da modernidade em artes plásticas no estado.

Ainda, realizando a revisão bibliográfica foram identificadas outras pesquisas, como a dissertação de Rossano Silva (2009), professor orientador da presente dissertação: *A arte como princípio educativo: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto* em que analisou as ações de Erasmo Pilotto enquanto intelectual e como educador dentro do contexto de ensino da arte no Paraná e Dulce Osinski (2006), em sua dissertação intitulada: *Ensino da Arte: Os pioneiros e a influência estrangeira na arte-educação em Curitiba,* que expõe o processo de implantação do ensino de arte no Paraná e a influência de estrangeiros que auxiliou a compreensão do período que antecede no recorte temporal desta pesquisa.

Como contribuição a esta pesquisa pode-se ainda considerar a dissertação de Jacyara Batista Santini (2016), *Da música às artes plásticas: a constituição da licenciatura em educação artística na Faculdade de Educação Musical do Paraná (década de 1970),* que analisou o processo de constituição do Curso de Licenciatura em Educação Artística e a Lei 5692/71.

Quanto à organização da escrita desta dissertação e para facilitar a leitura e possibilitar um melhor entendimento, optou-se pela divisão em dois capítulos.

O primeiro capítulo intitulado “O Desenho nos Cursos de Licenciatura Educação Artística e Desenho na EMBAP, UFPR e FEMP” se dedica a relatar o período que antecede a criação dos cursos de Licenciatura em Arte em Curitiba e como ocorreu a institucionalização dos cursos de formação de professores de arte com a criação de Cursos em Educação Artística e Desenho, no Ensino Superior, que objetivavam formar especialistas para o ensino da arte, com o propósito de lecionar a nova disciplina de Educação Artística dentro dos contextos de 1º e 2º graus. Foram abordadas as mudanças que ocorreram a partir da criação da Lei 5692/71 que instaura a obrigatoriedade da Educação Artística nos currículos escolares. Esse fato implicou em mudanças na formação de professores para lecionar a nova disciplina, que seriam os formados dos cursos de Licenciatura Curta e Plena de Educação Artística e não mais aqueles egressos do CAPE. Por fim, são apresentadas as Instituições de Ensino Superior (IES): EMBAP, UFPR e FAP, sendo esclarecido como ocorreu a organização dos seus currículos nas Licenciaturas de Educação Artística e Licenciatura em

Desenho, e como eram organizados os conteúdos da disciplina de Desenho, por meio da análise das ementas.

O segundo capítulo recebeu o título de “O Desenho e a modificação do ensino da Educação Artística para o ensino da Arte” e se dedica a relatar como ocorreu a mudança para Licenciatura em Artes Visuais. Foram apresentados os currículos dos cursos, após a reestruturação, e feita a análise da disciplina de Desenho para, a partir das ementas da disciplina e por meio dessa investigação, perceber as continuidades e alternâncias no conteúdo da disciplina. Foi elaborado um comparativo, sendo considerados alguns aspectos da disciplina, antes e após a alteração do Curso de Educação Artística, nas três instituições analisadas, levando em conta o primeiro currículo implantado para cada instituição no Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Deste modo, a expectativa na produção deste trabalho é proporcionar ao leitor uma percepção das concepções existentes na disciplina de Desenho e o seu percurso como disciplina acadêmica no Curso Superior de Licenciatura em Desenho, Educação Artística e Artes Visuais, a partir da análise das prescrições das três instituições selecionadas, dentro do contexto paranaense e, mais especificamente, em Curitiba.

1 O DESENHO NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E LICENCIATURA EM DESENHO NA EMBAP, UFPR E FEMP

> Para os que trabalham com arte é tão óbvia a importância da arte na vida e, portanto, em qualquer forma de institucionalização da vida, como escola, que fico tentada a dizer apenas: Se a arte não fosse tão importante não existiria desde o tempo das cavernas, resistindo a todas as tentativas de menosprezo (BARBOSA, 2012, p. 27).

Desde o início do século XIX, a organização do ensino artístico no Ensino Superior, para a formação de artistas, antecedeu os níveis primário e secundário, refletindo uma tendência geral da Educação Brasileira (BARBOSA, 1978).

Era um período em que o ensino e a aprendizagem estavam concentrados na transmissão dos conteúdos, centralizando o conhecimento no professor, que tinha a incumbência de transmiti-lo aos seus alunos. Com a transferência dos conteúdos, não havia a preocupação com a realidade social e nem com as diferenças individuais dos alunos[13], o que comprometia o processo de ensino e aprendizagem.

A partir dos anos de 1940, o ensino da arte no Brasil inicia um processo de profissionalização de seus professores, dando a estes autonomia e colocando-os em sintonia com a institucionalização de cursos de formação de professores específicos para o ensino da arte[14]. Esse fato se efetivaria na década de 1970, a partir dos cursos de Educação Artística que, gradativamente, formariam essa nova classe de profissionais especializados para o ensino da disciplina de Educação Artística.

Em relação ao desenho, este pode ser compreendido a partir de

> [...] sua etimologia, o termo italiano *disegno* designa-se por uma utilização criativa da linha. De modo sucinto, podemos considerar que enquanto objecto de comunicação, o desenho decorre dos actos de representar, marcar, ordenar, traçar, dispor, sendo uma prática realizada com carácter artístico, técnico ou recreativo. Mais precisamente, o ensino do desenho assume um conjunto de sucessivas interrogações que emanam do pensamento crítico, da prática instrumental e do conhecimento (SILVA, 2010, p. 39).

---

[13] Essa prática é conhecida como a Pedagogia Tradicional, a ênfase do ensino tradicional, portanto, está na transmissão dos conhecimentos (SAVIANI, 1991).

[14] Em 1948, no Rio de Janeiro, ocorreu a fundação da Escolinha de Arte do Brasil pelo artista plástico Augusto Rodrigues. Surgiram concepções inovadoras a respeito da Arte-educação. O ideal da Escolinha de Arte torna-se o projeto escolhido pelo campo educacional para o ensino de arte, sendo que a influência da Escolinha de Arte do Brasil perdurou por mais de duas décadas, originando o Movimento Escolinha de Arte - MEA, (organização formada por educadores brasileiros que se estendeu a outros países da América do Sul e possuía o objetivo de difusão do ideal de educação através da arte). Surgiu uma nova necessidade, a de formar um professor capaz de trabalhar com essas concepções.

Como exemplo, pode ser citado, o desenho de representação, em que sobressaem a análise e a observação. Entretanto, no desenho de expressão artística, a imaginação exige a problematização constante de relações espaciais, métricas, geométricas, destacando-se dentro do processo criativo, o ensaio e a experimentação e a interrogação de conteúdos significativos (SILVA, 2010).

Nesse aspecto, é importante mencionar o caso da disciplina de Desenho como integrante do currículo do ensino básico brasileiro de forma obrigatória, fato que ocorreu por cerca de 30 anos, do ano de 1930 a 1960, embora haja evidência de sua adoção em períodos anteriores. Na década de 1960, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024/61, atribuiu novos rumos ao ensino de Desenho no Brasil. A partir de então, a disciplina começou a experimentar certo desprestígio em meio aos documentos educacionais oficiais, passando a figurar como disciplina obrigatória complementar (MACHADO; FLORES, 2011).

Ainda em 1962, conforme o Parecer nº. 338/62, o Conselho Federal de Educação[15] - CFE regulamentou o curso de formação de professores de desenho, fixando o currículo mínimo para esta licenciatura. Esse currículo, com duração de quatro anos, ficou assim estabelecido: História das Artes e das Técnicas; Desenho Artístico e Pintura; Desenho Técnico e Matemática Aplicada (em que deveriam ser incluídos os conhecimentos de Geometria Descritiva e Projetiva, Perspectivas e Sombras); Modelagem e Escultura; Técnica de Composição Industrial; Iniciação nas artes industriais e as Disciplinas Pedagógicas.

No entanto, mais tarde em 1968, a Lei nº 5.540, de 28 de Novembro do mesmo ano, fixa as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, entre outras providências adotadas. Conforme o art. 26: “O Conselho Federal de Educação fixará o currículo mínimo e a duração mínima dos cursos superiores correspondentes a profissões reguladas em lei e de outros necessários ao desenvolvimento nacional” (BRASIL, Lei 5540/68, art. 26)[16].

---

[15] Órgão responsável por opinar, analisar e propor sindicâncias entre pareceres e sugerir medidas para organização do sistema educativo brasileiro. Assumiu a incumbência de formalizar as bases sobre as quais organizam-se os currículos das disciplinas escolares, bem como a função de elaborar a doutrina do currículo para diferentes graus de ensino.

[16] Essa lei foi revogada pela Lei nº 9.394, de 1996. No Art. 92 revogam-se as disposições das Leis nos 4.024, de 20 de dezembro de1961, e 5.540, de 28 de novembro de 1968, não alteradas pelas Leis nos 9.131, de 24 de novembro de 1995 e 9.192, de 21 de dezembro de 1995 e, ainda, as Leis nºs 5.692, de

É importante perceber que, a Licenciatura em Desenho foi instituída quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 4.024 de 1961, iniciava um processo gradativo que colocaria a disciplina de desenho em uma posição secundária no currículo da escola básica brasileira. O desenho, que era uma disciplina curricular obrigatória, presente em todas as séries do ensino básico, passou a integrar o currículo como disciplina obrigatória complementar, sem fazer parte de todas as possibilidades curriculares apresentadas (MACHADO; FLORES, 2013).

A Licenciatura em Desenho prevaleceu até 1969, sendo que, por meio do Parecer nº. 354/69, foi orientada a modificação do seu currículo, passando a se chamar Licenciatura em Desenho e Plástica. O artigo 3º deste parecer descreve:

> O professor de desenho, com a exclusiva tarefa de ensinar desenho expressivo ou artístico e as primeiras técnicas de desenho de precisão, não corresponde sequer ao mínimo de iniciação artística que nos tempos atuais e dentro do espírito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação se deve esperar da formação comum do estudante de grau médio. A extensão progressiva da educação plástica à modelagem, as artes aplicadas ou industriais e à interpretação do fenômeno estético, quer na obra de arte pura, quer nas aplicadas, reclama um professor de desenho que tenha pleno domínio do problema da plástica, capaz de ser orientador e iniciador de novas formas de expressão (BRASIL, 1969, p. 104).

Fica orientada, a partir do Parecer nº. 354/69, a incumbência do professor de Desenho, a ensiná-lo sob os formatos de desenho artístico ou o desenho empregado a práticas industriais, como componente técnico-profissionalizante e voltado diretamente ao trabalho. A partir dessa perspectiva, Souza Filho (1997) estabelece uma consideração a respeito da formação de professores de Desenho, que pode ser caracterizada a partir de duas esferas. A primeira procura trabalhar o desenho na perspectiva artística, direcionada para o desenvolvimento da potencialidade e capacidade criadora da criança. A segunda se direciona para o ensino técnico, pois se preocupa com a perfeição do traço e a representação da forma, sendo associado às outras disciplinas de projetos.

Nesse aspecto, é importante ressaltar a potencialidade do uso da legislação para essa pesquisa, pois tentou-se fugir de um possível trato mecânico, buscando reconhecê-la como prática social, produzida por sujeitos, que deixam revelar seus

---

11 de agosto de 1971 e 7.044, de 18 de outubro de 1982, e as demais leis e decretos-lei que as modificaram e quaisquer outras disposições em contrário (BRASIL,1996).

interesses e desejos, configurando-se como espaço, objeto e objetivo de lutas políticas. Não sendo tomada apenas como um ordenamento jurídico (sem negligenciar esta sua condição), ou como uma relação de parágrafos e artigos a serem prontamente e rigorosamente incorporados pelos sujeitos, e ainda, como expressão e imposição do poder ou das classes dominantes, a legislação apresentou-se como uma possibilidade riquíssima de pesquisa na história da educação (FARIA FILHO,1998).

Em relação aos sistemas educacionais e às instituições de ensino, Viñao Frago (2000) esclarece que estes passam por transformações que, embora relacionadas a aspectos políticos, sociais ou econômicos externos a eles, não são processos socioeducativos em sentido amplo, pois se limitam ao campo organizacional e curricular.

Nesse aspecto, o autor afirma:

> [...] não sobre mudanças específicas e limitadas - por exemplo, a introdução de uma nova disciplina, a substituição de um método de trabalho em sala de aula por outro, ou o uso de um novo recurso tecnológico - mas sobre reformas. Este contexto implica uma ampla série de mudanças que afetam todos os processos educacionais e a vida dos centros educacionais[17] (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 7, tradução nossa).

Pode-se concluir que, tanto fatores externos, como uma nova lei que passa a vigorar ou a alteração de normas internas existentes na instituição, são exemplos que podem intervir na estrutura interna e nas metodologias adotadas nesta instituição. São fatores diversos que implicam em mudanças que podem afetar nos diversos âmbitos de uma instituição de ensino.

São necessárias formas de análise que procurem examinar assuntos internos em paralelo com as relações externas para compreender a estabilidade e a mudança curriculares e estabelecer pontos de vista sobre a mudança organizacional e sobre categorias institucionais mais amplas. O autor complementa justificando “a definição de disciplina escolar como discurso retórico, conteúdo, forma organizacional e prática institucionalizada, faz parte das práticas de distribuição e reprodução social” (GOODSON, 1997, p. 31).

---

[17] Texto original: *“Hablo, por supuesto, no de cambios puntuales y limitados – por ejemplo, la introducción de una nueva disciplina, la sustitución de un método de trabajo en el aula por otro o la utilización de un nuevo recurso tecnológico –, sino de reformas de fondo que implican una amplia serie de cambios que afectan a todos los procesos educativos y a la vida de los centros docentes”* (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 7).

Nesta pesquisa dedicou-se examinar as fontes, como Leis, que primeiramente instituíram a nova disciplina de Educação Artística e geraram a necessidade de um curso de nível superior para a formação de professores. Mais tarde, a mudança da disciplina de Educação Artística para Ensino da Arte, em função de outra Lei, foi um dos fatores externos que estabeleceram mudanças nos currículos e no conteúdo das disciplinas. Da mesma forma, fatos internos relativos às instituições pesquisadas tiveram impacto nas alterações ocorridas. Partindo deste pressuposto, pode-se inferir que as questões externas detêm grande influência na instituição de ensino e em suas práticas, e ainda se faz necessário avaliar as questões internas, dos conflitos e tensões dentro do espaço escolar, que pode ser observado no cotidiano escolar.

Conforme Julia (2001, p. 35) ao se

> fazer um inventário sistemático das práticas, período por período, permite observar as modificações, as mais sutis, de geração em geração. Pode-se perceber como os conteúdos são modificados, e de que forma a clientela escolar contribui para que esse conteúdo se modifique. Esse inventário permite também analisar a disciplina escolar para além do conteúdo de ensino, pois ela pode ser recuperada em suas etapas, nas razões das mudanças que sofreu, e expor enfim de manobra que tem a escola na escolha de sua orientação pedagógica (JULIA, 2001, p. 35).

Por fim, um aspecto significativo, ocorre na formação de professores de desenho, cujos cursos de licenciatura passaram a privilegiar as artes plásticas como principal elemento de formação, incorporando o desenho como linguagem e expressão de arte, desvinculando ao status de disciplina. Nesse sentido, ocorreu a alteração do nome do curso de Licenciatura em Desenho para Licenciatura em Desenho e Plástica, sendo uma das alterações que seriam reafirmadas mais tarde por meio da LDB 5692 de 1971, que fixou o ensino de Educação Artística, como disciplina obrigatória no Ensino Fundamental e Secundário, destinando o Desenho a ficar em segundo plano e, fazendo com que perdesse, de certa forma, seu espaço no currículo das escolas brasileiras.

1.1 CAPE, antecessor do curso de Educação Artística

Em análise ao contexto local, uma das ações de importância percebidas foi, o Curso de Artes Plásticas na Educação – CAPE, que era promovido pelo Governo do

Estado do Paraná com o objetivo de aperfeiçoar professores normalistas para o exercício da disciplina de arte nas escolas. Ele deu início às discussões sobre a oficialização e a inclusão do ensino da arte nas escolas, e, com instituição da LDB 5692/71, o projeto foi efetivado. Mais tarde, o curso foi extinto e gerou o curso de Educação Artística na FEMP.

O CAPE possuía a mesma apreciação do Curso Intensivo de Arte na Educação – CIAE, o qual considerava as Escolinhas de Arte espaços privilegiados para o ensino de arte. Iniciado em 1962, detinha a necessidade de formar educadores versados na concepção de arte como livre-expressão, assim inicia a Escolinha de Arte do Brasil, por meio de um curso de formação de professores, denominado CIAE. Desta forma, o CIAE estava vinculado à EAB, que iniciou anteriormente, em 1961, com o objetivo de formar como professores, os artistas, estudantes de arte, artesãos, psicólogos e pedagogos de todo o Brasil e de outros países. Assim, nesse sentido, o CIAE:

> [...] teve uma forte influência multiplicadora dos ideais das Escolinhas de Arte: seus ex-alunos, professores e colaboradores começaram a criar outros núcleos de escolinhas. Apesar de manterem independência administrativa, compartilhavam dos mesmos ideais, mantendo uma filosofia de ensino baseada nos pressupostos da *Educação Através da Arte*, de Herbert Read, que considerava a arte um processo educativo e criativo (SILVA, 2005, p. 40).

A metodologia empregada nas Escolinhas de Arte era baseada na livre expressão, que é definida como uma prática baseada na espontaneidade criadora. Fundamenta-se nos trabalhos dos pensadores Herbert Read (1893-1968) e Viktor Lowenfeld[18] (1903-1960) que tiveram influência sobre as práticas pedagógicas, no contexto da Escola Nova[19] no Brasil, até a metade do século XX. Read foi expoente do movimento Educação pela Arte, cujas bases foram lançadas pela obra de sua autoria, intitulada *Education through Art,* no ano de 1943.

A partir dessa concepção, o CIAE fez a disseminação do ideal das Escolinhas de Arte, sendo que ex-alunos, professores e colaboradores da Escolinha de Arte do

[18] Viktor Lowenfeld (1903-1960) nasceu em Linz, na Áustria. Graduou-se na Faculdade de Artes Aplicada e, mais tarde, recebeu seu doutorado em Educação pela Universidade de Viena. Foi professor de escola primária e secundária atuando também como diretor de arte no Instituto dos Cegos.

[19]Movimento conhecido como Escola Nova, entre os anos de 1927 e 1935, dividia o pensamento renovador entre liberais e católicos. Teve sua difusão no Brasil através de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, entre outros nomes, influenciados pelas ideias de John Dewey.

Brasil começaram a criar outros núcleos de Escolinhas. Estes, não obstante, mantiveram sua independência administrativa, compartilhando dos mesmos ideais.

Portanto, essa filosofia de ensino deveria ser mantida, baseada na Educação Através da Arte de Read, sendo

> [...] um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizando ao grupo social ao qual pertence (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 15).

Nesse aspecto, as atividades no CAPE iniciaram no dia 25 de maio de 1964, com o propósito de especializar professores normalistas[20] para lecionar atividades artísticas em escolas primárias. Segundo Silva (2005, p. 46), o CAPE "atuou na formação de professores de arte no Estado, sendo responsável pela manutenção e propagação de valores educacionais, como o da educação através da arte, dos ideais de livre-expressão e da oficialização e da obrigatoriedade do ensino de arte".

As professoras, após concluírem o curso no CAPE, retornavam aos seus grupos escolares com a incumbência de criar e dirigir escolinhas de arte, espaços destinados às atividades artísticas e para atingir esse objetivo, contavam com o assessoramento das responsáveis pela sua criação e elaboração intelectual do próprio CAPE[21].

O trabalho do CAPE fazia parte do programa chamado Projeto Arte na Educação, que tinha o objetivo de especializar professores normalistas para a promoção de atividades artísticas nos grupos escolares do estado em regime de contraturno.

Professoras de diversos grupos escolares do estado foram dispensadas de suas atividades para frequentar o CAPE, em Curitiba, durante o período de um ano. Após o término do curso, elas retornavam aos seus grupos escolares com a responsabilidade de neles criar e dirigir as "Escolinhas de Arte" que eram ambientes

---

[20] O corpo discente do CAPE era inteiramente composto por alunas. Foram onze anos de existência, não houve registro de nenhum aluno matriculado.

[21] Composta pela artista e educadora Ivany Moreira, chefe da Divisão de Atividades Culturais na Educação (DACE) do Departamento de Cultura da SEC-PR, e as professoras Lúcia Rysicz e Icléa Guimarães Rodrigues.

destinados para as atividades artísticas. Nesse aspecto, o CAPE possuía um papel significativo:

> Ainda que o desejo de reforma do ensino da arte, e mesmo da educação, presente no discurso das escolinhas de arte, não se refletisse, inteiramente, no primeiro programa do Curso de Artes Plásticas na Educação, é inegável que a oficialização do CAPE representou uma conquista importante para a consolidação de um especialista para o ensino da arte nas escolas primárias paranaenses (ANTONIO, 2008, p. 113).

O CAPE era orientado pelos decretos estaduais 14.639, de 13/4/1964 e 15.444, de 13/7/1964, e tinha como finalidade nos anos de 1970, o ensino e aperfeiçoamento artístico pedagógico dos professores que lecionaram Educação Artística para os alunos do Ensino de 1º grau. Desta forma, ele destinava-se a professores que já possuíam a habilitação do magistério fornecida pelo curso normal, e os "professores formados tinham o direito de continuar lecionando para o ensino de 1º grau" (SILVA, 2005, p. 45).

Os princípios que moviam o CAPE:

> Em grande medida, foram os ideais de arte na educação baseados na livre-expressão, na promoção da sensibilidade e no princípio da não interferência na produção infantil que moveram e sustentaram o Curso de Artes Plásticas na Educação dentro de um conjunto de articulações, inclusive políticas (SANTINI, 2016, p. 15).

Inicialmente chamado de Curso de Artes na Educação, como tramitou durante o ano de 1963, seria oficializado em 15 de abril de 1964, data de sua publicação no Diário Oficial do Paraná, com o título definitivo de Curso de Artes Plásticas na Educação. O art. nº 1 do decreto definia a finalidade do CAPE e seu público-alvo:

> O CAPE, com sede em Curitiba, tem como finalidade o ensino e aperfeiçoamento artístico-pedagógico dos professores normalistas destinados a ministrar o ensino das artes plásticas nas escolas primárias através do estímulo às expressões de autenticidade da criança dentro das atividades artísticas, criativas e recreativas e o aprendizado das diversas técnicas (PARANÁ, 1964).

Por onze anos o CAPE manteve a sua finalidade de formar professores de arte e consolidou a preparação de um especialista para o ensino da arte nas escolas primárias paranaenses, ideia que vai ao encontro do propósito que tinha a direção da Casa Andersen com o projeto da Escolinha de Arte do Brasil. A EAB, no entanto, tinha

a intenção de formar especialistas com conhecimentos mais específicos no que se refere à formação artística. Antonio (2008) comenta a respeito:

> EAB pretendia formar especialistas com conhecimentos aprofundados, pois dispensava uma carga horária significativa tanto para técnicas artísticas tradicionais — como a xilogravura e a iniciação musical ao lado de disciplinas teóricas como História da Arte e História e Crítica da Pintura Moderna — quanto para temas mais específicos, como técnicas alternativas, arte e decoração, teatro na escola, bordado criador, bonequinhos de arame e outras atividades consideradas adequadas para o trabalho infantil (ANTONIO, 2008, p. 128).

O CAPE compartilhava do mesmo pensamento que o CIAE, pois uma de suas idealizadoras, Icléa Guimarães Rodrigues[22], havia sido aluna do curso promovido pela Escolinha de Arte do Brasil.

Algumas características das turmas do CAPE são que, cada turma continha aproximadamente 15 alunas, pois o magistério das séries iniciais era uma tarefa feminina. As aulas aconteciam em período integral, o que necessitou um regime diferenciado de trabalho para as alunas advindas da rede oficial pública de ensino[23], pois a regularidade nas aulas não permitiria que trabalhassem. As alunas continuariam recebendo seus salários, desde que comprovada sua frequência às aulas e a falta às mesmas resultaria em desconto em folha de pagamento.

No entanto, como requisito para frequentar o CAPE, as professoras deveriam se sujeitar à realização de uma prova de habilidade específica e uma entrevista. Caso fossem aprovadas, frequentariam o curso durante um ano, com um total de 1440 horas/aula, com disciplinas teóricas e práticas de ateliê.

---

[22]Icléa Guimarães Rodrigues tinha formação no Curso Superior de Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, atuou no CAPE, no Museu Alfredo Andersen e na FEMP. Em 1963, a convite da Secretaria de Educação e Cultura, representou o Paraná no Curso Intensivo de Arte na Educação, como bolsista. Ao mesmo tempo, frequentou o Curso de Teatro de Fantoches na Escolinha de Arte do Brasil – EAB. Ao término dos cursos e de volta a Curitiba, foi contratada como professora pelo CAPE, fazendo parte desse curso desde o início das suas atividades, em maio de 1964. (SANTINI, 2016, p.23).

[23] Havia um tratamento diferenciado para professores vindos da rede particular: “Os professores vindos da rede particular de ensino, bem como aqueles que não lecionavam, mas que possuíssem a habilitação do magistério, também podiam participar do curso, caso sobrassem vagas, já que a preferência era dos professores vindos da rede pública. Esses professores não tinham o direito de receber nenhum tipo de auxílio do governo, como acontecia com os professores da rede pública, o que dificultava o seu acesso, pois as aulas eram em período integral. Mas, como os professores da rede pública, eles também tinham o direito de fazer o curso gratuitamente” (SILVA, 2005, p 42).

O programa do CAPE definia seu currículo com matérias artísticas (teoria e prática), pedagógicas e prática de ensino assim relacionadas, sendo algumas disciplinas direcionadas ao ensino do Desenho, as quais eram divididas em Desenho do Natural, Desenho Decorativo e Desenho Geométrico. A disciplina de Xilogravura e artes gráficas, apesar do nome não conter a designação "desenho", também se dedicava ao ensino dessa linguagem e ainda às disciplinas Aplicação de técnicas de Desenho e Pintura, Desenho Pedagógico e Anatomia:

> a) Desenho do Natural;
> b) Desenho Decorativo;
> c) Desenho Geométrico;
> d) Modelagem e Cerâmica;
> e) Xilogravura e Artes Gráficas;
> f) Aplicação de Técnicas de Desenho e Pintura, Desenho Pedagógico e Anatomia;
> g) História da Arte;
> h) Psicologia;
> i) Didática e Prática de Ensino (PARANÁ, 1963b).

Em busca da compreensão da concepção das disciplinas ligadas ao ensino do desenho e que compunham o currículo do CAPE, como Desenho do Natural e Desenho Decorativo, pôde-se contar com a aproximação com o conteúdo das *Apostillas de Didática Especial de Desenho*[24] (1958), que se destinavam ao ensino secundário e vigoravam num período contemporâneo à atuação do CAPE. Essas apostilas foram elaboradas pelo Ministério da Educação e Cultura, tendo como Ministro da Educação o Sr. Clóvis Salgado[25].

No tocante ao Desenho do natural, o manual definia como

> [...] "exprimir uma forma determinada sobre uma superfície plana; desenhar do natural, portanto consiste na operação de representar, graficamente as coisas, os objetos, de maneira como os vemos – e na realidade como são, excetuando-se casos especiais" (SOUZA; NICOLINI[26], 1958, p. 55).

---

[24] Foram lançadas pelo Ministério da Educação e Cultura, na Campanha de Aperfeiçoamento e difusão do Ensino Secundário – CADES, em 1958.

[25] Ministro da Educação, em 1956, quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência. Tinha o intuito de estabelecer uma adequação entre o sistema educacional e as transformações que se operavam no país.

[26] Colaboradores da obra *Apostilas de Didática Especial de Desenho,* Alcidio Mafra de Souza, era licenciado em Desenho, pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Professor do ensino técnico, no instituto da Educação e na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e redator do Diário de Notícias (1942) e Roberto Magrassi Nicolini, era licenciado em Desenho pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e professor do ensino técnico, no instituto da Educação.

O mesmo manual ressalta acerca do Desenho Decorativo:

> [...] através do ensino adequado do desenho decorativo, no ginásio[27], que se poderá criar o ambiente bastante favorável ao desenvolvimento da capacidade criadora dos alunos, sempre que o professor atente, cuidadosamente, para os aspectos puramente psicológicos da questão, quais sejam a necessidade e a emoção (SOUZA; NICOLINI, 1958, p. 59).

O período em que o manual passou a ser utilizado nas escolas foi aproximadamente 1958, sendo próximo à data de criação do CAPE em 1964 e durante o período da sua atuação por onze anos. A partir desta constatação, pode-se levantar a hipótese de que os conceitos dos diversos tipos de desenho e suas definições utilizados nas apostilas, como Desenho Decorativo e o Desenho do Natural, se aplicavam às disciplinas ligadas ao ensino do desenho no CAPE, pois possuíam a mesma nomeação.

Desta forma, essas disciplinas fizeram parte do currículo do curso, em especial, o desenho e disciplinas que tinham aplicações das técnicas de desenho, e que ao longo de onze anos sofreram poucas alterações. O currículo do CAPE tinha o propósito de unir teoria e prática através da estruturação do seu currículo, sendo composto por disciplinas com prática artística, que tinham por objetivo desenvolver nos futuros professores a apreciação artística, assim como orientação e aplicação no processo de ensino e aprendizagem. A percepção da arte era desenvolvida nas aulas de História da Arte, disciplina que se dedicava a estudar a história linear da arte desde a pré-história até a arte contemporânea. As disciplinas pedagógicas tinham o mesmo peso e eram ministradas, junto com a prática de ensino, psicologia e didática. Todas as disciplinas eram consideradas igualmente importantes com a finalidade primordial de formar o profissional arte-educador.

O CAPE já demonstrava um comprometimento com o currículo vigente na Escola Normal, “o que explicaria a presença de matérias como Desenho Geométrico e Desenho Natural na preparação de um especialista em estimular a livre manifestação artística de crianças” (ANTONIO, 2012, p. 104). A posição institucional do CAPE no sentido de “consolidar um especialista em ensino de arte nas escolas primárias paranaenses”, marcou o desejo de reforma do ensino da arte que já tinha

[27] Entende-se como “ginásio” o ensino de 5ª a 8ª séries nesse período.

se refletido no discurso que defendia as escolinhas de arte do Brasil (ANTONIO, 2012, p. 104).

A partir da Lei Federal nº 5.692 de 1971, a arte tornou-se disciplina obrigatória no currículo das escolas primárias e secundárias. Os conteúdos de artes visuais, música, teatro, desenho geométrico e dança receberam a denominação de Educação Artística e o professor que lecionaria essas atividades deveria ser polivalente, o que significava que devia deter um saber mais abrangente. Sendo assim:

> As práticas das artes visuais, música, teatro, desenho geométrico e dança, sob a denominação de Educação Artística, passaram a ser responsabilidade de um só professor capaz de lecionar todas essas atividades ao mesmo tempo, da 1ª a 8ª série, sendo obrigatória a formação de terceiro grau para lecionar artes a partir da 5ª série (ANTONIO, 2012, p. 102).

Em suma, o termo polivalência, segundo Antonio (2012, p. 113), implicaria em ter o professor "envolvido numa multiplicidade de técnicas e tópicos esvaziados de conteúdo e do próprio sentido de ensino da arte". A Lei Federal nº 5.692 de 1971 modifica o projeto paranaense de arte na educação, com o encerramento das atividades do CAPE e da própria Escolinha de Arte no Brasil. Desta forma:

> Mesmo com a criação da licenciatura em Educação Artística as professoras formadas pelo CAPE continuavam com direito a lecionar no ensino de primeiro grau, mas com as mudanças ocorridas o CAPE não poderia se manter alheio às novas necessidades impostas pela nova LDB, buscando então a criação de um curso de nível superior em arte-educação (SILVA, 2017, p. 209).

Nesse aspecto, é importante salientar que a maior parte do seu corpo docente era formado por profissionais das artes plásticas, como Abrão Anis Assad, Adalice Araújo, Alfredo Luiz Braga, Ivany Moreira, Ivens Fontoura, Luiz Carlos de Andrade Lima, Mário B. Rubinski, Nelson Ferreira da Luz e René Toscani, entre outros, que em sua maioria eram formados pelo Curso de Pintura da EMBAP e eram artistas de destaque nas décadas de 1960 e 1970 no Paraná. Esse fato reforça a orientação dada às artes plásticas do CAPE (SILVA, 2005).

Após a aprovação do currículo mínimo do Curso de Educação Artística, o CAPE viabiliza a continuidade do Curso Superior em Arte por meio de uma parceria com uma faculdade estadual, "sendo escolhida a Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP), para receber o curso de licenciatura plena em Educação Artística

com habilitação em Artes Plásticas" (SILVA; VAZ, 2017, p. 211). Assinado, então, em 1974, com a diretoria[28] da FEMP e da Escola de Artes da CAA, o convênio entre as instituições FEMP e CAPE, foi transferida a estrutura do CAPE, para a FEMP, assim como seu corpo docente.

As práticas desenvolvidas pelo CAPE ajudaram a difundir a ideia da livre-expressão e auxiliaram a formação de uma nova classe profissional: o professor especializado no ensino da arte, visto que suas atividades antecederam à criação de um Curso Superior de Licenciatura em Arte. Esse empreendimento deu uma grande contribuição para o desenvolvimento artístico e cultural no estado do Paraná por meio dos profissionais formados pelo CAPE e direcionou a criação do Curso Superior de Educação Artística, mais tarde na FEMP, uma das instituições selecionadas para análise nesta dissertação. Foi com a instauração da lei nº 5.692 de 1971, em que os grupos escolares foram substituídos pelo sistema de ensino de 1º grau e surgiu a necessidade da criação dos cursos de Educação Artística de nível superior, que tiveram início em 1973 nas instituições com ensino público, em Curitiba.

1.2 A criação da Disciplina de Educação Artística e a sua relação com a Lei 5692/71

Em relação à constituição do curso de Educação Artística, o currículo do curso foi elaborado com o propósito de formar professores para lecionar a nova disciplina de Educação Artística, nesse aspecto, foi então concebido e estruturado a partir de um conjunto de disciplinas. Compreendendo que "uma 'disciplina, é igualmente para nós, em qualquer campo que se encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte" (CHERVEL, 1990, p. 180).

Nessa perspectiva, todo o alicerce de leis, diretrizes e grades curriculares direcionavam o que deveria ser ensinado na escola. Sendo assim, a partir da análise das fontes institucionais e a legislação vigente dentro de um determinado período, foi possível encontrar um dinâmico e rico processo de escolarização, no ensino superior,

[28]O convênio é assinado pela diretora da FEMP, Clotilde Espínola Leining, pelo diretor da CAA, João Osório Brzezinski, e pela diretora da Escola de Artes da CAA, Icléa Guimarães Rodrigues,

que não apenas envolve os sujeitos envolvidos diretamente com a instituição de ensino, porém, todo o conjunto de instituições sociais (FARIA FILHO, 1998).

O Curso de Educação Artística possuía o propósito da formação de professores para o exercício de ensinar os saberes em arte, o que significa um currículo composto por disciplinas específicas nesses saberes, percebendo-as como conteúdos de ensino. Tratando-se, portanto, de um curso de nível superior, em que os procedimentos disciplinares se tornam menos disciplinares e passam então a ser em maior grau científicos e aprofundados, aspirando um objetivo singular: o da formação do professor de arte (CHERVEL, 1990).

Dessa forma, o currículo mínimo para a formação superior em Educação Artística, no formato de licenciatura, foi instituído inicialmente pela Indicação CFE nº 23 de 6 de fevereiro de 1973, que regulou os cursos de habilitação para as licenciaturas na área da Educação Geral, sendo, portanto, a estrutura básica curricular comum a todas as instituições. Nesse aspecto, currículo para todos os graus de ensino, o Núcleo Comum foi estruturado com as disciplinas obrigatórias para o âmbito nacional e a Parte Diversificada destinada a atender às necessidades e possibilidades concretas, peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos e às diferenças individuais dos alunos (BRASIL, 1971b).

O trabalho de investigação foi elaborado a partir do *corpus* documental das instituições analisadas e da legislação vigente naquele período, visando desvendar a linguagem dos documentos, levando em consideração a forma e conteúdo destes textos.

Portanto, ao adentrar nos arquivos: “um primeiro desafio que essa história coloca ao historiador é a escolha de documentos que contenham vestígios da prática cultural investigada” (PINTO, 2014, p. 131), pois tal seleção consiste em uma prática historiográfica em busca de desvendar e compreender os fatos ocorridos, as tomadas de decisões e os encaminhamentos. Isso se dá da mesma forma se aplicado aos arquivos do ensino superior, visto que:

> Para além dos documentos oficiais, a localização dos documentos escolares como planos individuais de ensino, cadernos de alunos, provas escolares, atas de reuniões de professores, livros didáticos, dentre outros, é adentrar à ‘caixa preta’ da escola tentando enxergar vestígios, padrões, de seleção e tratamento de conteúdos a serem ensinados, uma prática investigativa que vêm mobilizando olhares para a escola (PINTO, 2014, p. 131-132).

Sendo assim, em relação à normatização da disciplina de Educação Artística, ocorreu a criação da Lei 5692 em 11 de agosto de 1971, determinou-se, no seu Artigo 4°, que os currículos de ensino do 1º e 2° graus teriam um núcleo comum obrigatório em âmbito nacional e uma parte diversificada para atender às peculiaridades locais e que caberia ao Conselho Federal de Educação fixar as matérias relativas ao Núcleo Comum. Assim, pela Resolução nº 08/71, anexada ao Parecer 8531/71 do Conselho Federal de Educação, no seu Artigo 1º, os conteúdos escolares foram divididos em três áreas do conhecimento: Estudos Sociais, Comunicação e Expressão e Iniciação às Ciências. Pretendia-se fazer um estudo integrado de disciplinas próximas, e os Estudos Sociais, segundo o Parecer, seriam o eixo ou o centro do currículo.

Dessa forma, integrando ao núcleo comum, de acordo com o § 1º, os conteúdos específicos eram: em Comunicação e Expressão - a Língua Portuguesa, nos Estudos Sociais - a Geografia, a História e a Organização Social e Política do Brasil e nas Ciências - a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas.

Conforme o § 2º exigiu-se também a inclusão de Educação Física, Educação Artística, Educação Moral e Cívica, Programas de Saúde e Ensino Religioso, este obrigatório para os estabelecimentos oficiais e facultativo para os alunos.

De forma mais ampla, o Art. 2º, da mesma lei, define os objetivos a partir das matérias fixadas, diretamente e por seus conteúdos obrigatórios, pois deverão conjugar-se entre si e com outras que lhes acrescentem para assegurar a unidade do currículo em todas as fases do seu desenvolvimento. A partir do art. 3º, menciona-se que, além dos conhecimentos, experiências e habilidades inerentes às matérias fixadas, observado o disposto no artigo anterior, é relatado o objetivo do ensino em cada uma das matérias do núcleo comum:

> a) em Comunicação e Expressão, ao cultivo de linguagem que ensejem ao aluno o contacto coerente com os seus semelhantes e a manifestação harmônica de sua personalidade, nos aspectos físico, psíquico e espiritual, ressaltando-se a Língua Portuguesa como expressão da Cultura Brasileira;
> b) nos Estudos Sociais, ao ajustamento crescente do educando ao meio, cada vez mais amplo e complexo, em que deve não apenas viver como conviver, dando-se ênfase ao conhecimento do Brasil na perspectiva atual do seu desenvolvimento;
> c) nas Ciências, ao desenvolvimento do pensamento lógico e à vivência do método científico e de suas aplicações (BRASIL, 1971).

Nesse aspecto, foi de grande impacto, a promulgação da Lei 5.692/71, pois promoveu a reforma educacional, nos níveis de 1º e 2º graus e estabeleceu o ensino da disciplina de Educação Artística, alterando a estrutura dos currículos, deixando o modelo do ensino da arte pautado nas disciplinas de desenho, trabalhos manuais e música, e colocando esses saberes sob a alcunha da Educação Artística. Configurada como uma mudança no ensino da arte, a obrigatoriedade da disciplina da Educação Artística nos currículos escolares resultou em modificações na formação de professores para lecionar a nova disciplina, que agora precisariam de uma formação específica em nível superior, imposição essa colocada pela Lei 5692/71.

Entretanto, com o intuito de compreender as mudanças promovidas pela Lei 5692/71, por meio de um comparativo, na década anterior, a Lei nº 4024 de 1961, ficou treze anos em processo de discussão e tramitação, tendo sido anos de disputas de vários grupos de interesses políticos, ideológicos e econômicos na época. É importante salientar que, até então, o ensino de arte nas escolas pautava-se principalmente nos estudos de Desenho Geométrico, orientados pela referida Lei.

Barbosa (2013, p. 170) sustenta que, até então, "não tínhamos cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico". O ensino do Desenho Geométrico tinha a percepção voltada para a indústria ou ao trabalho manual decorativo. Desta forma:

> Os manuais de desenho geométrico produzidos na virada para os anos 1960, momento anterior à Lei 5692/71, forneciam instruções de princípios de geometria, associada à ideia de artes decorativas, o que abre especial ênfase no desenho geométrico enquanto linguagem de escopo estético nas escolas, antes da entrada da Educação Artística nos currículos (CUNHA, 2015, p. 54).

A Lei nº. 4.024/61 no Título VIII - Da Orientação Educativa e da Inspeção, art. 62, previa a respeito do curso de formação de professores primários: "Art. 62. A formação do orientador de educação será feita em cursos especiais que atendam às condições do grau do tipo de ensino e do meio social a que se destinam[29]". (BRASIL, 1961).

Entre as disciplinas, na formação destes professores primários estavam, o português e a matemática, os estudos em música e canto, educação física, recreação e jogos, tendo ainda o desenho e as artes aplicadas que se repetiam nos três anos de

[29] Revogado pela Lei nº 5.692, de 1971.

curso. Desta forma, a formação do educador estaria sempre direcionada para esses assuntos, viabilizando a utilização das artes aplicadas também no ensino primário. A partir de 1961, para um conhecimento mais amplo, os termos utilizados eram ensino secundário, educação secundária, educação de nível médio ou ensino médio para o tipo de estudo que viria após o ensino primário. Nunes comenta a respeito dessa lei que:

> [...] constituiu-se na maior de todas as leis de equivalência surgidas desde meados dos anos cinquenta, pois permitiu a articulação, pelo menos teórica, entre todos os cursos de grau médio nos dois ciclos, o que valia para a transferência entre os cursos e para o ingresso no ensino superior (NUNES, 2000, p. 56).

Contrapondo as duas Leis, enquanto a Lei 4024/61 levou treze anos para ser promulgada, a Lei 5692/71 levou apenas treze meses para receber a sua promulgação, devido à ditadura civil-militar e seus interesses em fazê-la vigorar rapidamente (DAVIES, 1999). Na Lei 5692/71 prevalecia o ensino profissionalizante em função da grande demanda do período pela mão-de-obra e, nesse sentido, a importância na formação de mão-de-obra com intenção de impulsionar o crescimento econômico e o desenvolvimento do país.

Nesse aspecto, a Lei 5692/71 foi promulgada sete anos após a instituição da ditadura civil-militar, desta forma, sendo considerada como uma das últimas medidas de conformação do campo educacional à ideologia deste regime. Em outras palavras, significa que, de um lado, corresponde ao ajuste do sistema educacional, que compreende a escola, seus atores, e, por consequência, de conformação por parte dos alunos que tiveram que se adaptar a uma matriz em que pensar, refletir estaria fora de propósito no processo formador (CORRÊA, 2012).

A partir desse contexto, o entendimento da Lei 5692/71 coloca, de um lado, a Educação Artística que se tornou obrigatória, e de outro, o ensino do desenho que não teve sua obrigatoriedade no currículo escolar reafirmada, como mencionado anteriormente. Todavia, foi absorvido pela nova disciplina, por meio do ensino de Desenho Geométrico.

Analisando o § 2°, este afirma que se exige também Educação Física, Educação Artística, Educação Moral e Cívica, Programas de Saúde e Ensino Religioso, este último obrigatório para os estabelecimentos oficiais e facultativo para

os alunos (Resolução nº 8, de 1º dez. 1971, anexa ao Parecer n.º 853/71). O CFE desenvolveu inúmeros pareceres e resoluções, porém o Parecer nº 853/71 e a Resolução nº 8 foram considerados os mais importantes, justamente por fixar o núcleo-comum do currículo para 1º e 2º graus detalhando o fundamento do currículo na Lei e considerando conteúdos, diferenças, semelhanças que há num núcleo comum.

Por fim, a disciplina de Educação Artística substituiu o ensino de desenho na educação de 1º e 2 º graus, visto que, até então a profissão do professor da nova disciplina ainda não estava constituída. Anterior a essa exigência para o ensino das artes visuais, nas quatro últimas séries do 1º Grau, exigia-se o diploma de Professorado de Desenho, entre outros de currículo semelhante e mesma habilitação, que eram exigidos, inicialmente para o ensino do desenho (BARBOSA, 1978).

Considerada como um dos principais marcos legais na educação, a Lei nº 5.692/71, durante o período da ditadura civil-militar, oriunda do Decreto nº 66.600, de 20 de maio de 1970, do presidente Emílio G. Médici[30], criou o Grupo de Trabalho no Ministério da Educação e Cultura com o objetivo de: "[...] estudar, planejar e propor medidas para a atualização e expansão do Ensino Fundamental e do Colegial" (BRASIL, MEC, 1971b).

Essa lei modificou a estrutura anterior de ensino, na qual o curso primário e o antigo ginásio se tornariam um só curso, que se chamaria ensino de 1° grau, com duração de oito anos. Os cursos profissionalizantes existentes no ginásio foram extintos e o ensino de 1° grau, portanto, não ofereceria mais formação profissional, enquanto o 2° grau todo foi estruturado como profissionalizante.

Os anos de 1970 se caracterizavam pelas tendências tecnicistas e pela fragmentação do trabalho pedagógico. O termo "tecnicista"[31] não era utilizado neste período com o sentido de um ensino com excesso de técnica e com prejuízo à formação humana, como é entendido atualmente. A propósito, nos documentos do período essa palavra raramente é evidenciada, aparecem expressões como ensino

[30] Foi o 28º Presidente do Brasil, o terceiro do período da ditadura civil-militar brasileira, entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974, responsável pela promulgação da lei nº. 5692/71.

[31] Esse termo foi cunhado por teóricos, posteriormente ao período citado. Eles fizeram a crítica se referindo àquele período, como exemplo, segundo Saviani (2007), o paradigma tecnicista centrado nos conceitos de competências e habilidades se faz presente na organização e funcionamento das escolas, através do método de gerenciamento produtivo-industrial, que, por sua vez, tem como base a busca pela qualidade total.

técnico, tecnificação dos processos, mas, frequentemente, ao lado das palavras desenvolvimento e ciência (QUEIRÓS, 2014).

Naquele contexto, a arte é considerada como uma atividade de lazer[32], ainda não reconhecida como área de conhecimento, conforme o Parecer nº 540/77 do MEC:

> A educação artística não se dirigirá a um determinado terreno estético. Ela se deterá antes de tudo na expressão e na comunicação, no aguçamento da sensibilidade que instrumentaliza para a apreciação, no desenvolvimento da imaginação, em ensinar a sentir, em ensinar a ver como se ensina a ler, na formação menos de artistas do que de apreciadores de arte, o que tem a ver diretamente com o lazer – reocupação colocada na ordem do dia por sociólogos de todo o mundo e com a qualidade da vida (BRASIL, 1977).

É possível perceber a relação entre os currículos previstos para as licenciaturas em arte, pois:

> O Desenho era e continua sendo, sem qualquer dúvida, um poderoso elemento de educação e um imprescindível instrumento para um melhor desempenho do homem, em múltiplas circunstâncias. O ensino do Desenho, entretanto, por si só, não satisfaz à expectativa em relação à Educação Artística (BRASIL, 1977).

A respeito da Lei 5692/71, Barbosa (2012, p. 9) acrescenta que ela "estabeleceu uma educação tecnologicamente orientada que começou a profissionalizar a criança na sétima série, sendo a escola secundária completamente profissionalizante." Com as companhias multinacionais se instalando no país e adquirindo grande poder econômico durante o regime da ditadura civil-militar, havia uma enorme demanda pela mão de obra barata.

O artigo 5º da Lei 5692/71, que regulamentou a denominação como matéria, atividade, área de estudo e disciplina, a ser tomado nos referidos graus de ensino, esclarece sobre:

> As disciplinas, áreas de estudo e atividades que resultem das matérias fixadas na forma do artigo anterior[33], com as disposições necessárias ao seu relacionamento, ordenação e sequência, constituirão para cada grau o currículo pleno do estabelecimento (BRASIL, 1971b).

---

[32] A ideia de "educação estética", conforme consta no Parecer do CFE nº 540/77, é associada ao lazer.
[33] O Art. 4º fala que os currículos do ensino de 1º e 2º graus terão um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional.

O artigo 7º da referida Lei relata sobre a introdução da Educação Artística assim como de outras disciplinas:

> Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-lei no 869, de 12 de setembro de 1969. Parágrafo único. O ensino religioso, de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus. (BRASIL, 1971a).

Durante a década de 1970, por meio dessa lei, num primeiro momento foi instituída a disciplina de Educação Artística no contexto escolar e, num segundo, passou a ser necessária a formação superior com a finalidade de preparar professores para o ensino desta disciplina.

O Jornal *Diário da Tarde* de 1971 relata que foi dado o passo mais importante para a implantação da reforma do ensino no Paraná quando o Secretário da Educação e Cultura, Haroldo Carvalhido[34], entregou o anteprojeto para a Reforma Administrativa da SEC - Secretaria da Educação e Cultura, para o Governador do Estado, Haroldo Leon Peres[35], que foi executada em consonância com o Ato Constitucional nº 8 e com assessoramento do Ministério da Educação e Cultura (JORNAL *DIÁRIO DA TARDE*, 18 set. 1971, p. 5).

O mesmo jornal complementa que esse anteprojeto de decreto seria baixado pelo Governador do Estado e que foi acompanhado de exposição de motivos de seis páginas, composto de 29 artigos distribuídos em 26 páginas e mais seis anexos. O trabalho de Reforma Administrativa foi feito por uma equipe constituída pela SEC e foi examinado pela Assessoria Especial do Governo do Estado, com vistas à sua necessidade de rápida aprovação, em função da reforma do ensino, estabelecida pela Lei 5692/71, do Governo Federal que fez a previsão da reforma para o ano seguinte, de 1972.

A reforma tenciona três aspectos que foram considerados fundamentais, conforme o relato do Jornal *Diário da Tarde*:

> Compatibilização da estrutura orgânica da SEC com a do MEC, estruturação dos órgãos necessários ao atendimento da reforma do ensino, implantada

[34] Haroldo Souto Carvalhido, secretário no período de 15/03/1971 a 09/12/1971.
[35] Haroldo Leon Peres, Governador do Estado do Paraná de 15 de março de 1971 a 23 novembro de 1971, eleito indiretamente.

> pela Lei 5692/71 e a necessidade de ajustar a organização administrativa da SEC às exigências decorrentes da complexidade crescente da política educacional brasileira, dando assim melhores condições para financiamento educacional do Estado (JORNAL *DIÁRIO DA TARDE*, 18 set. 1971, p.5).

Essa nova perspectiva mantivera as diretrizes da Lei Federal nº. 200, que implantou idêntica reforma no serviço público federal, inclusive atendendo ao quesito de não aumentar as despesas. Desta forma, a reforma deveria ser vista como um instrumento que viabilizaria o alcance de objetivos mais amplos, como "a elevação da escolaridade média da população, a melhoria dos padrões educativos dos sistemas escolares e o equilíbrio entre a produção educacional e os requerimentos de recursos humanos do processo de desenvolvimento." (PARANÁ, 1971, p. 19).

Desta forma, se configurou a necessidade da criação do curso de Educação Artística, tendo em vista a exigência de formação deste novo profissional de arte, um professor dotado de uma nova prática pedagógica e novos conhecimentos, que pudesse suprir a nova demanda exigida naquele momento e instituída pela Lei 5692/71. Uma nova classe profissional surgiria para atender a demanda da disciplina de Educação Artística no contexto escolar de 1º e 2º graus, a partir da referida lei. Os cursos de formação de professores de arte se depararam então com um desafio: a proposição de novos conteúdos e formas de organização de seus currículos para o Ensino Superior, assim, foram inaugurados os primeiros cursos de Educação Artística em todo o Brasil, para habilitação da nova classe profissional, a do professor de arte com habilitação superior para lecionar.

Portanto, para compor esse estudo é necessário compreender como ocorreu o início do Curso de Educação Artística e Licenciatura em Desenho nas instituições selecionadas: EMBAP, UFPR e FAP, que ofertaram esse curso, primeiramente, para a formação de professores em nível superior, com ensino gratuito na cidade de Curitiba.

Os alunos formados neste curso estariam habilitados a trabalhar com a disciplina de Educação Artística. Conforme a nova lei, para atuação no ensino de 1º grau, da 1ª a 4ª série, os professores deveriam possuir a habilitação específica de 2º grau; aqueles que lecionassem para os níveis de 5ª a 8ª série, deveriam possuir a Licenciatura Curta; e para atuação no 2º grau, os docentes deveriam ter o diploma de Licenciatura Plena em Educação Artística.

A disciplina de Desenho se encontrava alocada no currículo do Curso Superior de Educação Artística e em Desenho, indicando, portanto, que a presença desse saber possuía o objetivo de contribuir para a formação do professor, que buscava esta habilitação para lecionar a disciplina Educação Artística nas escolas. Posto isto, é possível perceber a existência de um contexto de aprendizagem, em que o professor aprende um saber específico na universidade, para então compartilhá-lo na escola com os seus alunos.

Na FEMP, a licenciatura Curta possuía a duração de dois anos e dispunha de disciplinas nas áreas de desenho, artes plásticas, música, teatro e dança. A Licenciatura Plena com habilitação em Artes Plásticas dispunha das mesmas disciplinas. Silva e Vaz (2017) fazem um esclarecimento a respeito dos novos cursos:

> A partir da metade da década de 1970 paralelo à formação de bacharéis pela EMBAP, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP) passam a compor o sistema de ensino superior. Em sua origem, o curso de Educação Artística da UFPR tinha como objetivo formar professores de Educação Artística, inicialmente com licenciatura curta e posteriormente com licenciatura plena – que coincide com o período de abertura do primeiro vestibular da FEMP (SILVA; VAZ, 2017, p. 208).

Sendo assim, a UFPR implantou o Curso de Educação Artística em 1975:

> O curso de Educação Artística da UFPR teve seu início fixado pela Resolução 42/75, do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade. A comissão constituída por professores do Departamento de Artes, baseou-se no Parecer 1.284/73 do conselheiro Valnir Chagas, membro do Conselho Federal de Educação. Tratava-se, então, de um curso de licenciatura de curta duração voltado para o ensino de 1º Grau, o qual integralizava 1.650 horas, completadas, no mínimo, em 3 períodos, ou seja, um ano e meio; e, no máximo, em 8 períodos, ou seja, quatro anos. Após três anos de funcionamento e levando em consideração o Parecer 3.470/77 do Conselho Federal de Educação, o Curso de Educação Artística teve o seu reconhecimento concedido pelo Decreto 81.271/78 (UFPR, 2007, p. 8-9).

A EMBAP passou a ofertar o Curso de Licenciatura em Desenho em 1973, havendo ofertado anteriormente apenas cursos de bacharelado em arte. No caso da FEMP-FAP ofertou-se o Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas a partir do ano de 1976, que como mencionado anteriormente, derivou da adaptação do currículo do CAPE para um curso de nível superior.

A composição das disciplinas para o primeiro currículo mínimo de Educação Artística, vale lembrar, é um produto da lei de reforma educacional da década de 1970,

formulada pelo Ministério da Educação e Cultura no governo mediante a ditadura civil-militar. Sua concepção ocorreu em meio a disputas e embates por parte dos artistas e educadores do período, em função do ensino da arte.

O novo Curso de Licenciatura em Educação Artística demandou um currículo que organizasse as disciplinas com suas áreas de conhecimento específicas em arte e pedagógicas para o ensino da arte, que seriam ministradas pelos professores munidos destes conhecimentos. “A articulação e a integração desses estudos é o principal problema, pois estamos tratando de níveis e campos diferentes de construção social” (GOODSON, 2003, p. 78).

Nesse aspecto, o currículo é um conjunto de interesses políticos, ideológicos e econômicos que se efetivam numa ação educativa. É preciso que ele seja entendido como parte do campo educacional e assim percebido como um espaço social que possui sujeitos que interagem entre si e estabelecem relações ou oposições acerca do mesmo objeto. Como base, os documentos oficiais permitem tomar conhecimento de como as disciplinas foram organizadas no currículo, tarefa essa executada pelo MEC[36].

Assim, tendo em vista o objeto desta dissertação, a trajetória da disciplina de Desenho a partir de sua análise, como componente do currículo do curso de licenciatura em Educação Artística e Desenho, foi direcionada a investigação para as três instituições de ensino superior curitibanas, que se propunham a promover o ensino gratuito e que foram as primeiras a formar professores de arte com nível superior. Os tópicos a seguir têm o objetivo de contextualizar estas instituições, quanto à sua fundação e constituição e, em seguida, fornecer dados acerca do início do Curso de Licenciatura em Educação Artística e Artes Visuais em cada uma delas, apresentando por fim os currículos dos cursos.

1.3 O Desenho na Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP e o início do curso de licenciatura em Desenho

[36] Órgão é responsável pela edição de Pareceres e Resoluções que orientam a elaboração das matrizes curriculares por cada instituição, o que irá se refletir na grade curricular de cada curso de graduação. Portanto, referindo-se ao plano mais abrangente dessa orientação, sua definição é executada pela esfera federal do governo, através do Ministério da Educação. O propósito é que exista uma uniformidade no ensino em todo território nacional.

A Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP correspondia a um estabelecimento de ensino superior estadual e que ofertava cursos nas áreas de música e artes, situada na cidade de Curitiba. Optou-se por realizar a investigação nesta instituição pelo fato de esta ofertar, diferentemente das outras duas instituições, o Curso de Licenciatura em Desenho, na década de 1970.

A EMBAP foi fundada em 1948, por meio da Lei Estadual nº 259 de 03/10/1949, sendo reconhecida pelo Decreto nº. 30.474/54 do Conselho Federal de Educação, a partir de 22/12/1954. O movimento a favor da criação da EMBAP surgiu na Sociedade de Cultura Artística Brasílio Itiberê, recebendo imediatamente apoio da Academia Paranaense de Letras, do Círculo dos Estudos Bandeirantes, do Centro de Letras do Paraná, do Centro Feminino de Cultura, da Sociedade de Amigos Alfredo Andersen, do Instituto da Educação e do Colégio Estadual do Paraná (EMBAP, 1993, p. 5).

A estruturação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná foi composta pela definição do currículo, que buscou exemplos nas instituições congêneres nacionais, como o caso da Escola Nacional de Belas Artes - ENBA, pela organização do espaço físico e pela seleção de professores (TORRES, 2017).

Sendo assim, a divisão de Artes Plásticas ofertava, inicialmente, os cursos superiores de Pintura e, mais tarde, Escultura e Gravura, todos bacharelados. Sua cultura artística era justificada por ser uma das mais conceituadas escolas superiores do Paraná, como fica claro nesse comentário publicado no jornal *O Dia:*

> [...] O ano letivo da Escola de Belas-Artes, encerrou desta forma, primorosamente, as suas atividades de ensino, e os alunos puderam demonstrar reais aproveitamentos, documentando assim a vantagem duma escola de arte. Semelhante estabelecimento de instrução superior já fez muita falta nestes últimos tempos, até que o Governador Moysés Lupion, compreendendo a necessidade de cultura artística para os seus governados, criou, há um ano, a Escola de M. e B. A. do Paraná (FREYESLEBEN, *O Dia*, 1948, p. 38).

Essa cultura artística vinha de uma tradição que se fazia presente no currículo da ENBA, a qual fundamentou a estrutura escolhida pela EMBAP para adoção. Foi uma estrutura de ensino, que refletia nas disciplinas e em seus conteúdos, sendo que era explicitada na formação dos professores e suas concepções de arte, e ainda na maneira como cada professor conduzia suas aulas.

Os trabalhos para a organização da escola foram confiados ao professor Fernando Côrrea de Azevedo que viajou por diversos lugares a fim de estudar a estrutura de entidades similares, visando a adotar modelos que já tivessem sido experimentados. Nesse aspecto, visitou a Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, a Escola de Desenho da Associação de Artistas Brasileiros, a Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, o Conservatório Dramático Musical de São Paulo, a Escola de Belas Artes de Niterói e, por fim, o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (EMBAP, 1993, p. 5).

FIGURA 1 - SEDE EMBAP

FONTE: Arquivo Embap -
Sede Embap Rua Emiliano Perneta – 1993

Com o resultado dos debates desenvolvidos por um grupo de intelectuais, decidiu-se pela redação de um memorial solicitando a criação da EMBAP, o qual foi levado em mãos ao governador Moisés Lupion, que se comprometeu a encaminhar o processo à Assembleia Legislativa e, na sequência, contribuir para a instalação imediata da escola (TORRES, 2017).

Porém, foi por meio da Lei nº. 259 que a Assembleia Legislativa tornou oficial a Escola de Música e Belas Artes do Paraná, embora esta já estivesse em atividade

desde a data de 17 de abril de 1948, na sua primeira sede na Rua Emiliano Perneta, nº 50. Nesse endereço, a EMBAP permaneceu por três anos, mudando-se então para o nº 179 da mesma rua (EMBAP, 1993, p. 5).

A criação do Curso de Licenciatura em Desenho ocorreu em 15 de dezembro de 1973, por meio do Decreto Federal nº 21.923/51, e seu reconhecimento se deu em 21 de maio de 1979, pelo Decreto nº 83.473/79. O curso possuía a duração de 4 anos, com um total de 2.910 horas e tinha como objetivo a formação de profissionais para a atuação no magistério, promovendo uma visão abrangente sobre teoria, história e prática artísticas. O registro do MEC habilitava o profissional para a atividade como professor nas disciplinas Desenho, Expressão em Volume, Geometria Descritiva, História da Arte e Estética, Perspectiva e Iniciação às Artes Industriais (EMBAP, 1993).

A Licenciatura em Desenho também visava no seu ensino a questão do desenho geométrico e geometria com as disciplinas correspondentes. Ainda assim, o objetivo era o de formar profissionais para a atuação no magistério, promovendo uma visão abrangente sobre teoria, história e prática artísticas. Esse fato levanta uma hipótese interessante, do porquê de a EMBAP ter iniciado ofertando a Licenciatura em Desenho e não a Licenciatura em Educação Artística, como a maioria das Instituições de Cursos Superiores de arte no Brasil daquele período.

Antes da criação da Licenciatura em Desenho, os professores eram bacharéis formados pela EMBAP e a titulação em licenciatura era obtida por meio de um curso complementar de um ano, na Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba[37], depois de concluído o curso de bacharel na EMBAP. A partir da existência desse curso é plausível considerar a possibilidade de que a EMBAP tenha optado pela criação de uma Licenciatura em Desenho para dar continuidade a um curso que já existia.

Mesmo ofertando o Curso de Licenciatura em Desenho, específico para a formação do professor de Desenho, a EMBAP mantinha a sua tradição de formação de artistas, pois era:

> Uma faculdade voltada para o ensino das artes tem, obviamente,

[37] Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba criada em 05 de agosto de 1950, (FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE CURITIBA, Ata da sessão de fundação da Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba realizada no dia 05 ago. 1950. Livro 1, p. 1-2). Mais tarde passando a ser chamada de Faculdade Católica de Filosofia do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

> características e necessidades próprias que precisam ser adequadas dentro de um contexto educacional. A Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP vive atualmente uma fase de renovação sem, contudo, perder estas mesmas características que lhe são fundamentais e justificam a sua razão de ser. A EMBAP, atualmente com cerca de mil alunos e cem e quarenta professores, busca continuamente aprofundar e intensificar o ensino, a pesquisa e a extensão. Para a EMBAP, que desenvolveu tantos mestres e artistas, a preparação de novos artistas em nível superior possibilitará a continuidade desse processo (EMBAP, 1993, p. 1).

Nesse aspecto, a partir da análise do Regimento da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, no capítulo V, que se dedica a detalhar os departamentos da instituição, são citadas as disciplinas de Desenho Artístico e Desenho de Modelo Vivo, fazendo parte, portanto, do Departamento de Desenho.

Esse fato é justificado, uma vez que os currículos dos Cursos de Artes Plásticas da EMBAP foram elaborados com base na Escola Nacional Belas Artes - ENBA[38], tendo como apoio as suas experiências pedagógicas. Sendo assim:

> Todas as modalidades de ensino da ENBA, no currículo de 1946, mantinham uma forte carga de desenho. No Curso de pintura da EMBAP, o desenho estava presente nos quatro anos por meio da disciplina de Desenho do Gesso e do Natural no primeiro e segundo anos, e da disciplina de Desenho de Modelo Vivo nos terceiro e quarto anos (TORRES, 2017, p. 170).

Nesse sentido, o Curso de Pintura foi o primeiro Curso de Artes Plásticas da EMBAP e foi elaborado a partir das experiências pedagógicas das Escolas de Belas Artes de nível superior de São Paulo e Rio de Janeiro, somados às experiências particulares de arte que estavam ativas em Curitiba no mesmo período. No processo de seleção dos professores, foram considerados os capitais cultural e simbólico, evidenciados pelo currículo e, sobretudo, pelos destaques nos campos da arte e da cultura. No primeiro ano do Curso de Pintura, os alunos tiveram as disciplinas Desenho de Gesso, ministrada por Estanislau Traple; Modelagem com João Woiski; Desenho Geométrico, lecionado por Oswald Lopes e Composição Decorativa, conduzida por Guido Viaro. Nos anos subsequentes foram contempladas as disciplinas de Desenho de Gesso e Natural, Composição Decorativa, Geometria

[38] Inicialmente chamada de Escola Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, em outubro de 1820. No entanto em 1826 passou a ser chamada de Academia Imperial de Belas Artes - AIBA e mais tarde sendo modificado seu nome para Escola Nacional de Belas Artes – ENBA. “A instituição de ensino da arte mais antiga do Brasil carregou no decorrer de sua trajetória o peso da tradição. Isso se deu inicialmente pela adoção do ensino acadêmico europeu e posteriormente pela manutenção das práticas pedagógicas, embora tenham ocorridas várias reformas estruturais” (TORRES, 2017, p. 165).

Descritiva, Arquitetura Analítica, Anatomia e Fisiologia, Pintura, Desenho de Modelo Vivo, Perspectivas e Sombras, Modelagem, História da Arte e Estética. Muitas dessas disciplinas vieram a compor o currículo do Curso de Licenciatura em Desenho (BITTENCOURT, 2008).

Dos anos de 1970 aos anos de 1980 estão relacionados os professores e as disciplinas que lecionavam, sendo possível observar as Disciplinas História da Arte e Estética, que se tratavam de disciplinas com conteúdos estritamente teóricos e não abordavam o desenho, todavia as disciplinas Desenho do Modelo Vivo, Desenho do Gesso e Natural e o Desenho Geométrico eram direcionadas para a prática do desenho. Tais disciplinas eram ministradas tanto na Licenciatura em Desenho quanto nos outros cursos de bacharelado, disponíveis na instituição (Quadro 1).

QUADRO 1 - LISTAGEM DE PROFESSORES X DISCIPLINAS – EMBAP 1970-1980

DISCIPLINA	PROFESSOR
Modelagem	Adolph David
Desenho do Modelo Vivo	**João Osório Brzezinski**
Desenho do Gesso e Natural	**Thomaz Wartelsteiner**
Desenho Geométrico	**Amaury de Ribeiro**
Composição	Ivens Fontoura
Geometria descritiva	**Orlando S. Pereira**
Pintura da Paisagem	Luis Carlos Andrade Lima
Pintura de Natureza Morta	Leonor Botteri
Arquitetura analítica	Fernando Carneiro
História da Arte e Estética	Adalice Araújo
Pintura da Figura Humana	Fernando Calderari
Gravura	Fernando Calderari

FONTE: Quadro adaptado da Listagem de professores e disciplinas – Arquivo Morto EMBAP 1970-1980.

Dentre a relação de professores (QUADRO 1) havia artistas e alguns possuíam a sua formação em Pintura pela EMBAP, como Adalice Araújo, Fernando Calderari, Ivens Foutoura e João Osório Brzezinski.

No Curso de Licenciatura em Desenho, a maioria das disciplinas eram voltadas à prática do Desenho, conforme o Quadro 2:

QUADRO 2 - GRADE CURRICULAR DE LICENCIATURA EM DESENHO - 1993 - EMBAP

	DISCIPLINAS	**C/H**
1ª Série	**Desenho I**	**90**
	Desenho Geométrico	**90**

	Expressão em Volume I	90
	Geometria Descritiva I	**90**
	História da Arte e Estética I	90
	Composição e Plástica I	90
	Expressão em Superfície I	90
	Expressão em Superfície e Técnicas de Desenho	**120**
	Teoria da Cor	60
	Antropologia Cultural	60
2ª Série	Análise e Exercício de Materiais Expressivos	90
	Composição e Plástica II	60
	Desenho II	**90**
	Expressão em Volume II	90
	Geometria Descritiva II	**90**
	História da Arte e Estética II	90
	Introdução à Metodologia Científica	60
	Perspectiva I	**90**
	Técnicas de Pintura	120
3ª Série	**Desenho III**	**90**
	Desenho Técnico	**90**
	Didática Geral I	60
	História da Arte e Estética III	60
	Iniciação às Técnicas Industriais	120
	Matemática Aplicada - Complementos de Matemática	60
	Perspectiva II	**90**
	Psicologia da Educação	90
	Prática de Ensino (Estágio Supervisionado Profissionalizante)	120
4ª Série	Análise Gráfica	60
	Desenho IV	**90**
	Didática Geral II*	60
	Estrutura e Funcionamento de Ensino Fundamental e Médio	60
	Ética (Deontologia)	60
	História da Arte e Estética IV	60
	Técnicas de Composição Industrial	60
	Teoria da Arte Educação	90
	Oficina de Artes Industriais (Organização e Direção)	30
	Noções de Economia Industrial	30
	Prática de Ensino II (Estágio Supervisionado Profissionalizante)	240
Carga Horária Total do Curso: 3.150 horas		
***Pré-requisito (ingressantes a partir de 2006) ** Pré Requisito Didática I e Prática de Ensino I**		

FONTE: - Quadro adaptado da Grade Curricular de Licenciatura em Desenho – Arquivo EMBAP – 1993.

As disciplinas que integravam a Grade Curricular da Licenciatura em Desenho

eram divididas em disciplinas teóricas, como História da Arte e Estética, Psicologia da Educação, Teoria da Arte Educação e Antropologia, que eram responsáveis pela formação teórica e cultural do licenciado em Desenho. A disciplina de Ética (Deontologia) trabalhava com questões fundamentais para o altruísmo e convivência entre as pessoas, necessários ao bom profissional. As disciplinas pedagógicas centravam-se mais nos 3º e 4º anos do curso e a disciplina Introdução à Metodologia Científica, no 2ª ano, evidenciava uma preocupação com a formação pedagógica do futuro professor. As disciplinas técnicas demonstravam o interesse em formar o aluno com consistência técnica. O curso totalizava 3.150 horas (BITTENCOURT, 2008).

As disciplinas com conceitos e práticas do Desenho já faziam parte do Curso de Pintura. No primeiro e segundo anos havia a disciplina “Desenho de Gesso e Natural” e no terceiro e quarto anos “Desenho de Modelo Vivo”. Nesse sentido, havia também na composição das disciplinas, no segundo ano, a disciplina “Perspectiva e Sombras” que também estava relacionada ao ensino do desenho.

Na EMBAP havia uma preocupação no início de “identificar a presença dos professores-fundadores no meio artístico local e nacional e mapear suas produções até o momento em que foram indicados para compor o quadro de docentes, entre os anos de 1947 e 1948” (TORRES, 2017, p. 174). Para a seleção inicial de professores da EMBAP consideravam-se a origem, a formação artística, a experiência em docência, participações no campo da arte, sendo que estas categorias apontam a conquista de “capitais simbólico, cultural e social no meio artístico paranaense” (TORRES, 2017, p. 178).

A cultura acadêmico-docente é uma combinação de crenças e mentalidades, hábitos e práticas. Consiste em formas de fazer as coisas assumidas por comunidades de professores que enfrentam demandas e limitações semelhantes ao longo de muitos anos (VIÑAO FRAGO, 2000).

Essa cultura pode ser constatada, com a criação da Licenciatura em Desenho, contando com disciplinas como Desenho de Gesso e Natural, Desenho de Modelo Vivo e Geometria Descritiva, disciplinas que passaram a integrar a grade curricular da Licenciatura em Desenho. Na disciplina Desenho do Gesso ou Natural são usadas peças de gesso para exercícios de cópias, em que os desenhos vão de um claro para um escuro sutil. Essas peças escultóricas eram compostas de modelos de gesso e

cópias de originais gregos e romanos[39] que expressam um modelado suave por conta de seu acabamento alvo e polido, e a luz que incide sobre o branco das peças acaba por promover um claro escuro discreto, proporcionando um bom meio para se estudar a percepção dos brancos.

Assim, entravam os exercícios com luz e sombras. Isto porque, ao forçar o aluno a perceber estes brancos sutis, proporcionava-se a percepção complexa do claro e escuro, desde o ponto mais luminoso, passando pelos brancos acinzentados ou os cinzas médios, até chegar ao ponto mais escuro. Ademais, há também a questão das poses clássicas nas quais são ilustradas as torções do corpo, o contrapeso, a ênfase dos músculos tensionados, contrastados muitas vezes com partes relaxadas. Essa cultura perpetuou-se ao longo dos anos de ensino na EMBAP, por meio de práticas, perpassando dos professores aos alunos que ali estudaram.

[39] O ensino acadêmico da Academia Imperial de Belas Artes tinha como um de seus objetivos a compreensão da tradição clássica, através dos métodos de ensino de desenho. Assim, anterior ao estudo do Desenho de Modelo Vivo, havia o processo pedagógico exercitado através do estudo do desenho, que compreendia as cópias de estampas metodológicas, seguidas da cópia dos gessos.

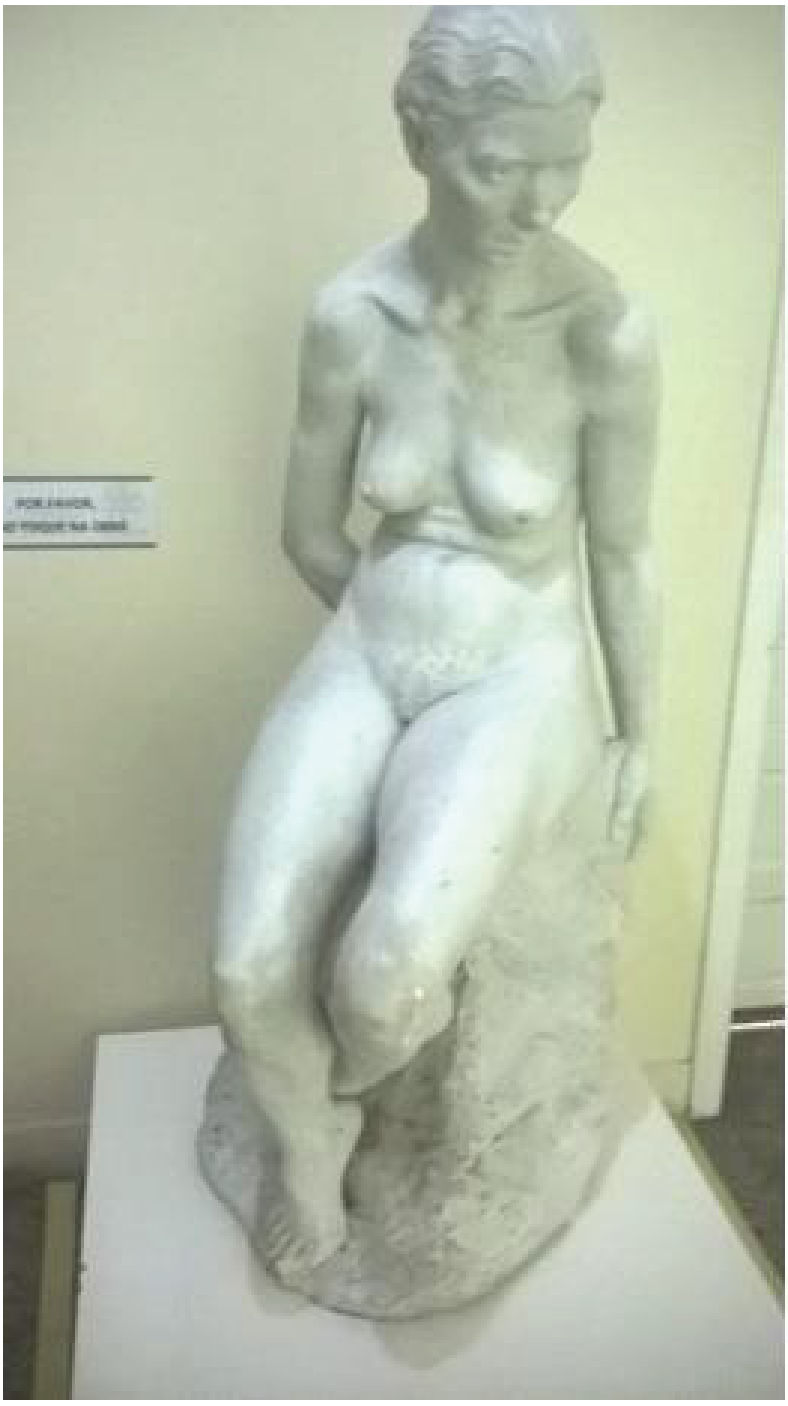
FIGURA 2 - BUSTO DE GESSO - EMBAP

FONTE: Acervo Artístico – EMBAP – 198-?

FIGURA 3 - AULA DE DESENHO COM FIGURA MEIO CORPO DE GESSO: LUZ E SOMBRA - EMBAP

FONTE: Acervo de Artístico – EMBAP – 198-?

FIGURA 4 – ESCULTURA ARMANDO SCHANNOR – EMBAP



FONTE: Acervo de Artístico – EMBAP – 1936

Nessa perspectiva, o ensino do desenho na EMBAP, com base nos exercícios da figura humana ou modelo vivo praticados nas aulas, possuía uma aproximação com a arte no Renascimento e o desenho instaurado a partir deste período que viabilizou a descrição racional do espaço e a representação do corpo humano de

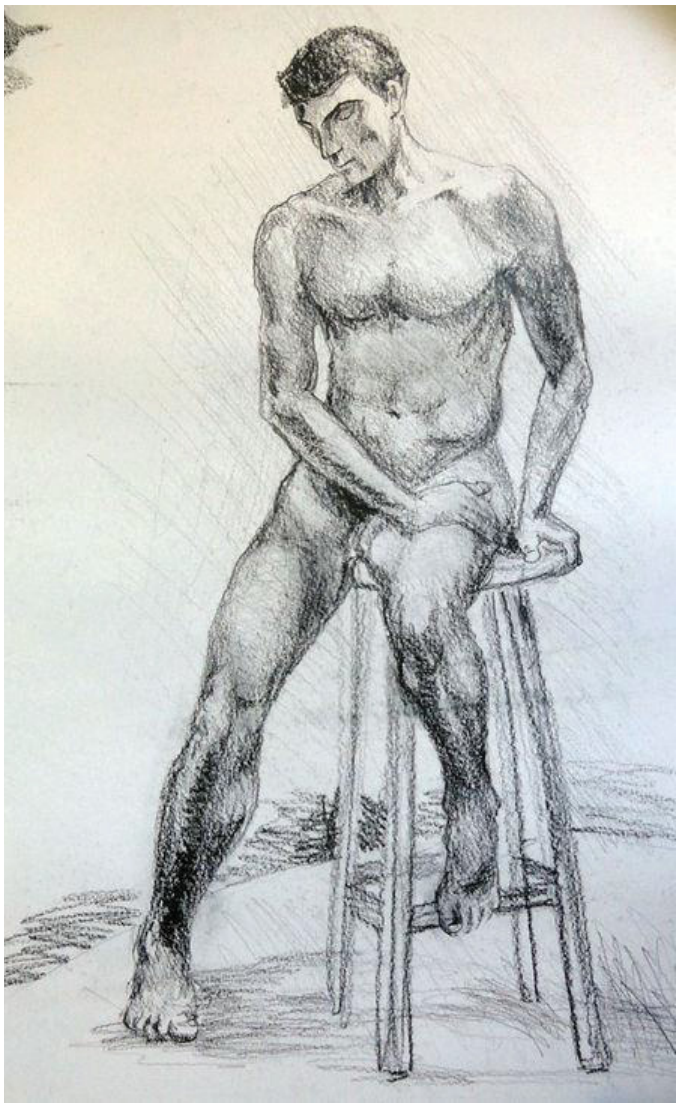
forma naturalista por meio da observação anatômica (HAUSER, 2000).

Sendo assim, pode-se inferir

> Como agregadoras de todas as artes, as Academias de Belas Artes trouxeram para o seu quadro disciplinar todo o saber em Desenho que já se articulava nos espaços educativos voltados para o desenvolvimento de habilidades artísticas para a profissionalização dos produtos fabris" (TRINCHÃO, 2008, p. 140),

Portanto, nesse aspecto, a tradição das belas artes possui uma proximidade maior no que diz respeito à construção do currículo da EMBAP e os conteúdos da disciplina de Desenho.

FIGURA 5 - EXERCÍCIO COM MODELO VIVO – EMBAP



FONTE: Arquivo EMBAP – 198-?

Entretanto, é importante ressaltar que os exercícios de desenho, baseados nas cópias das estampas e das peças de gesso, fazem parte do acervo[40] da EMBAP e correspondem a exercícios de imitação, em oposição aos exercícios de modelo vivo, em que se desenvolve, dentre outras coisas, a interpretação do modelo. A última etapa era o desenho à frente do modelo vivo, sendo a etapa mais importante e demorada, pois o aluno deveria perceber plenamente as formas do corpo, a sua realidade, a sua carnação, a sua vida.

Como exemplo, pode ser citado o desenho de representação, em que sobressaem a análise e a observação. Entretanto, no desenho de expressão artística, a imaginação exige a problematização constante de relações espaciais, métricas, geométricas, destacando-se dentro do processo criativo, o ensaio, a experimentação e a interrogação de conteúdos significativos (SILVA, 2010).

Nos anos de 1990, no currículo do curso de Licenciatura em Desenho, havia as disciplinas de Desenho de Observação I e II, Desenho Técnico, Desenho Construtivo e Expressão em Superfície e Técnicas de Desenho.

A disciplina de Desenho Construtivo abordava temas como desenho de observação e desenho de criação. Já as disciplinas de Desenho de Observação I e II objetivavam desenvolver no aluno o senso de observação, percepção espacial, criatividade e destreza manual. A disciplina Expressão em Superfície e Técnicas de Desenho tinha por objetivo o estudo das técnicas e as possibilidades gráficas dos materiais. Em seu conteúdo programático constava o trato com os seguintes materiais: grafite, carvão, sanguínea e pastel seco, esferográfica, bico de pena (tinta nankin) e o desenho a pincel (tinta nankin aguado). As aulas eram compostas por exercícios de observação do modelo vivo com o emprego de diversas técnicas e materiais.

Os ementários da disciplina de Desenho expressavam seus conteúdos e recebiam o nome de “Plano de Curso”, sendo divididos em quatro disciplinas: Desenho I, II, III e IV, para a Licenciatura em Desenho. Pôde ser constatado, apesar da modificação dos nomes das disciplinas, que suas estruturas se mantiveram, sendo de tal forma atualizadas a datar dos anos 2000.

---

[40] O acervo Artístico da Embap possui, na categoria escultura, um conjunto de esculturas em gesso e placas de gesso baixo relevo ou alto relevo. Tem Gessos de João Turin, Zaco Paraná, Oswald Lopes e de alunos desconhecidos.

QUADRO 3 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO I – EMBAP

PLANO DE CURSO
DEPARTAMENTO DE: DESENHO E GRAVURA DISCIPLINA: DESENHO I CURSO: LICENCIATURA EM DESENHO SÉRIE: 1ª. CARGA HORÁRIA: 90 HORAS PROFESSOR RESPONSÁVEL: LÍGIA BEATRIZ NOCERA[41]
1. EMENTA Desenho de observação Forma: Percepção Estrutura Ritmos/linha e volume
2. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO Colocação de ponto Colocação de linha – características Plano: Volume, luz. Valores: Textura Volume Movimento Luz: Claro / escuro Sombra Forma: Contorno Transparências Superposição etc. Diversificação de materiais: Grafite Nankim Hidrográfica Giz de cera Pastel Carvão.
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: Aulas teóricas expositivas, trabalhos práticos de conteúdo dirigido.
4. RECURSOS (didáticos e/ou materiais) Diversificação no uso do material na prática do desenho.
5. SISTEMA DE AVALIAÇÃO (forma, periodicidade, critérios) Forma: análise dos trabalhos executados em classe além de um trabalho específico de avaliação ao final de cada bimestre. Periodicidade: quatro avaliações bimestrais / ano. Critérios: análise individual de trabalhos bimestrais além dos executados em classe.

[41] Professora com Vínculo institucional com a EMBAP desde 1994: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Pesquisa e Desenvolvimento, Carga horária: 40, Regime: Dedicação exclusiva. Fonte: Plataforma Currículo Lattes – CNPQ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Essa informação permite estimar as ementas da disciplina de Desenho da Licenciatura em Desenho da EMBAP.

6. BIBLIOGRAFIA DE APOIO E/OU REFERÊNCIA: PENTEADO, Onofre. Desenho estrutural. MUNARI, Bruno. *Diseño y Comunicacion Visual*. Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, S.A. SAUSMAREZ, Maurice De. *Desenho Básico*. São Paulo, Martins Fontes.
7. ASSINATURAS: Professor responsável: Lígia Beatriz Nocera Chefe de Departamento: Roberto Antonio Pitella Junior

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Curso - Disciplina de Desenho I – Arquivo EMBAP – 200-?.

QUADRO 4 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO II – EMBAP

PLANO DE CURSO DISCIPLINA: **DESENHO II** CURSO: LICENCIATURA EM DESENHO SÉRIE: 2ª. CARGA HORÁRIA: 90 HORAS
1. EMENTA O desenho na Contemporaneidade Desenho de observação: fundamentos da representação pelo desenho Análise de produções
2. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO Concepções contemporâneas do desenho. Desenho de observação: volume, iluminação e proporção. Desenho enquanto representação, imaginação e memória. Relação entre desenho e cor. Desenho de observação de figura humana. Percepção entre superfície e espaço. Experimentações de suportes e materiais gráficos.
3. OBJETIVOS: 3.1 Desenvolver a experiência artística, buscando o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a técnica empregada. 3.2 Oferecer elementos para a compreensão da história do desenho. 3.3 Possibilitar o domínio dos fundamentos estéticos e técnicos do desenho. 3.4 Experimentar e desenvolver a linguagem do desenho.
4. METODOLOGIA: Aula expositiva sobre conceitos, técnicas e expressividade do desenho. Apresentação de artistas que se destacaram com produção em desenho. Exercícios práticos na linguagem do desenho. Pesquisa, análise e discussão sobre a produção artística em desenho.
5. RECURSOS (didáticos e/ou metodológicos) Livros e revistas de arte, projetor de slides, papel (de diferentes qualidades), grafite, carvão, nanquim e riscantes variados; modelos variados.
6. SISTEMA DE AVALIAÇÃO Os alunos serão avaliados processualmente, a partir de sua produção e de reflexões sobre o processo de criação.
7. BIBLIOGRAFIA: ARCHER, Michael. *Arte contemporânea:* uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 2002. DERDYK, Edith (Org). *Disegno, Desenho, Desígnio*. São Paulo: Senac, 2007.

FRAGOSO, Suely. *O espaço em perspectiva*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
LAGNADO, Lisette. *Leonilson: são tantas as verdades*. São Paulo: DBA / Companhia Melhoramentos, 1998.
LANCRI, Jean. *Colóquio sobre metodologia de pesquisa em Artes Plásticas na universidade.* In: BRITES, Bianca; TESSLER, Eida (Org). O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
LICHTENSTEIN, Jacqueline (Org). *A pintura.* Volume 9: o desenho e a cor. São Paulo: Editora 34, 2004.
PASSERON, René. Da estética à poética. *Porto Arte*. Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 103-116, nov. 1997.
MARQUES, Maria Eduarda. Mira Schendel. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. *Ensino do desenho:* do artífice/artista ao desenhista auto-expressivo. João Pessoa: UFPB, 2010.
SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
_____. *Redes de criação:* construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.
_____. *Arquivos de criação:* Arte e curadoria. Vinhedo: Horizonte, 2010.
TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Curso - Disciplina de Desenho II - Arquivo EMBAP – 200-?.

QUADRO 5 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO III – EMBAP

PLANO DE CURSO

DEPARTAMENTO DE: DESENHO E GRAVURA
DISCIPLINA: **DESENHO III**
CURSO: LICENCIATURA EM DESENHO
SÉRIE: 3ª.
CARGA HORÁRIA: 90 HORAS
PROFESSOR RESPONSÁVEL: ALLAN SOSTENIS HANKE

1. EMENTA
   Fundamentos do desenho como meio de representação e expressão.

2. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade I – Desenho de observação, imaginação e memória dos objetos do cotidiano.
- Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho.
- Valores gráficos do desenho.
- Perspectiva artística e volumetria.
- Síntese e análise
- Plano e espaço.

Unidade II – O desenho da figura humana – a cabeça.
- Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho.
- Volume e proporções.
- Plano e superfícies da face.
- Estudo dos elementos: boca, olhos, nariz etc.
- Construção dos volumes a partir dos planos.

Unidade III – O desenho da figura humana – o tronco
- Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho.
- Volume e proporções.
- Plano e superfícies do tronco.

- Estudo dos elementos: quadril, pelve, ombros, etc.
- Construção dos volumes a partir dos planos.

Unidade IV – O desenho da figura humana – Os membros

- Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho.
- Volume e proporções.
- Plano e superfícies dos membros.
- Estudo dos elementos: braço, antebraço, mão, pernas, pé, etc.
- Construção dos volumes a partir dos planos.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS:
   Aula coletiva com atendimento individual dos alunos.

4. RECURSOS (didáticos e/ou materiais)
   Emprego de modelo vivo e objetos utilizando técnicas de desenho variadas.
   Leitura obrigatória de textos de apoio e eventual utilização de recursos áudio visuais.

5. SISTEMA DE AVALIAÇÃO (forma, periodicidade, critérios)
   Forma:
   - Avaliação da produção acadêmica de modo individual.
   - Provas práticas e teóricas (objetivas e subjetivas).
   - Monografias feitas individualmente ou em equipe (eventual).
   - Frequência e participação.

   Periodicidade:
   - Diariamente através da produção acadêmica e doméstica.
   - Prova prática e teórica bimestral de acordo com o calendário letivo.

   Critérios:
   - Notas de 0 (zero) até 10 (dez).
   - Qualidade e produtividade.

6. BIBLIOGRAFIA DE APOIO E/OU REFERÊNCIA:

SCOTT, Robert Gillan. *Fundamentos del deseño*. Buenos Aires. Victor Leru, 1962.

BRO, Lu. *Wie lerne ich Zeichen*. Köln: Dumont, 1983.

HOVING, Thomas. Two Worlds of Andrew Wyeth*. A conversation with Andrew Wyeth*. Editora: Houghton Mufflin, 1978.

PARRAMÓN, José M. *El Gran Libro Del Dibujo*. Editora: Parragón Ediciones, sª. Barcelona: Parragón, 1990.

MARTINS, Itajahy. *Desenho Arte e técnica*. Editora: Fundação Nestlé de Cultura. São Paulo: Fundação Nestlé de Curitiba, 1992.

PRISCILLA, Louis. *Basic Drawing*. Editora: Grayson Publ. New York: Grayson, s/d.

VANDERPOEL, J. H. *O desenho da figura humana.* 2ª edição. Editora: Parma – São Paulo: Parma, s/d.

HEYES, Colin. *Guia completo de pintura Y dibujo*. Técnicas e materiales. Editora: H. Blume – Oxford: H. Blume Ed., 1978.

SIMPSON, Ian. *The enciclopédia of drawing techniques*. Editora: Headline – London: headline, 1994.

VELLANI, F. *Cous de dessin et de pinture*. Editions de Vecchi – Paris: Editions de VECCHI, 1997.

VANDERPOEL, John V. *The human figure*. Editora: Dover – New York: Dover, 1958.

COLE, Rex Vicat. *Perspective for artists*. Editora: Dover – New York: Dover, 1976.

HOGARTH, Burne. *O desenho da figura humana sem dificuldade*. Editora: Evergreen – Köln: Evergreen, 1998.

_____. *Luz e sombra sem dificuldade.* Editora: Evergreen – Köln: Evergreen, 1999.

_____. *O desenho da cabeça humana sem dificuldade*. Editora: Evergreen – Köln: Evergreen, 1998.

_____. *O desenho anatômico sem dificuldade*. Editora: Evergreen – Köln: Evergreen, 1998. GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto*. Editora: Escrituras – São Paulo: Escrituras, 2000.
7. ASSINATURAS: Professor responsável: Allan Sostenis Hanke Chefe de departamento: Roberto Antonio Pitella Junior

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Curso - Disciplina de Desenho III - Arquivo EMBAP – 200-?

QUADRO 6 - PLANO DE CURSO - DISCIPLINA DESENHO IV – EMBAP

PLANO DE CURSO DEPARTAMENTO DE: DESENHO E GRAVURA DISCIPLINA: **DESENHO IV** CURSO: LICENCIATURA EM DESENHO SÉRIE: 4ª. CARGA HORÁRIA: 90 HORAS PROFESSOR RESPONSÁVEL: LÍGIA BEATRIZ NOCERA
1. EMENTA Interpretação volumétrica da figura humana através de técnicas de aguada, sanguínea, bico-de-pena e aquarela aplicadas ao desenho modelo vivo.
2. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO UNIDADE 1 – REPRESENTAÇÃO PICTÓRICA DA FIGURA - Percepção dos planos superficiais. - Técnica de aguada: linha virtual como delimitação de planos. UNIDADE 2 – REPRESENTAÇÃO DO CLARO E ESCURO - Percepção do volume como decorrência da luz e sombra. - Técnica de sanguínea. UNIDADE 3 – REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DA FIGURA - Percepção do volume estrutural. - Bico de pena; linha como elemento de construção dinâmica do espaço. UNIDADE 4 – VISÃO ABSTRATA DA FIGURA - Percepção bidimensional dos elementos. - Aquarela: superfícies e transparências para libertação e expansão da forma.
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS: Aulas práticas de desenho de modelo com comentários e aulas expositivas a partir de resultados apresentados.
4. RECURSOS (didáticos e/ou materiais) Projetor de slides, livros com reproduções, modelo vivo.
5. SISTEMA DE AVALIAÇÃO (forma, periodicidade, critérios) Análise bimestral dos resultados com verificação do desenvolvimento e desenvoltura no uso dos materiais para o alcance dos objetivos propostos.
6. ASSINATURAS: Professor responsável: Lígia Beatriz Nocera Chefe de departamento: Roberto Antonio Pitella Junior

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Curso - Disciplina de Desenho IV –Arquivo EMBAP – 200-?

O desenho de observação se destaca nas ementas de Desenho, como um ponto em comum, que busca estabelecer um desenvolvimento crescente nos

exercícios propostos, partindo da observação e percepção dos objetos, indo do corpo, para a relação do corpo no espaço, chegando ao espaço construído, e a partir daí propondo exercícios de memória. Nesta fase, o aluno desenhava sem necessitar visualizar o objeto que seria desenhado, pois utilizava a imagem que estava em sua memória.

Os dados a respeito das ementas e conteúdos programáticos da EMBAP são indícios de como eram desenvolvidas as atividades nas disciplinas, que constavam no currículo vigente para o curso de Licenciatura em Desenho, atestando por meio desta fonte, como se dava a organização curricular, sendo o currículo escrito “o testemunho público e visível das racionalidades escolhidas e da retórica degitimadora das práticas escolares” (GOODSON, 1997, p. 20).

No currículo do Curso de Licenciatura em Desenho constavam disciplinas que abordavam o desenho, ligadas à geometria, com questões de forma, tamanho e posição relativa de figuras e com as propriedades dos espaços, como o Desenho Geométrico, a Geometria Descritiva I e II e Perspectiva e Sombras. As disciplinas de Arte Decorativa e Desenho e Composição possuíam um cunho teórico aplicado. Além dessas, havia as disciplinas de Pintura, Gravura, Modelagem, Escultura e Desenho do Modelo Vivo que possuíam o propósito de formar tecnicamente o aluno.

Nesse aspecto, o desenho, enquanto disciplina, compunha o currículo do Curso de Licenciatura em Desenho, e integrava os conteúdos das demais disciplinas. As prescrições foram cruciais para esta pesquisa, visto que direcionaram as análises da disciplina, permitindo perceber como esta era ministrada, fazendo-se presente desde o início do curso em 1973 até 2010, quando ocorre a alteração para Artes Visuais.

1.4 O Desenho na Universidade Federal do Paraná – UFPR e o início do curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas e Desenho

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) é uma Instituição de Ensino Superior federal, localizada na cidade de Curitiba e oferta cursos nas mais variadas modalidades. Optou-se pela realização da investigação nesta instituição pelo fato de ser a segunda a ofertar o Curso de Licenciatura em Educação Artística.

Segundo a Lei Rivadavia Corrêa, implementada em 5 de abril de 1911, pelo Decreto nº 8.659, foram definidos: “Organização do ensino, Autonomia didactica e administrativa, Institutos de ensino superior e fundamental, o Conselho Superior do Ensino e o patrimônio, sua constituição e aplicação”. Esta lei orgânica desobrigou a oficialização do Ensino Superior, o que contribuiu para estimular a fundação de estabelecimentos de ensino em vários estados dentro do território brasileiro. Nessa perspectiva surgiu a Universidade do Paraná[42], no ano de 1912 (UFPR, 1998).

FIGURA 6 - SEDE UFPR

Fonte: Foto: Arquivo ACS

Em 1973, o reitor Eduardo Corrêa Lima realizou uma nova reestruturação da UFPR, suprimindo a estrutura baseada em Institutos e Faculdades. O Regimento Geral de 1970, segundo Cecília Westphalen, não foi aceito pelo Conselho Federal de Educação, em virtude do grande número de unidades existentes na estrutura universitária. A UFPR passa, então, a ser organizada em unidades chamadas setores. O Sistema Comum de Ensino e da Pesquisa Básica compreendia “as áreas fundamentais do conhecimento humano estudado em si mesmo ou com vistas a ulteriores aplicações: setores de Ciências Exatas, Ciências Biológicas, Ciências

[42] A Universidade do Paraná (UP) foi instalada solenemente em sessão no Palácio do Congresso Legislativo do Estado. Em 24 de março de 1913, as aulas iniciaram, as instalações eram provisórias, e o seu endereço era na Rua Comendador Araújo, nº 42, em Curitiba.

Humanas, Letras e Artes" (UFPR, 1998, p.93). Na administração superior, foram criadas as Pró-reitorias, podendo ser citadas as de Ensino e Pesquisa. O Conselho de Ensino e Pesquisa passou a ter uma Câmara de Pesquisa (UFPR, 1998).

Nesse contexto, a Universidade Federal do Paraná, passou a oferecer

> [...] o curso de Licenciatura em Educação Artística a que se refere o Parecer 1.284/73 do CFE, nos níveis propostos em nosso Parecer: Licenciatura de 1º grau (Curta) e Licenciatura Plena (de 2º grau) com habilitação em: Artes Plásticas, Artes Cênicas[43], Música e Desenho (PARECER, 1.284/73, 09/08/73).

O Ministério da Educação, por meio do Decreto nº 81.271, de 27 de janeiro de 1978, concedeu o reconhecimento do Curso de Licenciatura em Educação Artística da UFPR, conforme relata o Art. 1º.: "É concedido reconhecimento aos cursos de Estudos Sociais, licenciatura plena, com habilitação em Educação Moral e Cívica, e de Educação Artística, licenciatura de 1º grau, ministrados pela Universidade Federal do Paraná, com sede na cidade de Curitiba, Estado do Paraná" (BRASIL, 1978).

Conforme a Resolução 94/1980, do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFPR, foi estabelecido o currículo do curso de Licenciatura em Educação Artística, sendo acrescentadas algumas disciplinas, alterando-se, assim, a carga horária total do curso. A alteração foi de 1.650 para 1.755 horas. Uma nova alteração ocorreu por meio da Resolução 19/83 do CEP que fixou o currículo pleno do curso, transformando-se, desta vez, a licenciatura de curta para plena duração. Nessa mudança foram criadas três habilitações: Artes Plásticas, Desenho e Música[44]. (UFPR, 2009, p. 7).

Nessa perspectiva, em relação à formação do professor de Desenho e o de Artes Plásticas constata-se uma semelhança, ao analisar o currículo vigente a partir de 1984, quando a separação em duas habilitações do curso de Educação Artística da UFPR se justificava por questões que ultrapassam a especificidade profissional de cada habilitação, já que mais de 80% da grade curricular possuía a mesma estrutura (SILVA; VAZ, 2020). Esse fato pode ser constatado já que, as licenciaturas com habilitação em Plástica e Desenho possuíam em comum algumas disciplinas como,

---

[43] Para a habilitação em Artes Cênicas foi elaborado um planejamento, entretanto, essa habilitação não foi colocada em prática.

[44] Esta pesquisa não abordará questões da licenciatura em Música, pois destina-se a investigar os Cursos de Educação Artística com as habilitações em Plástica e Desenho.

História da Arte, Estética, Semiótica e Fotografia. A ementa da disciplina Expressão em Superfície (H035), aborda fundamentos da linguagem visual.

O curso de Licenciatura em Educação Artística na UFPR teve início a partir da Resolução 42/1975, do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade. A comissão foi constituída por professores do Departamento de Artes com o respaldo do Parecer 1.284/73 do conselheiro Valnir Chagas, que foi membro do Conselho Federal de Educação (UFPR, 2009).

Primeiramente, com o curso de licenciatura de curta duração sendo voltado para o ensino de 1º Grau, este totalizava 1.650 horas, que deveriam ser concluídas em, no mínimo, três períodos, ou seja, um ano e meio, e no máximo em oito períodos, ou, quatro anos. Após três anos, o Curso de Licenciatura em Educação Artística teve o seu reconhecimento concedido pelo Decreto 81.271/78.

A distribuição das disciplinas pode ser visualizada no Quadro 7:

QUADRO 7 - CURRÍCULO MÍNIMO – UFPR

Disciplinas	**Secções**	**Carga horária**	**Créditos p/ semestre**	**Créditos total**
Fundamentos da Expressão e Comunicação Humana	I e IV	2.2	3	12
Estética e História da Arte	I e IV	2.2	3	12
Folclore Brasileiro	I e IV	2.2	3	12
Formas de Expressão e Comunicação Artística	I e II	2.0	2	4
Condicionamento Físico	I e II	0.2	1	2

FONTE: Quadro adaptado do Currículo Mínimo – Arquivo DEARTES – UFPR – 1973.

Havia as disciplinas consideradas como complementares e obrigatórias que se referem à licenciatura curta de 1º grau, conforme Parecer 1.284/73, disposto no Quadro 8:

QUADRO 8 - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS – LICENCIATURA CURTA – UFPR

Disciplinas	**Secções**	**Carga horária**	**Créditos p/ semestre**	**Créditos total**
Técnicas de Expressão Vocal	I e II	2.0	2	4
Canto Coral	I e II	2.0	2	4
Integração Artística[45]	I e II	2.2	3	6
Oficina de Arte	I e IV	1.2	2	8

[45] O documento Parecer 1.284/73 é datilografado, porém o item “Integração Artística” está rasurado e acrescentado uma escrita à mão no item: Língua Portuguesa / Estrangeira Moderna demonstrando uma intenção de provável alteração no documento.

Psicologia	I e II	2.2	3	6
Didática	I e II	2.2	3	6
Prática de Ensino	I	2.2	3	3
Estrutura e Fundamento do 1º Grau	I	2.2	3	3

FONTE: Quadro adaptado das Disciplinas Complementares Obrigatórias da Licenciatura Curta – Arquivo DEARTES – UFPR – 1973.

O Parecer 1.284/73 define como era determinada a escolha das Disciplinas Eletivas:

> - Deverão ser escolhidas dentre as oferecidas pelo Departamento de Artes ou qualquer outras que estejam sendo propostas pelo Currículo da UFPR; - Deverão comportar um mínimo de 6 créditos[46] ou 90 horas-aula (UFPR, 1973).

Localizou-se outro documento intitulado Ementa das Disciplinas que compõem o curso de Licenciatura em Educação Artística – 1º grau, em que constava o detalhamento de todas as ementas das disciplinas do currículo da licenciatura curta da UFPR. Esse documento fazia parte do acervo do Departamento de Filosofia e Arte.

Partindo desse princípio, dentre as ementas das disciplinas da licenciatura curta, é possível perceber algumas inconsistências, quando comparado ao currículo que estava sob a guarda do mesmo departamento. Por exemplo, em busca do ensino do desenho, localizou-se a ementa da disciplina Expressão em Superfície I, assim detalhada: Técnicas e Recursos da Expressão Gráfica. Fotografia. Montagem, Colagem e Desenho.

Essa disciplina, assim como outras, não constam no currículo da licenciatura curta[47]. Como os documentos não foram datados é plausível, no entanto, afirmar que o departamento poderia estar sofrendo adaptações e alterações no seu currículo e esses documentos foram propostas apresentadas que, todavia, não foram efetivadas.

Nesse aspecto, outro documento consegue elucidar essa questão. O demonstrativo de disciplinas e notas que se refere ao ano de 1982/1983 dispõe das disciplinas cursadas do curso de licenciatura Curta de 1º grau. O Quadro 9 apresenta,

[46] Através dessa informação pode-se concluir que cada crédito equivalia a 15 horas-aula.

[47] Neste documento constavam as ementas de outras disciplinas: Fundamentos da Expressão e Comunicação humanas I e II, Folclore Brasileiro I, Expressão em Superfície I, Expressão em Volume I, Expressão em Movimento I, Língua Portuguesa, Canto Coral I e II, Percepção Musical I, Técnicas de Teatro e Dança I.

além das disciplinas cursadas entre os anos de 1982 e 1983, carga horária e as notas atribuídas a esse aluno pelo seu desempenho em cada disciplina.

QUADRO 9 – DEMONSTRATIVO DE DISCIPLINAS CURSADAS CURRÍCULO LICENCIATURA CURTA – UFPR – 1982/83

ANO/SEM	CÓDIGO	DISCIPLINAS	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA	GRAU
1º ANO					
82/2	HA401	Estética e História da Arte I	06	90	6,2
82/2	HC449	Sociologia da Arte A	04	60	7,0
82/2	**HA405**	**Desenho Artístico**	**04**	**90**	**6,0**
82/2	HA427	Ritmo e Som	04	90	7,5
82/2	HA429	Formas de Expressão e Comunicação Artística II	04	90	10,0
82/2	HA430	Formas de Expressão e Comunicação Artística III	04	90	7,0
82/2	HE445	Fotografia A	04	90	7,0
82/2	HA450	Cinema I	04	90	5,0
	BE400				
82/2	BE401	Prática Desportiva	02	60	-----
82/1	HL064	Semiótica e Comunicação I	03	45	6,1
82/1	HA039	Danças Folclóricas	02	45	8,6
82/2	EB021	Orientação Bibliográfica	01	15	5,0
82/2	ET014	Psicologia da Educação IV	04	60	7,5
2º ANO					
83/2	HL423	Literatura aplicada ao Ensino	06	90	8,0
83/2	HA428	Formas de Expressão e Comunicação Artística I	04	90	7,5
83/2	HA431	Formas de Expressão e Comunicação Artística IV	04	90	7,0
83/2	HA432	Cenografia I	04	90	8,5
83/2	SR401	Estudos de Problemas Brasileiros	04	60	8,0
83/1	HA024	História da Arte Brasileira	04	60	7,0
83/1	EM001	Didática I	04	60	8,0
83/1	EP001	Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º grau	04	60	8,5
	BE094				
	BE095	Desporto de Livre Escolha	01	30	
83/2	HA040	Arte Popular do Brasil	03	45	7,0
83/2	HA041	Estética e História da Arte II	03	45	7,0
83/2	HA042	Técnicas Artesanais	03	60	7,5
83/2	EM032	Prática de Ensino de Educação Artística	03	60	7,0
OUTRAS DISCIPLINAS CURSADAS					
Data da colação de Grau:			Data da Expedição do Diploma:		

FONTE: Quadro adaptado do Demonstrativo de Notas do Curso de Licenciatura Curta – UFPR – 1982/83

No currículo da Licenciatura Curta de Educação Artística, na UFPR, no segundo semestre do ano de 1982, foi possível constatar a presença da disciplina de Desenho Artístico, no primeiro ano do curso, sob o código HA405 e com carga horária de 90 horas.

No dia 19 de janeiro de 1982, designada pela portaria nº. 3919, a Coordenação de Educação Artística da UFPR, enviou ao Excelentíssimo Prof. Hélio Fileno de Freitas Puglielli, então diretor do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, a recomendação de que passava às suas mãos a documentação relativa à implantação das Licenciaturas longas[48] em Artes Plásticas, Desenho e Música, sendo solicitada a sua atenção no sentido de encaminhar o processo ao Conselho de Ensino e Pesquisa, conforme o ofício nº. 69/82.

Nesse sentido, o reitor da UFPR, Sr. Ocyron Cunha, no uso de suas atribuições, designou uma comissão especial composta pelos professores de Ensino Superior, presidida por Adalice Araújo, professora titular, e demais professores da instituição, nomeados[49], para no prazo de 90 dias, partindo da data da resolução, 19 de janeiro de 1982, apresentar a reformulação do Projeto de Longa Licenciatura em Educação Artística.

Em 02 de fevereiro de 1982, a Comissão Especial para a reformulação do Projeto de Longa Licenciatura em Educação Artística expõe:

> No momento em que nos defrontamos com uma das fases mais críticas da nossa história, com graves problemas econômicos por um lado e, por outro, com uma urgente necessidade de melhor qualificação profissional, convém lembrar dois pontos básicos:
> a) A necessidade de uma sólida formação profissional capaz de proporcionar aos nossos jovens as condições de sobrevivência condigna;
> b) Considerando ser justamente no lugar do encontro entre os subsistemas sociais e os subsistemas periféricos que a Educação monta a sua práxis, passa consequentemente a existir a necessidade de expressão livre e consciente, que apenas a Educação Artística é capaz de proporcionar (UFPR, 1982, p. 1).

Nesse aspecto, esse ofício evidenciou a justificativa da mudança da licenciatura curta, pois o curso de Licenciatura em Educação Artística fora

[48]Termo utilizado nos documentos que se referem à licenciatura na UFPR, também sendo utilizado o termo Licenciatura Plena.
[49] Faziam parte dessa comissão os professores Ênio José Coimbra de Carvalho, Janete Terezinha Fernandes de Siqueira, Zbigniew Henrique Morozowicz, Bernadete Zagonel, Márcia Simões de Fontoura e Liane Essenfelder Cunha Mello Frank.

classificado, como “periférico e artificial”, tendo em vista limitar o seu ensino, somente ao 1º. Grau, porém além disso por sua curta duração e seu aspecto panorâmico. Entretanto, apesar das providências de melhorias e da iniciativa da proposta de implantação das Longas Licenciaturas, sua efetivação ocorreu decorridos seis anos da criação do curso.

Como complemento, o Ofício nº. 14/82, comprova que o Departamento de Artes possuía um número suficiente de professores para assumir as Licenciaturas de 2º. Grau, assim como o Curso de Bacharelado de Educação Artística (QUADRO 10).

QUADRO 10 - PROFESSORES COM HABILITAÇÕES EM ARTES PLÁSTICAS E DESENHO - UFPR 1982

RELAÇÃO DE PROFESSORES		
DEPARTAMENTO DE ARTES		
Habilitação em Plástica e Desenho	**Cargo ou função**	**Regime Atual**
1 Adalice Araújo	Titular	40 horas
2 Janete T. Fernandes de Siqueira	Assistente	40 horas
3 Roberto Capparelli Figurelli	Adjunto	40 horas
4 José Humberto Boguszewski	Assistente	40 horas
5 Lucrécia Caron Bertagnoli	Assistente	40 horas
6 Ivens de Jesus Fontoura	Assistente	40 horas
7 Dulce Maria Fernandes Dorta	Assistente	40 horas
8 Airton Caminha Gonçalves Jr.	Assistente	40 horas
9 Virgínia S. C. Borges Kistmann	Assistente	40 horas
10 Dalton Luiz Razera	Assistente	40 horas
11 Kazuko Suzuki	Assistente	40 horas
12 Marcia Simões Fontoura	Assistente	40 horas
13 Tania Denise Faria Bandeira	Assistente	40 horas
14 Rubens Palma Sanchonote	Assistente	20 horas
15 Toshiuki Sawada	Assistente	20 horas
16 Sérgio Kirdziej **	Assistente	20 horas
17 Fernando Antonio Foutoura Bini	Assistente	20 horas
18 Elvo Beinto Damo	Assistente	20 horas
19 José Osório Bueno Brzezinski	Auxiliar	20 horas
20 José Luiz Cechelero **	Auxiliar	20 horas
** Em processo para 40 horas.		

FONTE: Quadro adaptado de Relação dos professores da Educação Artística – Licenciatura Longa – UFPR – 1982.

Essa modificação da licenciatura curta para plena passou a vigorar a partir de 1984, modificando a perspectiva de um professor polivalente orientado pela lei 5.692/71, conforme abordado anteriormente. O curso de Licenciatura em Educação Artística estava em funcionamento oferecendo a licenciatura curta, foi quando a Coordenação do Curso encaminhou, com a aprovação do Colegiado e do Conselho Setorial, a proposta para implantação das habilitações em Artes Plásticas, Desenho e Música.

A implantação do novo currículo de Educação Artística implicou em alterações no elenco de disciplinas, distribuídas conforme cada habilitação (QUADRO 11).

QUADRO 11 - LICENCIATURA PLENA (2º GRAU) UFPR

Disciplinas	**Secções**	**Carga horária**	**Créditos p/ semestre**	**Créditos total**
a) **Habilitação em Artes Plásticas**				
Evolução das Artes Visuais	I e IV	2.2	3	12
Fundamentos da Linguagem Visual	I e II	2.2	3	6
Análises e Exercícios de Técnicas e Materiais Expressivos	I e IV	2.2	3	12
Técnicas de Expressão e Comunicação Visual	I e IV	2.2	3	12
b) Habilitação em Desenho				
Evolução das Técnicas De Representação Gráfica	I e IV	2.2	3	12
Linguagem Instrumental das Técnicas de Representação Gráfica (Desenho Geométrico, Geometria Descritiva, Perspectiva).	I e IV	2.2	3	12
Técnicas Industriais	I e IV	2.2	3	12
Introdução ao Desenho Industrial	I e II	2.2	3	6

FONTE: Quadro adaptado do Currículo da Licenciatura Plena 2º grau – Arquivo DEARTES – UFPR – 1973.

Havia as disciplinas ministradas pelo Departamento de Desenho, para a Educação Artística com habilitação em Desenho e fazia parte do seu currículo a divisão de Linguagem das Técnicas de Representação Gráfica, com as disciplinas: Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectiva. Entretanto, no final do curso, as disciplinas se apresentavam como: Técnicas de Representação Gráfica, Linguagem Inst. das Técnicas de Representação Gráfica, Desenho Geométrico A, Desenho Técnico A e Geometria Descritiva A. Sendo que a carga anual para as

disciplinas de Desenho Geométrico A e Geometria Descritiva A, totalizava 120 horas anuais e as demais disciplinas totalizavam 180 horas anuais. Nas ementas pode-se perceber que as disciplinas envolviam técnicas de representação por meio do desenho.

Houve ajustes curriculares após a criação do Curso de Licenciatura em Educação Artística, sendo que, por um período, as artes plásticas não tinham mais Desenho Geométrico e Geometria Descritiva, apenas os alunos da habilitação em Desenho. Também havia uma disciplina Desenho III apenas para esta habilitação. Constavam em seu currículo, disciplinas que ensinavam o desenho, no entanto, ligadas à geometria, como as disciplinas de Desenho Geométrico e Geometria Descritiva e Perspectiva, Desenho Técnico, suas ementas expressavam seus conteúdos e possuíam data de 1979, sendo ligadas ao Departamento de Desenho[50].

Silva e Vaz (2020) identificam em sua pesquisa a grade curricular da habilitação em Artes Plásticas e Desenho:

> Especificamente para as artes plásticas pela grade curricular havia quatro disciplinas anuais que perfaziam 11 horas semanais, no caso: HA445-Análise Estrutural da Forma (2h), HA447-Pintura (3h), HA448-Escultura (3h), HA450-Técnicas e Materiais Expressivos (3h) e uma semestral: EM040-Prática do Ensino de Artes Plásticas (4h). Particularmente na habilitação em Desenho estavam prescritas quatro disciplinas, três anuais: HA451-Técnicas Industriais (3h), HA452-Introdução ao Desenho Industrial (3h) e CD411-Técnicas de Representação Gráfica (6h) e uma semestral: EM025-Prática do Ensino de Desenho (4h) (SILVA; VAZ, 2020, p. 11).

Portanto, a UFPR oferecia três habilitações, a habilitação em música e duas habilitações distintas, dentro do campo das artes visuais, nesse período inicial da licenciatura em Educação Artística, sendo uma em Plástica e a outra em Desenho. Esse foi o motivo que levou a concentrar as disciplinas com uma concepção mais técnica do Desenho[51] na Licenciatura em Desenho, porém, futuramente a UFPR viria a almejar "implantação de um projeto que supere a esfera dos cursos de preparação técnica para o exercício profissional. Consequentemente, no novo curso, a

[50] O Departamento de Desenho teve alteração em seu nome 2008 para Departamento de Expressão Gráfica (http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf/historia/).

[51] Além disso: "a partir da década de 1970, é evidente a presença de uma terceira pedagogia, denominada de Escola Tecnicista, na qual se privilegiava a retenção dos conhecimentos, restrito ao exercício com as técnicas do desenho, da pintura, da dobradura, do recorte e colagem, etc" (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO ARTES VISUAIS, UFPR, 2007, p. 4) e que explica essa visão voltada para a técnica.

qualificação a ser desenvolvida tem por base uma sólida fundamentação em Arte" (UFPR, 2007, p. 7).

Havia as disciplinas complementares obrigatórias, conforme o Quadro 12:

QUADRO 12 - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS

Disciplinas	**Secções**	**Carga horária**	**Créditos semestre**	**Créditos totais**
Psicologia	I e II	2.0	3	6
Didática	I e II	2.0	3	6
Prática de Ensino	I e II	2.0	3	6
Estrutura e Funcionamento do 1º e 2º graus	I e II	2.0	3	6
Arte Contemporânea	I e III	2.0	2	6
Expressão em Superfície, Volume e Movimento	I e II	2.0	2	4
Composição: espaço, cor, linhas e ritmo	I e II	2.0	2	4
Canto coral	I e II	2.0	2	8
Oficina de Arte	I e IV	1.2	2	8
Língua Portuguesa	I e II	2.0	2	4
Língua Estrangeira Moderna	I e II	1.2	2	4
*Técnica de Expressão Verbal[52]	I e II	2.0	2	4

FONTE: Quadro adaptado do Parecer 1.284/73 – Arquivo DEARTES – UFPR – 1973.

Por meio do Projeto Pedagógico do curso – UFPR (2007)[53], foi possível ter acesso à carga horária dividida em cada ano de curso em sua fase inicial. Esse documento contextualizava aspectos referentes ao curso de Licenciatura em Educação Artística e justificava as mudanças que ocorreriam futuramente:

> No primeiro ano das habilitações há uma carga horária de 720 horas, no segundo ano, de 750 horas, na habilitação Artes Plásticas e 690 horas na habilitação Desenho. No terceiro ano a carga horária anual é de 930 h na habilitação Artes Plásticas e na de Desenho, de 870 h. No quarto ano, este número cai para 630, em Artes Plásticas e 600 h para Desenho, para 600 h (UFPR, 2007, p. 9-10).

O curso de Licenciatura Plena apresenta a subdivisão em Plástica e Desenho, constando outras disciplinas como complementares obrigatórias, o que leva a entender que o currículo estava sofrendo modificações a partir do período de

[52]No Quadro12, a disciplina assinalada com "*" para os candidatos à Educação Artística com habilitação em Música, deverá ser substituída por uma eletiva.

[53] Foram utilizados como fontes os Projetos Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPR, elaborados nos anos de 2009 e 2019, que contêm dados históricos a respeito do curso de Educação Artística e de sua reestruturação para Artes Visuais.

implantação do curso, em 1974, e que cada documento se aplica a um momento diferente. Alguns documentos não comprovam sua aplicação, sendo interpretados apenas como “propostas apresentadas”. Nessa perspectiva, auxiliam a compreensão de um período de mudanças (QUADRO 12).

O currículo para a Licenciatura Plena foi adotado a partir da proposta apresentada em 1982 e explicita o núcleo comum no 1º. e 2º. Anos. (QUADRO 13).

QUADRO 13 - NÚCLEO COMUM CURRÍCULO LICENCIATURA PLENA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR – 1982

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR				
NÚCLEO COMUM				
1º ANO				
CÓDIGO	**NOME DA DISCIPLINA**	**PROFESSOR RESPONSÁVEL**	**C.H.Sem.**	**C.H. Anual**
HA401	HISTÓRIA DA ARTE E ESTÉTICA I	Fernando Bini	3	90
HA428	FORMAS DE EXPRESSÃO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA I	Márcia Simões Fontoura	3	90
HA429	FORMAS DE EXPRESSÃO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA II	Liane Essenfelder Cunha Mello Frank	3	90
HA430	FORMAS DE EXPRESSÃO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA III	Ênio José Coimbra de Carvalho	3	90
HA431	FORMAS DE EXPRESSÃO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA IV	Bernadete Zagonel / Henrique Morozowicz	4	120
HA435	ARTE POPULAR NO BRASIL A	Bernadete Zagonel / Ênio Benito Damo	3	90
HA450	CINEMA I	Hugo Mengarelli / Roberto Figurelli	3	90
HA437	TEORIA DA PRODUÇÃO DOS SIGNOS ARTÍSTICOS	Hugo Mengarelli	2	60
BE400	PRÁTICA DESPORTIVA	Depto de Educação Física		
EB021	ORIENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	Depto de Biblioteconomia	1	15
ET014	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	Depto de Teoria e Fund. Da Educação	2	60
2º ANO				
CÓDIGO	**NOME DA DISCIPLINA**	**PROFESSOR RESPONSÁVEL**	**C.H.Sem.**	**C.H. Anual**
HE445	FOTOGRAFIA A	José Luiz Cachelero	3	90
HL423	LITERATURA APLICADA AO ENSINO	Depto de Linguística, L. Clássicas e Vern.	3	90

HA405	**DESENHO ARTÍSTICO I**	**Sérgio Kirdziej**	**3**	**90**
HA442	DANÇA I	Liane Essenfelder Cunha Mello Frank	2	60
HA464	FLAUTA DOCE I	Regina Maria Zilli / Bernadete Zagonel	2	60
HA440	EXPRESSÃO EM VOLUME	Elvo Benito Damo	3	90
SR401	ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS		2	60
HA439	HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA B	Adalice Araújo	2	60
HA438	ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE II	Roberto Figurelli	2	60
EM001	DIDÁTICA I	Depto. de Métodos e Técnicas de Educação	4	60
EP001	ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO 1º. E 2º. GRAU	Depto. de Planej. Escolar	4	60
	DESPORTO DE LIVRE ESCOLHA	Depto. de Educação Física	1	
EM032	PRÁTICA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	Depto. de Métodos e Técnicas de Educação	4	60
* No 2º ano somente as disciplinas História da Arte Brasileira e Estética e História da Arte II possuem pré-requisito: Disciplina com código HA401.				

FONTE: Quadro adaptado de Currículo Licenciatura Plena de Educação Artística – UFPR - 1982

Desta forma, a integralização do currículo pleno do Curso de Licenciatura Plena de Educação Artística, seria concluída no período mínimo de três anos e máximo de sete anos, com as disciplinas obrigatórias para a habilitação de Artes Plásticas perfazendo 3.165 horas e de Desenho, 3.195 horas. Ao total de horas das disciplinas obrigatórias eram somadas 60 horas de Estudos de Problemas Brasileiros e 90 horas de Educação Física a cada uma das habilitações, conforme a Resolução 183 do CEP, artigo 2º, entrando em vigor a partir de 1983.

As disciplinas que atendiam às habilitações de Artes Plásticas e Desenho foram distribuídas nos 3º e 4º anos com conteúdo específico (QUADRO 14). A disciplina Desenho Artístico II, nas duas habilitações, aparece no 3º ano e a disciplina Prática do Ensino do Desenho se restringe à habilitação de Desenho, presente no 4º ano e objetivava a formação do professor de Desenho.

QUADRO 14 - CURRÍCULO LICENCIATURA PLENA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR – 1982

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR					
3º ANO					
ARTES PLÁSTICAS					
CÓDIGO	**NOME DA DISCIPLINA**	**PROFESSOR RESPONSÁVEL**	**C.H.Sem.**	**C.H. Anual**	**PRÉ-REQ**

HA443	EVOLUÇÃO DAS ARTES VISUAIS I	Adalice Araújo	3	90	HA439
HA402	TEORIA E PRÁTICA DA COR	Ivens de Jesus Fontoura	3	90	
HA403	COMPOSIÇÃO	Toshiyuki Sawada	3	90	
HA447	**DESENHO ARTÍSTICO II**	**João Ozório Brezezinski**	**3**	**90**	**HA405**
HA406	ARTE GRÁFICA I	Janete Fernandes de Siqueira	4	120	HA405
HC446	TÉC. DE ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM SEQUENCIADA	José Luiz Cachelero / Kasuko Susuki	4	120	
HA470	ANÁLISE ESTRUTURAL DA FORMA	Sérgio. Kirdziej	2	60	
	LINGUAGEM INSTRUMENTAL TÉCNICA DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	Depto. de Desenho	3	90	
DESENHO					
CÓDIGO	**NOME DA DISCIPLINA**	**PROFESSOR RESPONSÁVEL**	**C.H.Sem.**	**C.H. Anual**	**PRÉ-REQ**
HA406	ARTE GRÁFICA I	Janete Fernandes de Siqueira	4	120	HA403 +HA405
HA447	**DESENHO ARTÍSTICO II**	**João Ozório Brezezinski**	**3**	**90**	**HA405**
HA454	TÉCNICAS INDUSTRIAIS	Tânia Denise Bandeira	3	90	
HA443	EVOLUÇÃO DAS ARTES VISUAIS I	Adalice Araújo	3	90	HA439
HA402	TEORIA E PRÁTICA DA COR	Ivens de Jesus Fontoura	3	90	
HA403	COMPOSIÇÃO	Toshiyuki Sawada	3	90	
HC446	TÉCNICA DE ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM SEQUENCIADA	Hugo Mengarelli / Kasuko Susuki	4	120	
	LINGUAGEM INSTRUMENTAL TÉCNICA DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	Depto. de Desenho	3	90	
4º ANO					
ARTES PLÁSTICAS					
CÓDIGO	**NOME DA DISCIPLINA**	**PROFESSOR RESPONSÁVEL**	**C.H.Sem.**	**C.H. Anual**	**PRÉ-REQ**
HA444	EVOLUÇÃO DAS ARTES VISUAIS II	Tânia Denise Bandeira	3	90	HA443
HA453	TÉCNICAS E MATERIAIS EXPRESSIVOS	Adalice Araújo	3	90	HA428
HA448	PINTURA	Janete Fernandes de Siqueira	3	90	HA402 403 405
HA449	ESCULTURA	José Humberto Boguzewski	3	90	HA440

HA445	ANÁLISE ESTRUTURAL DA FORMA	Depto. de Desenho	3	90	HA402 403
HA451	ARTE GRÁFICA III	Depto. de Métodos e Técnicas da Educação	3	90	HA405 406
	METODOLOGIA DO ENSINO DAS ARTES - 1º Semestre	Depto. de Métodos e Técnicas da Educação	3	60	EM001
	PRÁTICA DO ENSINO DAS ARTES PLÁSTICAS - 2º Semestre	Depto. de Métodos e Técnicas da Educação		60	
DESENHO					
CÓDIGO	**NOME DA DISCIPLINA**	**PROFESSOR RESPONSÁVEL**	**C.H.Sem.**	**C.H. Anual**	**PRÉ-REQ**
HA455	INTRODUÇÃO AO DESENHO INDUSTRIAL	Tânia Denise Bandeira	3	90	HA454
HA444	EVOLUÇÃO DAS ARTES VISUAIS III	Adalice Araújo	3	90	HA443
HA445	PLÁSTICA I	Janete Fernandes de Siqueira	3	90	HA402 403 437
HA451	ARTE GRÁFICA III	José Humberto Boguzewski	3	90	HÁ 405 406
	TÉCNICA DE REPRES. GRÁFICA	Depto. de Desenho	5	140	
	METODOLOGIA DO ENSINO DAS ARTES - 1º Semestre	Depto. de Métodos e Técnicas da Educação	4	60	
	PRÁTICA DO ENSINO DO DESENHO - 2º Semestre	Depto. de Métodos e Técnicas da Educação	4	60	

FONTE: Quadro adaptado do Currículo de Licenciatura Plena de Educação Artística – UFPR – 1982

A disciplina Técnica de Representação Gráfica estava sob a responsabilidade do Departamento de Desenho e envolvia conhecimentos do desenho como representação baseada na geometria descritiva, desenho geométrico e perspectiva.

As ementas localizadas das disciplinas de Desenho de Observação e Desenho de Representação se referem ao Curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Desenho e Plástica na UFPR e apontam para a existência destas disciplinas, entretanto, eram, possivelmente propostas que estavam sob a responsabilidade e vínculo nesta época ao Departamento de Filosofia e Arte, fato que ocorreu nos anos iniciais do curso de licenciatura (QUADROS 15 e 16).

Nestas ementas, a disciplina de Desenho de Observação era designada a partir de estudos de elementos da forma no plano e no espaço, e no caso do Desenho de Representação, este partia do princípio do desenvolvimento do raciocínio espacial através da representação gráfica do espaço. São documentos não datados e que

permitem tencionar a possibilidade que não foram colocados em prática, pois não foi localizado nenhum outro indício de sua aplicação.

Barbosa (1978) comenta que o desenho de observação tende a se concentrar nas “qualidades visuais”, na descrição dos aspectos qualitativos do objeto e leva à cristalização da tendência natural do olho à generalização. A autora salienta, ainda, que a percepção é uma função do pensamento. Sendo assim, perceber a realidade é pensar a respeito dela e adquirir condições para propor uma nova realidade, é, portanto, modificar o consciente em relação ao percebido

> [...] visando a uma maior flexibilidade e complexidade de percepção, será necessária uma estimulação mais dinâmica que o desenho de observação, tal como a proposição de um problema a ser resolvido dentro da situação perceptual, e que leve à discriminação, à seletividade, à análise e a síntese (BARBOSA, 1978, p. 76).

No Quadro 15, pode ser observada a enunciação da ementa:

QUADRO 15 - EMENTA DA DISCIPLINA DE DESENHO - OBSERVAÇÃO

Desenho – Observação
Ementa:
Estudo de elementos da forma no plano e no espaço. Desenho de observação.
Pré-requisito: não há
Co-requisito: não há

FONTE: Quadro adaptado Ementa da Disciplina de Desenho - Arquivo DEARTES – UFPR – 197-?

O Desenho de Representação foi abordado anteriormente, tendo um tópico dedicado a esse tema, discorrendo e elucidando suas proposições.

QUADRO 16 - EMENTA DA DISCIPLINA DE DESENHO – REPRESENTAÇÃO

Desenho – Representação
Ementa:
Desenvolvimento do raciocínio espacial através da representação gráfica do espaço. Desenho de representação.
Pré-requisito: não há
Co-requisito: não há

FONTE: Quadro adaptado Ementa da Disciplina de Desenho - Arquivo DEARTES – UFPR – 197-?

Em relação às disciplinas de Desenho - Observação e Desenho – Representação, do Curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Desenho e Plástica da UFPR, não foram encontrados indícios nas fontes que

corroborem a sua efetivação, então é plausível deduzir que talvez não tenham sido efetivadas, não passando apenas de propostas.

Em relação ao Curso de Licenciatura em Educação Artística, foram localizadas as ementas das Disciplinas Desenho I e Desenho II, que, concomitantemente, aparecem em outras fontes como Certificados de Aprovação de alunos, Relatório de Disciplinas cursadas e que comprovam sua realização, compondo o início do currículo da licenciatura Plena. Desta forma, essas prescrições estão apresentadas nos Quadros 17 e 18 e contemplam seus conteúdos de forma resumida:

QUADRO 17 - DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO I - CURSO EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, UFPR

HA405 DESENHO ARTÍSTICO I
1. Revisão histórica. 2. Textura. 3. Forma. 4. Estrutura e Modulação. 5. Escala. 6. Aprofundamento do desenho de observação. 7. Experimentação de Técnicas. 8. Experimentação e Análise de materiais. 9. Desenho de formas Poliédricas. 10. Desenho de Formas Naturais. 11. Desenho de Paisagens.

FONTE: Quadro adaptado da Ementa da Disciplina de Desenho Artístico I - Arquivo DEARTES – UFPR – 198-?.

QUADRO 18 - DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II - CURSO EDUCAÇÃO ARTÍSTICA UFPR

HA446 DESENHO ARTÍSTICO II
1. Desenho da Figura Humana. 2. Análise Estrutural da Forma Anatômica. 3. A Técnica do Desenho e do Croquis Aplicado à Figura Humana. 4. O Desenho de Animais. 5. Desenho do Natural; com sincronização de Tempo. E de Memória. 6. Composição da Figura Humana com Animais. 7. Estudo Aprofundado dos Elementos Fundamentais da Composição em Desenho, Ritmo, Movimento, Forma e Espaço. 8. Estudo Aprofundado de Propostas, a partir de Ambientes Estáticos e Dinâmicos, sob um Processo de Análise, Representação, Abstração e Criação. 9. Apresentação de um trabalho em Desenho que corresponderá à Tese de Graduação de Bacharelado.

FONTE: Quadro adaptado da Ementa da Disciplina de Desenho Artístico II - Arquivo DEARTES – UFPR – 198-?.

A disciplina de Desenho Artístico I era ministrada no 2º ano e a disciplina Desenho Artístico II dava continuidade ao ensino do desenho, aprofundando seus conhecimentos, sendo ministrada no 3º ano do Curso de Licenciatura Plena.

Por meio da Resolução 84/94 do CEP[54] estabeleceu-se o elenco de disciplinas e práticas profissionais relativas ao Curso de Licenciatura em Educação Artística e suas habilitações. A grade curricular se divide em disciplinas anuais e

[54] Conselho de Ensino e Pesquisa é um órgão normativo, consultivo e deliberativo da Administração Superior, cujas atribuições são conferidas pelo Art. 21 do Estatuto da Universidade Federal do Paraná.

semestrais e passou a vigorar a partir do ano de 1995. Como complemento, a Resolução nº. 85/94[55] do CEP de 25 de novembro de 1994, estabelece mudanças no Curso de Licenciatura com habilitação em Artes Plásticas, Desenho e Música, relativas ao desdobramento de matérias em disciplinas, práticas educativas e práticas profissionais. Ocorre, portanto, uma distribuição dos conteúdos específicos em subitens. Essa resolução entrou em vigor no ano de 1995, aplicando-se aos alunos que ingressassem no curso a partir desse ano letivo.

Nesse aspecto, pode-se supor que os professores utilizavam estratégias diversas para legitimar determinados interesses e justificar para si (grupo de professores) e para a comunidade escolar (alunos, demais profissionais que atuavam na instituição de ensino) as suas escolhas e condutas, seja em relação aos resultados obtidos no processo de ensino e de aprendizagem, seja em relação ao atendimento das resoluções legais vigentes.

Assim, disciplinas acadêmicas

> [...] não são entidades abstratas. Elas também não possuem uma essência universal ou estática. Elas nascem e evoluem, surgem e desaparecem; elas são despedaçadas e unidas, rejeitadas e absorvidas. Elas mudam seu conteúdo; também suas denominações. São espaços de poder, de poder de disputa; espaços que agrupam interesses e agentes, ações e estratégias. Espaços sociais configurados dentro de sistemas educacionais e instituições acadêmicas de caráter mais ou menos exclusivo, fechado, com relação a amadores e profissionais de outros assuntos e, ao mesmo tempo, mais ou menos hegemônico em relação a outras disciplinas e campos[56] (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 66).

A disciplina de Desenho se organizou de forma palpável, e sua estrutura se mostrou dinâmica, sendo percetível por meio de suas prescrições que demonstraram essa mobilidade em relação aos seus conteúdo. Seu surgimento e suas alterações dependeram das demandas do meio em que estava inserida, conforme leis e

---

[55] Outras resoluções da UFPR foram localizadas: Instruções Normativas nº. 4/73, 34/74, 03/75, 14/75, 22/75, 23/75, 31/75, 39/75, 43/75, 44/75, 45/75, 47/75, 71/75, 89/75, 103/75, tratando de assuntos diversos relativos aos cursos de graduação na instituição, sendo calendários, organização de colegiado, entre outros, não sendo analisad os nesta pesquisa.

[56] Texto original: Las disciplinas académicas no son entidades abstractas. Tampoco poseen una esencia universal o estática. Nacen y evolucionan, surgen y desaparecen; se desgajan y se unen, se rechazan y se absorben. Cambian sus contenidos; también sus denominaciones. Son espacios de poder, de un poder a disputar; espacios que agrupan intereses y agentes, acciones y estrategias. Espacios sociales que se configuran em el seno de los sistemas educativos y de las instituciones académicas con un carácter más o menos excluyente, cerrado, respecto de los aficionados y profesionales de otras materias, y, a la vez, más o menos hegemónico en relación con otras disciplinas y campos. (VIÑAO,1995, p. 66).

prescrições das instituições de Ensino Superior. A disciplina de Desenho alterou seu conteúdo por diversas vezes, se afirmou como espaço de poder, e de disputa. Onde circulavam interesses e agentes, ações e estratégias, a disciplina de Desenho perdurou, detendo domínio de conhecimento, um conhecimento legitimado, que seguiu assegurando sua presença no currículo da Licenciatura em Educação Artística e Desenho e, mais tarde, na Licenciatura em Artes Visuais.

Desta forma, há de se considerar que, disciplinas são, consequentemente, uma fonte de poder e também exclusão não apenas profissional, mas também social. Sua inclusão ou não nos currículos de um ou outro curso, constituem um artifício a ser usado com vistas à atribuição ou não de certas tarefas para um ou outro grupo profissional. Nesse sentido, uma disciplina é o resultado da delimitação de um campo intelectual, por profissionais, por uma comunidade ou grupos acadêmicos e científicos, que são apresentados à sociedade e a outros grupos, como especialistas em virtude de sua capacitação, de títulos e um modo de seleção determinado (VINÃO FRAGO, 1995).

No que diz respeito às habilitações, havia a Formação Profissional Geral para cada habilitação, o currículo para a Licenciatura Plena foi adotado a partir da proposta apresentada em 1982, nela é explicado o núcleo comum no 1º. e 2º. anos. Sendo evidenciado primeiramente a habilitação de Artes Plásticas:

> 6. Evolução das Artes Visuais:
> 6.1 Evolução das Artes Visuais I,
> 6.2 Evolução das Artes Visuais II;
> 7. Fundamentos da Linguagem Visual:
> 7.1 Fundamentos da Linguagem Visual I,
> 7.2 Fundamentos da Linguagem Visual II, 7.3 Fundamentos da Linguagem Visual III;
> 8. Análise e Exercício de Técnicas e Materiais Expressivos:
> 8.1 Técnicas e Material Expressivo;
> 9. Técnicas de Expressão e Comunicação Visuais:
> 9.1 Oficina de Desenho I, 9.2 Oficina de Desenho II 9.3 Oficina de Desenho III; 9.4 Oficina de Pintura I, 9.5 Oficina de Pintura II 9.6 Oficina de Pintura III, 9.7 Oficina de Escultura, 9.8 Oficina de Gravura, 9.9 Expressão em Volume A, 9.10 Cinema I, 9.11 Processos de Produção Gráfica, 9.12 Oficina de Cerâmica (UFPR, 1994).

O segundo item detalha o desmembramento da habilitação de Desenho:

> 10. Evolução das Técnicas de Representação Gráfica:
> 10.1 Evolução das Artes Visuais I, 10.2 Evolução das Artes Visuais II,

> 11. Linguagem Instrumental das Técnicas de Representação Gráfica (Desenho Geométrico, Geometria Descritiva e Perspectivas):
> 11.1 Desenho Geométrico A, 11.2 Geometria Descritiva A,
> 12. Técnicas de Representação Gráfica (Desenho Mecânico, Topográfico, Arquitetônico e de Interiores);
> 12.1 Desenho Técnico, 12.2 Oficina de Desenho I, 12.3 Oficina de Desenho II, 12.4 Oficina de Desenho III, 12.5 Oficina de Desenho IV,
> 13. Técnicas Industriais: 13.1 Técnicas Industriais;
> 14. Introdução ao Desenho Industrial: 14.1 Introdução ao Desenho Industrial (UFPR, 1994).

A Educação Artística foi um curso que teve início em 1974 e, ao longo de três décadas de existência na UFPR, se apresentou como resultado da fragmentação de conhecimentos. Sendo assim, seu objetivo era

> [...] assegurar ao jovem profissional o domínio dos conhecimentos específicos e a competência em pesquisa, é uma problemática que não se restringe a nomenclatura, mas implica em uma crítica as velhas propostas, com vistas a clarear a concepção de arte que fundamenta o novo projeto de ensino da Arte na Universidade (UFPR, 2007, p. 7).

Partindo deste princípio, ocorreu uma mudança de percepção sobre o ensino de arte e a UFPR percebeu “a necessidade de se superar um modelo de curso, centrado no desenvolvimento de habilidades ou destreza manuais e restrito à formação de bons desenhistas, como era o objetivo das Licenciaturas em Desenho” (UFPR, 2007, p. 7).

Os planos de ensino das disciplinas Desenho Artístico I, II, III e IV expressam os conteúdos necessários para fornecer o suporte artístico à formação do professor e, segundo Chervel (1990), o ensino superior transmite diretamente um saber, sendo o ponto central do estudo das disciplinas, o estudo dos conteúdos.

QUADRO 19 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO I - UFPR - 1981

PLANO DE ENSINO	
DESENHO ARTÍSTICO I	
UNIDADE	PROGRAMAÇÃO DE CONTEÚDOS
1	TEXTURA
1.1	Textura geométrica
1.2	Textura orgânica
1.3	Textura casual
1.4	Textura intencional
1.5	Fenômeno da Rarefação
1.6	Fenômeno do adensamento

1.7	Moire
1.8	Exercícios a partir do ponto
1.9	Exercícios a partir da linha
2	FORMA
2.1	Forma geométrica
2.2	Forma orgânica
2.3	Simetria - estudos de translação, rotação, inversão, reflexão especular e dilatação.
2.4	Estudo de colocação e posicionamento
2.5	Relação figura x fundo
2.6	Relação figura x Figura
3	ESTRUTURA E MODULAÇÃO
3.1	Plana, de base quadrada, elementar e complexa
3.2	Plana, de base triangular, elementar e complexa
	Bibliografia
	ARNHEIM, Rudolf. *Art Y Perception Visual.* Buenos Aires. Endeba, 1962. PENTEADO, Onofre. Desenho Estrutural. S. Paulo. Perspectiva, 1976. MUNARI, Bruno. *Diseno Y Comunication Visual.* Barcelona. Gustavo Gilli, 1974. RUDEL, Jean. A Técnica do Desenho. Rio de Janeiro, Zarar, 1980. SAUSMAREZ, Maurice. Desenho Básico. Lisboa, Presença, 1979. PARRÁMON, José Maná. *Asi se debuja.* Barcelona, Paramón, 1969. STRAUSS, Walter. Albrecht Dürer. New York, Dorer, 1972. DONDIS, D. A. *La sintaxes de la imagem.* Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. Periódicos – *Illustrator – Idea – Graphis.*

FONTE: Quadro adaptado de Plano de Ensino Disciplina Desenho Artístico I – UFPR – 1981.

Os pontos principais na disciplina Desenho Artístico I - código HA405 - (QUADRO 19), eram trabalhar com textura, forma e estrutura e, como objetivos, desenvolver a capacidade de observação e a capacidade gráfica e ainda explorar a experimentação da representação bidimensional adequada ao ensino da educação artística.

A disciplina possuía 45 horas semestrais, sendo a carga horária semanal de três horas, divididas em duas horas de aulas práticas e uma hora de aula teórica, conforme menciona o Plano de ensino da disciplina. Não havia pré-requisito para cursar essa disciplina, já que era lecionada no primeiro ano do Curso de Licenciatura com habilitação em Plástica e Desenho.

Esta fonte tem a indicação das aulas teóricas e práticas na disciplina de Desenho, como procedimento didático, e, neste aspecto, deve-se considerar que o trabalho historiográfico com as fontes, não é a verdade, mas sim, a certeza. (RAGAZZINI, 2001). Neste caso a pesquisa é empreendida com base nos

documentos oficiais das instituições e suas informações, não havendo a possibilidade de corroborar com outras fontes que atestem a prática efetiva em sala de aula.

No entanto, na disciplina Desenho Artístico II - código HA446, (QUADRO 20), havia a exigência como pré-requisito dos conhecimentos do Desenho Artístico I, sua carga semestral era de 60 horas, sendo quatro horas semanais, divididas em duas aulas teóricas e duas aulas práticas. O conteúdo mencionado no Plano de Aula era composto por Desenho de formas poliédricas, elementos naturais, de animais e desenho da figura humana, tendo exercícios com base no real, na memória e na imaginação.

QUADRO 20 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II - UFPR - 1981

PLANO DE ENSINO	
DESENHO ARTÍSTICO II	
UNIDADE	PROGRAMAÇÃO DE CONTEÚDOS
1	DESENHO DE FORMAS POLIÉDRICAS
1.1	Enquadramento
1.2	Luz e sombra
1.3	Análise da linha, forma, volume, proporções e unidade
2	DESENHO DE ELEMENTOS NATURAIS
2.1	Sombra própria
2.2	Sombra projetada
3	DESENHO DE ANIMAIS
3.1	Figura Estática
3.2	Figura em movimento
3.3	Figura em perspectiva
3.4	Composição com figuras
4	DESENHO DA FIGURA HUMANA
4.1	Fundamentos da figura
4.2	Cânones
4.3	Esqueleto e esfolado
4.4	Cabeça
4.5	Membros
4.6	Tronco
4.7	Figura em pé e sentada
4.8	Figura e perspectiva
4.9	Composição com figuras
	Bibliografia
	ARNHEIM, Rudolf. *Art Y Perception Visual.* Buenos Aires. Endeba, 1962. PENTEADO, Onofre. Desenho Estrutural. S. Paulo. Perspectiva, 1976. MUNARI, Bruno. *Diseno Y Comunication Visual.* Barcelona. Gustavo Gilli, 1974.

	RUDEL, Jean. A Técnica do Desenho. Rio de Janeiro, Zarar, 1980. SAUSMAREZ, Maurice. Desenho Básico. Lisboa, Presença, 1979. PARRÁMON, José Maná. *Asi se debuja.* Barcelona, Paramón, 1969. STRAUSS, Walter. Albrecht Dürer. New York, Dorer, 1972. DONDIS, D. A. *La sintaxes de la imagem.* Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. Periódicos – *Illustrator – Idea – Graphis.*

FONTE: Quadro adaptado de Plano de Ensino Disciplina Desenho Artístico II – UFPR - 1981

Os objetivos da disciplina versavam em desenvolver no aluno o raciocínio espacial, exercitar a percepção, a memorização de formas e a representação gráfica de formas tridimensionais e, por fim, capacitá-lo a utilizar os recursos de representação bidimensional no seu desempenho profissional, seja no magistério, atuando como professor, ou em sua produção artística, atuando como artista, portanto, existiam essas duas vertentes advindas do curso de Educação Artística.

Na disciplina Desenho Artístico III (QUADRO 21) exigia-se como pré-requisito ter cursado a disciplina de Desenho Artístico II, sendo que sua ementa trazia conteúdos de experimentação e análise de materiais, experimentação de técnicas e paisagem. A disciplina possuía uma carga horária semestral de 45 horas, sendo três horas semanais divididas em uma hora de aula teórica e duas horas de aula prática. Esses conteúdos objetivam introduzir ao aluno os mais diversos materiais e técnicas aplicáveis ao desenho, bem como desenvolver o raciocínio espacial e, por fim, capacitá-lo na utilização de recursos da representação bidimensional no seu desempenho profissional, nos âmbitos educacional e artístico.

QUADRO 21 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO III - UFPR - 1981

PLANO DE ENSINO	
DESENHO ARTÍSTICO III	
UNIDADE	PROGRAMAÇÃO DE CONTEÚDOS
1	EXPERIMENTAÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAIS
1.1	Coleta, manipulação e análise de materiais diversos
2	Luz e sombra
2.1	Análise da linha, forma, volume, proporções e unidade
3	PAISAGEM
3.1	Elementos formativos da paisagem
3.2	Exercícios baseados no real, memória e imaginário
3.3	Paisagem urbana
3.4	Paisagem real

3.5	Marinha
	Bibliografia
	ARNHEIM, Rudolf. *Art Y Perception Visual.* Buenos Aires. Endeba, 1962. PENTEADO, Onofre. Desenho Estrutural. S. Paulo. Perspectiva, 1976. MUNARI, Bruno. *Diseno Y Comunication Visual.* Barcelona. Gustavo Gilli, 1974. RUDEL, Jean. A Técnica do Desenho. Rio de Janeiro, Zarar, 1980. SAUSMAREZ, Maurice. Desenho Básico. Lisboa, Presença, 1979. PARRÁMON, José Maná. *Asi se debuja.* Barcelona, Paramón, 1969. STRAUSS, Walter. Albrecht Dürer. New York, Dorer, 1972. DONDIS, D. A. *La sintaxes de la imagem.* Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. Periódicos – *Illustrator – Idea – Graphis.*

FONTE: Quadro adaptado de Plano de Ensino Disciplina Desenho Artístico III – UFPR – 1981

Na disciplina Desenho Artístico IV (QUADRO 22) exigia-se como pré-requisito ter cursado a disciplina de Desenho Artístico III e sua ementa expressava conteúdos desde a análise, passando pela representação até a criação. A disciplina possuía uma carga horária semestral de 60 horas. A avaliação estava na análise de trabalhos individuais dos alunos.

QUADRO 22 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO IV - UFPR - 1981

PLANO DE ENSINO	
DESENHO ARTÍSTICO III	
	EMENTA
	Propostas a partir de ambientes estáticos e dinâmicos, sob um processo de:
1	Análise
2	Representação
3	Abstração
4	Criação
	Bibliografia
	ARNHEIM, Rudolf. *Art Y Perception Visual.* Buenos Aires. Endeba, 1962. PENTEADO, Onofre. Desenho Estrutural. S. Paulo. Perspectiva, 1976. MUNARI, Bruno. *Diseno Y Comunication Visual.* Barcelona. Gustavo Gilli, 1974. RUDEL, Jean. A Técnica do Desenho. Rio de Janeiro, Zarar, 1980. SAUSMAREZ, Maurice. Desenho Básico. Lisboa, Presença, 1979. PARRÁMON, José Maná. *Asi se debuja.* Barcelona, Paramón, 1969. STRAUSS, Walter. Albrecht Dürer. New York, Dorer, 1972. DONDIS, D. A. *La sintaxes de la imagem.* Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. Periódicos – *Illustrator – Idea – Graphis.*

FONTE: Quadro adaptado de Plano de Ensino Disciplina Desenho Artístico IV – UFPR – 1981

Nesse sentido, as disciplinas do Ensino Superior se caracterizam por um ensino imbuído de propósitos que destinam seus saberes a um fim específico. Chervel

(1990, p. 185) afirma que “o que caracteriza o ensino superior, é que ele transmite diretamente o saber. Suas práticas coincidem amplamente com suas finalidades”.

Na UFPR, por meio da análise das prescrições, foi possível perceber que a disciplina de Desenho passou por alguns esboços de ementas, entretanto, ao longo do tempo não foram implementadas, já que não foram encontrados indícios em outras fontes que comprovassem a sua efetivação, porém o Desenho esteve sempre presente nelas. Não obstante, é certo que o Desenho iniciou sua trajetória na Licenciatura Curta e Plena de Educação Artística e se manteve no Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

As prescrições apontam uma bibliografia indicada para o ensino da disciplina de Desenho na UFPR, disposta nos chamados Planos de Ensino, e continha obras como *Arte e percepção visual* de Rudolf Arnheim (1962), uma das maiores a aplicar os conceitos da corrente da *Gestalt*[57] às obras de arte visuais, sendo muito indicada como bibliografia básica nos cursos de artes, design e comunicação visual. Onofre Penteado com *Desenho estrutural* (1976), que se trata de um manual com fundamentos relacionados à gramática da forma, Bruno Munari com *Desenho e comunicação visual* (1974), obra ligada às áreas de desenho industrial e design, José M. Parramón e *Asi se debuja* (1969) que era considerado um manual com fórmulas técnicas, materiais, teoria e prática de como desenhar. Havia outros títulos designados para dar apoio no ensino do Desenho e, de acordo com as datas das obras e seus conteúdos, pode-se inferir que foram indicações desde o início do Curso de Educação Artística.

[57] *Gestalt* ou psicologia da forma, trabalha a partir de dois conceitos: supersoma e transponibilidade. O filósofo austríaco Cristian von Ehrenfels apresentou esses critérios pela primeira vez em 1890, na Universidade de Graz. De acordo com a teoria gestáltica, não se pode ter conhecimento do "todo" por meio de suas partes, pois o todo é outro, que não a soma de suas partes: "(...) 'A+B' não é simplesmente '(A+B)', mas sim, um terceiro elemento 'C', que possui características próprias". No entanto, o verdadeiro pai da Gestalt foi Max Wertheimer, cujo trabalho surgiu como resposta ao estruturalismo de Wilhelm Wundt (“*um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos*”). No entanto, Wertheimer não foi o único responsável pelo surgimento do Gestaltismo. O desenvolvimento desta área da psicologia foi fortemente influenciado por outros grandes pensadores, como Immanuel Kant, Ernst Mach e Johann Wolfgang von Goethe (EHRENFELS, 1890).

1.5 O Desenho na Faculdade de Artes do Paraná – FAP e o início do curso de Educação Artística com Habilitação em Plástica

A Faculdade de Artes do Paraná (FAP) é uma Instituição de Ensino Superior estadual que oferece cursos nas áreas de música e artes[58], situada na cidade de Curitiba. Esta instituição ofertou o Curso de Educação Artística, no ano seguinte à UFPR, em 1976.

A Faculdade de Artes do Paraná originou-se do Conservatório de Música do Paraná, que foi a primeira escola de música do Estado. Foi fundada em 1913, pelo maestro Leonard Kessler[59], que se tornou o responsável pela direção da instituição. O Conservatório iniciou suas atividades na Rua Barão do Rio Branco e ali permaneceu até o fechamento no ano de 1928.

FIGURA 7 – SEDE CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE CANTO ORFEÔNICO

FONTE: Conservatório Estadual de Canto Orfeônico - até 1956 - Arquivo, FAP, 1975.

[58] Levando em conta o contexto atual, podem ser consideradas as áreas de Dança e Teatro.
[59] Imigrante, se estabeleceu em Curitiba, atraído pelas possibilidades de crescimento do meio musical. Nascido em 12 de setembro de 1881, na cidade de Schwyz, cunhão dos Grissões, na Suíça. (BANDEIRA, 2001).

FIGURA 8 - FEMP

FONTE: Faculdade de Educação Musical – Arquivo, FAP, 1975.

Foi por meio do corpo dirigente do CAPE, que procurou a direção da faculdade para propor a formação das Artes Plásticas com a sua base curricular. Nesse sentido, as duas Instituições firmaram um acordo que deu condições à constituição do novo curso, o de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, no nível superior. A escolha da FEMP para a transferência do CAPE aconteceu, principalmente, por esta ser instituição estadual de Ensino Superior e por, desde 1971, já ofertar um Curso de Licenciatura em Música. O curso teve uma boa recepção por parte do professorado, que necessitava dessa formação em função da Lei 5692, já que alunos da licenciatura curta da UFPR finalizaram seus estudos na FEMP, com a licenciatura plena (SANTINI, 2016).

As alterações que ocorreram no currículo se deram devido às adaptações do Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. Goodson comenta acerca das mudanças no currículo:

> Essencialmente, aquilo que é necessário para compreender a estabilidade e mudança curriculares são formas de análise que procuram examinar os assuntos internos em paralelo com as relações externas, como um modo de desenvolver pontos de vista sobre a mudança organizacional e sobre as mudanças em categorias institucionais mais amplas (GOODSON,1997, p. 30).

Nesse sentido, a Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP) alterou e adaptou o currículo da Licenciatura em Música, por ser um curso já existente nesta instituição e com um currículo estruturado, gerando, portanto, após adaptações, ao curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. As prescrições foram fundamentais para perceber o resultado desta derivação. A intenção de oferecer uma nova Licenciatura em Educação Artística, conforme as propostas do Conselho Federal de Educação, fez com que a FEMP estabelecesse as primeiras modificações necessárias no currículo do Curso de Licenciatura em Música.

Assim sendo, a origem do Curso de Educação Artística da FEMP fundamentou-se na conversão do Curso de Licenciatura em Música, já constituído, sendo possível, após a instituição, apresentar a documentação ao Conselho Federal de Educação, no ano de 1974, seguida da avaliação das condições das instalações e funcionamento da própria instituição (BANDEIRA, 2001).

> Em 1974, a FEMP realizou algumas adaptações de conformidade com o estabelecido na Resolução CFE n.º 23/73 alterando o currículo vigente do Curso de Licenciatura em Música com a intenção de implantar um curso de licenciatura em Educação Artística (FAP, 2009, p. 7)

Na data de 5 de agosto de 1975[60], por meio do Parecer nº. 3.440, foi expressa uma análise favorável à adaptação do Curso do Educação Artística. Ocorreu, portanto, a criação de uma nova habilitação em Artes Plásticas, como licenciatura curta, para o ensino de 1º grau.

O currículo inicial da habilitação em Artes Plásticas na FEMP foi composto em consequência da determinação legal do MEC. Esse currículo mínimo instituído pelo MEC, em 1973, para todas as Licenciaturas de Educação Artística, tendo sido estabelecida a duração mínima dos cursos, pela Resolução CFE 23/73 com 1500 horas para a licenciatura curta e 2500 horas para a plena. Foi implementado, portanto, praticamente o mesmo currículo adotado pela UFPR, já que a estrutura básica era predeterminada pelo MEC. Nesse contexto, a FEMP, ofereceu 1530 horas para a

[60] Foi encontrada uma discordância nas fontes em relação à data de início do curso de Educação Artística curta. Conforme o Relatório de Necessidades de Contratação de Docentes para o Departamento de Artes: “Em 1974 foram criados na Universidade Federal do Paraná, os cursos de bacharelado em Desenho Industrial, Comunicação Visual e de licenciatura curta de Educação Artística” UFPR, [1974?].

licenciatura curta e 2698 horas para a plena, conforme Resolução 2/75 do Conselho Departamental.

A licenciatura curta continha disciplinas nas áreas de desenho, artes plásticas, música, teatro e dança, que totalizavam 120 horas/aula e compunham o currículo da licenciatura Curta: Formas de Expressão e Comunicação Artística I (Desenho), Formas de Expressão e Comunicação Artística II (Artes Plásticas), Formas de Expressão e Comunicação Artística III (Música) e Formas de Expressão e Comunicação Artística IV (Teatro e Dança).

Em 1980, ocorreu o reconhecimento do Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, conforme Parecer nº 982/80 da Câmara de Ensino Superior (CES, 1980). A licenciatura plena[61] era direcionada para o ensino no 2º grau, e tinha a duração de quatro anos, totalizando 2.670 horas/aulas. Contava em seu currículo com as disciplinas: Formas de Expressão e Comunicação Artística I (Desenho), Formas de Expressão e Comunicação Artística II (Artes Plásticas), Formas de Expressão e Comunicação Artística III (Música) e Formas de Expressão e Comunicação Artística IV (Teatro e Dança), sendo exigidas diversas atividades práticas para o currículo pleno[62].

Assim, localizaram-se os currículos referentes às Licenciaturas Curta e Plena de Educação Artística (QUADROS 22 e 23), com habilitação em artes plásticas, desta instituição, e nesse sentido, o currículo escrito “nos proporciona um testemunho, uma fonte documental, um mapa do terreno” (GOODSON, 2012, p. 21).

QUADRO 23 - CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS, LICENCIATURA CURTA. PERÍODO DE VIGÊNCIA 1973-1978 FAP

CÓDIGO	DISCIPLINA	C.Hor.	Crédito	Período
103012	Antropologia cultural	60	4	1º
102017	Biologia I	45	3	1º
104019	Estética e História da Arte I	75	5	1º
103021	Educação Física I	-	-	1º
103020	Fundamentos Expressão Comunicação Humanas I	60	4	1º

[61] Os cursos de licenciatura plena eram a continuidade dos de licenciatura curta, o aluno ingressava no curso se ele completasse a carga horária da licenciatura curta e recebia a habilitação somente após a conclusão da licenciatura plena.

[62] Foram firmados convênios com o Centro de Criatividade, Fundação Cultural de Curitiba, a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Curitiba e a Fundação de Educação e Cultura Espírita do Paraná – Santa Catarina. Instituições que possibilitaram a utilização de seus equipamentos, como fornos de queima para barro, prensa de gravura etc., pelo1s alunos (BANDEIRA, 2001).

104027	Formas Expressão e Comunicação Artística I (Desenho)	120	8	1º
105045	Psicologia I e II (Geral e Evolutiva)	60	4	1º
102027	Biologia II	45	3	2º
104029	Estética e História da Arte II	75	5	2º
103031	Educação Física II	-	-	2º
103030	Fundamentos Expressão Comunicação Humanas II	60	4	2º
104037	Formas Expressão e Comunicação Artística II (Artes Plásticas)	120	8	2º
105055	Psicologia III (Educacional)	30	2	2º
101026	Folclore Brasileiro I	60	4	2º
106018	Didática I	60	4	3º
103041	Educação Física III	-	-	3º
103023	Estudos de Problemas Brasileiros I	-	-	3º
104047	Formas Expressão e Comunicação Artística III (Música)	120	8	3º
104057	Formas Expressão e Comunicação Artística IV (Teatro/Dança)	120	8	3º
101036	Folclore Brasileiro II	90	6	3º
103035	Estudo de Problemas Brasileiros II	-	-	4º
106030	Estrutura e Funcionamento Ensino de 1º Grau	30	2	4º
101046	Folclore Brasileiro III	60	4	4º
106032	Métodos e Técnicas de Pesquisa	60	4	4º
106028	Didática II – Prática de Ensino	60	4	4º
104042	Introdução Técnicas Expressão Vocal (Técnica Vocal/Prática Coral)	60	4	4º
103041	Psicologia I e II	60	4	4º
	Total horas			1530 h

FONTE: Quadro adaptado do Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas, Licenciatura Curta - Arquivo Faculdade de Artes do Paraná – 1973-1978.

QUADRO 24 - CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, LICENCIATURA PLENA, PERÍODO DE VALIDADE 1976 EM DIANTE, FACULDADE DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO PARANÁ

CÓDIGO	**DISCIPLINA**	**C.Hor.**	**Crédito**	**Período**
103012	Antropologia cultural	60	4	1º
102017	Biologia I	45	3	1º
104019	Estética e História da Arte I	75	5	1º
103021	Educação Física I	30	2	1º
103020	Fundamentos Expressão Comunicação Humanas I	60	4	1º
104027	Formas Expressão Comunicação Artística I (Desenho)	90	6	1º
105035	Psicologia I ***[63]	30	2	1º
103041	Sociologia I ***	30	2	1º

[63] A comparação entre os currículos da Licenciatura Curta e a Licenciatura Plena ofertados na FAP fica acessível em virtude da disposição das disciplinas, o que facilita a visualização. Sendo que as disciplinas marcadas com "***" no currículo da Licenciatura Plena se referem às disciplinas que foram acrescentadas e alteradas em sua carga horária e créditos.

102027	Biologia II	45	3	2º
104029	Estética e História da Arte II	75	5	2º
103031	Educação Física II	30	2	2º
103030	Fundamentos Expressão Comunicação Humanas II	60	4	2º
104037	Formas Expressão Comunicação Artística II (Artes Plásticas)	120	8	2º
105045	Psicologia II (Evolutiva) ***	30	2	2º
103051	Sociologia II ***	45	3	2º
106018	Didática I	60	4	3º
103041	Educação Física III	30	2	3º
103023	Estudos de Problemas Brasileiros I	-	-	3º
106020	Estrutura de Funcionamento do Ensino de 1º Grau I	30	2	3º
104047	Formas Expressão Com. Artística III (Música)	120	8	3º
101026	Folclore Brasileiro I	90	6	3º
106032	Métodos e Técnicas de Pesquisa I ***	30	2	3º
105055	Psicologia III (Educacional) ***	45	3	3º
103033	Estudo de Problemas Brasileiros II	-	-	4º
106030	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau II	30	2	4º
104057	Formas Expressão Comum Artística IV (Teatro/ Dança) ***	120	8	4º
101036	Folclore Brasileiro II ***	90	6	4º
106032	Métodos e Técnicas de Pesquisa II	30	2	4º
106028	Didática II – Prática de Ensino	60	4	4º
104042	Introdução. Técnicas Expressão Vocal (Técnica Vocal/Prática Coral)	90	6	4º
	Total horas			1650 h

FONTE: Quadro adaptado do Currículo do Curso de Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas, Licenciatura Plena - Arquivo Faculdade de Artes do Paraná – 1976.

Da análise do Currículo do Curso de Educação Artística, no caso da licenciatura Curta, percebeu-se que esta vigorou de 1973 a 1978, com a duração de dois anos, e no caso da licenciatura Plena, com habilitação em Plástica e Desenho, passou a vigorar a partir de 1976, com duração de quatro anos. Ambas apresentavam o ensino do Desenho, como disciplina, como parte integrante dos seus currículos.

A FAP não dispunha em seus arquivos, dos ementários da disciplina de Desenho do início do curso em 1975. Foram localizados somente os ementários da disciplina de Desenho utilizados a partir dos anos de 1996 e de 1998, sendo impraticável a análise de documentos anteriores a esse período.

Desta forma, tomam-se para análise os ementários da disciplina de Desenho, dividida em três módulos, Desenho Artístico I, II e III (QUADROS 24, 25 e 26), que buscam compreender como era orientado seu ensino. Esses documentos passaram

a ser utilizados a partir do ano de 1996 e eram aplicados com início no 2º ano do curso e sucessivamente.

QUADRO 25 - EMENTÁRIO DISCIPLINAS DESENHO ARTÍSTICO I – FAP – 1996

DESENHO ARTÍSTICO I		
Curso EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS		
Série 2ª	Créditos 08	Horas/aula 120
I – EMENTA Prática do desenho como registro da observação representação das formas e do espaço que nos cerca, com ênfase na ampliação dos repertórios pessoais.		
II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
UNIDADES / SUBUNIDADES		
1 CONCEITUAÇÃO DE DESENHO		
2 DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS SIMPLES E COMPLEXOS		
2.1 Estrutura		
2.2 Perspectiva de Observação		
2.3 Proporções		
2.4 Interrelação espaço x forma		
2.5 Processos de medidas		
2.6 Luz, sombra e reflexo		
2.7 Texturas – objetos opacos e transparentes, metálicos, ásperos, etc.		
2.8 Memória e síntese		
3 EXPLORAÇÃO DE MATERIAIS E SUAS POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS		
3.1 Grafite, carvão, lápis, cera, esferográfica, conté, sanguínea.		
III – METODOLOGIA Aulas predominantemente práticas, com abordagens teóricas e análise constante da produção do aluno, bem como da produção já existente.		
IV – AVALIAÇÃO A avaliação será feita através de análise contínua da produção dos alunos, considerando a evolução de cada um.		
V – BIBLIOGRAFIA ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora.* São Paulo: EDUSP, 1983. EHRENZWEIG, Anton. *A ordem oculta na arte*. São Paulo: Zahar, 1969. GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão: um estudo da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.		

FONTE: Quadro adaptado do Ementário da Disciplina de Desenho Artístico I – Arquivo FAP – 1996.

QUADRO 26 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II – FAP – 1996

DESENHO ARTÍSTICO II		
Curso EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS		
Série 3ª	Créditos 08	Horas/aula 120
I – EMENTA Desenvolver a capacidade de ver e registrar imagens, pesquisar diversas técnicas do desenho levando o aluno a criar e executar formas de expressões plásticas.		

II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
UNIDADES / SUBUNIDADES
1 DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS SIMPLES E COMPLEXOS
2 CROQUI DE INTERIORES E PAISAGENS, OBSERVANDO A PERSPECTIVA
3 DESENHO DA FIGURA HUMANA (ESTUDO ANATÔMICO DA CABEÇA E INTRODUÇÃO À ANATOMIA DO CORPO HUMANO)
3.1 Desenho de cabeças em modelo de gesso em várias posições
3.2 Desenho de cabeças de modelo vivo
3.3 Noções de proporções do corpo humano
3.3.1 O esqueleto
3.3.2 Musculatura
3.3.3 Confecção de bonecos articulados
III – METODOLOGIA Aulas teóricas, práticas e observação de obras artísticas em museus, exposições e ilustrações; Pesquisas em livros; Apresentação de vídeos e filmes; Aulas práticas com modelo vivo e bonecos articulados.
IV – AVALIAÇÃO Análise dos trabalhos executados e das atividades exercidas pelos alunos.
V – BIBLIOGRAFIA EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado esquerdo do cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. 214p. FREIXAS, Emílio. *Leciones de dibujo artístico.Barcelona:* Rosellón. 1995, 124p. KIPPER Gil, *Técnicas de desenho da figura humana*. Porto Alegre: Rigel. 198p. PECK, Stephen Rogers. *Atlas of human anatomy for the artist, 1987.* PERARD, Victor*. Desenho e anatomia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971. 198p. RAYNES, John. *Human anatomy for the artist, 1979.* TOSTO, Plabo. *Composicion áurea em las artes plásticas*. Buenos Aires. Hochette, 1958.

FONTE: Quadro adaptado do Ementário da Disciplina de Desenho II – Arquivo FAP – 1996.

Nos subitens 3.1 Desenho de cabeças em modelo de gesso em várias posições e 3.2 Desenho de cabeças de modelo vivo, eram conteúdos abordados nas ementas da disciplina de Desenho na EMBAP, no Curso de Licenciatura em Desenho. Naturalmente, demostrando similaridades nos conteúdos ministrados nas aulas de Desenho nas duas instituições com amplas ligações ao ensino tradicional do desenho, que em sua concepção mais clássica está ligada às incursões de linha, do grafismo, de questões de observação e representação ensinadas das academias de arte.

QUADRO 27 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO III – FAP – 1996

DESENHO ARTÍSTICO III		
Curso EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS		
Série	Créditos	Horas/aula
4ª	08	120
I – EMENTA Teoria técnica e prática para o desenho da figura humana.		
II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
UNIDADES / SUBUNIDADES		

1 NOÇÕES DE ANATOMIA
2 CÂNONES
2.1 Conceituação
2.2 Histórico
3.2 Aplicação prática
3 ESTRUTURAÇÃO DA FIGURA
4 PROPORÇÃO / PERSPECTIVA
5 REPOUSO / MOVIMENTO
6 EXPLORAÇÃO CROMÁTICA
7 SUPORTES E MATERIAIS DIVERSIFICADOS
III – METODOLOGIA Aulas teórico-práticas: explanações, orientações, atividades práticas, pesquisas, leitura crítica, seminário, desenhos de observação do natural.
IV – AVALIAÇÃO Por meio de análise dos exercícios desenvolvidos, provas práticas, autossuperação.
V – BIBLIOGRAFIA BELLANGER, Camille. *Desenho Artístico*. ROSA, Velcy Suotier. *Desenhar é fácil*.

FONTE: Quadro adaptado do Ementário da Disciplina de Desenho Artístico III - Arquivo FAP – 1996.

As prescrições presentes nas fontes trazem indícios da possibilidade do ensino do desenho ter ocorrido de forma progressiva, ao comparar o seu ensino na Disciplina Desenho I, como um ensino para o aluno que inicia, como: “Prática do desenho como registro da observação e representação das formas e do espaço que nos cerca, com ênfase na ampliação dos repertórios pessoais” (EMENTÁRIO, DISCIPLINA DE DESENHO I, 2º ANO,1996, FAP).

Neste aspecto, no Desenho II, o ensino se modifica e requer maior habilidade na prática do desenho por parte do aluno: “Desenvolver a capacidade de ver e registrar imagens, pesquisar diversas técnicas do desenho levando o aluno a criar e executar formas de expressões plásticas” (EMENTÁRIO, DISCIPLINA DE DESENHO II, 3º ANO, 1996, FAP).

Já no Desenho III, requer-se maior aptidão por parte do aluno ao iniciar na: “Teoria técnica e prática para o desenho da figura humana”, o que demonstra um ensino gradativo (EMENTÁRIO, DISCIPLINA DE DESENHO III, 4º ANO, 1996, FAP).

A partir da ementa da disciplina de Desenho, percebe-se um processo de aprendizagem constante, já que seu detalhamento corrobora essa execução e indica a “prática do desenho como registro da observação e representação das formas e do espaço que nos cerca, com ênfase na ampliação dos repertórios pessoais”. No entanto, no módulo do Desenho II, sua ementa descreve: desenvolver no aluno a capacidade de ver e registrar imagens, pesquisar diversas técnicas do desenho e, no

próximo módulo de Desenho, parte para o “desenho da Figura Humana”, que se trata de um estágio mais avançado, necessitando de conhecimentos de anatomia (FAP, 1996).

Algumas mudanças podem ocorrer na organização curricular e como impactam às disciplinas:

> Uma questão não menos importante em torno das finalidades de uma disciplina refere-se aos impactos trazidos pelas reformas educacionais, de modo particular, as implicações em mudança de público, de materiais de ensino, mudanças na organização curricular. Das mudanças mencionadas, qual delas tem provocado maior impacto em uma disciplina? (PINTO, 2014, p. 136).

Os ementários e conteúdos programáticos das disciplinas de Desenho I, II e III do Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas da FAP, sofreram algumas alterações no ano de 1998 (QUADROS 27, 28 e 29).

Essas modificações ocorreram no final da década de 1990, contexto em que a FAP foi representada por um pequeno grupo, composto por seu corpo docente e administrativo, que acompanhou os debates sobre as mudanças no Ensino Superior nas várias instâncias de discussão, nacional e local, a partir da data da implantação da LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996). Nesse aspecto, com a urgência das transformações curriculares, a Instituição procurou se antecipar promovendo uma reflexão sobre as novas propostas para o ensino da arte que envolveu grande parte da comunidade acadêmica (FAP, 2009).

É importante salientar que, ainda na década de 1990, as principais referências para o ensino de desenho adotadas nos ementários das disciplinas nos cursos superiores da área de artes não apresentaram, substancialmente, alterações de conteúdo e nem de práticas, podendo citar-se os estudos cognitivos e fisiológicos das funções dos hemisférios cerebrais, como exemplo, o método de Edwards (BANDEIRA, 2006).

Dessa forma, a partir de 1998, passam a vigorar novos ementários para as disciplinas citadas, contendo algumas alterações nas Disciplinas Desenho I e II, permanecendo o Desenho da Figura Humana no Desenho III:

QUADRO 28 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO I – FAP – 1998

DESENHO ARTÍSTICO I

Curso EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS		
Série 2ª	Créditos 08	Horas/aula 120
I – EMENTA Prática do desenho como registro da observação e como representação das formas e do espaço que nos cerca.		
II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
UNIDADES / SUBUNIDADES		
1 DESENHO		
1.1 Conceituação		
1.2 História		
1.3 Modalidade e aplicações		
2 FLUÊNCIA DA LINHA		
2.1 Traçado das linhas		
2.2 O gestual		
2.3 Exercícios motores		
3 DESENHO DE OBSERVAÇÃO		
3.1 Objetos simples		
3.2 Objetos complexos		
3.3 Orientação para observação do objeto situado acima, sobre e abaixo da linha do horizonte.		
4 DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS COMPLEXOS (DO COTIDIANO)		
4.1 Desenho de um objeto isolado		
4.2 Composição com vários objetos		
5 DESENHO DE MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO		
5.1 Objetos do cotidiano		
5.2 Exercícios de composição livre, baseado em objetos conhecidos, explorando várias técnicas e texturas		
TÉCNICAS: grafite, carvão, lápis de cera, nanquin, outras.		
III – METODOLOGIA Aulas predominantemente práticas, com abordagens teóricas e análise constante da produção do aluno, bem como a produção já existente.		
IV – AVALIAÇÃO A avaliação será feita através de análise contínua da produção dos alunos considerando a evolução de cada um.		
V – BIBLIOGRAFIA EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. PECK, Stephen Rogers. *Atlas of human anatomy for the artist, 1987.* PERARD, Victor. *Desenho e anatomia*. Rio de Janeiro: Ediouro. 1971. 198p. RAYNES, John. *Human anatomy fr the artist*, 1979. TOSTO, Plabo. *Composicion áurea em las artes plásticas*. Buenos Aires. Hochette, 1958.		

FONTE: Quadro adaptado do Ementário da Disciplina de Desenho Artísticos I – Arquivo FAP – 1998.

QUADRO 29 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO II – FAP – 1998

DESENHO ARTÍSTICO II		
Curso EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS		
Série 3ª	Créditos 08	Horas/aula 120

I – EMENTA Prática do desenho como registro de expressão, como representação de formas e do espaço que nos cerca por meio do desenho de observação, memória e imaginação. Fortalecimento teórico.
II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
UNIDADES / SUBUNIDADES
1 DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS COMPLEXOS
2 CROQUI DE INTERIOR E PAISAGEM
3 DESENHO DA FIGURA HUMANA (CABEÇA)
4 MODALIDADES DE DESENHO
5 CARÁTER EXPRESSIVO DA LINHA (Análise comparativa de reprodução de desenhos).
6 EXPLORAÇÃO CROMÁTICA E TÉCNICA
7 MEMÓRIA E SÍNTESE
III – METODOLOGIA Aulas teórico-práticas: explanações, orientações, atividades práticas, pesquisas, leitura crítica, seminário, desenhos de observação do natural.
IV – AVALIAÇÃO Por meio de análise dos exercícios desenvolvidos, provas práticas, autossuperação.
V – BIBLIOGRAFIA EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. PECK, Stephen Rogers. *Atlas of human anatomy for the artist, 1987.* PERARD, Victor. *Desenho e anatomia*. Rio de Janeiro: Ediouro. 1971. 198p. RAYNES, John. *Human anatomy for the artist, 1979.* TOSTO, Plabo. *Composicion áurea em las artes plásticas.* Buenos Aires. Hochette, 1958.

FONTE: Quadro adaptado do Ementário da Disciplina de Desenho Artístico II – Arquivo – FAP – 1998.

QUADRO 30 - EMENTÁRIO DISCIPLINA DESENHO ARTÍSTICO III – FAP – 1998

DESENHO ARTÍSTICO III		
Curso EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS		
Série	Créditos	Horas/aula
4ª	08	120
I – EMENTA Teoria técnica e prática para o desenho da figura humana.		
II – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
UNIDADES / SUBUNIDADES		
1 NOÇÕES DE ANATOMIA		
1.1 Esqueleto e musculatura		
2 CÂNONES		
2.1 Conceituação		
2.2 Histórico		
3.2 Aplicação prática		
3 ESTRUTURAÇÃO DA FIGURA		
4 PROPORÇÃO / PERSPECTIVA		
5 REPOUSO / MOVIMENTO		

6 EXPLORAÇÃO CROMÁTICA
7 SUPORTES E MATERIAIS DIVERSIFICADOS
8 MEMÓRIA/ SÍNTESE
III – METODOLOGIA Aulas teórico-práticas: explanações, orientação, pesquisa, seminário, leitura crítica, exercícios práticos, vídeo, projeção de slides e outras.
IV – AVALIAÇÃO Por meio de análise dos exercícios desenvolvidos, provas, autossuperação.
V – BIBLIOGRAFIA EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado direito do cérebro.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. PECK, Stephen Rogers. *Atlas of human anatomy for the artist, 1987.* PERARD, Victor. *Desenho e anatomia*. Rio de Janeiro: Ediouro. 1971. 198p. RAYNES, John. *Human anatomy for the artist, 1979.* TOSTO, Plabo. *Composicion áurea em las artes plásticas.* Buenos Aires. Hochette, 1958.

FONTE: Quadro adaptado do Ementário da Disciplina de Desenho Artístico III - Arquivo FAP – 1998.

Em análise às prescrições, nas ementas da disciplina de Desenho ministrada em 1996 e 1998, observou-se uma reestruturação em seu conteúdo. Partindo, inicialmente, pela ementa aplicada em 1996 do Desenho Artístico I (QUADRO 25), que aborda a Conceituação de Desenho, contemplando o Desenho de Observação de objetos simples e complexos, considerando Estrutura, Perspectiva de Observação, Proporções, Interrelação entre espaço e forma, Processos de medidas, luz, sombra, reflexo, texturas, memória e síntese. Ao observar a ementa da mesma disciplina em 1998 (QUADRO 28), é possível perceber uma melhora na organização dos mesmos conteúdos, ocorrendo um detalhamento maior, sendo percebido nos exercícios de composição livre, baseado em objetos conhecidos, explorando várias técnicas e texturas. Essa melhoria na descrição do conteúdo ministrado na disciplina ficou evidente nas disciplinas Desenho Artístico II e III, nos anos de 1996 e 1998 (QUADROS 25, 26 para 1996, 28 e 29 para 1998).

Na disciplina de Desenho Artístico II, ministrada em 1996 (QUADRO 26), as prescrições trazem como conteúdo programático desenho de observação de objetos simples e complexos, croqui de interiores e paisagens, perspectiva, introdução ao desenho da figura humana. No entanto, as prescrições de 1998 (Quadro 28) acrescentam na ementa a prática do desenho como registro de expressão, como representação de formas e do espaço que nos cerca por meio do desenho de observação, memória e imaginação. Acrescentando fortalecimento

teórico, observação esta que não constava na ementa ministrada em 1996. Essa observação é acrescentada na disciplina Desenho Artístico III (QUADRO 29).

A compreensão da finalidade do ensino de uma disciplina e os motivos que possam ter motivado suas mudanças, não se trata de algo simples e nem sempre as fontes demonstram esta intencionalidade. Sendo assim:

> No caso de uma disciplina ministrada em um curso, em determinado período histórico, a partir de um determinado projeto educativo, as finalidades nunca estão bem definidas: são sempre complexas, e a busca de seus indícios requer uma análise mais refinada, envolvendo várias aproximações às fontes constituídas (PINTO, 2014, p. 135).

São melhorias observadas, e nesse caso, as prescrições foram fundamentais para identificar as mudanças em determinados conteúdos ministrados na disciplina de Desenho e como esses conteúdos se articulavam com o período em que estavam sendo ensinados. Nesse aspecto, novas prescrições para as escolas, um novo currículo ou novas diretrizes para as reformas, precisam questionar a verdadeira validade das prescrições pré-determinadas em um mundo em que ocorrem mudanças de acordo com o período em que estão em vigência (GOODSON, 2007).

Chervel (1990, p. 203) coloca como tarefa primordial do historiador das disciplinas escolares “estudar os conteúdos explícitos do ensino disciplinar”, que podem ser evidenciados nas prescrições da disciplina de Desenho Artístico na FAP. Esses ementários foram utilizados até o ano de 1996, sofrendo modificações em 1998, que demonstram alterações em seu conteúdo programático e sua finalidade.

Entretanto, considerando os conteúdos implícitos em que “a disciplina se situa na intersecção de forças internas e externas”, segundo Goodson (1997, p.32), a ocorrência de fatores internos e externos no curso de uma determinada disciplina. Assim sendo, Goodson (1995; 1997) destaca a importância dos padrões de estabilidade e mudanças na configuração das disciplinas escolares e na sua permanência no currículo. De acordo com o autor, esses padrões estão relacionados entre si e entre os fatores internos e externos que atuam na construção do currículo e das disciplinas escolares, podendo fazer uma aproximação das disciplinas acadêmicas que mantêm esses padrões.

Essas mudanças estão alicerçadas nas exigências intrínsecas de uma disciplina ensinada e que nem sempre se acomodam numa evolução gradual e contínua, contudo, os conteúdos explícitos constituem o eixo central da disciplina que

será ensinada, ainda necessitando de modificações em seus conteúdos. O desenvolvimento, o aperfeiçoamento das disciplinas, seus conteúdos e exercícios, mostram que as práticas pedagógicas de estimulação do interesse do aluno estão constantemente em ação nos arranjos mínimos ou importantes que elas sofrem. Nesse aspecto, “toda inovação, todo novo método chama a atenção dos mestres por uma maior facilidade, um interesse mais manifesto entre os alunos, o novo gosto que eles vão encontrar em fazer os exercícios” (CHERVEL,1990, p. 205).

Na FAP, a partir da década de 1990

> Nos currículos dos cursos de licenciatura, a permanência de algumas práticas foi observada a partir de uma pesquisa voltada para o ensino de desenho, entre 1998 e 2000, na Faculdade de Artes do Paraná. Algumas das propostas e a concepção dos programas de ensino de desenho puderam ser desveladas a partir da análise das referências bibliográficas dessas disciplinas (BANDEIRA, 2006, p. 3).

Em relação ao Curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, na FAP, este iniciou suas atividades em 1975 e as primeiras análises foram fundamentadas nas prescrições curriculares que determinam alguns parâmetros e permitem tomar conhecimento do saber a ser ensinado, por meio das ementas da disciplina.

É importante ressaltar que, dentre as adversidades ocorridas na construção de um currículo para qualquer curso, estão as disciplinas selecionadas e as concepções que derivam de tal ação. De certa forma, estará em jogo uma formação e um professor que ensinará sob a perspectiva pela qual foi educado. Nesse aspecto, faz-se uma seleção do conteúdo que constará nos documentos institucionais, como ementas de disciplinas e currículos dos cursos.

A partir dessa constatação, o modo como a FEMP constituiu as suas disciplinas e integrou o currículo, foi expresso numa compilação dos conteúdos do CAPE e os conteúdos mínimos exigidos pelo MEC (QUADRO 31), constituindo o Curso de Educação Artística desta instituição.

QUADRO 31 - MÍNIMOS DE CONTEÚDOS PARA A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Comunicação e Expressão
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

PARTE COMUM	
Fundamentos da Comunicação e Expressão Humanas	Estudo da natureza e dos processos da expressão-comunicação como expressões vivas da cultura nacional.
Folclore Brasileiro	Estudo da cultura com finalidade de integrar a Arte em seu contexto.
Estética e História da Arte	Estudo do fato estético em si, seus condicionamentos e em seus resultados e em sua lenta evolução.
Formas de Expressão e Comunicação Artística	Estudo dessas formas ajustadas a cada época e a cada circunstância.
PARTE DIVERSIFICADA – ARTES PLÁSTICAS	
Evolução das Artes Visuais	Inclui uma abordagem de “evolução” em prosseguimento, individualizado, à História da Arte da parte comum.
Fundamentos da Linguagem Visual	Abrange a psicologia da forma, da percepção e os elementos fundamentais da composição: ritmo, harmonia, movimento, cor, etc.
Análise e Exercício de Técnicas e Materiais	Compreende os materiais e as técnicas em si mesmas quanto a sua confecção artesanal ou industrial, o seu emprego geral e a sua aplicação ao ensino.
Técnicas de Expressão e Comunicação	Abrange a expressão nas diversas formas de arte, como superfície, volume e movimento ou programação visual.

FONTE: Quadro adaptado - BRASIL, INDICAÇÃO CFE 36 de 7 de agosto de 1973.

Dessa forma, as disciplinas que tiveram essa ligação do CAPE com a FEMP, foram Formas de Expressão e Comunicação Artística (FECA) -Desenho, Evolução das Artes Visuais (EAV), Análise e Exercícios de Técnicas e Materiais Expressivos (AETME), Fundamentos da Linguagem Visual (FLV) e Técnicas de Expressão e Comunicação Visual (TECV).

Por fim, em análise ao currículo estabelecido pelo MEC e do composto pela FEMP, é razoável deduzir que a FEMP cumpriu com todas as exigências e ainda utilizou sua experiência anterior no tocante à organização do ensino superior em arte.

1.6 Análise dos pontos de convergência e divergência na disciplina de Desenho entre as instituições

As prescrições forneceram elementos que foram utilizados para a análise dos conteúdos da disciplina de Desenho, e que foram cruciais para fazer um comparativo entre as três instituições e assinalar os pontos em comum e os pontos que divergem na disciplina. Para tanto, foi considerada a disciplina que possuía a nomeação de Desenho, no Curso de Educação Artística e Licenciatura em Desenho.

Alguns documentos institucionais, como ementas da disciplina, Planos de ensino e currículos dos Cursos de Educação Artística, Licenciatura em Desenho e Licenciatura em Artes Visuais, apontaram uma separação de horas práticas e teóricas na disciplina de Desenho, entretanto há uma maior ênfase no ensino prático ou de ateliê.

Nessa concepção, a discussão acerca dos conteúdos apresentados na disciplina de Desenho, que possibilitam a aquisição do saber em Arte e, que permitam condições para a aprendizagem do Desenho, como uma expressão fundamental, tornou-se uma urgente necessidade pelas possibilidades de reavaliar e incorporar as recentes transformações do saber a ser ensinado em Desenho (BANDEIRA, 2002).

Assim, é preciso compreender que os conceitos de desenho precisam a cada nova proposta de ensino desvendar pensamentos e relações com as coisas vividas e, assim, construir possibilidades para outras apropriações da linguagem, a fim do atingimento dos propósitos do seu ensino (BANDEIRA, 2006). A presente análise contempla dois momentos distintos da disciplina de Desenho[64], inicialmente integrando o currículo do Curso de Licenciatura em Educação Artística, na década de 1970 nas instituições UFPR e FAP.

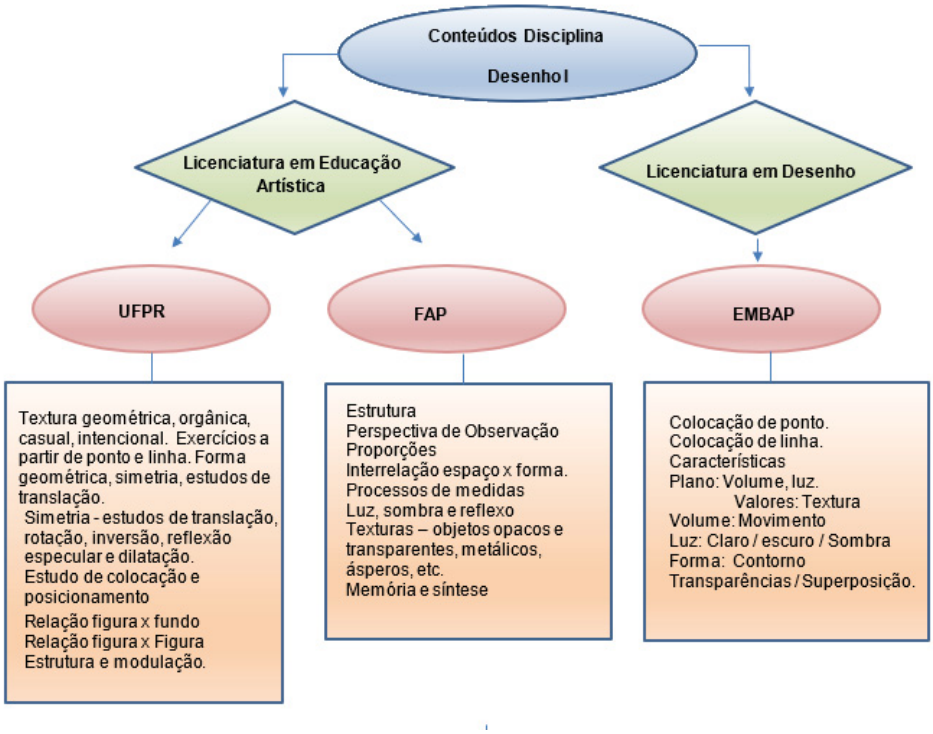
No caso da EMBAP, o Desenho integrou, a princípio, o currículo do Curso de Licenciatura em Desenho. As fontes amparam a busca pelas similaridades na disciplina de Desenho, lecionada no Curso de Educação Artística, distribuído nas disciplinas de Desenho I, II, III e IV, na UFPR e Disciplinas Desenho I, II, e III na FAP. Na EMBAP, o Desenho divide-se em quatro módulos, ao longo dos quatro anos do

[64] Optou-se pela análise do Desenho na Licenciatura Plena, visto que não foram encontradas fontes, como ementas ou planos de ensino do Desenho referentes à Licenciatura Curta.

Curso de Licenciatura em Desenho com o propósito da formação do professor de Desenho.

No caso da FAP, anteriormente, tinha-se o Desenho no Curso de Educação Artística e passou a ser chamado de Artes Visuais e ao observar as ementas da disciplina nestes momentos distintos, foi possível constatar que alguns conteúdos permanecem, porém, de uma forma concentrada, a exemplo do Desenho estrutural que aborda estrutura e proporção e experimentos gráficos com materiais diversos, este último incorpora todos os materiais. No entanto, essa disciplina integra outros conteúdos como Prática Curricular, o Desenho da criança, que possui uma abordagem advinda do campo da psicologia, sendo completado com outro conteúdo das teorias do desenvolvimento gráfico da criança e, ainda, o Desenho no ensino, demonstrando um empenho com a formação do professor de arte.

FIGURA 9 – CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DESENHO I - EDUCAÇÃO ARTÍSTICA



FONTE: A Autora.

A divisão do Desenho em disciplinas, ao longo do curso, tem por objetivo um ensino progressivo, iniciado pelos conhecimentos básicos e que elenca os tópicos essenciais que constituem as ementas da disciplina propriamente dita, nas três

instituições. Dessa forma, parte-se do princípio de que a disciplina “em si faz parte de uma estrutura mais ampla que incorpora e define objetivos e possibilidades sociais do ensino” (GOODSON, 1997, p. 31).

Foi examinada a disciplina de Desenho I (Figura 9), onde é demonstrada a organização dos conteúdos, a partir dos eixos temáticos, para os cursos de Licenciatura em Educação Artística e Desenho, na UFPR, FAP e EMBAP. A partir de uma análise preliminar, observando o Desenho no Curso de Educação Artística, na UFPR, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, é possível perceber que a ementa da disciplina sofre alterações e passa a apresentar os conteúdos de forma mais sucinta, já que é abordado o estudo da representação gráfica na superfície plana, fazendo uso da observação da luz e sombra, e do volume, não desprezando as noções de perspectiva e claro e escuro (EMENTA DA DISCIPLINA DESENHO I, UFPR, 2009).

Por último, o Desenho na Licenciatura em Desenho, na EMBAP, que também sofreu uma modificação para a Licenciatura em Artes Visuais, demonstrou um detalhamento maior dos conteúdos da disciplina, mantendo alguns e acrescentando outros. Nesse sentido, foram mantidos: noções básicas de representação em que aborda conceitos de planaridade, luz e sombra, superfícies e materiais e espacialidade, que faziam parte dos conteúdos do Desenho I na Licenciatura em Desenho. No entanto, para o Curso de Artes Visuais foi acrescentada a prática da construção de uma rotina de produção e a iniciação ao processo criativo.

Ao observar os Cursos de Licenciatura em Educação Artística e Desenho, por meio dos documentos das instituições, em busca de similaridades e investigando a disciplina de Desenho I (Figura 9), em seu enfoque prático, foi possível constatar que os conteúdos nomeados como Forma, Observação e Estrutura, fazem parte das ementas da UFPR e FAP, havendo uma similaridade dos conteúdos. No entanto, os conteúdos “Luz e Sombra e Transparência” constituem as ementas da FAP e EMBAP, somente. Por último, foi possível perceber que, entre as instituições UFPR e EMBAP, foram encontradas semelhanças nos conteúdos relacionados com exercícios com ponto e linha, considerando as informações que constam nos documentos institucionais desta disciplina.

Desta forma, é possível perceber que as instituições passam por transformações, sejam por fatores internos ou externos alheios ou não às suas

estruturas e processos educacionais. No caso dos fatores externos, pode-se mencionar a legislação vigente, dentro da delimitação temporal selecionada, e que ditou diversas alterações que foram instauradas. Em vista disso, temos a Lei 5692 de 11 de agosto de 1971, das Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Ambas com um considerável impacto na construção do currículo, na instauração das disciplinas, na seleção de conteúdos e nas modificações ocorridas, conforme a demanda de cada período, nos Cursos de Licenciatura em Educação Artística e Desenho, modificado subsequentemente para Licenciatura em Artes Visuais.

Nesse aspecto, a Figura 9 demonstra a disciplina de Desenho I, como parte integrante do currículo do Curso de Educação Artística e Licenciatura em Desenho, com o intuito de fazer uma aproximação nos conteúdos ministrados nas instituições UFPR, FAP e EMBAP, ressaltando que cada instituição tem autonomia para a escolha de sua orientação pedagógica. Além disso, desenvolver um comparativo em momentos distintos da disciplina, quando os cursos passaram a ser chamados de Artes Visuais. Há de se considerar, segundo Julia (2001), como a cultura escolar influencia tais escolhas:

> [...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

São normas e práticas existentes na Instituição de Ensino Superior, que coordenadas e ligadas às diversas finalidades podem sofrer variações e influenciar nas práticas e conteúdos aplicados em sala de aula. Sejam normas que regulam as questões educacionais ou propósitos pedagógicos que circundam o espaço acadêmico e que influenciam as disciplinas e seus conteúdos diretamente.

Nesse sentido, na EMBAP, o conteúdo era fundamentado pela biliografia indicada nos ementários e utilizada como apoio na disciplina de Desenho, no Curso de Licenciatura em Desenho. Foi possível constatar uma diversidade, já que era composta por inúmeros títulos. Foram selecionadas algumas obras, podendo iniciar

essa análise com *Diseño y Comunicacion Visual*, de Bruno Munari[65], que foi artista e designer italiano e se dedicava a pesquisas nas áreas da infância e criatividade, sendo a criatividade como princípio elementar na evolução da criança, conceitos utilizados na formação do licenciado na EMBAP.

Esta obra se apresenta como uma espécie de diário de trabalho, em que é feita uma série de observações em torno do ambiente que se desenrolam as experiências do curso e reflexões variadas a respeito da realização de investigações, com bases teóricas, que o levam em direção a repensar sobre uma nova metodologia didática e uma revisão do academicismo ultrapassado. Como teórico, sua obra é considerada como uma grande contribuição para a metodologia didática para a educação visual. Sua vida como artista[66] influenciou no seu trabalho vinculado à aplicabilidade prática, vocacionando-a para a própria vertente educacional e investigativa, para além da sua faceta industrial e utilitária.

Outra obra é *Disegno, Desenho, Desígnio,* de Edith Derdyk[67], em que a autora defende sua capacidade de abrangência como meio de comunicação, expressão e conhecimento. “O desenho é a matriz e a força motriz de meu traçado: ir e vir com o grafite no espaço do papel está tão calcado em meu sistema neurológico que a própria ação de desenhar se sobrepõe à força da representação” (DEERDIK, 2013, p. 169). Esta obra trata-se de uma coletânea de autores composta por trinta ensaios. A apresentação do livro é feita por Derdyk, que esclarece a respeito do seu conteúdo, onde estão reunidos textos inéditos escritos por profissionais que representam distintas áreas de conhecimento, como arte, ciência e técnica. Nos textos são retratadas experiências que imprimem muitos sentidos e direções à natureza e

---

[65] Considerado inovador, pois criou o conceito de livro ilegível e pré-livro desenvolvido por ele, no ano de 1981, quando publicou o livro *Das Coisas Nascem as Coisas.* A intenção do pré-livro é incentivar as crianças a experimentarem o livro de forma diferente, ampliando sua concepção sensorial e desconstruindo o conceito do objeto livro.

[66] Bruno Munari, assumindo uma personalidade futurista, não se coibiu de a fundir com o surrealismo, com o qual conviveu numa viagem em Paris, no ano de 1933. Após o período conturbado da Segunda Guerra Mundial, ao lado de outros colegas, fundou o movimento **“**Arte Concreta**”.** A necessidade de reforçar o valor da arte não-figurativa, que não descarta o abstracionismo e sente influências antes do final dos anos 40 e depois de se demarcar do futurismo pela sua proximidade ao regime fascista, o italiano debruçou-se com a teoria da Gestalt aplicada à arte, esta que o atraía a envolver em experimentações onde o todo se fazia valer à visão fragmentada e partida da construção artística do russo Wassily Kandinsky. Munari entregou-se à plenitude multidimensional da criação e expressão artística, tornando-se íntimo com a vanguarda modernista e futurista, para além da própria arte concreta e conceptual. Disponível em https://www.comunidadeculturaearte.com/bruno-munari-um-dos-principais-nomes-na-teoria-e-pratica-do-design/.

[67] Pintora, desenhista, designer gráfico e escritora brasileira.

modalidades do desenho, demonstrando uma multidisciplinaridade para a compreensão e aplicabilidade do desenho na disciplina, no currículo da Licenciatura em Desenho da EMBAP.

O aporte teórico utilizado nas aulas de Desenho oferece uma contribuição que envolve conhecimentos de diversos autores e sua percepção a respeito do ensino do desenho. A escolha das discussões realizadas por esses autores sobre o Desenho demonstra a orientação curricular para o Curso de Licenciatura em Desenho na EMBAP e permite perceber a que correntes artísticas e pedagógicas estavam vinculadas.

A obra *O espaço em perspectiva,* de Suely Fragoso, contribui com as noções e conceitos a respeito de perspectiva. A autora generaliza quando estabelece a perspectiva como uma técnica de representação de elementos tridimensionais em superfícies planas, na qual os objetos que ocupam planos mais distantes de um ponto associado, de maneira simbólica, ao olho de um observador hipotético, são representados com dimensões menores do que os outros objetos, que ocupam planos mais aproximados.

Portanto, trata-se de um modo de conceber e representar o espaço visualmente no plano bidimensional, por meio do desenho. A representação visual é estabelecida a partir do encontro num ponto de fuga (podendo ser mais de um), de todas as linhas que representam os planos perpendiculares a tela. Esse ponto, de maneira figurada, representa a ótica do infinito e está situado a partir de uma reta e seu oposto, dividindo a superfície em duas partes equivalentes e encontra-se localizado fora do quadro.

Alinhando com a geometria, Fragoso (2005) afirma que nas imagens em perspectiva

> [...] a profundidade do espaço tridimensional é representada a partir de um (convencional) encontro das paralelas de um ou mais “ponto(s) de fuga. O número de pontos de fuga em uma representação perspectivada varia conforme a posição do objeto representado em relação ao plano de projeção: na perspectiva com um único ponto de fuga, apenas uma dimensão não é paralela ao plano de observação, a profundidade. Na perspectiva de dois pontos de fuga, não são paralelas a profundidade e a largura, e na perspectiva com três pontos de fuga o objeto não é paralelo ao plano de projeção em nenhuma das três dimensões (altura, largura, profundidade) (FRAGOSO, 2005, p. 18).

É possível perceber que o estudo da Perspectiva presente nas ementas de Desenho da EMBAP, remete ao período do Renascimento, pois o método do ensino da arte inicia nas oficinas e no "*Quattrocento"* os aprendizes, além da instrução prática, se familiarizavam com os rudimentos da geometria, perspectiva e anatomia, e eram ensinados a desenhar do natural aos modelos" (HAUSER, 2000, p. 427). Para compreender esse conceito, apresenta-se a obra Escola de Atenas (Figura 10), pintada por Rafael[68] em uma sala do Palácio do Vaticano por encomenda do Papa Júlio II. Nesta obra são retratatados diversos filósofos gregos e não-gregos de diferentes épocas, além de vários cientistas, que estão envolvidos em uma animada conversação. O artista representou, de forma idealizada e do ponto de vista renascentista, as mais importantes figuras da filosofia e da ciência do Mundo Greco-Romano[69].

FIGURA 10 - ESCOLA DE ATENAS DE RAFAEL SANZIO

FONTE: Web Galeria de Arte[70]

[68] Rafael Sanzio (1483-1520), ou Fafaello, porém frequentemente referido apenas como Rafael, foi um mestre da pintura e da arquitetura. Foi um dos grandes nomes da Renascença italiana, ao lado de artistas como Michelangelo e Leonardo da Vinci. Ainda durante a infância, ele se tornou aprendiz do pintor Pietro Perugino e aos 17 anos já era considerado um mestre.

[69] Platão e Aristóteles, os dois filósofos gregos que mais influenciaram o pensamento ocidental, ocupam o centro do afresco e dominam toda a cena. Platão, um ancião, aponta para o céu com a mão direita, gesto que representa a "teoria das formas" (abstrata e intangível); o vigoroso Aristóteles, seu discípulo dileto, gesticula também com a direita em direção à terra, o que representa a "percepção pelos sentidos", base de sua concreta teoria do conhecimento. Platão defende, portanto, os méritos do idealismo, enquanto Aristóteles defende o realismo.

[70] Disponível em https://www.wga.hu/. Acesso em:15 dez. 2020.

O ponto de fuga é o ponto localizado na linha do horizonte, para onde todas as linhas paralelas convergem, quando vistas em perspectiva. Dessa forma, a linha do horizonte, em perspectiva, é a linha imaginária que determina a altura dos olhos de um observador fixo. Nesse sentido o estudo da obra evidencia o ponto de fuga que é o encontro das linhas ortogonais ao observador (FIGURA 11).

FIGURA 11 - ESTUDO ESQUEMÁTICO DA OBRA - ESCOLA DE ATENAS

FONTE: Figura adaptada - Web Galeria de Arte[71]

Nesse sentido, as academias[72] eram instituições destinadas à formação de artistas, deixando de lado as associações informais e os círculos artísticos existentes na Renascença italiana, sendo que a partir dessa tradição é possível afirmar que a primeira academia de arte foi a Academia de Desenho de Florença em 1562, por

[71] Disponível em https://www.wga.hu/. Acesso em: 15 dez. 2020.

Giorgio Vasari[73], nos próximos anos surgem outras academias[74] dotadas da mesma tradição.

Partindo deste princípio, havia o ensino do desenho de observação da figura humana, que está relacionado com a percepção entre superfície e espaço, como mencionam os conteúdos do Plano de Curso da disciplina de Desenho II, da Licenciatura em Desenho da EMBAP, e assevera uma tradição vinda da Escola Nacional de Belas Artes, onde esta disciplina destinava-se a estudar anatomia e fisiologia artísticas e Desenho do modelo vivo, tendo disciplinas específicas destinadas a essas práticas.

Nesse aspecto, a EMBAP englobava em seu Departamento de Belas Artes, as linguagens da Pintura, da Gravura, da Escultura e do Desenho, que perfaziam nos cursos superiores de Licenciatura em Desenho e os superiores de Bacharelados em Pintura, em Gravura e de Escultura, tradicionais de uma Escola de Belas Artes.

A disciplina de Desenho, na UFPR, estava ligada ao estudo da forma e dos elementos compositivos da comunicação visual. Nesse aspecto, o desenho no curso de Educação Artística, dava "ênfase ao desenho de observação como imitação da natureza" (SILVA; VAZ, 2020, p. 20). Estava ligada ao desenvolvimento da capacidade de observação e a habilidade gráfica, entre explorar e experimentar questões da representação bidimensional adequada ao ensino da Educação Artística eram os objetivos da disciplina de Desenho I, que proporcionava o desenvolvimento da percepção visual e a concentração. O desenho das academias promovia-se com base na cópia de obras dos grandes mestres, desenho de modelo de gesso e depois pelo desenho de modelo nu. Mais tarde, o desenho geométrico, o desenho de observação e a perspectiva linear foram incluídos. Nesse aspecto, existe um alinhamento com o Classicismo que "tende à simplicidade, simetria, normalidade e redução de tensão" (ARNHEIM, 2005, p. 59).

Entre os nomes indicados na bibliografia para o ensino do Desenho na UFPR, expresso nos Planos de Ensino, continha obras como *Asi se dibuja (1965)* de José M.

---

[73] Giorgio Vasari (1511-1574) foi um pintor e arquiteto italiano conhecido principalmente por suas biografias de artistas italianos.

[74] Outras academias surgem como Accademia di San Luca, de Roma, 1577, que após longo período de declínio é reativada pelo pintor Federico Zuccaro, em 1593. Ainda na Itália, registram-se a Academia dos Progressistas (1580), de Bolonha, obra dos pintores da família Carracci, e a Academia de Milão, fundada pelo cardeal Federico Borromeo, em 1620.

Parramón, que era considerada como um manual com fórmulas técnicas. A obra *Arte e percepção visual* de Rudolf Arnheim (1962) e Bruno Munari com *Desenho e comunicação visual* (1974).

Onofre Penteado[75] com *Desenho estrutural* (1976), é utilizado nas disciplinas Desenho I a IV, na UFPR, e o autor defende a ideia em que:

> Promove-se a experiência global: sensorial (visual, táctil, auditiva) e psíquica ou espiritual (relações e significações através de trabalhos práticos-didáticos; desenhos de criação, exposição de estampas, projeções de slides e incipientes gravações sincronizadas com projeções (início do futuro ensino programado) (PENTEADO, 1981, p. 24).

Penteado (1981) apresenta nesta obra o trabalho de uma vida inteira dedicada ao magistério e fruto de muitas experimentações. Nesse aspecto, há uma aproximação com a ementa da disciplina Desenho IV, que concebe o desenho por meio de propostas a partir de ambientes estáticos e dinâmicos e por meio de um processo de desenvolvimento do aluno que inicia com a análise, representação, abstração e criação, com o objetivo de capacitar o aluno para utilizar os recursos da representação bidimensional no seu empenho profissional ou em sua produção artística.

Maurice Sausmarez contribui com a obra *O desenho básico (1986), que* demonstrou uma aproximação com o conteúdo da disciplina Desenho II, em que é descrito com exercícios com o desenho de formas poliédricas[76], que inclui seu enquadramento, luz e sombra, análise da linha, forma, volume, proporções e unidade. Nesse aspecto, o autor explica que uma linha indica

> [...] direção e posição, podendo originar-se através de uma cadeia de manchas unidas umas às outras. Relacionam-se criando uma variedade de energias, tensões que ao s erem ativadas, deslocam-se ao longo do seu comprimento, intensificando em ambas as extremidades, a velocidade implícita no espaço e à sua volta. É capaz de exprimir emoções, como por exemplo: uma linha espessa está associada à audácia, uma linha reta à força e estabilidade, uma linha em ziguezague à excitação, linhas retas do mesmo comprimento e espessura em agrupamentos paralelos podem introduzir fatores de relação proporcional e intervalos rítmicos. Esses impulsos

[75] Onofre Penteado, professor da UFRJ, autor de diversas publicações na área da arte educação, nas quais procurou expor seus métodos de ensino-aprendizagem, técnicas e procedimentos didáticos (GOUVEIA, 1998).

[76] Poliedros (do latim poli — muitos — e edro — face) são figuras tridimensionais formadas pela união de polígonos regulares, na qual os ângulos poliédricos são todos congruentes. A união desses polígonos forma elementos que compõem o poliedro, são eles: vértices, arestas e faces.

> direcionais originados pelo uso da linha proporcionam um dinamismo condicionado ao movimento que exercem no plano e no espaço (SAUMAREZ, 1986, p.25-26).

Esses conceitos embasavam os objetivos da disciplina de Desenho, que visava primeiramente desenvolver o raciocínio espacial do aluno, exercitar percepção e memorização de formas e a representação gráfica de formas tridimensionais, tencionando capacitar o aluno para o desenvolvimento e utilização dos recursos para representação bidimensional, e como mencionado anteriomente, seja para o exercício do magistério ou sua produção artística, ao longo de quatros anos na UFPR.

Jean Rudel, com a obra *A técnica do desenho (1980),* define o ato de desenhar como “um ato de conhecimento, de apropriação, de simpatia e mesmo de comunhão” (RUDEL, 1980, p. 8), o que significa um diálogo entre os exercícios baseados no real, na memória do aluno e na sua imaginação. A proposição do ato de desenhar a partir dessas premissas, conforme observações das ementas das disciplinas de Desenho, no curso de Educação Artística - UFPR.

Na FAP, como referência bibliográfica para a disciplina de Desenho, também havia a indicação da obra *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora* (2005) de autoria de Rudolf Arnheim, em que discute as consequências educacionais das práticas de ensino de desenho, apoiado na ideia de uma progressão lógica, que partia do simples para o complexo, e da mesma forma incentivando a não intervenção do professor de arte no seu processo de ensino, com a justificativa de que “a arte é uma daquelas habilidades de que se deve aprender sozinho”. (ARNHEIM, 2005, p. 193). Inclusive, esta obra foi utilizada no ensino do Desenho na EMBAP e UFPR.

Os princípios dos pensamentos psicológicos do autor e de muitos de seus experimentos advêm da *Gestalt*, que tinha como base que “a visão não é um registro mecânico de elementos, mas sim a apreensão de padrões estruturais Arte e percepção visual significativos (ARNHEIM, 2005, p. 13).

Nesse aspecto, o autor traz uma concepção a respeito da representação realística, de que à medida que o professor observa a manifestação do talento inato, há a certeza da decisão intuitiva e a progressão lógica do aluno que vai do simples para o complexo, surgindo o questionamento se a melhor coisa a se fazer não seria deixar seus alunos sozinhos, encarregados de sua própria orientação. No entanto, “não seria a arte uma daquelas habilidades que se pode ou se deve aprender

sozinho?" argumenta o autor (ARNHEIM, 2005, p. 193). São articulações que produziram um acentuado reflexo nas aulas de arte, já que parte do pressuposto de que a arte não se ensina e, portanto, não necessitaria de conteúdos teórico-práticos.

Nesse período, relativo aos anos de 1970, algumas publicações a respeito do ensino de desenho foram realizadas e adotadas nas ementas da disciplina de Desenho. Dentre as referências utilizadas na FAP, pode-se citar a obra de Camille Bellanger, *Desenho Artístico (1853-1923),* a qual era elaborada visando os modelos neoclássicos[77], de representação e observação da natureza. Essa prática ficou evidenciada como ponto comum nas três instituições e advém da ENBA.

A partir dessa perspectiva:

> No século XIX, a influência da Missão Francesa e dos artistas europeus sobre o ensino de arte e ainda a própria divulgação das lições neoclássicas dos mestres franceses, fizeram predominar essa orientação. O desenho era considerado essencial para o desenvolvimento da pintura, da gravura e qualquer outra linguagem, tornando-se uma disciplina obrigatória na preparação do aprendiz. Um ensino baseado na observação da natureza e na imitação da arte do passado fazia parte do currículo das escolas de arte (BANDEIRA, 2006, p. 1).

Eram pressupostos que constituíam as ementas de Desenho como a prática do desenho e como registro de expressão, como representação de formas e do espaço que nos cerca por meio do desenho de observação, memória e imaginação. Nesse sentido, o desenho de memória pode ser considerado uma fotografia visual, onde ocorre uma visualização prolongada que se faz de um objeto, com o objetivo de compreender sua estrutura, para fixar na memória seus detalhes para, posteriormente, representá-lo.

No entanto, no desenho de imaginação, relaciona o resultado entre a imaginação do artista e a representação do que ele faz de suas ideias. Não necessariamente esse desenho se prende aos cânones formais, porém trata-se de algo empírico, decorrendo de experiências prévias de representação.

A partir dos anos de 1990, nas ementas de Desenho utilizou-se a obra de Betty Edwards: *Desenhando com o lado direito do cérebro (1984)*, a qual valoriza o

---

[77] O Neoclassicismo ou novo classicismo representa um movimento artístico e cultural que envolveu a literatura, a pintura, a escultura e a arquitetura. Seu surgimento ocorreu no século XVIII na Europa e se espalhou pelo mundo e permaneceu até meados do século XIX. Recebe este nome por estar baseado nos ideais clássicos.

desenvolvimento criativo dos alunos a partir de exercícios que também auxiliam no desenvolvimento técnico do desenho[78].

Edwards afirma que as habilidades de desenho se desenvolvem em cinco componentes básicos da percepção visual, sendo eles: Contornos, espaços, relações, luz e sombra e *Gestalt*. Sendo que, para alcançar o desenho expressivo, devem-se desenvolver duas outras habilidades, o desenho de memória e o desenho de imaginação. Nesta proposta, a autora toma como base para o seu método de ensino, afirmando que por meio da experiência dos exercícios propostos, os alunos eram conduzidos a compreender e a desenhar de forma espontânea.

Dentre as diversas obras que foram indicadas nas ementas, para o apoio teórico e metodológico nas aulas de Desenho, da FAP, pode ser citado**,** Emílio Freixas[79] com a obra: *Leciones de dibujo artístico (1995),* que possuía como princípios aprender a desenhar em perspectiva, composição, ritmo das linhas, figura humana em movimento e anatomia artística.

Nessa mesma linha, com o conteúdo de desenho da figura humana e noções de anatomia, as obras *Técnicas de desenho da figura humana (1995)* de Gil Kipper, *Atlas of human anatomy for the artist (1987)* de Stephen Rogers Peck., *Desenho e anatomia (1971)* de Victor Perard, e *Human anatomy for the artist (1979)* de John Raynes e *Composicion áurea em las artes plásticas (1958)* de Pablo Tosto, reúnem informações e técnicas para se obter o domínio das proporções do corpo e das expressões do rosto. Essa coletânea de obras se dedica ao ensino da anatomia, fisionomia, movimentos, sombreado e perspectiva da figura humana.

Em específico, o *Atlas of human anatomy for the artist* (1987), de Stephen Rogers Peck, se trata de um manual para os estudantes em que reúne seções sobre ossos, músculos, anatomia de superfície, proporção, equilíbrio e locomoção. Outras características exclusivas são tratadas em uma parte do livro a respeito dos tipos de

---

[78] Uma parte desses exercícios vinha sendo explorada pelo professor Kimon Nicolaides, na década de 1930, em suas aulas de desenho. Nicolaides (1941) foi durante 15 anos um dos principais professores da escola americana *Art Students' League* em Nova Iorque. O professor tornou-se uma unanimidade no ensino de desenho e com a divulgação de suas ideias que pretendiam descobrir os impulsos criativos e individuais de cada aluno (BANDEIRA, 2006).

[79] Foi um cartunista espanhol , pedagogo do desenho, considerado um dos pioneiros da história em quadrinhos na Espanha. Freixas é o criador do "Método Freixas" para a aprendizagem do desenho. Este método consiste em uma grande coleção de gravuras para todas as idades, desde os mais novos aos iniciantes e amantes do desenho artístico. Devemos somar os livros “como desenhar” aos estudos, o “curso de desenho” em 3 volumes e a série de livros “desenho” (FREIXAS, 1995).

físico humano, anatomia desde o nascimento até a velhice, uma orientação sobre anatomia racial e uma análise das expressões faciais.

A bibliografia sugerida nas ementas, como base das aulas de Desenho na FAP, sugere uma metodologia voltada para os modelos neoclássicos, que, em outros termos, se trata do ensino tradicional do desenho, de representação e observação da natureza a partir de Bellanger, e o estímulo da criatividade a partir de Edwards, que dedicavam ao ensino da anatomia humana e o desenho da figura humana.

Para Edwards (1984), é interessante trabalhar o desenho a partir de retratos de figura humana, visto que o aprendiz de desenho por meio das técnicas repassadas se familiariza com as estruturas propostas e por considerar o desenho de anatomia humana mais complexo, torna-se mais confiante em produzir outros desenhos. É perceptível, portanto, uma ampliação das concepções da disciplina, ainda presente uma certa tradição do ensino de desenho da academia de belas artes, com novas teorias.

No entanto, uma outra temática abordada foi o Desenho Infantil e a construção de conhecimento na criança e alguns autores aparecem como indicação nas ementas de Desenho da FAP. Pode-se iniciar a análise pela obra *O desenho infantil (1969),* de Georges- Henri Luquet[80], seu estudo a respeito de desenho infantil é feito tendo como base a observação sistemática do desenhar de seus filhos[81]. Nos desenhos de seus filhos, Luquet percebe o desenhar como um ato de representação da realidade. O “realismo” do desenho é, deste modo, uma concepção chave em sua teoria.

A obra *O realismo no desenho infantil,* de Maria Lúcia Batezat Duarte*,* dialoga de certa forma com as concepções de Luquet, em que a autora defende a hipótese que o desenho, na infância, é um forte recurso cognitivo de reconhecimento, classificação e identificação dos objetos do mundo. “Considerado, um desenho figurativo (que figura os objetos) e realista (que apresenta os objetos experimentados concretamente pela criança)” (DUARTE, 2007). A autora parte do princípio de que os estudos de memória e percepção visual podem contribuir para a compreensão do

[80] O autor dedica-se especialmente ao estudo da arte primitiva e pré-histórica, e ao estudo do desenho infantil, entre os anos de 1910 e 1930. Ele constrói o seu pensamento entretecendo diferentes domínios do conhecimento: a filosofia, a lógica e a matemática; a psicologia, a antropologia e a educação.
[81] Seus estudos se entrecruzam produzindo uma reflexão muito própria a sua época: uma relação entre a filogenia, o desenvolvimento do ser humano, e a ontogenia, o desenvolvimento do sujeito.

desenho infantil, auxiliando a formação do professor e futuramente em sua prática pedagógica.

A autora Analice Dutra Pillar, com pesquisas ao longo de quinze anos, contribui com a obra *Desenho e construção de conhecimento na criança*, envolvida com estudos acerca do desenho infantil, o que levou, buscar compreender a construção de conhecimentos no desenho, através das concepções da criança. A opção pela temática do desenho infantil está ligada ao currículo do CAPE, que possuía um projeto que ia além de uma visão de arte infantil dotada de propriedades estéticas e que somou à experiência de ensino superior da FEMP. Nessa perspectiva, essas obras constituem as ementas de Desenho, dando sua contribuição para estudos relacionados à análise do desenho no desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

A análise permitu perceber que

> As disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem e se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações (ou as tomam emprestadas de outras) etc. (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 204).

Por meio das prescrições, o intuito é articular os conteúdos ministrados na disciplina de Desenho, nas três instituições optadas para esta investigação, utilizando a bibliografia indicada nas ementas da disciplina, como apoio para a aquisição de conhecimento dos saberes do desenho e “fazem parte da construção dos conteúdos curriculares incluídas no texto do saber apresentado pelo professor aos alunos” (BANDEIRA, 2001, p. 209). As fontes permitiram perceber como eram organizados os saberes do desenho e como deveriam ser ministrados nas aulas.

2 O DESENHO E A MODIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA PARA O ENSINO DA ARTE

A mudança na nomenclatura, de “Educação Artística”, utilizada pela LDB 5692/71, para “Ensino da Arte”, ocorreu em 1996, de acordo com a LDB 9394/96. A alteração do termo tinha como base a formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. A partir dessa Lei revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica, assim sendo: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, art. 26, § 2º (BRASIL, 1996).

Nesse aspecto, é feita a alteração da noção de “atividade artística” para “disciplina” e, ocorrendo posteriormente, na estruturação das Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs para os cursos de graduação nas diferentes linguagens artísticas. Compreende-se, portanto, que o surgimento das DCNs para a área de arte foi resultado de um esforço conjunto, entre associações que promoveram debates entre professores de arte por meio de diversos acontecimentos.

Essa discussão é relevante, já que visa à transformação da disciplina de Arte na escola, como área de conhecimento. Portanto, nesse sentido, é considerado fundamental o planejamento dos conteúdos que se referem a cada linguagem artística, articulando com uma fundamentação teórico-prática inserido no processo de ensino e aprendizagem.

Essa mudança significou abandonar o termo “polivalente”, que estava imbuído na expressão Educação Artística, utilizada anteriormente e simbolizou uma conquista para a classe, pois direcionou a formação do professor em uma linguagem específica. A promulgação desta Lei propiciou a criação e a reformulação de diversos cursos superiores e seus currículos. Ocorreu, portanto, o surgimento das licenciaturas em: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança.

Nesse sentido, o Curso de Licenciatura em Artes Visuais visava atingir o objetivo da especificidade da formação artística, priorizando a vivência das técnicas e linguagens artísticas, além de considerar em seu currículo as disciplinas dedicadas à formação do educador em arte. O desígnio da formação desse professor estava

direcionado para a pesquisa na área de ensino de artes, contemplando seus conteúdos, objetivos, pressupostos metodológicos e avaliação.

Na EMBAP, o Curso de Licenciatura em Desenho era direcionado para a formação específica do professor de Desenho e alterou sua nomenclatura para "Licenciatura em Artes Visuais", no ano de 2010. Essa mudança acarretou a alteração da matriz curricular que reestruturou a carga horária dos núcleos de Formação Geral, Formação Específica[82] e Disciplinas Optativas, por série e contando a sua carga horária por disciplina. O curso passou a ser ofertado sob a nova nomenclatura a partir do ano de 2011.

É preciso compreender quais fatores levaram não só à mudança do nome do Curso de Licenciatura em Educação Artística para Artes Visuais, mas às alterações em seu currículo, e quais elementos influenciaram essa mudança. Nessa perspectiva, a EMBAP alterou o seu currículo e instaurou a primeira matriz curricular, a qual foi submetida no Curso de Licenciatura em Artes Visuais no ano letivo de 2011, substituindo o antigo Curso de Licenciatura em Desenho (EMBAP, 2016).

A partir dessa concepção, a EMBAP ponderou as alterações no currículo do novo curso, justificando os motivos destas modificações, expondo que:

> Por fim, o Colegiado considera que a medida vem de acordo à condição das artes visuais na contemporaineidade, em que a formação multidisciplinar, o encontro entre diferentes linguagens e técnicas artísticas e o desenvolvimento das poéticas individuais dos discentes são aspectos fundamentais e imprescindíveis para a formação dos alunos (EMBAP, 2016, p. 3).

O real sentido da alteração da utilização do termo artes plásticas para artes visuais, se trata de um indício da alteração na própria configuração do significado das artes (visuais e plásticas). Esse termo aborda uma base com sólida fundamentação em Arte, que articulasse as contribuições resultantes das diferentes áreas do saber como as teorias da arte, a filosofia, a história, a sociologia, a antropologia, psicologia, entre muitas outras.

A readequação do antigo Curso de Licenciatura em Educação Artística na UFPR fundamentou-se na necessidade de ajustar-se à realidade do ensino e seus

[82] A Formação Específica diz respeito às disciplinas com viés artístico e prática artística organizada de acordo com a linguagem artística.

desafios contemporâneos, às transformações do campo da arte, às exigências do Ministério da Educação, à nova regulamentação para os cursos de licenciatura e a uma melhor definição para o bacharelado. Nesse aspecto, o professorado responsável pela reestruturação do curso definiu como um “desafio que enfrentamos, ao propor um novo curso, exige uma posição, no mínimo, de compreensão das perspectivas econômicas, políticas e culturais mundiais que permeiam as produções artísticas como um todo e a produção plástica em particular” (UFPR, 2007).

Nessa perspectiva, ao propor um novo curso, em 2007, a partir da reformulação do Curso de Licenciatura em Educação Artística existente desde 1975, a UFPR se posicionou assumindo que

> [...] exige uma posição, no mínimo, de compreensão das perspectivas econômicas, políticas e culturais mundiais que permeiam as produções artísticas como um todo e a produção plástica em particular. Globalização, nomadismo e hibridizações culturais, além de uma indústria do entretenimento agressiva somam-se aos crônicos problemas socioeconômicos brasileiros exemplificados na precariedade das instituições culturais e na exclusão social cada vez maior (UFPR, 2017, p. 7).

O projeto de mudança do Curso de Licenciatura em Educação Artística – com habilitação em Artes Plásticas e Desenho, para Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, responde, em primeiro lugar, à necessidade de se superar um modelo de curso que objetivasse não somente a preparação técnica em função do mercado de trabalho, mas também a construção de uma formação sólida em arte baseada nas diferentes áreas do saber distribuídas em disciplinas e que integraram o currículo do curso. O Curso de Licenciatura em Educação Artística teve sua nomenclatura alterada pelo Decreto nº 81.271/78 para licenciatura em Artes Visuais em 2008, na UFPR (UFPR, 2007, p. 8-9).

Nesse aspecto, Silva e Vaz (2020) comentam a respeito da extinção do curso de Licenciatura em Educação Artística, vindo a ser substituído pela Licenciatura em Artes Visuais:

> [...] as transformações curriculares referentes à extinção do curso de educação artística, mesmo que *a priori* respondam às exigências da lei 9.394/96, decorrem das vontades e necessidades dos indivíduos que participam do processo como um todo (SILVA; VAZ, 2020, p. 5).

No Curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Desenho, cabe ressaltar o diferencial em relação a outras licenciaturas da época, sendo da EMBAP e da FEMP, dada a sua constituição mais complexa, tanto em termos acadêmicos quanto e pelo compartilhamento de conceitos e práticas provenientes do Desenho Industrial; curso que foi criado no mesmo momento e que igualmente fazia parte do Departamento de Artes da UFPR[83] (UFPR, 2019, p. 7-8).

Em relação a todos os cursos de licenciatura, independente da área de conhecimento, o Parecer[84] CNE/CP Nº 9, de 5 de dezembro de 2007, afirma que se refere à "[...] reorganização da carga horária mínima dos cursos de Formação de Professores, em nível superior, para a Educação Básica e Educação Profissional no nível da Educação Básica" (BRASIL, 2007, p. 1). Assim, o Artigo 1º descreve:

> Art. 1º Os cursos de Licenciatura destinados à Formação de Professores, em nível superior, para os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação Profissional de nível médio, organizados em habilitações especializadas por componente curricular ou abrangentes por campo de conhecimento, conforme indicado nas Diretrizes Curriculares Nacionais pertinentes, devem ter, no mínimo, 2.800 horas de efetivo trabalho acadêmico, compreendendo, pelo menos, 300 horas de estágio supervisionado e pelo menos 2.500 horas dedicadas às demais atividades formativas. Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente a Resolução CNE/CP no 2/2002. (BRASIL, 2007, p. 3).

As instituições EMBAP, UFPR e FAP adaptaram seus projetos pedagógicos de acordo com a alteração do nome do curso para Licenciatura em Artes Visuais, considerando perspectivas econômicas, políticas e culturais mundiais que circundavam as produções de arte e de acordo com a demanda vigente, sendo que cada área de conhecimento constitui fundamentos e práticas curriculares específicos. Em relação à mudança da nomenclatura "Educação Artística" para "Arte", persiste a problematização: essa mudança foi somente em relação ao nome do curso? Ou,

---

[83] Na UFPR, "Com o tempo, o crescimento e o aprofundamento das especificidades dos cursos de Educação Artística e Desenho Industrial levou a uma divisão do Departamento de Artes original, resultando na criação do novo Departamento de Design e do atual Departamento de Artes, que manteve consigo os cursos de Artes Plásticas e de Música" (Projeto Político Pedagógico Artes Visuais. UFPR, 2019, p. 8).

[84] O parecer é definido como um "documento técnico, com caráter opinativo, emitido por órgão especializado" (ALEXANDRINO; PAULO, 2009, p. 471). Pertence aos atos administrativos enunciativos do poder público. É preciso outro ato administrativo que possua conteúdo decisório e que aprove um parecer para que decorram efeitos jurídicos.

pode-se encontrar alterações em relação ao currículo e à grade de disciplinas deste curso?

2.1 A Disciplina de Desenho no currículo do Curso de Artes Visuais da EMBAP

Em busca de documentos que demarcassem a data da alteração e comprovação do início do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, localizou-se a sua matriz curricular vigente a partir do ano de 2011. Para corroboração deste fato, localizou-se o edital 001/2009, pág. 1, que publicou o processo seletivo para o vestibular de 2009, em que ainda era ofertado o Curso de Licenciatura em Desenho, dispondo de 30 vagas. A partir da comparação dessas fontes, foi possível demarcar o último ano em que foi ofertado o Curso de Licenciatura em Desenho para seleção de novos alunos e concluir que a partir do ano de 2011 o curso iniciou com o novo nome de Licenciatura em Artes Visuais.

Com a modificação da designação do curso ocorreu a necessidade de modificar o currículo, a partir da demanda existente naquele momento. Portanto, foi possível constatar diversas mudanças no conteúdo da disciplina de Desenho e que, portanto, o currículo estava em constante fluxo e transformação. Assim, localizar as alterações ocorridas em um dado período, no sentido de não somente buscar descrever como os conhecimentos se organizavam no currículo, mas compreender os motivos pelos quais foram organizados e desta forma, como se modificaram:

> Uma perspectiva que vê o conhecimento corporificado no currículo escolar como um artefato social e cultural não pode se deter na descrição estática do passado, mas deve tentar explicar como esse determinado artefato veio a se tornar o que é, descrevendo a dinâmica social que a moldou dessa forma (SILVA, 2003, p. 8).

O curso, então, modificou seu nome para Artes Visuais na EMBAP, com a ocorrência de diversas mudanças, definindo outras diretrizes, como a que habilita o profissional docente para atuar no magistério de Artes Visuais no Ensino Fundamental

e no Ensino Médio, promovendo assim uma visão abrangente sobre teoria e prática artística[85].

A disposição das disciplinas teóricas e práticas na Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP (QUADRO 32), pode ser percebida inicialmente na disciplina de Desenho com duas divisões: Desenho I e Desenho II.

QUADRO 32 - MATRIZ CURRICULAR DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS 2011 – EMBAP

Nº	DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	C/H
FORMAÇÃO GERAL						
1	Teoria da arte educação	68	x	x	x	68
2	Didática I	x	68	x	x	68
3	Didática II	x	x	68	x	68
4	Filosofia da arte	68	x	x	x	68
5	Psicologia da educação	x	68	x	x	68
6	Antropologia	68		x	x	68
7	Língua Bras. Sinais Libras	x	x	x	68	68
8	História I	102		x	x	102
9	História II	x	102	x	x	102
10	História III	x	x	102		102
11	História IV	x	x	x	102	102
12	Estética	x	x	x	68	68
13	Metodologia em pesquisa		68	x	x	68
14	História da África e cultura afro-brasileira e indígena	68		x	x	68
15	Deontologia	x	x	68	x	68
16	TCC Trabalho de conclusão de curso	x	x	x	68	68
TOTAL FORMAÇÃO GERAL						**1224**
Formação específica						
18	Multimeios I	x	x	102	x	102
19	Multimeios II	x	x	x	102	102
20	**Desenho I**	**102**		**x**	**x**	**102**
21	**Desenho II**		**102**	**x**	**x**	**102**
22	Gravura I	x	x	102	x	102
23	Gravura II	x	x	x	102	102
24	Pintura I	102		x	x	102
25	Pintura II		102	x	x	102
26	Expressão em volume I	102		x	x	102

[85] É parte integrante do currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, uma carga horária em estágios supervisionados obrigatórios, por meio da Lei 9394/96, cumprida em horário distinto ao da graduação. Informações disponíveis no site: embap.pr.gov.br.

27	Expressão em volume II		102	x	x	102
28	Laboratório de recursos ped.	x	x	102	x	102
29	Estudo da forma	x	68	x	x	68
30	Fotografia	68	x	x	x	68
TOTAL FORMAÇÃO ESPECÍFICA						**1258**
PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO						
31	Prática de ensino I		102			102
32	Prática de ensino II			136		136
33	Prática de ensino III				170	170
34	Estágio curricular sup. I		102			102
35	Estágio curricular sup. II			136		136
36	Estágio curricular sup. III				170	170
TOTAL PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO						**816**
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA)						**240**

FONTE: Quadro adaptado da Matriz Curricular de Licenciatura em Artes Visuais – Arquivo EMBAP – 2011.

A Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais ficou vigente a partir do ano de 2011 e, nesse aspecto, as disciplinas dedicadas ao ensino de desenho se subdividiram em: Desenho I e Desenho II, podendo constar alguma outra disciplina que ministrasse o ensino do desenho, todavia não constava a palavra “desenho” em sua nomeação. Como exemplo, a disciplina de Expressão em Superfície I, ministrada no Curso de Licenciatura em Educação Artística na UFPR. Nesta disciplina eram abordados técnicas e recursos da expressão gráfica, dentre eles, o ensino do Desenho e as qualidades da superfície como cor, textura, etc., entretanto, não consta na nomeação da disciplina o termo desenho. Nesta investigação direcionaram-se o olhar e as análises, com o intuito de contemplar as disciplinas designadas como Desenho, por entender que seus conteúdos eram em sua totalidade direcionados ao ensino das práticas do desenho.

As fontes elencadas para auxiliar a análise da disciplina de Desenho e suas alterações e permanências são documentos da instituição de Ensino Superior, EMBAP, e esboçam o conteúdo programático da disciplina e a bibliografia utilizada nas aulas, assim como outros aspectos pedagógicos.

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP totalizava 4 anos para a efetiva formação e a disciplina de desenho era lecionada em quatro módulos progressivos de ensino: Desenho I, Desenho II, Desenho III e Desenho IV (QUADROS 31, 32, 33 e 34). Há de se considerar que, na Licenciatura em Desenho eram

totalizados quatro módulos da disciplina com 360 horas e na Licenciatura em Artes Visuais continuaram quatro, entretanto, o novo formato do curso foi alterado para o formato semestral e com uma diminuição da carga horária[86], para 241 horas.

QUADRO 33 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO I – EMBAP

1. IDENTIFICAÇÃO	
ANO LETIVO	
CAMPUS	CURITIBA EMBAP
CURSO	EM ARTES VISUAIS
GRAU	LICENCIATURA
NOME DA DISCIPLINA	**DESENHO I**
SÉRIE/PERÍODO	1ª
TURMA	ÚNICA TURNO NOTURNO
CARGA HORÁRIA TOTAL	88 horas TEÓRICA 20 horas PRÁTICA 68 horas
CARGA HOR. SEMANAL	4 horas
DOCENTE	Professor Mestre Emerson Persona
TITULAÇÃO / ÁREA	MESTRE EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE
TEMPO DE TRABALHO NA IES	8 ANOS

2. EMENTA
Investigação do desenho pela observação (Natureza morta, retrato, paisagem). Noções básicas de representação (planaridade, volume - luz e sombra, materialidade - superfícies e materiais -, textura, espacialidade). Experimentação de materiais, técnicas e processos. Construção de uma rotina de produção. Iniciação ao processo criativo.
3. OBJETIVOS
Propor ao aluno o exercício do fazer e pensar desenho como forma expressiva. Propondo a construção do desenho pensando volume, luz e sombra, contrastes entre branco e preto e hachuras.
4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
Exercícios de percepção visual, organização espacial e composição. Propor o desenho através de linhas, hachuras, luz e sombra. O desenho e o espaço. Desenho com grafite e guache.
5. METODOLOGIA DE ENSINO

[86] A alteração do curso do formato anual para semestral ocorreu em 2018, entretanto, não foi possível a localização das ementas anteriores a essas, que contemplassem o modo anual, fazendo a ressalva de que os conteúdos se mantiveram.

Desenho de observação: modelo em gesso, projeção de fotografias com a data show, memória, desenho de observação a partir da observação de objetos, propostas de temas. Projeção de vídeos, imagens de obras de artistas contemporâneos e da história da arte. Discutir acerca das inúmeras possibilidades de desenho a partir do uso de materiais não convencionais através de vídeos e/ou textos.
6. RECURSOS DIDÁTICOS
Projeção de imagens, textos e vídeos com o Datashow para discussões e exemplificação. Indicação de textos de livros pertencentes à biblioteca da instituição.
7. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
Avaliação bimestral a partir da produção individual de cada aluno. Esta avaliação contará com a análise da produção total do aluno no bimestre levando em conta o número de propostas de trabalhos. Será levada em conta a participação em sala de aula.
8. BIBLIOGRAFIA
BÁSICA
DERDYK, Edith. *Desenho da Figura Humana.* Scipione. 1990 DERDYK, Edith. *Desegno. Desenho. Desígnio*. Senac 2007. ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Thomson Learning, 2006. BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D`água, 1992. MAYER, Ralph. *Manual do artista de técnicas e materiais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
COMPLEMENTAR
JOLY, Martine. *Introdução a análise da imagem*. Campinas, SP, 1996. (disponível online para download).

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Ensino da Disciplina Desenho I – 2011 - Arquivo EMBAP

FIGURA 12 – NATUREZA-MORTA PARA UTILIZAÇÃO DOS ALUNOS NA AULA DE DESENHO – EMBAP

FONTE: ARQUIVO EMBAP – 201-?

A Figura 12 contempla uma aula da Disciplina Desenho I, que prezava por um ensino baseado na observação da natureza e exercícios com desenho de natureza morta como parte do seu currículo, em que havia uma composição de diversos objetos e que tinha princípios como:

> Investigação do desenho pela observação (Natureza morta, retrato, paisagem). Noções básicas de representação (planaridade, volume - luz e sombra, materialidade - superfícies e materiais -, textura, espacialidade). Experimentação de materiais, técnicas e processos. Construção de uma rotina de produção. Iniciação ao processo criativo (EMBAP, 2011).

As atividades propostas na disciplina de Desenho I tinham como finalidade propor ao aluno o exercício da observação do objeto, considerando as variáveis da luz que incendiava sobre o objeto. As percepções do aluno deveriam ser colocadas no suporte por meio das técnicas do desenho. Esta prática constante nas aulas de desenho possuía o propósito de sugerir ao aluno uma dinâmica de fazê-lo pensar o

desenho como forma expressiva. Sugestionando a construção do desenho pensando volume, luz e sombra, e levando em conta os contrastes entre branco e preto (claro e escuro). Além do mais, a ementa da disciplina aponta para a construção de uma rotina de produção. Iniciação ao processo criativo que está diretamente ligado à percepção do desenho com a prática artística.

QUADRO 34 - PLANO DE ENSINO DISCIPLINA DESENHO II – EMBAP

1. IDENTIFICAÇÃO					
ANO LETIVO					
CAMPUS	CURITIBA EMBAP				
CURSO	EM ARTES VISUAIS				
GRAU	LICENCIATURA				
NOME DA DISCIPLINA	**DESENHO II**				
SÉRIE/PERÍODO	2ª				
TURMA	ÚNICA		TURNO	NOTURNO	
CARGA HORÁRIA TOTAL	51 horas	TEÓRICAS	10 horas	PRÁTICAS	41 horas
CARGA HOR. SEMANAL	3 horas				
DOCENTE	Professor Mestre Emerson Persona				
TITULAÇÃO / ÁREA	MESTRE EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE				
TEMPO DE TRABALHO NA IES	8 ANOS				
2. EMENTA					
Desenho de observação. A imagem e a representação no desenho. Desenho como forma expressiva, no imaginário e na criatividade, visando o incentivo ao exercício da poética. Experimentação de materiais, técnicas e processos. Desenho narrativo. Representações de espaço. Noções básicas de composição, movimento e ritmo. Propor o contato com artistas locais.					
3. OBJETIVOS					
Propor ao aluno o exercício do fazer e pensar desenho como forma expressiva. Propor o pensamento e a possibilidade do desenho em suas múltiplas formas, entendendo o desenho como desdobramentos na arte contemporânea em suas possibilidades. Propor uma investigação pessoal dentro do processo criativo e expressivo do aluno.					
4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO					
Exercícios de percepção visual e desenho de observação: A construção de linhas, hachuras, luz e sombra. A percepção espacial do desenho. Uso de materiais tradicionais e outras possibilidades na construção artística do desenho (tinta acrílica e ou giz pastel oleoso). Colagem como desenho.					
5. METODOLOGIA DE ENSINO					

Desenho com temas propostos: projeção de fotografias com o Datashow. A memória, a cidade, o indivíduo e a sociedade como pesquisa e possibilidade expressiva com o desenho. Projeção de vídeos, imagens de obras de artistas contemporâneos e da história da arte. Proposta de discussão de temas e escolhas expressivas dentro do fazer artístico de artistas locais e de outras regiões e países. Discutir acerca das inúmeras possibilidades de desenho a partir do uso de materiais não convencionais.
6. RECURSOS DIDÁTICOS
Projeção de imagens, textos e vídeos com o Datashow para discussões e exemplificação. Indicação de textos de livros pertencentes à biblioteca da instituição.
7. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
Avaliação bimestral a partir da produção individual de cada aluno. Esta avaliação contará com a análise da produção total do aluno no bimestre levando em conta o número de propostas de trabalhos. Será levada em conta a participação em sala de aula.
8. BIBLIOGRAFIA
BÁSICA
DERDYK, Edith. *Desenho da Figura Humana.* Scipione. 1990 DERDYK, Edith. *Desegno. Desenho. Desígnio.* Senac 2007. ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Thomson Learning, 2006. BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D`água, 1992. MAYER, Ralph. *Manual do artista de técnicas e materiais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
COMPLEMENTAR
JOLY, Martine. *Introdução a análise da imagem*. Campinas, SP, 1996. (disponível online para download).

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Ensino da Disciplina Desenho II – 2011 - Arquivo EMBAP

QUADRO 35 - PLANO DE ENSINO – DISCIPLINA DESENHO III – EMBAP

1. IDENTIFICAÇÃO				
ANO LETIVO				
CAMPUS	CURITIBA EMBAP			
CURSO	EM ARTES VISUAIS			
GRAU	LICENCIATURA			
NOME DA DISCIPLINA	**DESENHO III**			
SÉRIE/PERÍODO	3ª			
TURMA	ÚNICA	TURNO	NOTURNO	
CARGA HORÁRIA TOTAL	51 horas	TEÓRICAS	10 horas	PRÁTICAS 40 horas
CARGA HOR. SEMANAL	4 horas			

DOCENTE	Rodrigo Fernandes Pissetti
TITULAÇÃO / ÁREA	MESTRE EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS
TEMPO DE TRABALHO NA IES	9 MESES

2. EMENTA

A autonomia do desenho como objeto expressivo e discursivo. Investigação de materiais e técnicas. Novas técnicas e suportes: desenho com lápis de cor, desenho com grafite, desenho com tinta acrílica e ou guache. Desenho no espaço para além dos suportes tradicionais: desenho com fios, colagem em madeira, parede, tecido. Análise do desenho contemporâneo a partir de textos de artistas contemporâneos. Autorretrato. Experimentação do desenho e de seus processos poéticos.

3. OBJETIVOS

Desenvolver habilidades na representação de objetos, ambientes, pessoas e conceitos por meio do desenho tradicional e contemporâneo. Compreender as propriedades físicas e artísticas de novos materiais e técnicas de desenho. Desenvolver a capacidade analítica sobre o desenho e suas técnicas.

4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Materiais e suportes básicos de desenho.
Técnicas básicas de desenho.
Potenciais expressivos, discursivos e poéticos do desenho tradicional.
Artistas, contextos e narrativas contemporâneas.
Materiais, suportes e técnicas de desenho artístico e composições visuais contemporâneos.
Potenciais expressivos, discursivos e poéticos contemporâneos.

5. METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas expositivas e dialogadas. Análise de desenhos, pinturas, gravuras e audiovisuais de referência. Produções práticas (desenhos, colagens, composições visuais) realizadas individual ou coletivamente pelos estudantes em sala de aula. Apresentações, análises e discussões sobre os trabalhos práticos desenvolvidos.

6. RECURSOS DIDÁTICOS

Materiais de desenho tradicionais e contemporâneos. Computador e Datashow para projeção de imagens. Quadro negro. Livros, revistas e materiais impressos.

7. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

As avaliações considerarão: o cumprimento das atividades e produções propostas em sala de aula, nos prazos combinados; a relação entre os trabalhos práticos realizados e a teoria estudada na disciplina; a qualidade, originalidade e criatividade das produções realizadas; a contribuição do estudante na construção coletiva do conhecimento da turma, com participação ativa nas apresentações, análises e discussões sobre os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

8. BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

CORTEZ, Jaime. *Curso completo de desenho artístico*. 4º vol. São Paulo: Trieste.
HOGARTH, Burne. *Drawing the human head.* New York: Crown Publishing Group, 2002.
HOGARTH, Burne. *Drawing dynamics hands*. New York: Crown Publishing Group, 2002.

COMPLEMENTAR

ROSA, Velcy Soutier. *Técnicas e Materiais de Desenho*. Série Artes 11. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
WATSON, Lucy. *Oficina de desenho*. São Paulo: Ambientes e Costumes Editora, 2011.
PARRAMÓN, José M. *Asi se pinta con lapices de colores.* Barcelona: Parramón ediciones, 1990.
TATIT, Ana; MACHADO, Maria Silvia M. Monteiro. *300 propostas de artes visuais*. 3a edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Ensino da Disciplina Desenho III – 2011 - Arquivo EMBAP

QUADRO 36 - PLANO DE ENSINO - DISCIPLINA DESENHO IV – EMBAP

1. IDENTIFICAÇÃO				
ANO LETIVO				
CAMPUS	CURITIBA EMBAP			
CURSO	EM ARTES VISUAIS			
GRAU	LICENCIATURA			
NOME DA DISCIPLINA	**DESENHO IV**			
SÉRIE/PERÍODO	4ª			
TURMA	ÚNICA	TURNO	NOTRUNO	
CARGA HORÁRIA TOTAL	88 horas	TEÓRICAS	20 horas	PRÁTICAS 68 horas
CARGA HOR. SEMANAL	4 horas			
DOCENTE	Rodrigo Fernandes Pissetti			
TITULAÇÃO / ÁREA	MESTRE EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS			
TEMPO DE TRABALHO NA IES	9 MESES			
2. EMENTA				
Propor o desenho como meio discursivo através de propostas em sala. O desenho gestual e o incentivo à busca da poética como forma de propor e reconhecer particularidades inerentes de cada aluno. O incentivo à individualização do aluno diante das escolhas de técnica, suporte e discurso. Incentivo à produção. Experimentação do desenho e de seus processos poéticos. Investigação de materiais e técnicas. Análise do desenho contemporâneo a partir de textos de artistas contemporâneos.				
3. OBJETIVOS				
Desenvolver habilidades no desenho e composição visual utilizando materiais convencionais ou inovadores. Compreender as potencialidades do desenho artístico como meio expressivo individual.				
4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO				

Imagem, estética e poética. Técnicas, materiais e suportes para desenho: propriedades, limitações, potencialidades. Materiais e técnicas inovadoras em desenho artístico. Artistas, contextos e narrativas contemporâneos. O desenho como meio expressivo e discursivo individual. Processos criativos.
5. METODOLOGIA DE ENSINO
Aulas expositivas e dialogadas. Análise de desenhos, pinturas, gravuras e audiovisuais de referência. Produções práticas (desenhos, colagens, composições visuais) realizadas individual ou coletivamente pelos estudantes em sala de aula. Apresentações, análises e discussões sobre os trabalhos práticos desenvolvidos.
6. RECURSOS DIDÁTICOS
Materiais de desenho tradicionais e contemporâneos (e outros materiais experimentais, não especificamente de desenho). Computador e Datashow para projeção de imagens. Quadro negro. Livros, revistas e materiais impressos.
7. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
As avaliações considerarão: o cumprimento das atividades e produções propostas em sala de aula, nos prazos combinados; a relação entre os trabalhos práticos realizados e a teoria estudada na disciplina; a qualidade, originalidade e criatividade das produções realizadas; a contribuição do estudante na construção coletiva do conhecimento da turma, com participação ativa nas apresentações, análises e discussões sobre os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.
8. BIBLIOGRAFIA
BÁSICA
LAROUSSE. *Desenhe e pinte: curso prático*. Barcelona: Altaya, 1997. *Curso de desenho e pintura – a arte de ver.* Trad. Cassia Rocha e Regina Amarante. São Paulo: editora Globo, 1985. HOGARTH, Burne. *Dynamic figure drawing*. New York: Crown Publishing Group, 1996.
COMPLEMENTAR
OSTROWER, Fayga*. Criatividade e Processos de Criação*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987. DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998. MOLINA, Juan José Gómez (org). *Estrategias del dibujo em el arte contemporáneo.* Madrid: Cátedra, 2006.

FONTE: Quadro adaptado do Plano de Ensino da Disciplina Desenho IV – 2011 - Arquivo EMBAP

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP tinha o objetivo de capacitar o profissional docente para atuar no magistério do Ensino Fundamental, que

corresponde aos anos de 5º. a 9º. anos[87], e no Ensino Médio, possibilitando ao educador em arte uma visão abrangente sobre teoria e prática artística e, assim, ampliação de sua atuação como artista.

A EMBAP buscou perpetuar alguns de seus princípios, após a reestruturação do curso, conforme pode ser observado na bibliografia das ementas da disciplina de Desenho, por meio das obras de Edith Derdyk, *Desenho da Figura Humana (*1990) e *Desenho. Desígnio (*2007), da mesma forma *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora (*2006) de Rudolf Arnheim, que compunham anteriormente as ementas na Licenciatura em Desenho.

Entretanto, o novo formato do Curso de Artes Visuais trouxe outros títulos como *Introdução à análise da imagem* de Martine Joly, em que a autora discute os conceitos que permeiam a polissêmica definição de imagem e conduz o leitor à Linguística e Semiologia, para se tratar a imagem como signo. A inclusão desta obra e sua utilização nas aulas de Desenho podem ser observadas no objetivo expresso no Plano de ensino da disciplina que busca:

> Propor ao aluno o exercício do fazer e pensar desenho como forma expressiva. Propor o pensamento e a possibilidade do desenho em suas múltiplas formas entendendo o desenho como desdobramentos dentro da arte contemporânea em suas possibilidades. Propor uma investigação pessoal dentro do processo criativo e expressivo do aluno (EMBAP, 2011).

Nesse sentido, a obra *Criatividade e Processos de Criação,* de Fayga Ostrower[88] com a primeira edição em 1977, visa "propor o desenho como meio discursivo através de propostas em sala". (EMBAP, 2011). O tema desta obra é a criatividade e a natureza criativa do homem que se elabora no contexto cultural. A autora parte do princípio de que todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam aos próprios valores de vida. Esses princípios dialogam com a ementa da disciplina que propõe: "O desenho gestual e o incentivo a busca da poética como forma de propor e reconhecer

---

[87] A Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

[88] Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora, Fayga Ostrower chegou ao Rio de Janeiro em 1934. Cursou Artes Gráficas na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

particularidades inerentes de cada aluno. O incentivo à individualização do aluno diante das escolhas de técnica, suporte e discurso" (EMBAP, 2011).

Ao observar o Conteúdo Programático da disciplina de Desenho, em que se utilizam:

> Materiais e suportes básicos de desenho. Técnicas básicas de desenho. Potenciais expressivos, discursivos e poéticos do desenho tradicional. Artistas, contextos e narrativas contemporâneas. Materiais, suportes e técnicas de desenho artístico e composições visuais contemporâneos. Potenciais expressivos, discursivos e poéticos contemporâneos (EMBAP, 2011).

No tocante de "experimentação do desenho e de seus processos poéticos", segundo o Plano da Disciplina (EMBAP, 2011), há uma relação com o processo criativo e o desenvolvimento da poética do aluno, enquanto artista e professor, conforme Ostrower aborda em seu livro. Quanto à "investigação de materiais e técnicas e análise do desenho contemporâneo a partir de textos de artistas contemporâneos", permite perceber uma relação ligada ao novo momento do curso, em conhecer o contexto artístico atual, considerando a reestruturação do curso, a partir da compreensão da natureza do desenho na arte contemporânea, pois requer um esforço que vai além dos desenhos pormenorizados realizados de modelos de gesso ou de modelos nus que formaram a base da educação em arte e que constituíram a tradição na EMBAP, pois, nesse sentido,

> O ensino da Arte costumava ser acadêmico e disso se orgulhava. Baseado na observação da natureza e na imitação da arte do passado, o longo aprendizado de um pintor ou escultor, era, antes de tudo, uma aquisição de habilidades posta sob confinamentos culturais específicos (DUVE, 2003, p. 93).

Desta forma, a reestruturação do Curso de Licenciatura em Desenho para Artes Visuais, manteve sua tradição em alguns aspectos, baseados no ensino acadêmico, no entanto, adicionando novos princípios ao currículo do curso como "o desenho como meio expressivo e discursivo individual e processos criativos", segundo o Conteúdo Programático da disciplina de Desenho IV (EMBAP, 2011).

Partindo do princípio de que toda a análise aqui demonstrada, presta-se a examinar documentos institucionais, e a partir deles fazer as devidas constatações, assim, o historiador pode dispor de imediato de toda uma documentação: como série de textos programáticos oficiais, discursos ministeriais, leis, ordens, decretos,

disposições, instruções e circulares que estabeleceram os currículos, programas, métodos, exames. Nesse sentido, o estudo de objetivos deve obviamente começar com base neste corpo de documentação (CHERVEL, 1991).

Esta pesquisa priorizou as prescrições como base nas constatações aqui relatadas, considerando interpretar o que esses documentos trazem em seus textos e o que significou para a compreensão da disciplina de Desenho, como parte integrante do currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na EMBAP.

2.2 A Disciplina de Desenho no currículo do Curso de Artes Visuais da UFPR

Em 2008, ocorreu uma reforma curricular dando origem aos Cursos de Bacharelado em Artes Visuais e Licenciatura em Artes Visuais da UFPR. Nesse aspecto, para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais, a carga horária foi definida conforme seu Projeto Pedagógico[89]:

> O curso de Artes Visuais – licenciatura – terá carga horária total de 2.865 horas, a serem integralizadas em, no mínimo, 4 anos e, no máximo, 6 anos. O bacharelado terá carga horária total de 2.520 horas, a serem integralizadas em, no mínimo, 4 anos e, no máximo, 6 anos (UFPR, 2007, p.12).

O curso foi definido com disciplinas anuais, no período vespertino e sua duração fixada em um mínimo de quatro anos e máximo de seis anos. O currículo do curso foi estruturado com um total de 2.865 horas para integralização, divididos em quatro anos (QUADRO 37).

QUADRO 37 - CURRÍCULO LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – UFPR

Cód.		**Disciplina**	**AT**	**AP**	**EST**	**CR**	**CRA**	**PREQ**
1º ANO								
		História da Arte Geral I	60			4	60	
		Linguagem das Artes Visuais	60			4	60	
		Metodologia de Pesquisa em Artes I	30			2	30	
		Fundamentos da Linguagem Visual	60	60		6	120	
		Desenho I	**60**	**30**		**5**	**90**	
		Expressão em Volume	60	30		5	90	

[89] O projeto do Curso de Artes Visuais – bacharelado e licenciatura foi elaborado pelos professores do Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Paraná entre os anos de 2006 e 2007 e foi baseado em muitas discussões, pesquisas e no projeto anterior apresentado no ano de 2004 (UFPR, 2009).

		Psicologia da Educação	30	30		3	60	
		Optativa	60			4	60	
		Organização do Trabalho Pedagógico			60	2	60	
		Fundamentos do Ensino da Arte	60	30		5	60	
		Atividades Formativas					60	
TOTAL			480	180	60		**780**	
2º ANO								
		Hist. da Arte Geral II	60			4	60	-
		Desenho II	**60**	**30**		**5**	**90**	**Desenho. I**
		Escultura II	60	30		5	90	Expressão. Volume
		Imagem e Representação I (fotografia)	60	30		5	90	-
		Pintura I	60	30		5	90	-
		Optativa I	60			4	60	-
		Didática (1º semestre)	30	30		3	60	Fundamentos Ensino Arte
		Metodologia de Ensino da Arte (2º sem)	60			4	60	Didática
		Estágio Supervisionado em Processos Internos na Escola				2	60	-
		Atividades Formativas					60	
TOTAL			450	150	60		720	
3º ANO								
		Metodologia de Pesquisa. em Artes II	30				30	Metodologia de. Pesquisa I
		História da Arte do Brasil I	60				60	-
		Pintura II	60	30			90	Pintura I
		Optativa	60				60	
		Prática de Docência I		105			105	-
		Prática de Docência II		90			90	-
		Projetos Avançados em Artes Visuais I	180				180	-
		Atividades Formativas					60	
TOTAL			390	30	195		675	
4º ANO								
		História da Arte do Brasil II	60			4	60	-
		Crítica de Arte	60			4	60	História da Arte Geral I
		Estética	30			2	30	História da Arte Geral I
		Imagem e Reprodução II (Gravura)	60	30		5	90	-
		Optativa	60			12	60	-
		Projetos Avançados Em Artes Visuais II	180			1	180	Projetos Avançados II
		Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura I)			45	1	45	-
		Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura II)			45	3	45	Trabalho de Conclusão Curso I
		Política e Planejamento da Educação no Brasil	30	30			60	-

		Atividades Formativas					60	
TOTAL			480	60	90		690	
TOTAL							2865	

Legenda: AT - Aula Teórica; AP - Aula Prática; EST- Estágio; CR – Créditos; CRA - Carga Horária Anual; PREQ - Pré-requisito.

FONTE: Quadro adaptado do Projeto Pedagógico UFPR – 2008?.

A reformulação do currículo do curso reuniu as duas habilitações (plástica e desenho), se resumindo apenas a uma Licenciatura em Artes Visuais. O ensino do Desenho foi distribuído em duas disciplinas, Desenho I e II, sendo oferecidos no primeiro e segundo anos do curso. Cada uma das disciplinas perfazendo um total de 60 horas de aulas teóricas e 30 horas de aulas práticas. Há uma ressalva com relação a cursar a disciplina de Desenho II, que possui como pré-requisito (PREQ) a conclusão da disciplina de Desenho I.

Como mencionado, no currículo de Artes Visuais da UFPR constavam duas disciplinas que se dedicavam ao ensino do desenho, dividido nas disciplinas Desenho I e Desenho II (QUADROS 38 e 39).

QUADRO 38 - DISCIPLINA DE DESENHO I - ARTES VISUAIS - UFPR

NOME: **DESENHO I – OA404**
CH: TEÓRICA: 60h PRÁTICA: 30h
CARGA HORÁRIA SEMANAL: 3h
CR: 5
REQUISITOS: NÃO HÁ
CARACTERÍSTICAS DAS AULAS PRÁTICAS: DESENVOLVIMENTO DE TRABALHO PRÁTICO RELATIVO À EMENTA DA DISCIPLINA
CURSO PARA O QUAL É OFERECIDA: ARTES VISUAIS
PERÍODO RECOMENDADO: 1º. ANO
OBJETIVOS GERAIS DA DISCIPLINA: DESENVOLVER NO ALUNO A CONSCIÊNCIA ESPACIAL, PELO TREINO E EXERCÍCIO DAS FORMAS BÁSICAS DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

EMENTA: ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO ESPAÇO NA SUPERFÍCIE PLANA ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO DA LUZ E SOMBRA E DO VOLUME; CONTEMPLANDO NOÇÕES DE PERSPECTIVA E CLARO E ESCURO

FONTE: Quadro adaptado da Disciplina de Desenho I – Arquivo UFPR, 2009

QUADRO 39 - DISCIPLINA DE DESENHO II - ARTES VISUAIS - UFPR

NOME: **DESENHO II – OA405**
CH: TEÓRICA: 60h PRÁTICA: 30h
CARGA HORÁRIA SEMANAL: 3H
CR: 5
REQUISITOS: DESENHO I
CARACTERÍSTICAS DAS AULAS PRÁTICAS: DESENVOLVIMENTO DE TRABALHO PRÁTICO RELATIVO À EMENTA DA DISCIPLINA
CURSO PARA O QUAL É OFERECIDA: ARTES VISUAIS – BACHARELADO E LICENCIATURA
PERÍODO RECOMENDADO: 2º. ANO
OBJETIVOS GERAIS DA DISCIPLINA: EXERCITAR A CONSCIÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO DESENHO E EXPLORAR SUA POSSIBILIDADE DE SIGNIFICAÇÃO, ATRAVÉS DO ESTUDO PRÁTICO E TEÓRICO DA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO, COM E SEM O AUXÍLIO DA FIGURAÇÃO
EMENTA: ESTUDO DA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO COM OS RECURSOS GRÁFICOS VISANDO AS POSSIBILIDADES DE SIGNIFICAÇÃO PELA DISTRIBUIÇÃO DAS MARCAS EM UMA SUPERFÍCIE.

FONTE: Quadro adaptado da Disciplina de Desenho II – Arquivo UFPR, 2009

O novo curso tinha como base a flexibilização curricular,

> [...] com vistas a uma maior participação do aluno na construção de sua trajetória acadêmica, prevê, em primeira instância, disciplinas optativas que respondam aos seus interesses específicos. Estas disciplinas poderão ser cursadas no próprio curso ou em outros departamentos da Universidade (UFPR, 2007, p. 11).

Havia os Projetos Avançados em Artes Visuais que possuíam uma carga horária de 540 horas para o bacharelado e 360 horas para a licenciatura. Se tratava de disciplinas de caráter teórico-prático, em que o estudante teria um aprofundamento

nas linguagens artísticas eleitas por ele. Cada disciplina desse núcleo possuía carga horária de 180 horas anuais, que eram divididas em 60 horas de orientação com um professor responsável e 120 horas de desenvolvimento de trabalho prático em ateliê ou laboratório.

O aluno faria a escolha de uma disciplina dentre: Leitura da Imagem, Crítica e Curadoria, Escultura II, Cerâmica I, Cerâmica II, Espaço, Tempo e Forma, Imagem e Reprodução III – Gravura, Imagem e Reprodução IV – Gravura, Imagem e Reprodução V – Fotografia, Imagem e Reprodução VI – Fotografia, Pintura III, Pintura IV Imagem e Texto, Linguagens Multimídia I (Vídeo Arte), Linguagens Multimídia II (Meios Digitais) e Cinema, incluindo a disciplina Desenho III e IV. Havia ainda, as disciplinas optativas[90], que podiam eventualmente contemplar o desenho.

Partindo desse princípio, o novo curso possui um caráter mais abrangente em que:

> As Artes Visuais, como todas as áreas do conhecimento, apontam para variados caminhos e direções: novas pesquisas calcadas na interdisciplinaridade e novas reflexões sobre o fenômeno artístico e os meios expressivos (desenho, pintura, tridimensional, imagens e reprodução, instalações, ações urbanas, performances) (UFPR, 2007).

Assim, nesse aspecto, as exposições de arte, curadorias, museus e galerias de arte foram considerados locais que fazem parte de uma abordagem política e cultural que não se restringe apenas ao espaço do ateliê. Conforme Duve (2003, p. 103), as práticas artísticas passaram a ocupar outros espaços nas escolas de arte além do ateliê de pintura, de escultura, de gravura e ainda “um ateliê de ‘mídias mistas’ ou ‘interdisciplinar’”.

Em relação à disciplina de Desenho, utilizavam-se como autores de referência Donis A. Dondis, Ivens Fontoura, Rudolf Arnheim, e Bruno Munari, estes dois últimos já comentados anteriormente. Eram utilizados como bibliografia de apoio os livros, como *La sintaxis de la imagen: introduccion al alfabeto visual*, de Dondis, publicado

[90] Havia uma enorme diversificação nas disciplinas optativas ofertadas, tais como Tópicos Específicos de Ensino da Arte I, Tópicos Específicos de Ensino da Arte II, Tópicos Específicos de Ensino da Arte III, Tópicos Específicos de Ensino da Arte IV, Tópicos Específicos de Museologia, Tópicos Específicos de Linguagens de Artes Visuais I, Tópicos Específicos de Linguagens de Artes Visuais II, Tópicos Específicos de Linguagens de Artes Visuais III, Tópicos Específicos de Linguagens de Artes Visuais IV, Tópicos Específicos de História e Crítica de Arte I, Tópicos Específicos de História e Crítica de Arte II, Tópicos Específicos de Teatro I (Iconografia Teatral), Tópicos Específicos de Teatro II (Teatro e Performance), Tópicos Específicos de Teatro III, Tópicos Específicos de Cinema, Tópicos Específicos de Arte e Cultura e Tópicos Específicos de Linguagens Eletrônicas, que tinham o propósito de fomentar a discussão entre os alunos e trazer pesquisas recentes dos professores no campo das Artes Visuais.

em 1976. Alguns títulos foram utilizados no Curso de Licenciatura em Educação Artística e ainda pelas outras instituições analisadas: EMBAP e FAP.

O livro *Regina Silveira: Cartografias da Sombra* traz a trajetória da artista por Angélica de Moraes (org), em que são feitas interpretações de seu trabalho por diversos autores[91], que reúnem comentários sobre experimentação da artista associado ao rigor técnico, compromisso profissional e definição estética. A indicação desta obra nas ementas da disciplina na UFPR aponta para a compreensão a respeito dos destinos da desconstrução após as experiências em função das rupturas das vanguardas de 1960, já que o livro segue essa vertente.

A indicação da obra *Imagem y Sentido* (1986) de César G. Ochoa, traz a seguinte definição:

> A visão humana é algo construído, é o produto do nosso próprio fazer, é um artefato histórico e cultural, criado e transformado por nossos próprios modos de representação. Tais modos de representação não são fixos, mas historicamente variáveis, e são eles que transformam a base natural do sistema de visão em um artefato cultural. (OCHOA, 1986, p.8).

Esta obra discorre a respeito do tratamento teórico das mensagens visuais, considerando essas mensagens como processos icônicos de significação. O autor aborda a concepção de iconicidade e que os signos icônicos possuem propriedades de semelhança com estes objetos, trazendo essa perspectiva para a disciplina.

A obra intitulada *La sintaxis de la imagen: introduccion al alfabeto visual*, de Dondis, com publicação no ano de 1976, tem ligação com o ensino da gramática visual e possui uma proposta de examinar os elementos visuais básicos, as estratégias e opções das técnicas visuais, as implicações psicológicas e fisiológicas da composição criativa e os diversos meios e formatos que podem ser classificados de forma adequada como artes e ofícios visuais.

As ementas da disciplina de Desenho na UFPR forneceram dados e revelaram conteúdos que possuíam como alicerce uma bibliografia, a qual foi esmiuçada, a fim de dar uma ideia das concepções do desenho e suas vertentes. Os conceitos mencionados propunham um norte para a disciplina, mas o que acontecia na sala de aula por vezes era muito variado.

---

[91] Textos de Angélica de Moraes, Walter Zanini, Aracy Amaral, Annateresa Fabris, Tadeu Chiarelli e Kim Levin.

2.3 A Disciplina de Desenho no currículo do Curso de Artes Visuais da FAP

Na FAP ocorreu, além da alteração do nome do curso, uma adequação curricular e esse processo decorreu com:

> [...] a justificativa da necessidade de uma imediata alteração curricular aliada ao compromisso do encaminhamento da proposta, o projeto de transformação foi aceito pela comunidade acadêmica da FAP e aprovado pelo Conselho Departamental. Em 2002, o curso foi implantado após a aprovação do projeto de transformação curricular pelo Conselho Estadual de Educação. O Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes do Paraná – FAP atende as expectativas de formação de licenciados de acordo com a legislação educacional em vigor conforme a LDB n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, estabelecidas pela Resolução n° CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002 e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, conforme Resolução nº CNE/CES 1, de 16 de janeiro de 2009 (FAP, 2009, p. 11).

Em 1997, realizou-se uma pesquisa sobre “Reforma Curricular para o Curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas” pelas professoras Rosane Schlögel, Carmen Carini e Lorena Barollo Fernandes, do Departamento de Artes Visuais da FAP (FAP, 2009).

A pesquisa constatou a necessidade da modificação e forneceu subsídios para a realização do projeto inicial. Os principais aspectos discutidos foram a qualidade do ensino, capacitação do profissional da área, as exigências de novas competências, um novo enfoque dos cursos de arte, a acelerada produção do conhecimento e de tecnologias que interferem imediatamente no mercado sociocultural. Esse cenário exigiu mudanças urgentes considerando, principalmente, que a cultura visual sofre constantes ameaças levadas a cabo pela globalização (FAP, 2009).

A grade curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais responde às determinações da LDB atual e da Resolução nº1, de 18 de fevereiro de 2002, apresentando, portanto, carga horária superior às 1800 horas mínimas indicadas para compor um curso de licenciatura. No caso da alteração do nome do Curso para

Licenciatura em Artes Visuais, na FAP ocorreu no ano de 2003[92], a partir de transformações curriculares exigidas pelas atualizações da legislação educacional.

Dessa forma:

> A criação das associações estaduais de arte-educadores e sua consequente reunião em torno da Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB) teve como consequência a ampliação e o aprofundamento do debate, em congressos e seminários realizados em todo o país, sobre a especificidade da formação do profissional da arte (bacharel e licenciado), culminando com uma intensa mobilização quando das discussões em torno da LDB/96. [...] Foi dessa maneira que os profissionais da área de Artes construíram um referencial considerável sobre o ensino da arte e a formação de profissionais na área. Toda essa intensa mobilização redundou num outro perfil para o ensino da arte na educação básica e, consequentemente, para os cursos superiores de arte, consagrado na Lei nº 9.394/96. (BRASIL, 2007, p. 2).

O novo formato do curso não apresentava alteração somente em seu nome, assumia também um papel diferente de acordo com a nova proposta que habilitava o aluno a exercer a função de professor no magistério no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. O Curso de Licenciatura em Artes Visuais prioriza a formação de profissionais para o ensino de arte na Educação Básica e em outros contextos de ensino e aprendizagem e da mesma forma para o desempenho de funções correlatas ao campo da arte, em especial, de pesquisa e de mediação[93] (FAP, 2009).

Desta forma, ocorreu a alteração curricular para o novo Curso de Licenciatura em Artes Visuais:

> Relacionado ao PROCESSO no 1451/02 e PARECER No 805/02, aprovado em 06/09/02, do Conselho Estadual de Educação, que aprovou a alteração curricular e mudança de nomenclatura do Curso de Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas para Licenciatura em Artes Visuais (FAP, 2009, p. 12).

O Ordenamento Curricular (QUADRO 40) dispõe as disciplinas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, distribuídas por série, com o tempo de 50 minutos para cada aula, sendo o curso anual. Cada disciplina foi subdividida com a carga horária compreendendo uma parte prática e a outra teórica, segundo descrito nesta fonte.

---

[92] No *site* do MEC consta que o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAP foi criado em 31/03/2003, código do curso 70536-Licenciatura em Artes Visuais.

[93] Informações disponíveis no site: http://fap.curitiba2.unespar.edu.br/CURITIBA2/assuntos/graduacao/licenciatura-em-artes-visuais)

QUADRO 40 - ORDENAMENTO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – FAP – A PARTIR DE 2009

Série	Disciplina	Carga horária (hora-aula = 50 min)				
		Semanal	Teórica	Prática	Anual	Total
PRIMEIRA	Fundamento da repres. gráfica	2	56	12	102	
	Tridimensional I	3	82	20	102	
	Fundamentos da linguagem visual I	3	82	20	68	
	Desenho I	**2**	**56**	**12**	**68**	
	Multimeios / fotografia	3	90	12	102	
	História das Artes visuais I	2	60	8	68	
	Filosofia / Ética	2	60	8	68	
	Metodologia de Pesquisa	2	60	8	68	
	Psicologia da educação	2	60	8	68	
	Optativa	2	60	8	68	
	Carga horária da Primeira série					782
SEGUNDA	Tridimensional II	3	82	20	102	
	Desenho II	**3**	**82**	**20**	**102**	
	Pintura I	2	56	12	68	
	Fundamentos da Linguagem visual I	2	56	12	68	
	História das Artes visuais II	2	60	8	68	
	Semiótica	2	60	8	68	
	Didática geral	2	56	12	68	
	Fundamentos do ensino das Artes Visuais	2	48	20	68	
	Prática do ensino das Artes Visuais	2	48	20	68	
	Optativa	2	90	12	102	
	Carga horária da Segunda série					782
TERCEIRA	Pintura II	3	82	20	102	
	Gravura I	3	82	20	102	
	Multimeios / computação gráfica	3	90	12	102	
	Estética das artes visuais	2	52	16	68	
	História das Artes visuais III	2	60	8	68	
	Estágio Curricular Supervisionado em Arte I				**240(170)	
	Pesquisa no ensino da arte I	2	60	8	68	
	Estágio supervisionado I				240	
	Org. Educacionais contemporâneas	2	60	8	68	
	Optativa	2	60	8	68	
	Carga horária da Terceira série					886
QUARTA	Estágio Curricular Supervisionado em Arte II				**240(170	
	Pesquisa no Ensino da Arte	5	150	20	170	
	Optativa	3	90	12	102	
	Optativa	3	90	12	102	
	Optativa	2	60	8	68	
	Optativa	2	60	8	68	
	Carga horária da quarta série					750

CARGA HORÁRIA ANUAL	TEÓRICA	PRÁTICA	ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
	2326	428	480	3200
Carga horária de atividades complementares (a ser cumprida dentro do curso)				240
** A carga horária do estágio semanal é definida de acordo com o campo de estágio. Os alunos da 3ª e 4ª série realizaram 100 horas de estágio na 2ª série em 2008 e 2007, respectivamente.				
CARGA HORÁRIA TOTAL				3440

Fonte: Quadro adaptado do Ordenamento Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Arquivo FAP – 2010.

Em 2007 ocorreu uma reformulação da Grade Curricular e iniciaram-se novas discussões envolvendo professores das séries e os departamentos com o objetivo de rever a carga horária de disciplinas, objetivos do curso e perfil do egresso. No entanto, em 2009, em virtude da reformulação das cargas horárias das disciplinas e do curso, as discussões sobre a grade curricular, carga horária teórica, prática e de prática curricular do curso foram retomadas (FAP, 2009).

A análise do Ordenamento Curricular comprova a modificação da estrutura do currículo de Educação Artística para uma nova interpretação para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais, a partir de uma congregação de novas disciplinas. Essa estrutura foi reformulada mais tarde, e vigorou em novo formato a partir de 2010, ao qual se propôs uma disciplina de Poéticas Visuais no processo de adequação curricular, sendo que foram discutidas as ementas e disciplinas constitutivas do curso, resultando em mudanças nas disciplinas ofertadas, com maior equilíbrio entre teoria e prática (FAP, 2009).

Em 2009, ocorreu o processo de adequação curricular acompanhado de discussões a respeito das ementas e disciplinas constitutivas do curso, resultando em mudanças nas disciplinas ofertadas, com maior equilíbrio entre teoria e prática. Tendo em vista que, o currículo pode ser considerado também na perspectiva de atividade de sala de aula (GOODSON, 2012). Assim sendo, a disciplina de Desenho (optativa) passa a ser englobada com a Pintura (optativa) na disciplina Poéticas Visuais: bidimensionalidade - optativa (QUADRO 41).

QUADRO 41 - ALTERAÇÕES NA GRADE CURRICULAR - DISCIPLINA POÉTICAS VISUAIS

Disciplinas da atual grade curricular	Disciplinas da grade curricular proposta
Linguagem Visual Contemporânea	Poéticas Contemporâneas em Arte

Pintura (Optativa) Desenho (Optativa)	Poéticas Visuais: bidimensionalidades (Optativa)
Tridimensional (Optativa)	Poéticas Visuais: tridimensionalidades (Optativa)
Multimeios Vídeo Arte (Optativa)	Poéticas Digitais: imagens em movimento (Optativa)

FONTE: Quadro adaptado de Alterações na Grade Curricular – Arquivo FAP - 2009

A expressão Poéticas Visuais representa as ideias do artista e o que ele pretende transmitir ao espectador com a sua produção artística. Nesse processo estão envolvidas a capacidade de observação, seleção, organização, interpretação e, por fim, a capacidade de produzir obras de arte. Esse percurso é percorrido por meio da experimentação, considerando diversas possibilidades dentro do processo criativo, e da investigação teórica com uma fundamentação teórica-metodológica.

Dentro deste contexto de renovações, para entender a estabilidade e mudanças curriculares, é essencial compreender também as formas de análise que procuram examinar os assuntos internos em paralelo com as relações externas, como uma maneira de desenvolver pontos de vista sobre a mudança organizacional e sobre as mudanças em categorias mais amplas (GOODSON, 1997).

Desta forma, a disciplina de Poéticas Visuais contempla as mudanças socioeconômicas e considera as produções artísticas, no campo das artes visuais. O projeto de adequação curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais foi elaborado e discutido por meio de uma interação entre professores e alunos do curso e encaminhado à Coordenadoria de ensino em julho de 2009. O objetivo era o reconhecimento do projeto reformulado, para atender ao disposto na legislação vigente, com o acréscimo de informações e documentos que não constavam do projeto inicial elaborado em 2006 (FAP, 2009).

A partir dessa concepção iniciou-se o processo de reformulação como:

> [...] fruto das discussões realizadas nas reuniões de curso e com os representantes de turma e também foi norteada pelo documento da avaliação institucional realizada em 2005-2006, as recomendações e sugestões da perita e os pareceres do Conselho Estadual de Educação. Pretende-se um Projeto Pedagógico para o curso de Licenciatura em Artes Visuais, que não seja operado na superficialidade, mas que atenda às demandas atuais da Arte e da Educação pressupondo um entrelaçamento coletivo da comunidade acadêmica (FAP, 2009, p. 19).

Em suma, a matriz curricular do curso organizava-se em 3 (três) núcleos: Específico, Reflexivo e Pedagógico que também reuniam as Disciplinas Obrigatórias, as Disciplinas Optativas, as Disciplinas Eletivas e Atividades Complementares. O Núcleo Reflexivo contemplava estudos nas áreas de ciências humanas e de comunicação com ênfase em psicologia, filosofia, ética, estética, história da arte e semiótica. O Núcleo Específico contemplava estudos teórico-práticos que particularizam a área das artes visuais, com ênfase nas linguagens artísticas: bidimensional, tridimensional e multimeios. O Núcleo Pedagógico apresentava um conjunto de disciplinas de fundamentação teórico-práticas dirigidas à área profissional da licenciatura (FAP, 2009).

As disciplinas de Desenho I e II possuem suas ementas definidas da seguinte forma:

QUADRO 42 - EMENTA DISCIPLINA DESENHO I – FAP

Desenho I

EMENTA:
Conhecimento, reflexão e prática do desenho.

CONTEÚDO:
Desenho estrutural; desenho infantil; desenho de representação; desenho e ensino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:
DUARTE, M. L. B. *O realismo no desenho infantil*. Curitiba: Ciência e cultura. 2000.
DUBORGEL, B. *Imaginário e pedagogia.* Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
LUQUET, G. H. *O desenho infantil.* Porto: Civilização, 1969.
MAYER, M. *Procesos elementales de proyetación y configuración*. Barcelona: G. Gili, 1982.
PILLAR, A. D. *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Fonte: Quadro adaptado da Ementa da disciplina de Desenho I – Arquivo FAP - 2009

QUADRO 43 - EMENTA DISCIPLINA DE DESENHO II - FAP

Desenho II

Ementa: Conhecimento, reflexão e prática do desenho

CONTEÚDO:
Desenho de observação: suportes, instrumentos e materiais; aspectos artísticos e funcionais do desenho; o corpo: aspectos culturais de sua representação; o desenho na contemporaneidade; o desenho no Ensino Médio e no ensino não formal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:
GOMES, L. V. *Desenhismo.* Santa Maria: UFSM, 1996.
DERDYK, E. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1990.
JEUDY, H. P. *O corpo como objeto da arte.* São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

PILLAR, A. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Editora Meditação, 2003.

Fonte: Quadro adaptado da Ementa da disciplina de Desenho I – Arquivo FAP – 2009

O colegiado da Licenciatura em Artes Visuais relatou que foi atuante, conforme mencionado no Projeto Pedagógico do curso, promovendo discussões a respeito da qualidade acadêmica e profissional dos discentes. Esta fonte narra a respeito dos ajustes dos conteúdos programáticos e das dinâmicas metodológicas e como caminharam na direção de oferecer os melhores resultados na articulação proposta pelo Projeto de Adaptação Curricular de 2010. O objetivo era uma formação profissional mais articulada com as demandas do mercado de trabalho na contemporaneidade (FAP, 2014). Sendo assim, as alterações mencionadas foram implementadas a partir do ano de 2010 e podem ser contempladas de acordo com a:

> [...] Resolução nº 03 de 2 de julho de 2007, que dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora aula, o Projeto Curricular de 2010 do curso ampliou as cargas horárias das disciplinas visando o cumprimento da carga horária total da Licenciatura em Artes Visuais, seguindo a estrutura: Total de 3474 horas/aula, sendo:
> - 2326 horas/aula de caráter teórico-prático;
> - 428 horas/aula de Prática Curricular;
> - 480 horas/aula de Estágio Supervisionado;
> - 240 horas/aula de Atividades Complementares, de acordo com o Regulamento Próprio (FAP, 2014, p. 9).

Na FAP, algumas experiências

> [...] no ensino de desenho foram realizadas entre 2000 a 2003. Retomaram-se as “práticas significativas” ou processos sensíveis preconizados por Lygia Clark[94] e Helio Oiticica[95]. Nessas oficinas, os alunos envolvidos em trabalhos coletivos foram levados a experienciar os sentidos e ampliar a percepção em práticas que incluíam até mergulhar em uma piscina e também imprimir o próprio corpo em papel. Outros registros como relatórios, fotografias e vídeos serviam de material para uma produção em desenho ligada às experiências sensoriais e aos processos de desenvolvimento de trabalhos individuais e coletivos (BANDEIRA, 2006, p. 4)

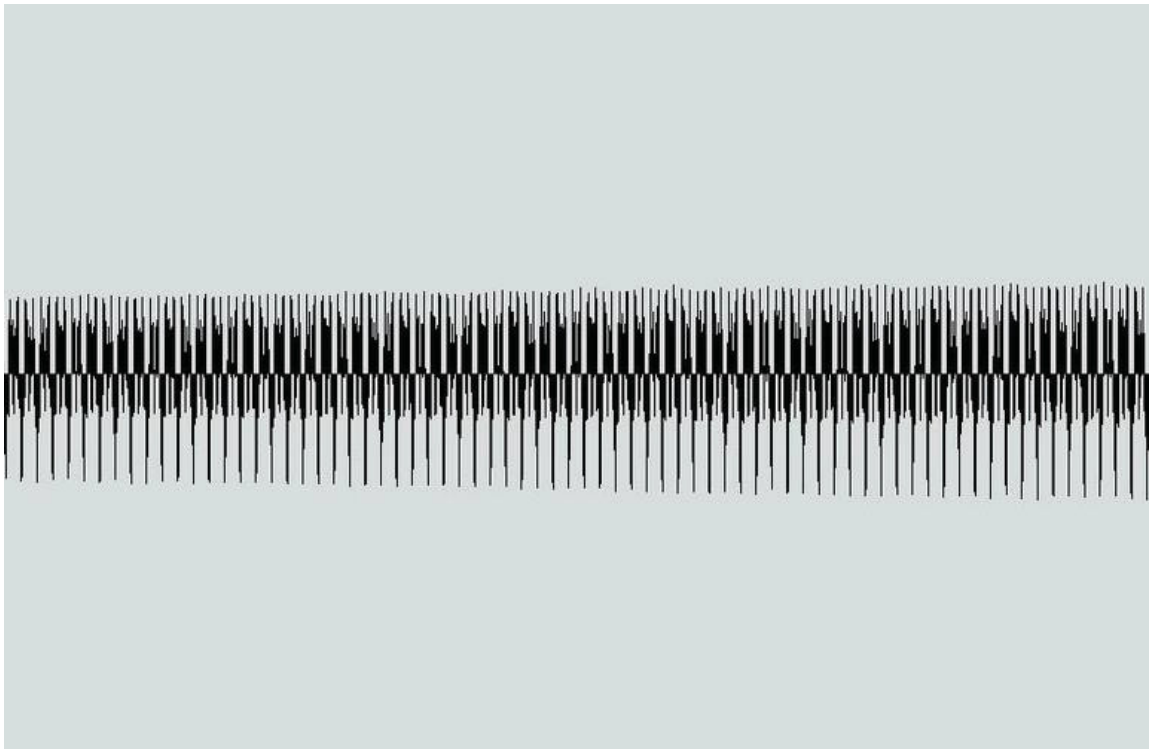
Durante as oficinas, os alunos faziam trabalhos coletivos em que deviam conceituar o desenho, elaborando uma breve apresentação do conceito do desenho

[94] Lygia Pimentel Lins (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1920 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988). Pintora, escultora. É uma das fundadoras do Grupo Neoconcreto e participa da sua primeira exposição, em 1959. Gradualmente, troca a pintura pela experiência com objetos tridimensionais.

[95] Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1937 – idem, 1980). Artista performático, pintor e escultor. Sua obra caracteriza-se por um forte experimentalismo e pela inventividade na busca constante por fundir arte e vida.

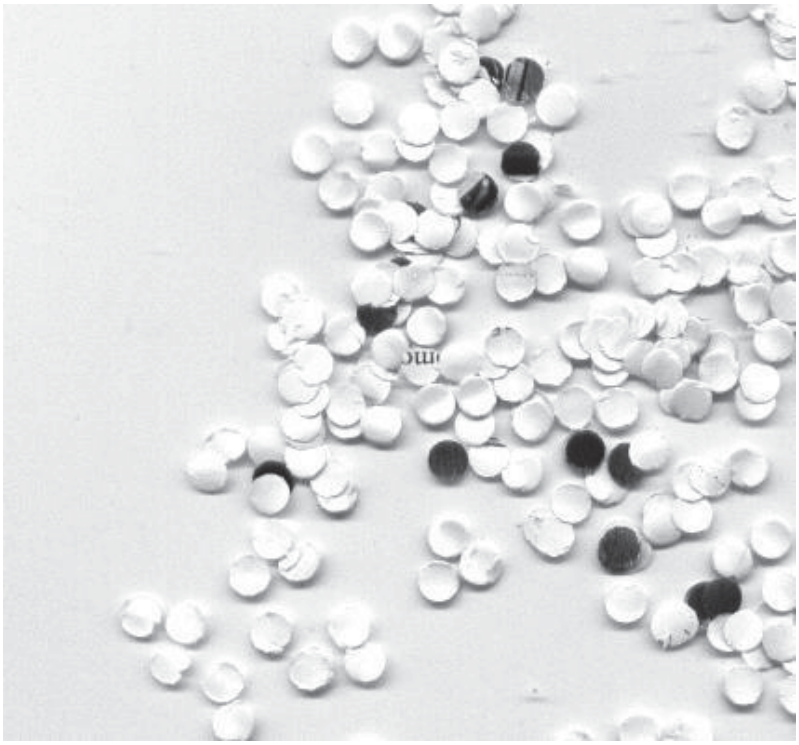
projetual (adotado na produção de interfaces gráficas). Era preciso que elaborassem um histórico a respeito da ideia do desenho. Para essa atividade, adotou-se um referencial histórico que parte de um conceito do desenho adotado no Renascimento e das práticas acadêmicas, tratando do desenho linear e sígnico (o significado de um signo é sempre outro signo), diagrama e projetual. Por fim, era feita uma discussão entre o grupo, da relação da proposta do desenho, a partir da análise do desenho como linha – linguagem, e na criação de interfaces gráficas – jogos (BANDEIRA, 2006).

FIGURA 13 - IMAGEM DE UMA ONDA ELETROMECÂNICA A 251,69HZ DE FREQÜÊNCIA (NOTA DÓ 3) REPRODUZIDA EM FORMATO GIF POR *SOFTWARES* DE EDIÇÃO DE ÁUDIO E IMAGENS – FAP



FONTE: DISCIPLINA DE DESENHO AVANÇADO – FAP – [entre 2000 e 2003].

FIGURA 14 - IMAGEM DE BOLINHAS DE PAPEL RESULTANTES DA PERFURAÇÃO DAS FICHAS – FAP



FONTE: DISCIPLINA DE DESENHO AVANÇADO – FAP – [entre 2000 e 2003].

Nessa concepção, a desconstrução se tornou um método para se pensar e ensinar arte. Contudo, a tríade atitude-prática-desconstrução faz parte das noções difundidas por Duve (2003), em sua investigação sobre as mudanças no ensino de arte. A desconstrução se tornou nos anos de 1980, um método de produzir e ensinar arte. O autor esclarece que

> O ensino acadêmico costumava sinalizar o talento do estudante em sua capacidade de inventar; no entanto, não era essa capacidade que o julgava, e nem se esperava educá-lo pela simulação da invenção. Muito pelo contrário, era pela imposição, antítese da imitação antítese da invenção: a imitação da natureza, da antiguidade dos mestres (DUVE, 2003, p. 99).

Nesse sentido, Duve (2003) esclarece que, para se entender as mudanças no ensino de arte se faz necessário refletir sobre os conceitos de repetição e diferença, e que várias proposições e conceitos tradicionais considerados meras repetições começaram a ser repensados, partindo-se para a desconstrução. Desta forma, nas décadas de 1970 e 1980, ocorreram importantes exposições e mostras internacionais

que auxiliaram na difusão de um novo modelo de arte, o que resultou na alteração substancialmente da sua produção e do seu entendimento.

Em análise das “Práticas significativas” é possível perceber um diálogo inicial com a ementa da Disciplina Desenho I, em que aborda princípios como o “conhecimento, reflexão e a prática do desenho”. Já em seu conteúdo programático, pretendeu-se trabalhar com “o desenho estrutural; desenho infantil; desenho de representação; desenho e ensino”. Esse último item diretamente ligado ao propósito principal da licenciatura em formar professores para o ensino da arte (FAP, 2009).

A permanência do Desenho Infantil no conteúdo da Disciplina de Desenho no curso de Licenciatura em Artes Visuais, pode ser concebida a partir de um fato ocorrido anteriormente, em que o CAPE e a FEMP tiveram condições de implantar o curso de Educação Artística, unindo seus currículos e saberes para a formação do professor de arte. Nesse aspecto, o propósito do CAPE era atingir uma educação integral, mas sob uma visão de educação artística baseada na psicologia da criança.

O próprio termo desenho estrutural alude à ideia de conceber o desenho a partir da estruturação de seus elementos e faz referência à obra *O desenho estrutural,* de Onofre Penteado Neto. Esta obra foi comentada anteriormente como indicação bibliográfica na Licenciatura em Desenho na EMBAP e na Licenciatura em Educação Artística na UFPR.

Entretanto, o conteúdo descrito na ementa da disciplina de Desenho II, em que consta a prática do “desenho de observação: suportes, instrumentos e materiais; aspectos artísticos e funcionais do desenho; o corpo: aspectos culturais de sua representação; o desenho na contemporaneidade; o desenho no ensino médio e no ensino não formal” é plausível fazer uma aproximação com a contemporaneidade e as mudanças ocorridas na sociedade neste período. Levar em conta os aspectos culturais de representação do corpo, bem como o ensino não formal, configuram necessidades de um período recente, de criação do curso de licenciatura em Artes Visuais e que justificam sua reestruturação.

Nesse aspecto, “as práticas significativas” realizadas na FAP, abordavam novas práticas de ensino e com atividades com imagens digitais obtidas a partir da produção de cada aluno durante as aulas de Desenho, eram acompanhados de comentários e reflexões pessoais, muitas vezes íntimas e que foram expostas ao serem públicas na *WEB*. Entre os inúmeros comentários puderam-se verificar as

relações articuladas pelos alunos com a vida diária e pessoal, algo entorpecida pelo embate das questões sociais (BANDEIRA, 2006).

De acordo com Bandeira (2006), no ano de 2005, ao retomar as aulas de desenho, os professores da FAP perceberam a necessidade de repensar a forma de conceituação de desenho a partir dos processos dos próprios alunos. Foram feitos alguns questionamentos: Qual o conceito de desenho que fundamenta essas práticas? Por que os alunos se ressentem ou não das metodologias que continuam sendo adotadas na escola? Qual metodologia pode fazer frente às expectativas do ensino de desenho na atualidade? O que os alunos pensam sobre aprender e ensinar desenho?

A respeito de aprender e a ensinar desenho, o detalhamento da ementa e os objetivos principais da disciplina de Desenho I, busca oferecer ao aluno as condições necessárias para: analisar e refletir em torno do desenvolvimento gráfico da criança. Conhecer as principais teorias do desenvolvimento gráfico da criança e com isso ampliar o conhecimento teórico e prático da linguagem do desenho básico estrutural. O propósito é articular os conhecimentos construídos com a prática pedagógica.

Neste aspecto, foi possível discutir vários conceitos de desenho e pensar coletivamente os múltiplos processos de criação, embora alguns estudantes possam deixar de aproveitar essa discussão, pois ela requer esforço e dedicação, além de exigir a atividade de se pensar e se refletir sobre a própria prática. No entanto, essas questões dialogam com a nova estrutura do curso.

Dessa forma, é possível perceber a Matriz Curricular (QUADRO 44) que assume um novo formato, dotado de mudanças e alterações a partir do ano de 2010.

QUADRO 44 - ORDENAMENTO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS – FAP – A PARTIR DE 2010

Série	Disciplina	Carga horária (hora-aula = 50 min)				
		Semanal	Teórica	Prática	Anual	Total
PRIMEIRA	Fundamento da repres. gráfica	3	86	16	102	
	Tridimensional I	3	86	16	102	
	Fund. Da linguagem visual I	2	52	16	68	
	Desenho I	**2**	**56**	**12**	**68**	
	Multimeios / fotografia	3	90	12	102	
	História das Artes visuais I	2	60	8	68	
	Filosofia / Ética	2	60	8	68	
	Metodologia de Pesquisa	2	60	8	68	
	Psicologia da educação	2	60	8	68	

	Optativa	2	56	12	68	
	Carga horária da Primeira série					782
SEGUNDA	Tridimensional II	3	86	16	102	
	Desenho II	**3**	**86**	**16**	**102**	
	Pintura I	2	56	12	68	
	Fundamentos da Linguagem visual I	2	56	12	68	
	História das Artes visuais II	2	60	8	68	
	Semiótica	2	60	8	68	
	Didática geral	2	60	8	68	
	Fundamentos do ensino das Arte Visuais	3	82	20	102	
	Optativa	2	86	16	102	
	Optativa	2	56	12	68	
	Carga horária da Segunda série					816
TERCEIRA	Pintura II	3	86	16	102	
	Gravura I	3	90	12	102	
	Multimeios / computação gráfica	3	90	12	102	
	Estética das artes visuais	2	60	8	68	
	História das Artes visuais III	2	60	8	68	
	Pesquisa no ensino da arte I	2	52	16	68	
	Estágio supervisionado I				240	
	Org. Educacionais contemporâneas	2	8	8	68	
	Optativa	2	12	12	68	
	Carga horária da Terceira série					886
QUARTA	Poéticas contemporâneas em arte	2	52	16	68	
	Gravura II	3	82	20	240	
	Estágio supervisionado II					
	Pesquisa no ensino da arte II	3	82	20	102	
	Libras	2	60	8	68	
	Optativa	3	86	16	102	
	Optativa	2	56	12	68	
	Carga horária da quarta série					648
CARGA HORÁRIA ANUAL		TEÓRICA	PRÁTICA	ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
		2326	428	480		3234
Carga horária de atividades complementares (a ser cumprida dentro do curso)						240
CARGA HORÁRIA TOTAL						3474

Fonte: Quadro adaptado do Ordenamento Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Arquivo FAP – 2010.

Conforme descrição do Projeto de Renovação do curso (FAP, 2010) e de acordo a Resolução nº 03 de 2 de julho de 2007, que dispõe sobre os procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora aula, o Projeto Curricular de 2010 do

curso ampliou as cargas horárias das disciplinas visando o cumprimento da carga horária total da Licenciatura em Artes Visuais, seguindo a seguinte estrutura:

Total de 3474 horas/aula, sendo:

- 2326 horas/aula de caráter teórico-prático;

- 428 horas/aula de Prática Curricular;

- 480 horas/aula de Estágio Supervisionado;

- 240 horas/aula de Atividades Complementares, de acordo com o Regulamento Próprio.

Define-se o estágio obrigatório[96] no ambiente escolar, no entanto, as Licenciaturas de Artes Visuais também apresentam oportunidades de estágios em ateliês, galerias e museus. Isto proporciona ao estudante a oportunidade, por meio do estágio, de conhecer os mecanismos do mercado da Arte, seja nas questões inerentes à produção artística, seja nas questões de circulação dos bens culturais.

A FAP, com o intuito de incorporar questões contemporâneas a partir da reestruturação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, compreendeu que seria

> [...] pertinente que as licenciaturas de Arte, também mantenham Estágios Supervisionados em espaços atípicos daqueles escolares e/ou espaços culturais consagrados. Pois, há outros locais passíveis de inserção de estagiários de Arte, como: hospitais infantis, casas de repouso, espaços de reabilitações, centros de atendimento para pessoas com necessidades especiais, entre outros (FAP, p. 13, 2011).

A partir desses olhar, a FAP dispôs nos ementários das disciplinas de Desenho I e Desenho II, as alterações em seus conteúdos (QUADROS 45 e 46).

QUADRO 45 - PLANO DE ENSINO - DISCIPLINA DESENHO I – FAP

CURSO: LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS	
DISCIPLINA**: DESENHO I**	
SÉRIE: 1ª SÉRIE	CARGA HORÁRIA: 68 horas

[96] O estágio se constitui como elemento articulador entre a formação teórica e a prática pedagógica com vistas à formação profissional do docente e deve atender às regulamentações da Legislação Educacional e do Ministério do Trabalho. As normas estabeleciam que o estágio poderia assumir forma de atividade de extensão “em empreendimentos ou projetos de interesse social”. A regulamentação dada pelo Decreto nº 87.497/82 complementava essas normas afirmando que também seria estágio a “aprendizagem social, profissional e cultural”. Com isso, a ampla interpretação desses termos, associada a outros aspectos legais, considerava como estágio a atividade assim assumida pelo próprio estudante, sem a participação da escola, e era realizado “sob forma de ação comunitária”, que estava isenta de celebração de “termos de compromisso”, gerando o trabalho precarizado e distante dos fins educativos.

PROFESSOR: MARIA LAILA TARRAN	
I – EMENTA	
Conhecimento, reflexão e prática do desenho.	
II – OBJETIVOS GERAIS	
Oferecer ao aluno as condições necessárias para: Analisar e refletir em torno do desenvolvimento gráfico da criança. Conhecer as principais teorias do desenvolvimento gráfico da criança. 2- Ampliar o conhecimento teórico e prático da linguagem do desenho básico estrutural. 3- Articular os conhecimentos construídos com a prática pedagógica.	
III – CONTEÚDOS	
HORA AULA	UNIDADES/SUBUNIDADES
	DESENHO ESTRUTURAL – Estrutura e Proporção – Prática do desenho – Experimentos gráficos com materiais diversos. DESENHO DE REPRESENTAÇÃO - O DESENHO DA CRIANÇA Teorias do desenvolvimento gráfico da criança PRÁTICA CURRICULAR: O desenho e o ensino.
IV – METODOLOGIA DE ENSINO	
-Aulas teóricas expositivas providas de recursos visuais e referencial teórico. -Trabalhos práticos individuais e coletivos. -Seminários	
V – ATIVIDADES DISCENTES	
- Leitura e interpretação de textos sobre os conteúdos propostos, inclusive aqueles referentes ao ensino. - Prática do desenho, com a aplicação dos conhecimentos construídos. - Produção de material teórico e prático adequado ao ensino. - Análise individual e coletiva da produção obtida. - Visita a exposições.	
VI – PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	
Por meio da produção de desenhos e seus processos bem como de material pedagógico, os alunos serão avaliados por sua: - Clareza sobre os temas estudados. - Evidência de utilização dos conhecimentos adquiridos, nos trabalhos práticos. - Adequação às propostas dadas. - Utilização adequada dos meios técnicos e materiais escolhidos.	
VII – BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

DERDYK, Edith. *Disegno, desenho, desígnio*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.
BATEZAT DUARTE, Maria Lúcia. *O realismo no desenho infantil*. Tuiuti: Ciência e cultura. Curitiba, n.16, março 2000.
BERGER, René. La proporción. In: *El conocimiento de la pintura*: el arte de comprenderla. Barcelona: Moguer, 1976.
DUBORGEL, Bruno. *Imaginário e pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
GODFREY, Tony. *Drawing today*: draughtsmen in the eighties. Oxford:Phaidon, 1990.
LUQUET, G.H. *O desenho infantil*. Porto: Civilização, 1969.
MAYER, Manfred. *Procesos elementales de proyetación y configuración*. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.
PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
VIGOTSKY, L. S. *El dibujo en la edad infantil. In:*
La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico. 6.ed. Madrid: Akal, 2003.
WALLON, Henri; LURÇAT, Liliane. *El dibujo del personaje por el niño*: sus etapas y cambios. Buenos Aires: Proteo, 1968.

VIII – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Las leciones del dibuju. *Molina, Juan José Gómez* (org). Madrid: Cátedra,1995.
DARRAS, Bernard. *Au commencement était l'image*: du dessin de l'enfant à la communication de l'adulte. Paris: ESF, 1996.
KELLOGG, Rhoda. *Analyzing children's art*. Palo Alto: Mayfield, 1970.
KINDLER, Anna; DARRAS, Bernard. Map of artistic development. In: Kindler, Anna, ed. *Child development in art*. Reston, Virginia: NAEA1997.
PILLAR, Analice D. *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
VIGOTSKY, L. S. *Arte e imaginación.* In: *La imaginación y el arte en la infancia*: ensayo psicológico. 6.ed. Madrid: Akal, 2003.
ANNING, ANGELA e RING,Kathy*. Os significados dos desenhos de crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Fonte: Quadro adaptado do Plano de Ensino – Disciplina Desenho I - Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Arquivo FAP – 2014.

Em análise à ementa da disciplina de Desenho I, (QUADRO 45), o documento chama a atenção para os itens que tratam do desenho da criança e se articula com as Teorias do desenvolvimento gráfico da criança, sendo complementado com a prática curricular que aborda o desenho e o ensino. A metodologia de ensino desta disciplina reúne aulas teóricas expositivas providas de recursos visuais e referencial teórico, que auxiliam o aluno na compreensão do conteúdo e a estabelecer uma ligação com a prática.

Aos discentes eram solicitadas a leitura e a interpretação de textos sobre os conteúdos que seriam trabalhados em sala de aula, incluindo textos referentes ao ensino. A prática do desenho sendo associada à aplicação dos conhecimentos construídos, complementada pela produção de material teórico e prático adequado ao ensino, o que configura uma atividade de extrema relevância ao licenciado. Conforme

a descrição da ementa da disciplina são propostas, ainda, como complemento ao aprendizado, visitas a exposições de arte.

QUADRO 46 - PLANO DE ENSINO - DISCIPLINA DESENHO II - FAP

<table>
<tr><td colspan="2">CURSO: Licenciatura em Artes Visuais</td></tr>
<tr><td colspan="2">DISCIPLINA: Desenho II</td></tr>
<tr><td>SÉRIE: 2º ano</td><td>CARGA HORÁRIA: 102</td></tr>
<tr><td colspan="2">PROFESSOR: Luciano Buchmann</td></tr>
<tr><td colspan="2">I – EMENTA</td></tr>
<tr><td colspan="2">Conhecimento, reflexão e prática do desenho.</td></tr>
<tr><td colspan="2">II – OBJETIVOS GERAIS</td></tr>
<tr><td colspan="2">Possibilitar a ampliação e o aprimoramento do conhecimento teórico e prático do desenho, com vistas à capacitação do aluno no âmbito estético e pedagógico;
Compreender a linguagem do desenho na produção artística contemporânea;
Aprofundar a prática do desenho no aspecto estrutural e como linguagem artística;
Fundamentar o desenho de figura humana para sua compreensão quanto à estrutura e às diversas possibilidades expressivas nas artes visuais;
Articular a prática do desenho com o pensamento visual em diversos contextos culturais;
Articular a construção do desenho à prática pedagógica no ensino de arte.</td></tr>
<tr><td colspan="2">III – CONTEÚDOS</td></tr>
<tr><td>HORA AULA</td><td>UNIDADES/SUBUNIDADES</td></tr>
<tr><td>27

54

21</td><td>1ª UNIDADE:
PENSAMENTO GRÁFICO E EXPRESSÃO VISUAL
• O conceito de desenho até a contemporaneidade;
• Desenho de representação: observação, memória, abstração;
• Suportes, instrumentos e materiais;
• O desenho nos diversos contextos culturais: aspectos artísticos e funcionais do desenho;
• Prática pedagógica curricular – o ensino e a aprendizagem do desenho. (06 horas).

2ª UNIDADE:
DESENHO DE FIGURA HUMANA: POSSIBILIDADES DE LINGUAGENS
• O corpo – aspectos estéticos e culturais de sua representação;
• Estruturas e proporções do corpo feminino e masculino;
• Dinâmicas da linguagem visual e a figura humana;
• Interações da linha, da superfície e do volume (luz e sombra) na representação da figura humana;
• Corpo e máquina, anatomia comparada a outras estruturas.

3ª UNIDADE:
O DESENHO E O CORPO
• O corpo em diversos contextos das artes visuais: pesquisas e reflexões.
• Projeto poético: portfólio;
• Prática pedagógica curricular – o ensino e a aprendizagem do desenho.
(06 horas)</td></tr>
<tr><td colspan="2">IV – METODOLOGIA DE ENSINO</td></tr>
</table>

Aulas expositivas participativas e de práticas gráficas; -Apresentação de seminários; elaboração de projetos gráficos, portfólios; -Orientações individuais e coletivas; -Dinâmicas com ênfase processual; -Fomento à: investigação, análise, reflexão e a questões pedagógicas; -Visitas a espaços culturais; -Apresentação de vídeos e exposições em Power Point.
V – ATIVIDADES DISCENTES
- Participação efetiva nas abordagens teóricas; - Execução de exercícios e projeto poético, explorando e pesquisando diversos suportes, instrumentos e materiais; - Elaboração de relatórios de visitação a espaços culturais; - Apresentação e análise de material ilustrativo; - Leitura de textos e articulações com a prática do desenho; - Elaboração de plano de ensino ou de material gráfico pedagógico.
VI – PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
A avaliação terá como objetivo acompanhar o aluno na sua apropriação gradativa nas discussões sobre desenho, articulando seus aspectos técnicos, teóricos e práticos. Ela se fará por meio de: - produção bimestral, visando aprofundamento investigativo, conceitual e gráfico; - acompanhamento da participação nas atividades teórico práticas; - na elaboração de um plano de ensino simulado e ou material educativo; - proposta de projeto pessoal em desenho (portfólio) – apresentação de um conjunto de obras que contemplem abordagens contemporâneas de desenho e apresentação de relatos contendo justificativa conceitual para a escolha do enfoque, dos materiais e dos procedimentos utilizados; - autoavaliação e avaliação conjunta.
VII – BIBLIOGRAFIA BÁSICA
DERDYK, Edith (Org). *Disegno. Desenho. Designio*. São Paulo: Editora SENAC, 2007. DERDYK, Edith. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Editora Scipione, 1990. HERNANDES, Fernando. *Catadores da Cultura Visual.* Porto Alegre: Mediação, 2007. PILLAR, Analice. *A educação do olhar no Ensino das Artes*. Porto Alegre: Editora Meditação, 2003.
VIII – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALBANO, Ana Angélica. *O espaço do desenho: A educação do educador.* São Paulo: Edições Loyola, 2005.
Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, fricções estratégias. Ricardo Basbaum (Org). Rio de Janeiro; Rios ambiciosos, 2001.
BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70, 1996.
Josef Beuys. *Drawings, Objects, Prints. Stutgard: Institut for Cultural Relations*,1989 (catálogo de exposição)
BAXANDAL, Michael. *Sombras e Luzes*. São Paulo: EDUSP, 1997.
CATTANI, Icleia Borsa (org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
DUBORGUEL, Bruno. *Pedagogia e imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992
DUVE, Thierry. *Quando a forma se transformou em atitude – e além*. In: Ferreira, Glória, VENÃNCIO, Paulo F. (org.). *Arte & Ensaios n. 10*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes, UFRJ, 2003.
FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Papirus, 1998.
GÓMEZ MOLINA, J.j. (coord). *Las leciones del dibujo*. Madrid, Catedra, 1995.
JEUDY, H. P. *O corpo como objeto de arte.* São Paulo: Estação liberdade, 2002.
MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar fruir e conhecer arte.* São Paulo: FTD, 1998.
SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1998.
SIMBLET, Sarah. *Desenho. SP: Ambientes e costumes*: 2011.
_____*Anatomy for the artist*. London: Dorling Kindersley Book, 2001.
SILVEIRA, Paulo. *A página violada. Da ternura à injúria na construção do livro de artista.* Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS,2001.
VALERY, Paul. *Degas dança e desenho*. São Paulo: Cosac&naify, 2003.
Mestres do desenho. Itália: Interlagos, 2010.
WOLFF, Francis. *O poder das imagens*. In: NOVAES, Adauto: Muito além do espetáculo. SENAC: 2005. p.16-32.
Vídeos:
INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. Jandira Lorenz. Direção: Regina Melim e Noeli Ramme. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 1997. DVD (17 min), son. color.
INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. Isaura Pena: alquimia do nanquim. Direção: Zezo Cintra. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2003. DVD (23 min): son., color.

Fonte: Quadro adaptado do Plano de Ensino – Disciplina Desenho II - Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Arquivo FAP – 2014.

Dentre os objetivos dispostos na ementa da disciplina Desenho II (QUADRO 46), alguns permanecem advindos do curso anterior de Educação Artística, como as práticas do desenho da figura humana, entretanto, no Curso de Artes Visuais é possível perceber um impulsionamento à compreensão quanto à estrutura e as diversas possibilidades expressivas nas artes visuais. É interessante ressaltar, ainda nos objetivos gerais, a articulação da prática do desenho com o pensamento visual em diversos contextos culturais, além de articular a construção do desenho à prática pedagógica no ensino de arte.

A bibliografia selecionada para a disciplina de Desenho mostrou-se bastante diversificada, sendo possível observar a permanência de algumas obras utilizadas no

Curso de Licenciatura em Educação Artística, como Georges Henri Luquet, com a obra *O desenho infantil* (1927), Edith Derdyk com as obras *Disegno. Desenho. Designio*. (2007) e *O desenho da figura humana* (1990) e a autora Analice Pillar com *A educação do olhar no Ensino das Artes* (2003).

No entanto, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, novas concepções de ensino surgiram e foram evidenciadas por meio da análise da ementa da disciplina, com uma bibliografia abundante a ser utilizada nas aulas de Desenho, mantendo a abordagem da temática do desenho infantil utilizada anteriormente, porém, com novos títulos. Como Analice Dutra Pillar, com *Desenho e construção de conhecimento na criança* (1996); Lev Semionovitch Vigotsky, com a obra *El dibujo en la edad infantil (1930).* Henri Wallon e Liliane Lurçat, com *El dibujo del personaje por el niño*: *sus etapas y cambio* (1968) e Sueli Ferreira com *Imaginação e linguagem no desenho da criança* (1998).

Será dado destaque à obra *O espaço do desenho: A educação do educador* (2005) de Ana Angélica Albano[97], que relaciona a prática da docência na educação infantil com a potência das atividades com linguagem visual. A autora contribui com esta obra com suas memórias, experiências como e com professores de arte, num percurso de vinte anos de docência, acompanhando e supervisionando estágios no curso de Graduação em Artes Visuais na Unicamp. É contribuição imbuída de experiências práticas com o ensino da arte e a utilização do desenho infantil, que enfatiza a importância do incentivo à imaginação e a expressão artística na infância.

Nesse aspecto, os objetivos gerais expostos na ementa da disciplina de Desenho II expressam sua proposição ao possibilitar a ampliação e o aprimoramento do conhecimento teórico e prático do desenho, objetivando à capacitação do aluno no âmbito estético e pedagógico; compreender a linguagem do desenho na produção artística contemporânea; buscar o aprofundamento da prática do desenho no aspecto estrutural e como linguagem artística; fundamentar o desenho de figura humana para sua compreensão quanto à estrutura e às diversas possibilidades expressivas nas artes visuais; articular a prática do desenho com o pensamento visual em diversos contextos culturais; articular a construção do desenho à prática pedagógica no ensino de arte; finalizar a concepção dos objetivos gerais da disciplina (FAP, 2014).

---

[97] Doutora em Psicologia Social e professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Demonstrando, portanto, uma preocupação da FAP em relação à articulação do desenho à prática pedagógica no ensino da arte, somada à utilização do desenho infantil associado a princípios da psicologia. Outros aspectos contemporâneos compõem os conteúdos da disciplina de Desenho, alinhando a disciplina ao currículo renovado.

2.4 Analisando o desenho: EMBAP, UFPR, FAP

Ao elaborar a análise da disciplina de Desenho como parte integrante do currículo do Curso de Licenciatura em Educação Artística e, posteriormente, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, tratou-se, portanto, de uma tarefa laboriosa "já que geralmente as práticas não deixam nenhum traço escrito e devem frequentemente ser identificadas de forma hipotética" (JULIA, 2002, p. 59).

Nesse aspecto, por meio das prescrições, fizeram-se tentativas com o intuito de compreender as concepções do Desenho; entretanto, "soterrada e difícil de reconstruir, é a aprendizagem do desenho e a participação desse processo na formação artística. Seria mais utópico pensar que poderíamos reconstruir essa história por meio de exercícios e documentos acadêmicos[98]" (BORDES, 2003, p.393).

Realizou-se a análise em três instituições distintas e suas licenciaturas e Goodson (1995, p. 99) evidencia que o currículo escrito, assim como o programa das disciplinas, tem uma importância simbólica, "na medida em que certas intenções do ensino são publicamente, significados e legitimados[99]".

Nessa vertente, recentemente os olhares historiográficos começaram a se dirigir para os processos de ensino das diferentes disciplinas escolares, para as práticas reais de ensino em diferentes momentos, para o funcionamento do ensino de diversos conteúdos e expressão de uma cultura escolar (PINTO, 2014).

Portanto, a investigação dos conteúdos da disciplina se faz necessária para verificar se tais mudanças ocorreram ou não e, nesse sentido, Barbosa (2012) faz uma ressalva ao afirmar que a sociedade sofre mudanças, dessa forma, a arte muda, e,

---

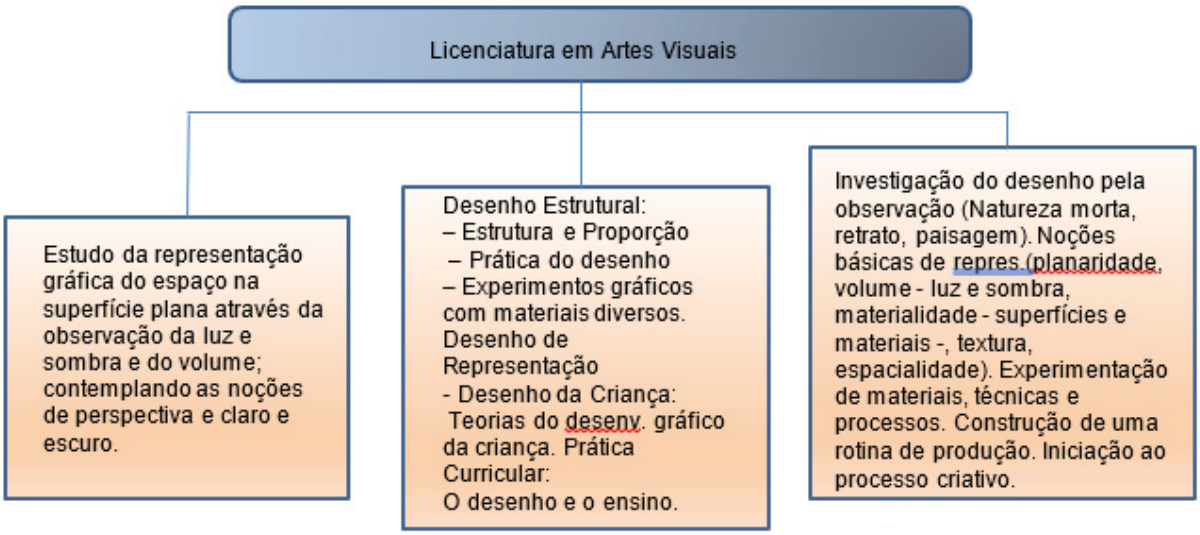
[98] Texto original: *"Una de ellas, sepultada y difícil de reconstruir, es la del aprendizaje de dibujo y la participación de este proceso en la formación artítica. Sería más utópico pensar que puderíamos reconstruir esta história a través de los ejercicios y documentos académicos"* (BORDES, 2003, p.393).
[99] Texto original: [...] en la medida en que ciertas intenciones de la enseñanza quedan publicamente significadas y legitimadas (GOODSON 1995, p. 99).

sendo assim, as necessidades da educação também mudam. Portanto, essas mudanças impactam diretamente na organização curricular de um curso.

Com base na dimensão da denominação ou nome da disciplina, que as identifica frente às demais, ainda que em algumas ocasiões, como se tem inteirado, denominações diferentes mostrem conteúdos bastante similares e vice-versa, denominações semelhantes oferecem conteúdos nem sempre idênticos. Tais denominações constituem, além disso, sua carta de apresentação social e acadêmica (VIÑAO FRAGO, 2008).

Partindo desta análise, foi possível fazer uma aproximação das prescrições encontradas nas ementas da disciplina de Desenho I, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, nas três instituições, considerando a reestruturação curricular, onde alguns aspectos se mantiveram, sendo os conteúdos nomeados por palavras-chave correlacionadas com as práticas do Desenho (FIGURA 15).

FIGURA 15 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO I – ARTES VISUAIS



FONTE: A Autora.

Dentre esses aspectos, a observação da luz e sombra e do volume; contemplando as noções de perspectiva e claro e escuro eram conceitos presentes na FAP e EMBAP, nesse aspecto, no termo espaço, “a orientação espacial pressupõe uma moldura de referência. No espaço vazio, não penetrado por quaisquer forças de

atração, não deveria haver alto e baixo, nem verticalidade ou inclinação" (ARNHEIM,[100] 2005, p. 92).

A respeito do conceito de luz e sombra, há alguns pressupostos e no entendimento de Arnheim (2005, p. 300), a luz cria espaço e "todos os gradientes têm a capacidade de criar profundidade e os gradientes de claridade se encontram entre os mais eficientes".

No que diz respeito à sombra, Arnheim (2005) salienta que:

> As sombras podem ser próprias ou projetadas. As sombras próprias acham-se diretamente nos objetos por cujas formas, orientação espacial e distância da fonte luminosa são criadas. As sombras projetadas são lançadas de um objeto sobre um outro ou de uma parte sobre uma outra do mesmo objeto (ARNHEIM, 2005, p. 304).

As noções de perspectiva são abordadas no conteúdo de Desenho e Arnheim (2005, p. 270) explica que os "procedimentos mais elementares para representar o espaço pictórico, o método 'egípcio' bidimensional, bem como a perspectiva isométrica, foi e é descoberto independentemente em todo o mundo em níveis primitivos da concepção visual".

A FAP contava com os seguintes conteúdos: Desenho estrutural: estrutura e proporção, prática do desenho, experimentos gráficos com base em materiais diversos, Desenho de representação gráfica: desenho da criança, teorias de desenvolvimento gráfico da criança, Prática curricular, O desenho e o ensino.

Arnheim (2005) atribui um exemplo, para facilitar a compreensão de proporção:

> Na maioria das vezes o artista trabalha com algum tipo de desigualdade. Em uma das pinturas da Anunciação, de El Greco[101], o anjo é muito maior que a Virgem. Mas esta desproporção simbólica é convincente apenas porque é determinada por fatores de compensação; caso contrário, o tamanho desigual das duas figuras não teria finalidade, e, consequentemente, significado (ARNHEIM, 2005, p. 14).

---

[100] Nas ementas da FAP e EMBAP foram encontradas como indicação bibliográfica a obra de Rudolf Arnheim: *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Thomson Learning, 2006, como referencial teórico para a aprendizagem dos saberes do desenho.

[101] *El Greco* (1541-1614) foi um pintor espanhol de origem grega, um expoente máximo do período do maneirismo espanhol.

A EMBAP apresentava os seguintes conteúdos: Investigação do desenho pela observação (Natureza morta, retrato, paisagem). Noções básicas de representação (planaridade, volume - luz e sombra, materialidade - superfícies e materiais, textura, espacialidade). Experimentação de materiais, técnicas e processos. Construção de uma rotina de produção. Iniciação ao processo criativo. Os termos utilizados no ensino do Desenho designam práticas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem da disciplina e, nesse sentido, se pode afirmar “antes de tudo, que é impossível comunicar as coisas visuais através da linguagem verbal” (ARNHEIM, 2005, p. 1).

No caso da disciplina de Desenho I, que integrou o currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, ao examinar a sua ementa, foram encontradas semelhanças, quando comparada às ementas da UFPR com a EMBAP, nos conteúdos Luz, Sombra e Volume. Entretanto, esse fato não ocorreu na comparação feita com a disciplina de Desenho I, no Curso de Licenciatura em Educação Artística. Portanto, há uma aproximação das instituições UFPR e EMBAP, que fica evidenciada nos documentos das instituições, na disciplina de Desenho, após a reestruturação do Curso para Artes Visuais.

Somente a EMBAP indica a prática do desenho de Natureza morta, retrato e paisagem, bem como manifesta atenção na Experimentação de materiais, técnicas e processos e Iniciação ao processo criativo, como conteúdo para esta disciplina, que, em hipótese, pode se relacionar com a tradição dos cursos de graduação de bacharelado em arte. Uma tradição desta instituição em que

> [...] os métodos utilizados eram aqueles ligados ao tradicional ensino do desenho, como desenho geométrico propriamente dito, desenho decorativo, através da repetição e alternância, os processos ligados ao estudo de luz e sombra, etc., assim como o método livre-expressivo (dar lápis e papel e deixar fazer), o método de proposição de tema, o método de desenho de observação, principalmente de figura humana, flores, objetos, como bules, xícaras, etc. (BARBOSA, 1978, p. 86).

A FAP, da mesma forma, fazia indicação de Experimentos gráficos com base em materiais diversos. No entanto, ao fazer uso desta mesma análise, é possível constatar que somente a FAP apresenta em sua ementa: Desenho criança, teorias de desenvolvimento gráfico da criança, Prática curricular, O desenho e o ensino, que deve estar relacionado ao fato desta instituição ter iniciado o seu curso como uma licenciatura. Além do mais, esses conteúdos tinham ligação com o CAPE, o curso que

após ser extinto, gerou a Licenciatura em Educação Artística na FEMP - FAP e, nesse aspecto, ocorreu uma transmissão dos valores, já que

> [...] uma vez que sua aceitação envolvia uma mudança de conceitos ligados ao ensino tradicional de arte e da ideia do professor como detentor de um saber a ser ensinado. O currículo do CAPE oferecia tanto as práticas artísticas tradicionais quanto fundamentos da história da arte e conteúdos associados aos novos conceitos acerca da arte infantil (ANTONIO, 2008, p. 191).

A bibliografia e os conteúdos são parte da análise da disciplina de Desenho, havendo outros elementos estruturais a serem observados, que permitem dar continuidade na busca em localizar o Desenho nas instituições e em seus currículos.

O Desenho possuía um lugar priorizado na EMBAP, já que ofertava o curso de licenciatura específica em Desenho, com o propósito de formar o professor de Desenho. Além deste fato, o desenho como disciplina fazia parte do currículo do Curso de Pintura, perfazendo quatro módulos a saber: Desenho I, II, III e IV, totalizando 120 horas anuais em cada uma das disciplinas (EMBAP, 2000-2006). O desenho permaneceu no curso renovado de Licenciatura em Artes Visuais, assim como esteve presente nos currículos dos cursos superiores em Pintura, Gravura e Escultura na EMBAP, além da oferta de disciplinas optativas que envolviam a prática do desenho e, desta forma, assevera o desenho como um saber essencial à formação do artista.

Na UFPR, o desenho era considerado como área de especificidade das disciplinas de graduação, conforme Art. 74, do Regimento Interno do Departamento de Artes – UFPR, Seção V – Dos critérios da Atribuição de Encargos Didáticos, acompanhado de outras áreas tão importantes quanto ele:

> I – Em Educação Artística:
> Área das disciplinas teórico-metodológicas;
> Área de arte-educação;
> Área de expressão em música;
> Área de expressão em artes plásticas;
> Área de expressão em artes cênicas;
> Área de expressão em desenho (UFPR, [ca. 1975]).

Além do mais, o desenho integrou o currículo da Licenciatura Curta de Educação Artística e continuou fazendo parte do currículo da licenciatura plena na UFPR, ressaltando que havia duas habilitações: de plástica e desenho, esta última

dedicada à formação do professor de Desenho, portanto. Posteriormente, após a reestruturação do curso para Artes Visuais, o desenho permaneceu presente no novo currículo.

No entanto, na FAP, o desenho configura-se como um saber acadêmico no curso de licenciatura, e, posteriormente, como um saber a ser ensinado, podendo ser verificado por meio da bibliografia utilizada na disciplina de Desenho, apresentada anteriormente. O desenho ocupa um lugar de conhecimento e incorpora-se, dessa forma, não apenas como uma linguagem de grande extensão, mas também como instrumento de comunicação universal, portador de conteúdos capazes de possibilitar ao aluno instrumentalização e incorporação de outros significados, permitindo assim gerar análise e raciocínio (BANDEIRA, 2001).

Os quadros a seguir são demonstrados com o intuito de encontrar as relações dos programas com o ensino do desenho:

QUADRO 47 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO I - UFPR, FAP, EMBAP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E LICENCIATURA EM DESENHO			
	UFPR	FAP	EMBAP
DESENHO I	TEXTURA Textura geométrica Textura orgânica Textura casual Textura intencional Fenômeno da Rarefação Fenômeno do adensamento Moire Exercícios a partir do ponto Exercícios a partir da linha FORMA Forma geométrica Forma orgânica Simetria - estudos de translação, rotação, inversão, reflexão especular e dilatação. Estudo de colocação e posicionamento Relação figura x fundo Relação figura x Figura ESTRUTURA E MODULAÇÃO	Estrutura: Perspectiva de Observação Proporções, Interrelação espaço x forma. Processos de medidas Luz, sombra e reflexo, Texturas – objetos opacos e transparentes, metálicos, ásperos etc. Memória e síntese	Colocação de ponto. Colocação de linha. Características Plano: Volume, luz. Valores: Textura Volume: Movimento Luz: Claro / escuro / Sombra Forma: Contorno Transparências / Superposição.

	Plana, de base quadrada, elementar e complexa Plana, de base triangular, elementar e complexa		
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS			
	UFPR	FAP*	EMBAP
DESENHO I	Estudo da representação gráfica do espaço na superfície plana através da observação da luz e sombra e do volume; contemplando noções de perspectiva e claro e escuro.	DESENHO ESTRUTURAL – Estrutura e Propor. – Prática do desenho. – Experimentos gráficos com materiais diversos. DESENHO DE REPRESENTAÇÃO - O DESENHO DA CRIANÇA Teorias do desenvolvimento gráfico da criança. PRÁTICA CURRICULAR: O desenho e o ensino.	Exercícios de percepção visual, organização espacial e composição. Propor o desenho através de linhas, hachuras, luz e sombra. O desenho e o espaço. Desenho com grafite e guache.
* A Licenciatura em Desenho é aplicada à EMBAP.			
** Foi considerada a ementa com alterações a partir do ano de 2010.			

FONTE: Quadro adaptado das fontes das Ementas da Disciplina de Desenho I – UFPR, FAP, EMBAP – 1970/2011.

QUADRO 48 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO II - UFPR, FAP, EMBAP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E LICENCIATURA EM DESENHO			
	UFPR	FAP	EMBAP*

DESENHO II	DESENHO DE FORMAS POLIÉDRICAS Enquadramento Luz e sombra Análise da linha, forma, volume, proporções e unidade DESENHO DE ELEMENTOS NATURAIS Sombra própria Sombra projetada DESENHO DE ANIMAIS Figura Estática Figura em movimento Figura em perspectiva Composição com figuras DESENHO DA FIGURA HUMANA Fundamentos da figura Cânones Esqueleto e esfolado Cabeça Membros Tronco Figura em pé e sentada Figura e perspectiva Composição com figuras	DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS SIMPLES E COMPLEXOS; CROQUI DE INTERIORES E PAISAGENS, OBSERVANDO A PERSPECTIVA; DESENHO DA FIGURA HUMANA (ESTUDO ANATÔMICO DA CABEÇA E INTRODUÇÃO À ANATOMIA DO CORPO HUMANO): Desenho de cabeças em modelo de gesso em várias posições; Desenho de cabeças de modelo vivo; Noções de proporção do corpo humano; esqueleto; musculatura; Confecção de bonecos articulados.	Concepções contemporâneas do desenho. Desenho de observação: volume, iluminação e proporção. Desenho enquanto representação, imaginação e memória. Relação entre desenho e cor. Desenho de observação de figura humana. Percepção entre superfície e espaço. Experimentaçõe s de suportes e materiais gráficos.

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS			
	UFPR	FAP**	EMBAP*
DESENHO II	Estudo da ocupação do espaço com os recursos gráficos visando as possibilidades de significação pela distribuição das marcas em uma superfície.	PENSAMENTO GRÁFICO E EXPRESSÃO VISUAL• O conceito de desenho até a contemporaneidade;• Desenho de representação: observação, memória, abstração;• Suportes, instrumentos e materiais;• O desenho nos diversos contextos culturais: aspectos artísticos e funcionais do desenho• Prática pedagógica curricular – o ensino e a aprendizagem do desenho.(06 horas). DESENHO DE FIGURA HUMANA: POSSIBILIDADES DE LINGUAGENS• O corpo – aspectos estéticos e culturais de sua representação;• Estruturas e proporções do corpo feminino e masculino;• Dinâmicas da linguagem visual e a figura humana • Interações da linha, da superfície e do volume (luz e sombra) na representação da figura humana;• Corpo e máquina, anatomia comparada a outras estruturas. O DESENHO E O CORPO • O corpo em diversos contextos das artes visuais: pesquisas e reflexões.• Projeto poético: portfólio• Prática pedagógica curricular – o ensino e a aprendizagem do desenho. (06 horas)	Exercícios de percepção visual e desenho de observação: A construção de linhas, hachuras, luz e sombra. A percepção espacial do desenho. Uso de materiais tradicionais e outras possibilidades na construção artística do desenho (tinta acrílica e ou giz pastel oleoso). Colagem como desenho.

* A Licenciatura em Desenho é aplicada à EMBAP.
** Foi considerada a ementa com alterações a partir do ano de 2010.

FONTE: Quadro adaptado das fontes das Ementas da Disciplina de Desenho II – UFPR, FAP, EMBAP – 1970/2011.

QUADRO 49 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO III - UFPR, FAP, EMBAP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E LICENCIATURA EM DESENHO			
	UFPR	FAP	EMBAP*
DESENHO III	PROGRAMAÇÃO DE CONTEÚDOS EXPERIMENTAÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAIS Coleta, manipulação e análise de materiais diversos. Luz e sombra Análise da linha, forma, volume, proporções e unidade. PAISAGEM Elementos formativos da paisagem Exercícios baseados no real, memória e imaginário Paisagem urbana Paisagem real Marinha	NOÇÕES DE ANATOMIA; CÂNONES, Conceituação, Histórico, Aplicação prática, Estrutura da figura, Proporção, perspectiva, Repouso, movimento, Exploração cromática, Suportes e materiais diversificados.	Unidade I – Desenho de observação, imaginação e memória dos objetos do cotidiano. - Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho. - Valores gráficos do desenho. - Perspectiva artística e volumetria. - Síntese e análise. - Plano e espaço. Unidade II – O desenho da figura humana – a cabeça. - Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho. - Volume e proporções. - Plano e superfícies da face. - Estudo dos elementos: boca, olhos, nariz, etc. - Construção dos volumes a partir dos planos. Unidade III – O desenho da figura humana – o tronco. - Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho. - Volume e proporções. - Plano e superfícies do tronco. - Estudo dos elementos: quadril, pelve, ombros, etc. - Construção dos volumes a partir dos planos. Unidade IV – O desenho da figura humana – Os membros. - Introdução teórica: fundamentos técnicos e estéticos do desenho. - Volume e proporções. - Plano e superfícies dos membros. - Estudo dos elementos: braço, antebraço, mão, pernas, pé, etc.. - Construção dos volumes a partir dos planos.
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS			
	UFPR	FAP	EMBAP*

DESENHO III	____	____	Materiais e suportes básicos de desenho. Técnicas básicas de desenho. Potenciais expressivos, discursivos e poéticos do desenho tradicional. Artistas, contextos e narrativas contemporâneas. Materiais, suportes e técnicas de desenho artístico e composições visuais contemporâneos. Potenciais expressivos, discursivos e poéticos contemporâneos.
* A Licenciatura em Desenho é aplicada à EMBAP.			

FONTE: Quadro adaptado das fontes das Ementas da Disciplina de Desenho III – UFPR, FAP, EMBAP – 1970/2014.

QUADRO 50 - COMPARATIVO DE CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE DESENHO IV - UFPR, FAP, EMBAP

LICENCIATURA EM DESENHO			
	UFPR	FAP	EMBAP
DESENHO IV	____	____	UNIDADE 1 – REPRESENTAÇÃO PICTÓRICA DA FIGURA - Percepção dos planos superficiais. - Técnica de aguada: linha virtual como delimitação de planos. UNIDADE 2 – REPRESENTAÇÃO DO CLARO E ESCURO- Percepção do volume como decorrência da luz e sombra.- Técnica de sanguínea. UNIDADE 3 – REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DA FIGURA- Percepção do volume estrutural.- Bico de pena; linha como elemento de construção dinâmica do espaço. UNIDADE 4 – VISÃO ABSTRATA DA FIGURA- Percepção bidimensional dos elementos.- Aquarela: superfícies e transparências para libertação e expansão da forma.
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS			
	UFPR	FAP	EMBAP
DESENHO IV	____	____	Imagem, estética e poética. Técnicas, materiais e suportes para desenho: propriedades, limitações, potencialidades. Materiais e técnicas inovadoras em desenho artístico. Artistas, contextos e narrativas contemporâneos. O desenho como meio expressivo e discursivo individual. Processos criativos.

FONTE: Quadro adaptado das fontes das Ementas da Disciplina de Desenho IV – UFPR, FAP, EMBAP – 1970/2014.

Os anos de 1970[102] foram o período de início da delimitação temporal desta pesquisa em função do início dos cursos de licenciatura para a formação de professores de arte, nesse sentido, foram caracterizados como o período das últimas

[102]Na crítica de arte, tanto europeia como norte-americana, caracterizar os anos 1970 como o período de transição da arte moderna à arte contemporânea.

vanguardas artísticas[103] e das primeiras manifestações da arte chamada de pós-vanguardista, sendo considerado um período em que a arte havia decaído. A obra de arte passou a ser tudo e qualquer coisa e começaram a surgir artistas e obras que buscavam apresentar ao público um modo diverso de perceber e conceber a arte. Não havia nenhum ideal teórico e nenhum princípio formal que poderia defini-la ou qualificá-la. Surge *A tradição do novo* de Harold Rosenberg[104], obra que se caracteriza por descrever esse período de ingresso de objetos modernos na História da Arte e que significou uma passagem do período moderno para o contemporâneo, também chamado de pós-moderno.

Foi um período de grandes transformações na história da cultura e das artes plásticas. A partir dessa constatação, o foco é determinar se esse contexto de profundas modificações artísticas influenciou o currículo do Curso de Licenciatura em Educação Artística e Desenho e, especificamente, os conteúdos da disciplina da Desenho nas instituições analisadas.

Partiu-se do pressuposto de que, a história das disciplinas, com frequência, procede de acordo com um ritmo alterado de momento de silêncio e grandes mudanças e mesmo bastante radicais. Sendo assim, ocorrem períodos de estabilidade que são separados uns dos outros por períodos transitórios ou de crise, enquanto a disciplina é ensinada, sendo afetada pela turbulência. O velho sistema ainda está equilibrado quando o novo começa a ser implementado; há diversidade, durante o período em que os dois sistemas coexistem em proporções variáveis, o velho e o novo. Contudo, aos poucos, um sistema mais ousado, ou mais sistemático, ou mais simples do que os outros, se destaca, ficam os novos métodos, que finalmente se impõem (CHERVEL, 1991).

A investigação iniciou pela EMBAP, observando a bibliografia sugerida para conduzir as aulas de Desenho, no Curso de Licenciatura em Desenho, a partir do texto das ementas. Primeiramente, Michel Archer e a obra *Arte contemporânea: uma história concisa* e, na concepção do autor, "[...] a arte é um encontro contínuo e

---

[103] As vanguardas artísticas europeias de maior destaque foram: Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo. Juntos, esses movimentos influenciaram a arte moderna mundial desde pintura, escultura, arquitetura, literatura, cinema, teatro e música.

[104] Harold Rosenberg (1906–1978) foi um escritor, educador, filósofo e crítico de arte americano. Ele cunhou o termo *Action Painting* em 1952 para o que mais tarde seria conhecido como expressionismo abstrato. Rosenberg é mais conhecido por sua crítica de arte. Lançou o livro *A tradição do novo.*

reflexivo com o mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado" (ARCHER, 2001, p. 236). A arte seria muito mais abrangente do que pertencer a apenas duas classificações: a pintura e a escultura, a partir dos anos de 1960 houve uma decomposição de certezas a essas classificações, abrindo um espaço muito mais amplo de atividades.

Os Planos da disciplina de Desenho, na Licenciatura em Desenho, na EMBAP, não estavam datados, no entanto, é possível perceber, por meio da bibliografia indicada e os anos de suas publicações, que houve readequações nas indicações bibliográficas da ementa. Como exemplo, Tadeu Chiarelli com a obra *Arte Internacional Brasileira* (2002); Lisette Lagnado com *Leonilson: são tantas as verdades* (1998), e Alberto Tassinari, com *O espaço moderno* (2001).

A EMBAP modificou o curso de Licenciatura em Desenho, reestruturando o currículo e alterando o conteúdo das disciplinas, tendo em vista

> [...]o ensino das Artes Visuais através da Produção, da pesquisa e do desenvolvimento de projetos educativos, elaborando criticamente a produção artística nas inter-relações entre arte, educação e tecnologia. O campo de atuação desse profissional abrange instituições formais e não formais, envolvendo a pluralidade cultural e a inclusão, percebendo-se como sujeito mediador na construção do conhecimento e consciente de sua responsabilidade social (EMBAP, 2011, s/p).

Nesse aspecto, essas modificações ocorreram de forma contínua e se estenderam até o Curso de Licenciatura em Artes Visuais, mantendo algumas obras da bibliografia utilizada no Curso de Licenciatura em Educação Artística e Desenho, conforme apresentado anteriormente, e acrescentando outras de acordo com o novo período que a arte estava vivenciando. Portanto, é preciso perceber as modificações que estavam ocorrendo com a arte, eram colagens, *performances*[105], além de eventos dadaístas[106], inclusive, a fotografia reivindicava, cada vez mais, o seu reconhecimento

[105] *Performance*, termo em inglês, que significa uma modalidade artística híbrida, isto é, que pode mesclar diversas linguagens como teatro, música e artes visuais. Está relacionada também ao happening e, muitas vezes, os termos são descritos como sendo a mesma coisa.

[106] Dadaísmo, ou simplesmente "Dadá", foi um movimento artístico pertencente às vanguardas europeias do século XX, cujo lema era: "a destruição também é criação". Considerado o movimento propulsor das ideias surrealistas e tinha um caráter ilógico, antirracionalista e de protesto, pois, através da ironia, buscava questionar a arte e, sobretudo, seu contexto histórico, com a ocorrência da Primeira Guerra Mundial.

no campo da arte, como expressão artística.

Na ementa da disciplina de Desenho II e seus conteúdos da EMBAP, integrando, mais tarde, o Curso de Artes Visuais, a partir de uma análise, foi possível verificar relações do ensino com a produção artística contemporânea, tomando como base a obra *Bed* (cama) de 1955*,* do artista Robert Rauschenberg, em que a obra se resuma a óleo e lápis sobre travesseiro, edredom e folha sobre suportes de madeira, tornando essa obra tão pessoal e íntima quanto um autorretrato e dialoga com o sub item da disciplina: Experimentações de suportes e materiais gráficos. Essa mesma constação foi possível fazendo a aproximação da disciplina de Desenho IV no sub item que reúne técnicas, materiais e suportes para desenho, bem como, suas propriedades, limitações e potencialidades como área de estudo.

Na disciplina Desenho II, na Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP, um subitem foi nomeado como Colagem[107] no desenho e possui um diálogo com a produção artística[108], pois justifica a reflexão em torno de suas raízes e características, de seus desdobramentos contemporâneos e das possibilidades criativas dessa linguagem. A metodologia de ensino nesta disciplina abordava a colagem como uma discussão acerca das inúmeras possibilidades de desenho, a partir do uso de materiais não convencionais. Nesse sentido, o artista Richard Hamilton, com a colagem *O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes? (*1956), que foi de grande representatividade, por estabelecer vários dos temas dominantes da arte pop[109].

Na disciplina Desenho III, ainda no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da EMBAP, a ementa dispõe o desenho no espaço para além dos suportes tradicionais: desenho com fios, colagem em madeira, parede, tecido. Nos objetivos da disciplina acrescenta-se a compreensão das propriedades físicas e artísticas de novos materiais e técnicas de desenho. Ainda, no conteúdo programático, são apresentados materiais, suportes e técnicas de desenho artístico e composições visuais contemporâneas.

---

[107] O termo colagem deriva do verbo francês *coller* (colar) e é a arte que, em essência, contribui para diversos processos de criação, além do uso apenas da cola e do papel.

[108] O período cubista sintético de Pablo Picasso e Georges Braque é um marco do início da produção de colagens utilizando recortes de jornais na pintura.

[109] Ou também chamada de *Pop art,* é um movimento artístico surgido na década de 1950 no Reino Unido, mas que alcançou sua maturidade na década de 1960 nos Estados Unidos.

Assim, a colagem como desenho, trata-se de um conteúdo presente nestas disciplinas.

A UFPR experenciou as mudanças na arte e absorveu parte delas, promovendo alterações no currículo que podem ser evidenciadas por meio da análise das ementas, essencialmente na transição para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais. As obras indicadas na bibliografia das ementas da disciplina de Desenho, lecionada na UFPR, datam do ano de 1981 e demonstram um ensino tradicional, e eram *Arte e percepção visual* de Rudolf Arnheim (1962); *Desenho estrutural* (1976), de Onofre Penteado e *Desenho e comunicação visual* (1974), de Bruno Munari, dentre outras, conforme mencionado anteriormente. Nesse aspecto, os Cursos de Licenciatura em Educação Artística e suas habilitações (UFPR), passaram por reestruturações em seus currículos afetando as disciplinas que se modificaram também, sendo substituídos pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Assim, na UFPR,

> [...] o curso de Artes Visuais relaciona-se não só com o campo das Artes Plásticas e do Desenho, mas, também, com o universo mais amplo das Artes Visuais, como o cinema, o vídeo e a performance, por exemplo. Trata-se de possibilitar aos alunos não apenas o conhecimento conceitual e prático das diferentes linguagens, mas também das Artes Visuais como parte da cultura de diferentes povos e sociedades (UFPR, 2007, p.7-8).

As fontes da instituição apontaram para a modificação da estrutura do curso, no que diz respeito ao currículo e diretamente aos conteúdos das disciplinas, pois havia a necessidade de “readequação do antigo curso à realidade do ensino e seus desafios contemporâneos, às transformações do campo da arte” (UFPR, 2007, p. 2).

Ao interrogar quais as relações dos conteúdos da disciplina de Desenho da UFPR com as tendências artísticas, e as Relações do ensino da disciplina com a produção artística, localizou-se um subitem na ementa da disciplina de Desenho relacionado a exercícios a partir do ponto, exercícios a partir da linha e formas geométricas. Essa constante se mantém na disciplina de Desenho II, na UFPR, que consta no subitem análise da linha e da forma, presentes na Licenciatura em Educação Artística nesta instituição. Esses conteúdos dialogam com a produção da

artista Bridget Riley, relacionada ao movimento da *Op Art*[110] *e seus trabalhos* são, em geral, abstratos, e as peças mais conhecidas usam apenas o preto e o branco. Quando são observados, dão a impressão de movimento, clarões ou vibração, ou por vezes parecem inchar ou deformar-se. No entanto, a produção artística dessa artista também mantém um diálogo com o conteúdo da disciplina Desenho I da EMBAP, no Curso de Licenciatura em Desenho, quando observado o subitem que relaciona colocação de ponto e linha como exercício, e o conceito de Movimento.

Da mesma forma, a FAP passou por essa transição, influenciada pelo momento vivenciado pela arte, a partir dos anos de 1970. A perspectiva de alterações curriculares para o novo Curso de Artes Visuais, propõe compreender a natureza do desenho na arte contemporânea e isso requer um esforço que vai além dos desenhos meticulosamente realizados de modelos de gesso ou de modelos nus que formaram a base da educação em arte (BANDEIRA, 2006). Tais exercícios estavam relacionados ao ensino acadêmico da arte baseado na observação e imitação, por meio da representação de modelos nus, da natureza e de bustos de gesso. Nesse sentido, para formação do artista era necessário um longo aprendizado para a aquisição de habilidades a partir de regras, convenções e códigos fornecidos pela tradição.

Nos ementários da disciplina de Desenho na FAP (1981), foi possível evidenciar tais mudanças, já que em sua bibliografia constavam obras como: *Desenhando com o lado direito do cérebro* de Betty Edwards (1984) e *Composicion áurea em las artes plásticas.* (1958) de Plabo Tosto, que conforme pode-se observar nas datas das publicações representam um período de transição do curso, em que encaminhava para a Licenciatura em Artes Visuais.

Foi um momento de modificação, do ensino tradicional do Desenho para ensino contemporâneo da disciplina, entretanto, não desconsiderando o aprendizado clássico, mas adicionando o novo, tendo em vista as modificações no campo da arte e que influenciaram os conteúdos ensinados em sala. Por meio das fontes desta instituição, pode-se constatar a utilização das obras com publicações mais recentes,

---

[110] *Op art* é um termo usado para descrever a arte que explora a falibilidade do olho e pelo uso de ilusões de óptica. A expressão "op-art" vem do inglês (optical art) e significa “arte óptica”. Defendia a arte "menos expressão e mais visualização". Apesar do rigor com que é construída, simboliza um mundo mutável e instável, que não permanece nunca o mesmo.

indicando essa influência de novas tendências da arte, porém no caso da FAP, também novas tendências na área da psicologia, como veremos em seguida.

A obra *O corpo como objeto da arte* (2002), de Henry Pierre Jeudy, o corpo é colocado como suporte para a arte e pode ser relacionada à *performance* do artista Yves Klein, em que mulheres envolviam seus corpos com tinta azul, como se fossem pincéis e rolavam pelo papel, imprimindo as imagens de seus corpos. Esse trabalho foi denominado como Antropometria. No Plano da disciplina de Desenho II, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, havia relação do ensino com a produção artística contemporânea de Klein, que se confirma no subitem: O corpo e o corpo em diversos contextos das artes visuais: pesquisas e reflexões, que corroboram a influência da produção artística no conteúdo da disciplina.

A educação do olhar no ensino das artes (PILLAR, 2003), objetiva exercitar o olhar estético no ensino das artes visuais através da leitura de imagens, com o objetivo de apontar caminhos para um ensino que forneça subsídios aos alunos, possibilitando desenvolver a criatividade, a interpretação e a reflexão sobre a arte como produto cultural. O Plano da disciplina apresentou indícios de que estas obras eram utilizadas como norte para o ensino do Desenho.

Em relação à alteração curricular, tendo em vista o novo Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Bandeira (2006) faz uma ressalva quanto à questão de que para ensinar desenho nas escolas de arte, ou nos cursos de licenciatura, seja necessária uma contínua renovação, levando-se em conta as dificuldades inerentes à carga horária, à necessidade de pesquisas e de referências atualizadas, falta muito para se implantarem avanços.

Nas mudanças e permanências na disciplina de Desenho, permanece uma preocupação; a de proporcionar ao aluno condições para o desenvolvimento de sua sensibilidade individual, percepção e capacidade criativa com a exploração do Desenho e do saber em Arte, possibilitando desenvolver as capacidades necessárias ao seu exercício profissional (BANDEIRA, 2002).

As três Instituições de Ensino Superior analisadas ofereciam inicialmente a Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Plástica e em Desenho e a licenciatura em Desenho, sendo que mais tarde, esses cursos foram reformulados e modificados para Licenciatura em Artes Visuais. Foi possível constatar, por meio das fontes institucionais, que essa alteração não ocorreu somente no nome do curso, mas

também ocorreram alterações em seus currículos e nos conteúdos das disciplinas. A análise foi feita em dois períodos distintos, tendo início com a instauração da Educação Artística nos contextos de 1º e 2º graus e os primeiros cursos superiores em arte, sendo a Licenciatura em Educação Artística e a Licenciatura em Desenho. Mais tarde, em função das mudanças ocorridas no campo da arte e das exigências do Ministério da Educação, o curso reformulado passou a ser chamado de Artes Visuais.

Na análise do processo transpositivo em Desenho, considera-se que cada professor/autor detém um saber fruto de seus estudos e pesquisas sobre sua disciplina. Isso consolida a ideia de que os conteúdos escolares têm origem em saberes científicos de outra natureza, que, por sua vez, legitimam as disciplinas escolares. A análise tem por base o quarteto: obra, autor, conteúdo e leitor, buscando identificar os métodos e a didática adotados para a transposição dos saberes (TRINCHÃO, 2008).

Para a autora, a teoria da transposição didática pode ser compreendida como:

> [...] parte do princípio de que o se ensina é o resultado de uma reconstrução específica para a escola e analisa, exatamente, essa reconstrução com suas etapas e seus processos. Para alguns pesquisadores este processo de transposição dos saberes é compreendido como uma teoria, para outros, como um conceito, e, para outros ainda, como um instrumento ou categoria de análise científica (TRINCHÃO, 2008, p. 66).

No que se refere à construção do saber escolar, é plausível afirmar que este resulta de uma seleção de conteúdos selecionados pelo professor para a prática em sala de aula. Essa seleção pode ser definida em primeira instância pelos programas, normas, livros didáticos, seguidamente, porém, devem ser considerados os fatores ligados diretamente à pessoa do professor. Dentre eles podem ser citados suas escolhas, seu direcionamento político, seus projetos, sua visão de mundo, que virão a influenciar na escolha dos conteúdos de aula, a forma como ensina e na própria prática pedagógica, expressos nos planos de aula, planos ou ementários da disciplina.

Observou-se que a bibliografia indicada para as aulas de Desenho, acessada por meio dos documentos de cada instituição, permitiu a compreensão das escolhas e que a proposta curricular é o início para o planejamento coletivo e para as decisões tomadas. Contudo, cada disciplina ainda demonstra predileções por determinada obra ou determinado autor, indicadas pelo professor da disciplina em questão. Entendendo

que tal opção seja a mais adequada àquela fase de ensino na disciplina e ligada à cultura de cada instituição.

Chervel (1991) destaca que as disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas, no sentido amplo do termo escola, e estabelecem um conjunto complexo que não se reduz aos ensinos explícitos e programados. Fazendo uma aproximação das disciplinas acadêmicas:

> Se os conteúdos explícitos constituem o exército central da disciplina ensinada, exercê-los é a contrapartida quase indispensável. O investimento momentâneo das funções entre professor e aluno é o elemento fundamental da este interminável diálogo intergeracional que ocorre na escola[111] (CHERVEL, 1991, p. 90).

Desta forma, é razoável afirmar que no processo de transformação dos saberes é que se definem os processos pedagógicos que, por fim, efetivarão a aprendizagem e a organização dos conteúdos, sua estruturação, e sua tradução em atividades que, por sua vez, serão apresentadas e executadas por meio de recursos como textos, encenações, projeções, gráficos, entre outros (TRINCHÃO, 2008).

A readequação do curso para Artes Visuais, manteve princípios do curso anterior. Enquanto as mudanças eram implementadas, o antigo ainda se mantinha, no entanto, agregando novas concepções ao novo curso. Foi possível perceber não ter ocorrido uma ruptura, quando o curso modifica a sua nomeação para Artes Visuais, pois não ocorreu um rompimento com as bases anteriores da disciplina, o que poderia ter provocado uma interrupção de continuidade de seus principais conteúdos.

Para empreender essa análise, foi necessário direcionar o olhar para as ementas da disciplina de Desenho, a fim de encontrar indícios de que essas tendências artísticas se relacionaram com os conteúdos por ela ministrados. Dessa forma, é plausível assumir o pressuposto de que a produção artística influenciou nas escolhas dos conteúdos de ensino ministrados na disciplina, uma vez que se trata de um curso de arte.

Foram diversas mudanças e, na produção artística naquele período, foram feitas novas experimentações que impactaram os conteúdos dos currículos dos

---

[111] Texto original*: "Si los contenidos explícitos consútuyen el ejc central de la disciplina enseíiada, el ejercicio de ellos es la contraparúda casi indispensable. La inversión momentânea de los papeles entre el maestro y el alumno es el elemento fundamental de este interminable diálogo intergeneracional que tiene lugar en la escuela"* (CHERVEL, 1991, p. 90).

Cursos de Licenciatura em Educação Artística e Desenho e, de forma continuada, provocando mudanças na Licenciatura em Artes Visuais das Instituições de Ensino Superior analisadas nesta pesquisa.

A partir de uma perspectiva mais ampla, é possível empreender um entendimento que vê o conhecimento do currículo e as disciplinas que o compõem, como uma estrutura, parte social e parte cultural, que direciona a pesquisa não considerando somente o passado, desta forma, buscando explicar como esse currículo transformou-se e aprimorou-se, tornando-se, portanto, outro, porém observando o processo percorrido. Nesse aspecto, observar os dois momentos da Licenciatura em Educação Artística e Desenho e Artes Visuais trouxe elementos que desvendaram algumas permanências na disciplina de Desenho, considerando três instituições de ensino distintas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das práticas culturais é, de fato, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito? Poderíamos pensar que tudo ocorre de outra forma com a escola, pois temos o hábito de ver, nesta, o lugar por excelência da escrita (JULIA, 2001).

Partindo desta premissa, ao analisar-se a EMBAP, constatou-se que esta instituição possuía uma tradição de formação de artistas, nas áreas de música e artes plásticas. Sua criação foi o resultado de um movimento que reuniu instituições artísticas, culturais e intelectuais em prol de uma escola pública de arte para o Ensino Superior. Nesse sentido, após a sua constituição, na área das artes plásticas, a escola estava munida dos Cursos Superiores de Gravura, Escultura e Pintura e a Licenciatura em Desenho. O motivo para a EMBAP ofertar a Licenciatura em Desenho e não a usual Educação Artística, a exemplo de outras Instituições de Ensino Superior, possivelmente ocorreu devido ao fato de a Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba ofertar, na época, um curso complementar que dava o título de licenciado em Desenho, cursado em sua maioria por bacharéis da EMBAP. Assim, é plausível considerar que foi dado continuidade em um curso já existente.

A UFPR iniciou ofertando a Licenciatura em Educação Artística, nas modalidades: curta, para o ensino de 1º. grau e plena, para o ensino de 2º. grau, em duas habilitações: plástica e desenho, essas especificidades estabelecidas pela linguagem. Mais tarde, ocorreu a estruturação do curso passando a ser chamado de Artes Visuais e, nesse aspecto, a modalidade licenciatura daria a oportunidade ao aluno da vivência das técnicas e das linguagens artísticas (núcleo comum), além das disciplinas relativas à formação do educador (núcleo específico).

A FEMP-FAP deu início a um processo de mudanças, no sentido de alterar a sua tradição no ensino de Música, ofertando uma Licenciatura em Educação Artística, amparada pelas prescrições do MEC quando apontou os Conteúdos Mínimos para as Licenciaturas em Educação Artística em 1973, constituindo-se, portanto, a possibilidade de formação superior em Arte nesta instituição. Foi resultado dos esforços entre o corpo dirigente do CAPE e a FEMP, a partir das disposições da Lei 5692/71 que possibilitou a criação da Licenciatura em Educação Artística com

habilitação em Artes Plásticas ofertando um curso de formação de professores de arte. A união dos saberes dessas duas instituições, incorporado ao propósito do CAPE que possuía uma visão de educação artística baseada na psicologia da criança, que preservou o conteúdo do desenho infantil em seus currículos, distintivamente da EMBAP e a UFPR.

Foi possível, portanto, estabelecer, com base nas fontes encontradas nas instituições priorizadas para esta pesquisa, que, as alterações no currículo se fundamentaram considerando uma formação na área de Artes mais adequada às exigências contemporâneas. Ficou perceptível uma falta de alinhamento se considerado o currículo do Curso de Licenciatura em Educação Artística e suas habilitações, e as necessidades que foram surgindo com o tempo e que direcionaram as atividades alinhadas à pesquisa e ao ensino da arte, resultando no curso reformulado de Licenciatura em Artes Visuais. Entretanto, foi possível constatar que, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais foram preservadas as bases da Licenciatura em Educação Artística e Desenho, demonstrando, portanto, uma continuidade do curso anterior, mantendo a sua estrutura curricular e incorporando melhorias a ela.

Ao analisar os Planos da disciplina de Desenho e ementários, foi possível constatar que, os conteúdos referentes ao ensino do desenho também sofreram alterações, pois há de se considerar a lógica interna de como funciona o conhecimento científico ou o saber a ser ensinado, seu desenvolvimento acompanhado de seus conflitos, ponderando o espaço acadêmico e as especificidades de conteúdo da disciplina.

As fontes examinadas, como planos da disciplina, indicavam como eram ensinados os saberes do desenho, por meio da análise de conteúdos e da bibliografia indicada nestes documentos. Não obstante, foram considerados outros elementos estruturais também relevantes para a investigação da disciplina de Desenho, considerando os conteúdos nas ementas, apenas como parte da análise.

Nessa perspectiva, foram observadas as relações dos conteúdos da disciplina de desenho com as tendências artísticas, bem como, com a produção artística de cada período. Foi contemplado o período a partir dos anos de 1960, em que ocorreu uma decomposição quanto às classificações no campo da arte, considerando que alguns artistas ainda pintavam e faziam esculturas como a tradição ditada, já que a

arte era entendida, principalmente, a partir das produções da pintura e escultura, entretanto, houve um impacto vasto nas atividades nela desenvolvidas.

As ementas apontavam para um alinhamento com as tendências artísticas vivenciadas naquele período, sendo possível perceber indícios, a partir dos conteúdos da disciplina de Desenho e da bibliografia indicada, de que havia um diálogo com a produção artística e as tendências dos artistas, influenciando, portanto, no saber do desenho a ser ensinado.

É importante salientar que, a instituição escolar, os sistemas educacionais mudam. Nessas mudanças, diferentes tipos de relações podem ser observados, tanto com esses aspectos externos quanto internos. Essas diferenças, por sua vez, estão relacionadas aos tipos de mudanças e também oferecem diferentes lições. Desta forma, é necessário distinguir, pelo menos, dois tipos de mudanças educacionais: as que se devem a processos socioeducativos de longa duração - em que os aspectos externos ou condicionantes desempenham um papel relevante - e as outras, mais limitadas ao ambiente escolar, mas também alargadas no tempo, de natureza organizacional-curricular. Sendo assim, ambas as mudanças interagem entre si, mas sua demarcação esclarece as relações entre culturas escolares, reformas e inovações (VINÃO FRAGO, 2000).

Partindo deste princípio, ao analisar os currrículos e o lugar do desenho nos currículos das instituições designadas, foi possível verificar que não existe apenas uma cultura escolar e, sim, de forma plural, diversas culturas escolares nas Instituições de Ensino Superior. Desta forma, cada instituição de ensino tem sua cultura específica e características particulares, coincidindo ou divergindo algumas destas características. E, “da mesma forma, de uma maneira geral, é possível falar da cultura acadêmica dos professores ou da cultura do aluno, distinguindo também modos de fazer e pensar próprios de cada um deles em um ou outro nível de ensino” (VIÃNO FRAGO, 2000, p. 9).

Por fim, ao empreender e finalizar essa pesquisa buscou-se contribuir para a história das disciplinas, por meio de análises contando com os documentos institucionais e oficiais, tencionando situar a disciplina de Desenho, considerando o espaço da instituição universitária e suas especificidades de conteúdo, integrando o currículo das licenciaturas, que possuem o propósito da formação do professor de Arte.

No entanto, para esse tema existem possibilidades que permitem estender a pesquisa e que direcionam para a investigação das práticas escolares da disciplina de Desenho. A partir de uma compilação de fontes, sejam relatos de professores, de alunos egressos da universidade, fotografias, existe um campo vasto a ser explorado que intenta a compreensão dos conhecimentos disciplinares ensinados na disciplina de Desenho.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO OFICIAL

FONTES UTILIZADAS

ANDERSEN, Alfredo. Entrevista concedida a Ernesto Luiz d'Oliveira. Diário da Tarde, 1917. *In*: RUBENS, Carlos. **Andersen, pai da pintura paranaense**. Curitiba: Fundação Cultural.

BRASIL. Decreto n° 66.546, de 11 de maio de 1970. Institui a Coordenação do "Projeto Integração", destinada à implementação de programa de estágios práticos para estudantes do sistema de ensino superior de áreas prioritárias, e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 11 maio 1970.

BRASIL. Decreto nº 75.778, de 26 de maio de 1975. Dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimento de ensino superior e de ensino profissionalizante de 2º grau, no Serviço Público Federal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 maio 1975.

BRASIL, Decreto nº 81.271, de 27 de janeiro de 1978. Concede reconhecimento aos cursos de Estudos Sociais e de Educação Artística, ministrados pela Universidade Federal do Paraná com sede na cidade de Curitiba, Estado do Paraná. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 janeiro 1978.

BRASIL. Decreto nº 87.497, de 18 de agosto de 1982. Regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular e supletivo, nos limites que especifica e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 ago. 1982.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942. Lei orgânica do ensino industrial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 jan. 1942.

BRASIL. Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977. Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º Grau e Supletivo e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 dez. 1977.

BRASIL. Lei nº 8.859, de 23 de março de 1994. Modifica dispositivos da Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, estendendo aos alunos de ensino especial o direito à participação em atividades de estágio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 mar. 1994.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES nº 280/2007, aprovado em 6 de dezembro de 2007. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 de agosto de 2008. Disponível em http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curricularescursos-de-graduacao. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRASIL. Medida Provisória nº 1.952-24, de 26 de maio de 2000. Altera a Consolidação do Trabalho (CLT), para dispor sobre o trabalho a tempo parcial a suspensão do contrato de trabalho e o programa de qualificação profissional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 maio de 2000.

BRASIL. Lei Federal nº. 5692, de 11 de agosto de 1971. **Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. MEC. Ensino de 1º e 2º grau. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em: 06 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Parecer Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 de dezembro de 2005. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb22_05.pdf. Acesso: em 25 jul. 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº. 4024/61. Brasília: 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 12 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 04 fev. 2020.

BRASIL. Parecer CNE/CP Nº 9, de 5 de dezembro de 2007. **Reorganização da carga horária mínima dos cursos de Formação de Professores, em nível superior, para a Educação Básica e Educação Profissional no nível da Educação Básica**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pcp009_07.pdf. Acesso em: 25 jan. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer Conselho Federal de Educação nº.540/77**. Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no art. 7 da Lei nº. 5.692/71. 1977.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Indicação CFE 23 de 6 de fevereiro de 1973. Cursos de Habilitação para Licenciaturas da área de Educação Geral. *In*:

RAMA, Leslie M. J. da Silva; SANTOS, José Álvaro Pereira dos. (Org.) **Educação e Ensino Artísticos** (Legislação Básica). São Paulo: SE/CENP, v.1, 1984a. p. 207-211.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Indicação CFE 36 de 7 de agosto de 1973. Mínimos de conteúdo e duração do curso de licenciatura em Educação Artística. *In*: RAMA, Leslie M. J. da Silva; SANTOS, José Álvaro Pereira dos. (Org.) **Educação e Ensino Artísticos** (Legislação Básica). São Paulo: SE/CENP, v.1, 1984b. p. 211-218.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer CFE nº 1.284/73. Mínimos de conteúdo e duração a observar na organização do curso de licenciatura em Educação Artística. *In*: INEP: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 52, n. 132, out. /dez. 1973b. p. 651-658.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Projeto de Resolução**: Anexo a Indicação CFE nº 36. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a observar na organização do curso de licenciatura em Educação Artística. Brasília: Ministério da Educação e Cultura – Conselho Federal de Educação, 1973c.

BRASIL. Parecer CFE nº 540 de 10 de fevereiro de 1977. Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no artigo 7º da Lei 5692/71. *In*: RAMA, Leslie M. J. da Silva; SANTOS, José Álvaro Pereira dos. (Org.) **Educação e Ensino Artísticos** (Legislação Básica). São Paulo: SE/CENP, v.1, 1984d. p. 181-192.

BRASIL. Parecer CFE nº.292/62. Sobre matérias pedagógicas para licenciatura. **Conselho Federal da Educação**, 1962.

BRASIL. Lei de 15 de novembro que criou as primeiras escolas primárias do Brasil. **Coleção de Leis do Império do Brasil** - 1827, Página 71, v. 1, pt. I (Publicação Original).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, 18 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002.

BRASIL. **Resolução**. Conselho Nacional de Educação. Brasília, nº 2, 19 de fevereiro de 2002.

BRASIL. Lei 11.274 de 6 de fevereiro, que Ensino Fundamental com duração de 9 (nove) anos. Brasília, 6 de fevereiro de 2006.

BRASIL. **Resolução**. Conselho Nacional de Educação. Brasília, nº 3, 2 de julho de 2007.

BRASIL. **Resolução**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Brasília, nº 1, de 16 de janeiro de 2009.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Grade Curricular Curso de Pintura.** Curitiba, 2000-2006.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II, Desenho III e Desenho IV.** Curso Licenciatura em Desenho. Curitiba, 2011 a 2013.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II, Desenho III e Desenho IV.** Curso Licenciatura em Artes Visuais. Curitiba, 2016.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II, Desenho III e Desenho IV.** Curso Licenciatura em Artes Visuais. Curitiba, 2016.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Memorando 04/2016. Inclusão de pauta do CEPE. Proposta de Alteração de Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuai**s. Curitiba, 2016.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II, Desenho III e Desenho IV.** Curso Licenciatura em Artes Visuais. Curitiba, 2017.

ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II, Desenho III e Desenho IV.** Curso Licenciatura em Artes Visuais. Curitiba, 2018.

FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II e Desenho III.** Curso Educação Artística. Habilitação em Artes Plásticas. Departamento de Artes Visuais. Curitiba, 1998.

FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ. **Ementário e conteúdos programáticos das disciplinas Desenho I, Desenho II e Desenho III.** Curso Educação Artística. Habilitação em Artes Plásticas. Departamento de Artes Visuais. Curitiba, 1996.

PARANÁ. **Decreto nº 17 de 9 de janeiro de 1917**. Código do Ensino do Estado do Paraná. Disponível em:http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/codigo%20do%20ensino%201917.htm. Acesso em: 08 mai. 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura. Decreto Estadual n. 14.639. Reconhece oficialmente o CAPE e aprova seu regulamento. **Diário Oficial do Paraná**, Curitiba, 15 abr. de 1964c, p. 01.

PARANÁ. Secretaria da Educação e Cultura. **Documento-base para o planejamento prévio para implantação do sistema de ensino de 1° e 2° graus**. Curitiba, 1971. v. 1 e 2.

PARANÁ, ARQUIVO PÚBLICO. Mensagens dirigidas ao Congresso

Legislativo do Estado pelos Presidentes do Estado do Paraná entre 1912 e 1950. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo,** v. 15, n. 2, nov. de 2016. <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>.

PARANÁ. **Decreto 4230 de 16 de março de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19.

PARANÁ. **Decreto 4258 de 17 de março de 2020.** Altera dispositivos do Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19.

PARANÁ. **Relatório apresentado pela Secretaria do Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública do Paraná para o Presidente de Estado de 1914, 1916 e 1917.** Disponível em <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59>.

PARANÁ. Lei Estadual n. º 5.542, de 2 de maio de 1967. Transformação do Conservatório de Canto Orfeônico em Faculdade de Educação Musical e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Paraná**. Curitiba, n. º 50, 3 maio 67.

PARANÁ. **Regimento da Faculdade de Artes do Paraná**. Curitiba, (aguardando aprovação do Conselho Estadual de Educação).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Artes Visuais e Música** – UFPR. Curitiba, 2007. Disponível em: Disponível em http://www.sacod.ufpr.br/portal/artes/artes-visuais-licenciatura/. Acesso em> 15 fev 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Artes Visuais e Música** – UFPR. Curitiba, 2017. Disponível em: Disponível em http://www.sacod.ufpr.br/portal/artes/artes-visuais-licenciatura/. Acesso em: 20 mar 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.** 2019**.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.** 2009**.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Certificado de aprovação de aluno**. Curso de Educação Artística. 1979-1983 UFPR.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Ementário e conteúdo programático das Disciplinas Desenho I, Desenho II.** [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Conselho de Ensino e Pesquisa.** Ofício aprovação do currículo do curso de Arte habilitação em Desenho Industrial. [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Conselho de Ensino e Pesquisa.** Ofício aprovação do currículo do curso de Arte habilitação em Comunicação Visual. [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Proposta para o Departamento de Artes Visuais.** Ofício. Dos cursos na área de Plástica. [1973 ou 1974].

_____**. Anexo 1.** Currículo mínimo – comum aos Cursos de Licenciatura em Desenho e Plástica. [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**. Proposta Curricular** para o Curso de Licenciatura em Educação Artística. [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Organograma para o curso de Arte da UFPR.** [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Plano de Aula - Ementa.** Disciplina Desenho – Observação [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Ementa da disciplina Expressão em Superfície.** [1973 ou 1974].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. (1985, 23 de maio). **Ata da 74ª reunião do Departamento de Desenho** (Livro II – documento impresso – DDES, 5 f.).

OBRAS CONSULTADAS, MONOGRAFIAS, TESES, ARTIGOS E PERIÓDICOS

ALBUQUERQUE, Georgina de. **O desenho como base no ensino para as Artes Plásticas.** Tese apresentada para a cadeira de Desenho no curso de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, 1942.

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho:** A educação do educador, 1983.

ALEXANDRINO, Marcelo; PAULO, Vicente. **Direito administrativo descomplicado**. 17. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2009.

ALMEIDA, Alfredo Betânio de. O ensino do Desenho. **Revista Palestra, separata nº 10.** Lisboa, p. 1-34,1960.

ALMEIDA, José Ricardo Pires. **A Instrução pública no Brasil (1500-1889).** História e Legislação. São Paulo. EDUC, 2000.

ALVARENGA, Valéria Metroski de. **Formação inicial do professor de artes visuais:** reflexões sobre os cursos de licenciatura no Estado do Paraná.

Florianópolis, 2015. 260 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV - Centro de Artes CEART/UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **Arte na educação**: o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960 – 1970). 207 f. Tese de Doutorado. Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. Arte na escola: uma experiência de implantação de escolinhas de arte narede pública paranaense de ensino (1964-1974).*In:* GONÇALVES, Nadia G.; RANZI, Serlei M. F. (Orgs.). **Educação na ditadura civil-militar**: políticas, ideários e
práticas (Paraná, 1964 - 1985). Curitiba: UFPR, 2012. p. 101-115

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Pioneira Thompson Learning. São Paulo, 2005.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª. Edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963.

BANDEIRA, Denise. **Mudanças do saber em arte:** descobrindo compatibilidades do saber a ser ensinado na disciplina de desenho artístico, curso de Educação Artística da Faculdade de Artes do Paraná. Dissertação de Mestrado, Setor Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001.

BANDEIRA, Denise. Mudanças do saber em arte no ensino de desenho. In: I Seminário de Pesquisa da FAP, 2002. **Anais do I Seminário de Pesquisa da FAP**, 2002.

BANDEIRA, Denise. Desvelar conceitos, ensinar e aprender desenho. **Revista Científica FAP**. v. 1. Jan/dez, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. Recursos humanos e materiais para a educação artística no 1º grau. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro: INEP, v. 59, n.º 132, out./dez. 1973. p. 577-592

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **Arte-educação no Brasil**. Das origens aos Modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos de 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

BELLANGER, Camille. **Desenho Artístico.** Editora Parma, 1982.

BENCOSTTA, M. L.; VIDAL, D. G. A historiografia da educação paranaense no cenário da História da Educação Brasileira:10 anos de pesquisa na Universidade Federal do Paraná (1999-2008). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 38, p. 295-315, set./dez. 2010. Editora UFPR

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas escolares: história e pesquisa. *In*: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer (Orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil:** Contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 9-38

BITTENCOURT, Cândida Alayde de Carvalho. **Arte e Educação:** um estudo sobre o caráter formativo da arte na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

BUENO, Maria Lúcia. **Artes plásticas no século XX:** modernidade e globalização. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Forma Cívica**: Higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger Na visão do historiador modernista. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 215-218.

CHERVEL, Andre. A história das disciplinas: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**, v. 2, 1990.

COMUNIDADE DE CULTURA E ARTE. https://www.comunidadeculturaearte.com/bruno-munari-um-dos-principais-nomes-na-teoria-e-pratica-do-design/ Acesso em 13 dez 2020.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Lei 5692/71: Formação de professores e implicações na organização da escola. In: GONÇALVES, Nadia G.; RANZI, Serlei M. F. (Orgs.). **Educação na ditadura civil-militar**: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964 - 1985). Curitiba: UFPR, 2012. p. 101-115.

COUTINHO, Rejane Galvão. Sylvio Rabello: o Educador e suas pesquisas sobre o Desenho Infantil. *In:* BARBOSA, Ana Mae (org.). **Ensino da Arte:** memória e história. São Paulo. Perspectiva, 2008.

CUNHA, Amanda Siqueira Torres. **A coleção Educação Artística no contexto da lei nº 5.692/71**: entre as prescrições legais e as práticas editoriais. 271 f. Dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

DAZZI, Camila. Memórias da Academia: o ensino da arte no início da República. **Revista ENSINARMODE**, Florianópolis, v. 1, n. 1, Out 2017 - Jan 2018, p. 9-26.

DERDYK, Edith. ***Disegno, Desenho, Desígnio***, Editora Senac São Paulo, 2007.
_____. Ensaio visual. **VISUALIDADES**, Goiânia v.11 n.2 p. 165-171, jul-dez 2013.

DEZENOVEVINTE. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/documentos/programas_enba.html. Acesso em: 05 mai. 2020.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo. Martins Fontes, 2010.

DAVIES, Nicholas. **Os conflitos durante a tramitação do projeto que resultou na primeira IDB (a Lei 4.024):** conflitos apenas educacionais ou de projeto de sociedade? 1999.

DONDIS, Donis A. ***La sintaxis de la imagen: introduccion al alfabeto visual*.** Editora Martins Fontes, 1976.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. A concepção do realismo em Georges-Henri Luquet. **Anais do 16° Encontro Nacional da ANPAP**, Florianópolis, UDESC:ANPAP, 2008. p.412-420.

DUVE, Tierry de. Quando a forma se transformou em atitude e além. In: FERREIRA, Glória; VENÂNCIO FILHO, Paulo (org.). **Arte e ensaio**. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais*. EBA/UFRJ, ano X, nov. 2003 p. 93-105.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro.** 12. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

EHRENFELS, Christian Freiherr Von. Über Gestaltqualitäten. **Vierteljahrsschrift für Wissenschafliche Philosophie**, n. 14, p. 249-292, 1980.

ESCOLA de Música e Belas Artes do Paraná: Uma velha aspiração que será concretizada – Em abril, sua inauguração. ***O Dia.*** Curitiba, 9 mar. 1948. Acervo Hemeroteca Nacional – Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=xx2220&PagFis=204. Acesso em: 09 Ago. 2014.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. *In*: (Org.). **Educação, modernidade e**

civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista**.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 89-125.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *In*: **Teoria e Educação**,Porto Alegre, n.5, p. 28-49, 1992.

FRAGOSO, Suely. **O espaço em perspectiva.** Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

FREIXAS, Emílio. ***Leciones de dibujo artístico****.* Meseguer, 1995.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda. de R. 1993. **Arte na educação escolar.** São Paulo, Ed. Cortez.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança.** Campinas: Papirus, 1998.

GLASER, N. Z. R. R. Educação na história da UFPR: apontamentos para uma minuta cronológica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 7, p. 13-58, 1988. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601988000100003. Acesso em: 13 ago. 2020.

GODOI, Rozana Vanessa Fagundes Valentim de. O estado do conhecimento e as pesquisas sobre a história dos cursos de licenciatura em Educação Artística no Brasil. *In:* **Congresso Estadual para Arte Educadores de Mato Grosso do Sul**, v.1, 2018, Campo Grande.

GONDRA, José Gonçalves; VIEIRA, Carlos Eduardo. Mapas da produção em história da educação*. In:* GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GONZÁLEZ, Juan Francisco. La enseñanza del dibujo. ***Conferencia dada em el Salou de Honor de la Universidad de Chile***. 1906.

GOODSON, Ivor F. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**, v.2, 1990.

_____. **A construção social do currículo.** Ed. Educa, 1997.

_____. **Currículo:** Teoria e história. 2003, Petrópolis, Ed. Vozes.

_____. Da história das disciplinas ao mundo do ensino: entrevista com Ivor Goodson. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v.45, p 121-126, jun. 2007.

_____. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira da Educação,** v.12, n.35, pp.241-252, 2007.

GOMBRICH, Ernst H. **História da Arte.** Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOUVEIA, Anna Paula Silva. **O croqui do arquiteto e o ensino do desenho**. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 1998.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo:Editora Mestre Jou, 2000.

IAVELBERG, Rosa; MENEZES, Chui Fernando. De Rousseau ao Modernismo: ideias e práticas históricas do ensino do desenho. **ARS**, São Paulo, v.11, n.21, pp.80-95, 2013.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação,**Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jul. 2001.

JULIA, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, Ensino e apropriação. In. LOPES, Alice C.; MACEDO Elizabeth, (Orgs.). **Disciplinas e integração curricular:** História e políticas. Rio de Janeiro: DA&A editora, 2002. p.37-72.

JÚNIOR, Moysés Kuhlmann; MEDEIROS, Ceres Luehring. O centro juvenil de artes plásticas e a formação de arte-educadores na década de 1950. **Rev. Diálogo Educ**., Curitiba, v. 9, n. 27, p. 249-265, maio/ago. 2009.

KIPPER, Gil. **Técnicas de desenho da figura humana***,* Editora: Rígel
Edição: 2ª 1995

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LUQUET, Georges Henri. ***O desenho infantil,*** Porto: Civilização, 1927.

MACHADO, Daiane Vaiz. **O Percurso Intelectual de uma Personalidade Curitibana:** David Carneiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2012.

MACHADO, Rosilene Beatriz. Cenas de um ensino de Desenho: reflexões metodológicas para a escrita da História. **Rev. Diálogo Educ**., Curitiba, v. 11, n. 34, p. 687-707, set./dez. 2011.

MACHADO, Rosilene Beatriz. **Entre vida e morte**: Cenas de um ensino de Desenho. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2012.

MACHADO, Rosilene Beatriz. Entre práticas [historiográficas e de desenho]: um movimento metodológico de pesquisa. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.24, n.2, p.237-248, maio/ago. 2016.

MACHADO, Rosilene Beatriz; FLORES, Claudia Regina. O Corpo Despido pelas Práticas de Desenhar: dos usos à disciplinarização do desenho. **Acta Scientiae.** Rio Claro (SP), v. 27, n. 45, p. 255-279, abr. 2013.

MORAES, Angélica de. **Regina Silveira:** Cartografias da Sombra. Editora Edusp Fadesp, 1996.

MUNARI*,* Bruno. ***Diseño y Comunicacion Visual***, Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, S.A. 1974.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Formação profissional do "Bom Silvícola" nas Artes e Ofícios: a perspectiva do Jesuitismo. *In:* BARBOSA, Ana Mae (org.). **Ensino da Arte:** memória e história. São Paulo. Perspectiva, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, 1993.

NUNES, Clarice. O "velho" e "bom" ensino secundário: Momentos decisivos. *In*: **Revista Brasileira de Educação**, Anped, nº14, Mai/Jun/Jul/Ago 2000.

OCHOA, César Gonzáles. **Imagem y Sentido**. México: Universidade Nacional Autônoma do México, 1986.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. SIMÃO, Giovana Teresinha. Educar pela arte: a proposta de aprendizagem escolar. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n.20, p. 106 - 119, dez. 2005.

OSINSKI, Dulce. **Ensino da arte:** os pioneiros e a influência Estrangeira na arte-educação em Curitiba. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 1998.

_____. **Guido Viaro**: Modernidade na arte e na educação. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, 2006.

OSTROWER*, Fayga.* **Criatividade e Processos de Criação.** Editora Vozes, 1977.

PARRAMÓN, José M. de, ***Asi se dibuja,*** Editora: Parragón Ediciones. Barcelona: Parragón, *1965*

_____*.* ***Asi se pinta com lapices de colores.*** Editora: Parragón Ediciones. Barcelona: Parragón, 1969.

_____. ***El Gran Libro Del Dibujo*****.** Editora: Parragón Ediciones. Barcelona: Parragón, 1985.

PECK Stephen Rogers, ***Atlas of human anatomy for the artist.*** Oxford University Press, USA, 1951.

PENTEADO, Onofre. **Desenho Estrutural.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

PERARD, Victor. **Desenho e anatomia,** Rio de Janeiro, Ediouro. 1971.

PEREIRA, Ricardo A. B. A ENBA da primeira metade do século XX vista pela obra de alguns dos seus professores - uma gradual transição para o moderno. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ensino_enba_rp.htm>.

PILLAR, Analice. **A educação do olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre. Editora Meditação, 2003.

PINTO, Neuza Bertoni. História das disciplinas escolares: reflexão sobre aspectos teórico-metodológicos de uma prática historiográfica. **Revista Diálogo da Educação.** Curitiba, v,14, n. 41, p. 125-142, jan./abr.2014.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. O ensino da arte nas escolas em Curitiba (1940-1960) e a criação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. III FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE (Curitiba, outubro de 2004). **Anais do...** Curitiba: Editora ArtEMBAP, 2005. p. 234245. Disponível em: <www.anais.embap.br>.

QUEIRÓS, Vanessa. **Instituto de Educação do Paraná**: Apropriações e Representações no currículo de 1º grau, a partir da Lei 5692/71. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

RAGAZZINI, Dario. Para quem testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**. Dossiê História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. Curitiba, n. 18, p. 13-28. Editora da UFPR, 2001.

RAYNES, John. ***Human anatomy for the artist.*** Crescent, Littlehampton Book Services Ltd, 1979.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes., 1982.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação,** v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

RUDEL, Jean. **A Técnica do Desenho**. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1980.

SANTANA, Luciana Wolf Apollono. **Escola de Belas Artes e Indústrias Do Paraná:** O projeto de ensino de artes e ofícios de Antônio Mariano de Lima Curitiba, 1886-1902. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2004.

SANTOS, Ivanete Batista dos. GUIMARÃES, Marcos Denilson. De Rui Barbosa a Ferdinand Buisson: uma investigação sobre como ensinar desenho. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 48, p. 321-338, maio/ago. 2016.

SANTOS, Daniella Miranda; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencurt Santos. Memória e História: a atuação educacional do Bispo Azeredo Coutinho e o seu "apagamento" na história da educação. In: **XI Jornada do Histedbr,** 2013, Cascavel – PR, 2013.

SAUSMAREZ, de Maurice. **Desenho Básico- as dinâmicas da forma visual.** Lisboa: Editorial Presença, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SILVA, Inês Carolina Robusto Leitão da Silva. **O contributo da Arte Contemporânea no ensino do Desenho Artístico, através de métodos experimentais.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas-Artes, 2010.

SILVA, Rossano. O CAPE e a formação do professor de arte nos anos de 1964 a 1975 em Curitiba. **Anais III Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005.

SILVA, Rossano. **A arte como princípio educativo**: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2009.

SILVA, Rossano. **Educação, arte e política:** a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SILVA, Rossano; VAZ, Adriana. Referências sobre desenho: um estudo das obras que fundamentam o ensino da expressão gráfica na UFPR. **Educação Matemática.** São Paulo, v.19, n.2, 75-97, 2017.

SILVA, Rossano. Mudanças no perfil de professores de arte no Paraná. **Educação Unisinos**. Volume 21, número 2, maio/agosto 2017.

SILVA, Rossano; VAZ, Adriana. O ensino de desenho: um olhar sobre os cursos do departamento de artes da Universidade Federal do Paraná (1981-1987). vol. 20. **Revista Brasileira de História da Educação**. jan, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. Apresentação. *In:* GOODSON, Ivor. **Currículo:** Teoria e história. 2003, p. 7-13. Petrópolis, Ed. Vozes.

SOUZA, Alcidio Mafra de. NICOLINI, Roberto Magrassi. A apresentação da matéria e a direção da aprendizagem do desenho. *In*: MEC. **Apostilas de didática especial de desenho.** Olímpica Editora. 1958, Rio de Janeiro.

SOUZA. Alcidio Mafra de. **Didática Especial do Desenho na escola primária**. São Paulo: Nacional, 1964.

SOUZA FILHO, Erasmo Borges de Souza. O ensino do desenho e o exercício desta linguagem: questões, desafios e questões. **Asas da palavra**, v. 4, n. 2, Dez. 1997.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária do Brasil. **Cadernos Cedes.** Ano XX, nº. 51, Nov/2000.

TORRES, Renato. **O conservadorismo moderno na estruturação do projeto da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1910-1950).** Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TOSTO, Plabo. ***Composicion áurea em las artes plásticas*.** Buenos Aires. Hochette, 1958.

VERRET, Michel. ***Les temps dos études***. Lille, Atelier de Reproduction de Théses, 1975.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto. *In*: **Educar em Revista** – Dossiê História da Educação: instituições, Intelectuais e Cultura Escolar. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, n. 18, 2001. P. 53-73.

_____. Jornal Diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. *In*: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer (Orgs.). **Cinco estudos em História e historiografia da Educação.** Autêntica, 2007. p. 11-40.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. ***El dibujo en la edad infantil***. *In: La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico.* Madrid: Akal, 1930.

VIVAS, Rodrigo; ASSIS, Márcia Georgina de. A Academia Imperial de Belas Artes no Museu Mineiro. **19&20,** Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/mm_aiba.htm

VIÑAO, Antonio Frago. ***Historia de la educación e historia cultural*:** Posibilidades, problemas, cuestiones, Revista Brasileira de Educação, ANPED, nº. 0, set/out/nov/dez/, p. 63-82, 1995.

_____. Culturas escolares y reformas (sobre a naturaliza histórica de los sistemas e instituições educativas. **Revista Teias**. v. 1 n. 2, jul. dez. 2000.

_____. A história das disciplinas escolares. **Revista brasileira de história da educação**, n. 18, p. 173-215, set./dez. 2008.

WALLON, Henri; LURÇAT, Liliane. ***El dibujo del personaje por el niño*: sus etapas y cambios.** Buenos Aires: Proteo, 1968.